

Textos Humanísticos Portugueses –10

um judeu no desterro

Diogo Pires e a memória de Portugal

Carlos Ascenso André



Instituto Nacional de Investigação Científica

(Página deixada propositadamente em branco)

um judeu no desterro

Diogo Pires e a memória de Portugal

(Página deixada propositadamente em branco)

Textos Humanísticos Portugueses –10

um judeu no desterro

Diogo Pires e a memória de Portugal

Carlos Ascenso André



Instituto Nacional de Investigação Científica

Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de Coimbra

Coimbra

1992

TÍTULO

UM JUDEU NO DESTERRO
Diogo Pires e a Memória de Portugal

1.^a edição em português: Outubro de 1992

Série “Textos Humanísticos Portugueses” — 10

ISBN 972-667-299-6

AUTOR

Carlos Ascenso André

EDIÇÃO

Tiragem: 1 000 exemplares

Instituto Nacional de Investigação Científica

CAPA

Imagens de Ragusa (porto) e Évora (aqueduto).

Desenhos e arranjo gráfico de Mário Vaz

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

IMPRESA DE COIMBRA, L.DA

Contribuinte n.º 500 137 625

Largo de S. Salvador, 1-3 — 3000 Coimbra

DISTRIBUIÇÃO

IMPRESA NACIONAL — CASA DA MOEDA

R. Marquês de Sá da Bandeira, 16 — 1000 Lisboa

Depósito Legal n.º 59739/92

Copyright © CARLOS ASCENSO ANDRÉ

o rosto do exilado

Os poetas não têm rosto. Na sua fisionomia, predominam traços que só os olhos da alma (ou do coração) sabem desenhar, os traços que só os olhos da alma (ou do coração) sabem ler.

Mas ... se tivessem?

Diogo Pires, por exemplo, teria o rosto do desterrado.

Talvez o não saibamos definir. Terá a expressão grave e ausente que lhe deu Soares dos Reis? Os tons misteriosos da saudade medieva? Os contornos monótonos e doentios da poesia ovidiana?

Mesmo em esboço, esse seria, por certo, o retrato de Diogo Pires; ou o que dele subsiste, ao cabo de quatro séculos.

Assim o encontrei nos versos do poema De exílio suo, o espaço onde pela primeira vez nos cruzámos. O tempo que desde então decorreu mais acentuou esses contornos: uma figura alquebrada pela idade, de olhar vago sobre o Adriático, como que a ver passar os anos na indagação do horizonte.

Para além do mar povoado de ilhas que se desvenda à saída do porto de Ragusa|Dubrovnik, a contemplação do poeta visava alcançar um outro quadro: Portugal, de onde fora forçado a partir, Évora, onde nascera, o aqueduto que talvez não tenha chegado a conhecer, volvido em emblema do regresso impossível. Duas imagens que se sobrepõem. Por detrás delas se oculta o rosto de Diogo Pires.

Foi na procura desse rosto que me aventurei nos anos já longínquos de 1983-1984; e dela nasceu a dissertação de mestrado Um poeta no exílio: Portugal na obra de Diogo Pires.

Buscava, então, os versos onde este judeu português, fugido às malhas da Inquisição, expressou a saudade da pátria aonde lhe não era permitido voltar.

A busca, no entanto, parecia inconclusa (se é que alguma vez os mistérios da poesia permitirão que o não seja). Impunham-se duas viagens: uma, mais adentro da obra do poeta, dispersa, não raro inédita, para melhor lhe apreender as emoções; outra, aos lugares por ele percorridos, no intuito — vão — de lhe sentir mais palpáveis os vestígios.

Assim fiz. E foi-me forçoso alterar muito do que então havia escrito. Os poemas de Diogo Pires, salvo raras exceções, são os mesmos. A leitura, essa foi sofrendo mutações ao longo do caminho.

A tese de mestrado é, pois, o ponto de partida para este livro. Mas tornou-se necessário reescrevê-la. Possui uma configuração nova, uma interpretação diferente: as inúmeras modificações introduzidas na tradução dos poemas reflectem-no bem. Mas não só.

O acesso a bibliografia então desconhecida, especialmente em servo-croata (se a designação subsiste), fez um pouco mais de luz sobre a biografia: e a reflexão aprofundada sobre a problemática do exílio e seu diálogo com a literatura, consubstanciada na dissertação de doutoramento entretanto apresentada, suscitou um olhar diferente sobre os textos.

O produto desse labor aqui fica. Traduz, antes de mais, o fascínio que sobre o estudioso exerce a personalidade intensamente humana de Diogo Pires. E talvez não seja mais que o novo episódio de um encontro que a espaços se vai (se irá) repetindo.

Breves justificações se impõem sobre o modelo de exposição utilizado:

Ao invés do que sucedia na dissertação de mestrado, a tradução segue de imediato o texto original; assim se atende à comodidade do leitor, porventura menos afeiçoado à língua universal do século XVI. Exceptua-se um longo texto (a carta, de pendor autobiográfico, endereçada a Paulo Jóvio), integralmente transcrito e traduzido em apêndice e citado de modo esparso, ao longo do livro, somente em latim.

— Salvo os casos expressamente referidos em nota, a tradução é da responsabilidade do autor.

*— Na fixação do texto latino, sempre a partir da versão mais antiga disponível, foram utilizados os modernos critérios de actualização de grafia e pontuação, desenvolvidamente expostos por Sebastião Tavares de Pinho na sua edição do *De senectute*, de Lopo Serrão (Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos — INIC, 1987, pp. 255-262).*

— A bibliografia é apenas mencionada de modo sumário nas notas de pé de página; a disposição por ordem alfabética, em um só bloco, no final, permite completar facilmente a informação.

Importa, enfim, por dever de justiça e amor à verdade, deixar aqui expresso o reconhecimento a quantos deram o seu contributo para a execução deste trabalho:

À Imprensa de Coimbra, pelo cuidado posto na execução gráfica, e a Mário Vaz, que aceitou o desafio de tentar exprimir na capa as imagens que se ofereciam, sobrepostas, à contemplação de Diogo Pires.

À Fundação Calouste Gulbenkian, ao Instituto para a Cooperação Técnica da Croácia e ao Instituto Nacional de Investigação Científica, que me subsidiaram deslocações ao estrangeiro, em busca de bibliografia e documentação.

À Dr.^a Maria Luísa Braga, do Instituto Nacional de Investigação Científica, pelo empenho que pôs na publicação, no momento em que o INIC atingia o termo da sua existência.

Ao Professor Doutor Albino de Almeida Matos que sempre me endereçou palavras de estímulo e proporcionou as condições necessárias na Universidade de Aveiro, onde, ao tempo em que comecei a preparação do que veio a ser a tese de mestrado, se iniciava a minha carreira universitária.

Aos Professores Doutores Jorge Alves Osório e Sebastião Tavares de Pinho e aos Drs. Rui Loureiro, Jorge Santos Carvalho e Belmiro Fernandes Pereira, que me facultaram documentação e bibliografia de difícil acesso, em Portugal e na ex-Jugoslávia.

Aos Professores Doutores Raul Miguel Rosado Fernandes e Maria Helena da Rocha Pereira, a quem se ficam a dever, em momentos diversos e funções distintas, múltiplas sugestões.

Uma palavra de especial apreço para o Professor Doutor Walter de Medeiros, pelo modo como sempre me mostrou, nas horas avulsas e incertas do tempo que passa, sem aviso prévio, que a alma dos poetas — e também deste — possui recantos de mistério, aonde apenas se pode aceder com uma luz que a física desconhece e a que damos o nome de emoção.

Por fim, que não por último, a expressão do profundo reconhecimento para com o Professor Doutor Américo da Costa Ramalho; a ele devo o encontro com Diogo Pires e com o Humanismo português de Quinhentos e ainda múltiplas palavras de estímulo e confiança, em especial nos momentos de incerteza. Por isso, ao cabo de uma carreira coroada de êxito, a melhor homenagem que pode prestar-lhe o discípulo que confesso ser é este produto de um labor sob os seus auspícios começado.

Coimbra, Julho de 1992.

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO I

UMA VIAGEM SEM RETORNO

*Tu licet exsilii numeres mala multa, Benesse,
non tamen exsilium dixeris omne malum*

(Eleg. 1.10c.1-2)

*Me Fortuna tenax terris dum iactat, et undis,
enumerat bis sex Elis Olympiadas;
et cum temporibus crescunt mea damna ferendo;
et quis erit cui non dulcius ante mori?*

(Eleg. 3.10.23-26)

*...grata est sua cuique puella,
at sua, crede mihi, patria grata magis.*

(Eleg. 1.7.1-2)

Partir é morrer um pouco, diz-se. Mas partir para não mais voltar, encetar a viagem com a consciência de não haver regresso? Quantas semelhanças não existem entre essa e a outra morte?

Ao corpo a que se amputou um membro, como se tal pena não bastasse, ficam nervos, fibras e músculos, uma dor a dilacerar o local onde já nada existe, onde antes estava aquele membro, embora doente. Ilusória dor em órgão que já se não possui!...

A viagem sem retorno do exilado é ver cortar cerce o cordão umbilical que o liga à terra onde nasceu ... mas é também ficar condenado a sentir para sempre os laços que prendem ao ventre antigo, ao ventre da terra-mãe, o fluxo e refluxo de um cordão que deixou de existir.

Assim foi o poeta que, aos dezoito anos de idade, deu os primeiros passos em tal percurso. Assoma, por vezes, a resignação, um pouco de esperança,

nascida do carinho que por aqui e por ali o acolhe em novas paragens: «Podes bem contar por muitos os males do exílio, ó Benesso; / não poderás dizer, no entanto, que todo o exílio seja um mal».

Mais além, transcorrido longo tempo, quando distante se apresenta já o local da partida, a dor torna-se mais intensa. Antes a morte que tal (des)ventura: «A mim, enquanto a Fortuna encarniçada me acossa por terra e por mar, / conta a Élide duas vezes seis Olimpíadas. / E com os anos crescem os tormentos que devo suportar. / E quem haverá que não considere mais doce morrer?»

Dir-se-iam os sentimentos contraditórios do passageiro de Caronte quando sente a navegação lenta nas escuras águas do Inferno, a via de um só sentido. E, ao levantar os olhos do chão, vê quão longínqua foi ficando a margem de onde partiu...

É a força do amor ao torrão natal, para muitos a mais nobre afeição que pode experimentar-se; mas — ironia do destino! — uma força e um sentimento que só na dor da privação é lícito conhecer por inteiro: «...a todo o homem é grata a sua amada, / mas a sua pátria, podes crer, mais grata é ainda.»

Entre estes sentimentos, aparentemente contraditórios, entre a resignação e a revolta, entre a dor e a esperança, se debate o poeta Diogo Pires, judeu português que morreu em Ragusa ao cabo de mais de oito décadas de vida e seis de desterro.

Do nascimento ele mesmo nos fala ao cantar as muralhas do aqueduto de Évora:

*Videre illa meos Nonis Aprilibus ortus,
iam tenebris pulsus et ueniente die,
cum uirides oleas palmasque Oriente petitas
spargit humi uulgi candida religio.
Annus et hic magno fertur uictore Selino
nobilis imperii clade Paraetonii.*

«Elas viram o meu nascimento nas Nonas de Abril,
expulsas já as trevas e ao despontar da luz,
quando verdes ramos de oliveira e palmas trazidas do Oriente,
no chão os espalha a crença sincera do povo.
E este ano é famoso graças à grande vitória de Selim
na ruína do nobre império paretónio.»¹

¹ *Eleg.* 1.7.65-70. Texto completo nas pp. 43-45.

Versos que, no manuscrito das elegias e na edição oitocentista, vêm acompanhados dos seguintes escólios:

Natus est poeta anno MDXVII, quinta die Aprilis sub Auroram, in quem diem solemne palmarum festum incidit.

«Nasceu o poeta no ano de 1517, a 5 de Abril, ao romper da aurora, dia em que recaiu a solene festividade dos Ramos.»

E ainda:

Eodem anno Selinus magnus Turcarum rex Sultanicum imperium euertit.

«No mesmo ano, Selim, o grande rei dos Turcos, arrasou o império do Sultão.»

Nasceu, pois, em Évora, a 5 de Abril, dia de Ramos, no ano de 1517, o mesmo em que o Egipto caiu sob o domínio de Selim, sultão dos Turcos otomanos.

Quem foram os seus pais, em parte alguma no-lo diz em versos até agora conhecidos, opinião que o seu biógrafo ragusino Tommaso Chersa confirma²; seriam, sem dúvida, judeus, pois à violência da Inquisição se ficou a dever o exílio forçado com a família.

Como tantos outros portugueses seus contemporâneos, frequentou a universidade de Salamanca; recorda-o em elegia dedicada a João Rodrigues de Castelo Branco, o Amato Lusitano, que várias vezes se cruzará com ele nos caminhos do desterro:

*En ego qui dudum uotis petii omnibus undas
Tormidis aureolas.*

«Sim, eu vi, eu, que outrora busquei com todos os meus anseios as águas alouradas do Tormes.»³

Ali deu os primeiros passos no estudo da Retórica sob a direcção de Fernando Núñez de Toledo y Gusmán, mais conhecido por Pinciano (1475-1553), detentor da cátedra desde 1527, ano em que passara a acumular com a de Grego, já de sua responsabilidade desde a jubilação de Aires Barbosa,

² CHERSA, p. 6.

³ *Carm. Gijón*, 5-6. Reproduz-se, com a devida vénia, a tradução de A. C. RAMALHO, 1985, p. 207.

em 1523 ⁴; são dele estas palavras, em um elogio a Gastão de Foix: *Pintianus, olim in Rhetoricis praeceptor meus...* («Pinciano, outrora meu professor de Retórica») ⁵.

Teve igualmente por mestre, mas na Dialéctica, o dominicano Domingos Soto (1495-1560), que regeu naquela universidade a cátedra de Véspera de Teologia a partir de 1532: *Sotus e Praedicatoria Familia olim praeceptor meus in Dialecticis* («Soto, da Ordem dos Pregadores, outrora meu professor de Dialéctica») ⁶.

Algum tempo por lá se deve ter demorado, a julgar pela saudade com que evoca a cidade do Tormes em elegia a Diogo Vaz, seu sobrinho, que ali repetia então as pisadas do tio ⁷.

Deixa definitivamente a pátria, por ordem do pai, em 1535, ao tempo de D. João III, conforme escólio seu a um dístico dedicado a este monarca:

Sub hoc rege, iussu patris, adulescens uixdum XIIIX annum, egressus, id quod non sine lacrimis scribo, et patriae fines et dulcia rura reliqui, anno 1535.

«Neste reinado, a mando de meu pai e adolescente de apenas dezoito anos, eu parti: facto que não é sem lágrimas que escrevo; e os confins e os doces campos da pátria eu deixei, no ano de 1535.» ⁸

Nos caminhos do exílio o acompanhou, desde a primeira hora, o pai, segundo diz em carta a Paulo Jóvio, de 1547:

...Ex quo, Lusitania relictā, exsulāntem patrem duodecim iam annum per omnes Europae tractus sequor deducoque... ⁹

E também a mãe, que veio a perder durante o longo vaguear, como se deduz de um outro passo deste mesmo texto:

...cum in ea peregrinatione matrem amiserim, feminam lectissimam et supra omnes matres mei amantem, cuius ego decessum eo molestius

⁴ SERRÃO, p. 154. Vd. *Espasa-Calpe*, s.u. 'Núñez de Toledo y Gusmán (Fernando)'.

⁵ A respeito deste elogio, vd. adiante, pp. 90-92.

⁶ *Cato Minor*, 1596, p. 78. O facto de nem todos os textos utilizados no presente trabalho figurarem na edição de 1592 levou a optar pela 2.^a edição, de 1596, de maiores dimensões e substancialmente acrescentada em relação à primeira.

⁷ Vd. adiante, pp. 96-104.

⁸ *Cato Minor*, 1596, p. 76.

⁹ Vd. tradução adiante, na p. 170.

tuli, quo integra adhuc Fortuna in patrio solo apud suos ei exspirare non contigerit ¹⁰.

É pouco provável que a família se tenha juntado a ele em Salamanca, para depois buscarem juntos terras de França; o mais certo é que tenha voltado a Portugal a fim de embarcar rumo a Inglaterra, como alguns dos seus irmãos de crença.

Não restam dúvidas de que por ali passou, antes ou depois de ter estado em Lovaina. É o que se infere da mesma carta a Jóvio, quando fala do acolhimento que os judeus fugidos de Portugal encontravam nesse país, então sob o governo de Henrique VIII, único momento em que, a despeito da hostilidade que contra eles reinava, e que pouco diferia da dos restantes países da Europa, ali foi admitida a existência de uma comunidade judaica. O texto parece apontar com mais probabilidade para o hábito da viagem por mar, talvez com o objectivo de evitar a passagem por território espanhol, onde a Inquisição actuava com o maior furor. Diogo Pires não diz ter escolhido percurso diverso:

Et multi quidem classe conscensa in ueterem Britanniam delati ab eo populo, natura non omnino euxino, humanissime Londini in regia urbe tractabantur, donec Castellanis nonnullis, quibus ea felicitas displicebat, procurantibus accusati retentique omnes causam dicere cogentur. Et discussa est illorum causa in senatu omnium, opinor, seuerissimo iudicatumque secundum eos. Aderam ego certe praesens cum Lusitano cuidam supplicem libellum offerenti rex ad eum modum sit locutus... ¹¹

Comprova também a estadia na capital inglesa uma afirmação da mesma carta, um pouco mais adiante, quando, a propósito da perda de algumas praças africanas no reinado de D. João III, diz ter tido conhecimento delas por um tal Luís Neamias que em Londres lhe lera — *mihī Londini praelegebat* — comentários que havia escrito a esse respeito.

Qualquer que tenha sido a cronologia do seu peregrinar, demora-se em Lovaina, onde prossegue os estudos; a essa estadia alude igualmente o texto que tem vindo a ser citado:

... iuuat tamen interdum ea animo studia repetere, quae, dum puer essem, ardentissime excoluerim, iuuenis uero atque etiam dum imberbis,

¹⁰ Vd. tradução adiante, na p. 170.

¹¹ Da carta a Paulo Jóvio. Vd. tradução adiante, na p. 169.

*Louanii, Lutetiae clarissimis terrarum gymnasiis, non omnino sine laude
sim professus* ¹².

Corria o ano de 1536; a 25 de Abril remete a António Soares Lusitano, então em Antuérpia, uma carta, acompanhada da elegia *Dialogismus inter honestum adolescentem et pudicam uirginem habitus*. A epístola é datada de Liège — *Leodii apud Eburones XXV luce Aprili qui dies D. Marco festus est. 1536* — e nela diz que partirá no dia seguinte para Lovaina, caso o mau tempo abrande:

Cras, si mitior aura spirauerit, Louanium raeda uehar...

«Amanhã, se a brisa soprar mais suave, seguirei de carro até Lovaina ...» ¹³

Não pode, pois, ser este o Diogo Pires que Veríssimo Serrão encontra nos arquivos de Salamanca (livro 50, f.º 73), a depor como testemunha do bacharel em Artes Francisco de Castro, a 18 de Abril de 1537 ¹⁴. A hipótese sugerida, embora sob reserva, por este estudioso dos registos salmantinos (passagem por Salamanca depois da estadia em Lovaina) é pouco provável, se tivermos em conta a aversão permanente do poeta ao poder político espanhol por força da perseguição inquisitorial que no país vizinho reinava. O mais natural é que se trate de outra pessoa, pois várias houve com este mesmo nome no século XVI: por exemplo o pseudo-profeta e visionário Diogo Pires ou Salomão Molcho, ou ainda um outro Diogo Pires, igualmente nascido em Évora, que a 10 de Março de 1545 depunha nos autos levantados a André de Gouveia ¹⁵. O nome que Veríssimo Serrão encontrou em Salamanca será apenas um dos muitos casos de homonímia, tão frequentes na época.

Passa, entretanto, por Antuérpia, a caminho de Itália; as palavras constam, uma vez mais, da missiva a Paulo Jóvio:

*Pater itaque meus [...] Antuerpia relicta ultro in Italiam cum familia
uenit...* ¹⁶

Vestígio, talvez, da passagem pelo grande empório comercial é o facto de um poema seu acompanhar a edição da *Cosmographia seu descriptio uniuersi*

¹² Vd. tradução na p. 165.

¹³ Texto completo nas pp. 73-75.

¹⁴ V. SERRÃO, p. 330.

¹⁵ BAIÃO, pp. 16-18.

¹⁶ Vd. p. 170.

orbis, de Pedro Apiano e Gemma Frísio, ali publicada em 1539, e um outro os *Quinti Calabri derelictorum ab Homero libri quatuordecim*, com a mesma data e local.

É também possível que da estadia nos Países-Baixos tenha resultado o contacto com a obra de Erasmo, embora o não conhecesse pessoalmente (morreu em Basileia, a 11 de Julho de 1536); a admiração pelo grande pensador inspirou-lhe vários epitáfios em sua honra, os quais podem ler-se no primeiro volume das obras completas do humanista holandês¹⁷, alguns deles em língua grega, de que foi, entre os portugueses, um dos cultores¹⁸.

A estadia em Paris atesta-a ainda o mesmo texto a Jóvio, conquanto Luís de Matos não apresente qualquer registo com o seu nome em universidades francesas. Os versos, aliás, também não dão conta do caminho percorrido desde a Flandres até Itália.

Várias eram as cidades italianas que acolhiam então os judeus escorraçados dos diversos pontos da Europa, designadamente da Península Ibérica: Ancona, Ferrara e Veneza seriam as de mais forte concentração; mas até em Roma o Papado os não rejeitava¹⁹. Por todas elas passou Diogo Pires, com maior demora em umas que em outras.

Segundo Kolendić, um dos seus estudiosos jugoslavos, terá chegado à Itália em 1540²⁰.

Versos há, no entanto, que levam à antecipação de tal data, ao mesmo tempo que sugerem um retrato especialmente conturbado dos primeiros tempos em terras transalpinas. Em poema a Diogo Vaz²¹ queixa-se da Fortuna que o forçou a buscar os inusitados «trabalhos de Marte»:

[.....] *Nos ambitiosa nec uno
certa manere loco Latias Fortuna per urbes*

¹⁷ *Desiderii Erasmi Roterodami Opera Omnia*. Lugduni Batauorum, cura et impensis Petri Vander Aa. MDCCIII (fac-simile: Hildesheim, 1961). Os mesmos epitáfios podem encontrar-se em Artur Moreira de Sá, *De re Erasmiana: aspectos do erasmismo na cultura portuguesa do século XVI* (Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, 1977, pp. 337-343); posteriormente, eu mesmo me ocupei desses versos em comunicação apresentada ao II Simpósio Nacional do Humanismo Português (Academia das Ciências de Lisboa, 1987), cujas actas não chegaram a ser publicadas; o texto dessa intervenção serviu de base ao artigo «Diogo Pires e a lembrança de Erasmo», publicado em *Humanitas* 41-42 (1989-90) 81-98.

¹⁸ Frei Fortunato de SÃO BOAVENTURA, 1823, pp. 16-17.

¹⁹ KAYSERLING, pp. 21 sqq.

²⁰ P. 1.

²¹ *Carm. Civ-Diii*, 3-6. Vd. texto completo nas pp. 96-100.

*raptat et insuetos Mauortis adire labores
imperiosa iubet.*

«[.....] A mim, as voltas da Fortuna,
determinada a não se deter em um só lugar, pelas cidades do Lácio
me arrastam, e a enfrentar os inusitados trabalhos de Marte
me forçam, imperiosas.»

Quererão tais palavras dizer que Diogo Pires foi obrigado a pegar em armas? Ou apenas que a Fortuna o forçou ao canto épico? A primeira hipótese parece ser a mais aceitável. De facto, alguns versos adiante o poeta descreve uma guerra como se nela tivesse participado: *fugimus* (v. 22), *subimus* (v. 25), *deserimus* (v. 31) e *uidemus* (v. 32), todos na primeira pessoa, apontam nesse sentido.

Se assim foi, tratar-se-á da guerra entre os Turcos e a Santa Liga, aliança firmada em 1538 por Carlos V, Fernando I, Veneza e Roma.

Acresce que o poeta descreve em pormenor as movimentações da armada de André Dória, a quem os versos aludem ²², e que correspondem à rota seguida pelos navios da coligação, da qual revela bom conhecimento: acoissados ao longo do Egeu pelos Turcos comandados por um dos célebres irmãos Barba-Roxa ²³, resistiram em Corfu (*Alcynoi portus*), enquanto o inimigo se apoderava de Egina, Patos e Naxos (*uictriciaque arma per undas | explicat Aegaeas* — vv. 23-24); em seguida, os Cristãos tomaram Castelo Novo ²⁴, onde estariam destinados a pesada derrota ²⁵; os Venezianos, entretanto, menos interessados no prosseguimento das hostilidades e manutenção da Liga que na paz com os Turcos, abandonaram os Espanhóis à sua sorte e regressaram a Itália ²⁶.

²² O verso 26 refere expressamente o almirante — *dux Auria*.

²³ A armada turca é *Lunatas classes* (v. 18) e *Aradinus* o nome do chefe. Os *Annales Ragusini anonymi item Nicolai di Ragnina* (1883), onde a queda de Herceg-Noví é narrada em pormenor (p. 102 passim), chamam *Hariadin* ao pirata, do mesmo modo que, já antes, LUCCARI (1604, pp. 141-142); F. M. APPENDINI escreve *Ariadeno*, forma também adoptada no relato quinhentista de RAZZI (1595, pp. 84-96). A semelhança com *Aradinus* é, como pode ver-se, transparente.

²⁴ Não se trata da cidade italiana, mas sim da actual Herceg Novi, no litoral da Dalmácia. Só assim se explica a alusão aos Montes Ilíricos (v. 32).

²⁵ A chacina da guarnição espanhola de Castelo Novo pelo Turcos deu-se em 1539. Vd. pp. 53 e 100.

²⁶ A armada de André Dória buscou, mais tarde, refúgio em Otranto.

Em relação aos motivos que o terão levado a submeter-se a tal experiência, o nosso poeta não entra em pormenores. Quaisquer que tenham sido, poucas dúvidas restam de que chegou a Itália em fins de 1537 ou começos de 1538 e de que se alistou nas forças venezianas. Difícil será aceitar que tenha integrado as tropas espanholas, se tivermos em conta o ódio que contra esse país nutria; isso lhe permitiu escapar à chacina de Castelo Novo.

A partir daqui tem início a peregrinação por cidades italianas.

Ferrara é a que mais tempo o detém. Aí reinava Ercole II de Este (1508-1559), cuja política de tolerância, a que não era alheia a influência de Renata de França, sua esposa, a havia tornado pólo de atracção para muitos dos grandes nomes da cultura desse tempo, parte dos quais foragidos de múltiplos países. Ali se encontraram, entre outros, Amato Lusitano e Diogo Pires, diversos membros da família Abravanel, D. Garcia Mendes e os seus e ainda Samuel e Abraão Usque. Nessa cidade viram a luz do dia a *Consolaçam as tribulaçoens de Israel*, de Samuel Usque (1533), a *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro (1554), ambas dos prelos de Abraão Usque, e, já antes, o *Didaci Pyrrhi Lusitani Carminum liber unus*, apud Franciscum Rubrium (1545). Por esse acolhimento sempre o poeta há-de mostrar a Ercole imensa gratidão ao longo dos seus versos.

É ainda de Ferrara que escreve, em 1547, a carta a Paulo Jóvio, já por várias vezes citada.

Quanto à data da passagem por outras cidades italianas e ao tempo de permanência em cada uma delas, são parcas as informações até aqui disponíveis e discordantes as opiniões dos biógrafos: Ancona em 1549 (segundo Körbler) ou depois de 1551 (Kolendić), Roma em 1550 ou 1552, ainda Ancona em 1552 (Roth), Pésaro em 1555 e de novo Ferrara em 1557 (Körbler) ²⁷.

No vário peregrinar por terras de Itália, muitos foram os contactos que estabeleceu com alguns dos principais nomes do Humanismo italiano de Quinhentos; se a uns canta nos seus versos, outros lhe deram lugar de relevo na obra deles próprios: Torquato de Tasso, Ambrósio Nicandro, espanhol, exilado como ele e professor em Florença e Ancona, e Paulo Manuzio são alguns dos destinatários de elegias que compôs.

Diversos epigramas de sua autoria, ao lado de um em sua honra, abrem os *Poematum libri septem*, de Jerónimo Faletti (Ferrara, 1546) e são repetidos, com mais um poema dedicado ao próprio Faletti, nos *De Bello Sicambrico libri IV et eiusdem alia poemata* (Veneza, 1557).

²⁷ Referem alguns desses passos, embora cautelosamente, como se impõe, J. P. S. CARVALHO, pp. 84-86, e M. LEMOS, *Amato Lusitano*, pp. 11-12.

Paulo Manuzio e o cardeal Roberto de Nobili tecem-lhe rasgados elogios²⁸. Mas, entre todos, é Lilio Gregorio Giraldi quem maior destaque lhe dá, ao escolhê-lo para interlocutor do diálogo *De poetis nostrorum temporum* (Florença, 1551)²⁹.

É por seu intermédio, de permeio com algumas palavras do próprio Giraldi, que são enaltecidos os méritos de Henrique Caiado, D. Miguel da Silva, Jorge Coelho, André de Resende, Lourenço de Cáceres, Luís Teixeira e Aires Barbosa, além de poetas espanhóis e ingleses. No final, Diogo Pires é também elogiado pelo autor do diálogo, nos seguintes termos:

Hic cum non plura Didacus de Lusitanis poetis dicturus esse uideretur, sic ego, «Pyrrhe», inquam, «tu recte de tuis es locutus; sed ceterorum pace dixerim, tu mihi unus super omnes, quos recensuisti, in poetica pollere uideris, siue heroicum canas, siue elegum, siue lyricum modularis; nam hendecassylabis non minus eleganter quam argute ludis, ut tui libelli, partim editi, partim prope diem edendi, palam ostendent. Sed tu cum Lusitaniam tanto poetices honore illustres, eo illa in te magis ingrata, quod te tam diu exsulem ac profugum diuersas orbis partes peragrarare permittit. Quanto maiora et meliora faceres, si otiosam pacatamque ageres uitam?»

«Nesta altura, uma vez que Diogo parecia não ir falar mais dos poetas portugueses, assim disse eu: ‘Ó Pires, com acerto tu falaste acerca de teus concidadãos; mas, seja-me lícito dizê-lo sem ofensa aos restantes, em minha opinião tu és o primeiro em grandeza poética, acima de todos quantos enumeraste, quer cantes em verso heróico, quer elegíaco, quer modules os tons da lírica; e é um facto que em hendecassílabos tu compões com não menos elegância do que clareza, como à evidência demonstram os teus livrinhos, alguns já trazidos à luz do dia e outros ainda por editar. Mas tu, quanto mais fazes resplandecer a Lusitânia com a glória da poesia, tanto mais ela te é ingrata, pois tão largo tempo te deixa no exílio e em fuga, a peregrinar pelas várias partes do mundo. Quanto mais grandiosas e mais notáveis não seriam as tuas obras se te fosse dado levar uma vida ociosa e em paz?’»

O mesmo Lilio Giraldi dedica-lhe também um pequeno louvor, em dois dísticos elegíacos, quase a encerrar o primeiro livro que Diogo Pires publicou, o *Carminum liber unus*.

²⁸ Cartas transcritas por KOLENDIĆ, respectivamente pp. 17-18 e 45. O trabalho deste estudioso é o que mais documentado existe sobre o período italiano da vida de Diogo Pires e as relações pessoais que durante esse tempo cultivou.

²⁹ Os passos adiante citados foram transcritos de edição posterior à que vem indicada no texto: *Lilii Gregorii Gyraldi Operum quae exstant omnium*, Basileae, per Thomam Guarinum, 1580. A intervenção de Diogo Pires ocupa as pp. 403-404.

A hostilidade contra os Judeus, entretanto, não diminuía; a própria Itália começava a ressentir-se do clima que desde há décadas se vinha a instalar por toda a parte; os filhos de Israel procuravam novos portos, onde pudessem acolher-se com um pouco mais de tranquilidade e segurança.

Ficava perto um desses centros. Para o alcançar, bastava transpor as águas do Adriático, as mesmas que a guerra lhe tinha feito navegar uma primeira vez; tinha, além disso, a vantagem de manter-se ligado a Veneza por laços antigos. Chamava-se Ragusa, chama-se hoje Dubrovnik, na Dalmácia, costa ocidental da Croácia. Para ali convergiram muitos dos expulsos de Portugal e de Espanha; entre eles, Diogo Pires ³⁰.

Aí floresciam, como nas cidades da península itálica, as letras e artes, sob influência notória do Renascimento italiano. O teatro de Nikola Najčeković ou Marin Drjić os estudos filosóficos de Nička V. Gučević ou Antun Medo e os históricos de Nikola Ranjina ou Matja Benečić, a obra da poetisa Cvjeta Zuzorić (a *Floria Gallia Sapho* do nosso poeta) e ainda de Cabo Bobaljević Mišetić, Miho Monaldi, George Bizanti e Ludovico Pascalić, alguns dos quais vieram a exercer influência na poesia quinhentista do restante continente europeu ³¹, dão disso prova bastante... e também a poesia de Diogo Pires.

Ali se encontra, se não antes, pelo menos em 1558, depois de ter estado já em Istambul ³². Nesse ano o tratou João Rodrigues de Castelo Branco, o Amato Lusitano, por se encontrar bastante doente. É o próprio Amato que disso dá testemunho nas *Centúrias Médicas*:

Didacus Pyrrhus, uir Graece et Latine peritissimus et magni nominis poeta. Cum in suburbio Ragusii ageret (recens enim ex Byzantio uenerat

³⁰ É sedutora a hipótese de ter partido de Ancona, seguindo o exemplo de muitos outros irmãos de raça: este porto tinha com Ragusa uma relação privilegiada, de que os comerciantes judeus eram principais obreiros (cf. Popović, passim); «ponte entre Oriente e Ocidente» lhe chama DELUMEAU no título de um artigo. Em todo o caso, será necessário ainda, para confirmar tal hipótese, a verificação dos arquivos daquela cidade italiana. Quanto à viagem pela Terra Santa e Egipto, a que se referem alguns biógrafos (CHERSA, p. 14; TADIĆ, p. 240), não me foi possível documentá-la.

³¹ TORBARINA, pp. 252-253.

³² O caminho percorrido entre Itália e Dubrovnik, não é possível, por enquanto, determiná-lo com segurança. Como se diz atrás (n. 30), a partida de Ancona é o mais verosímil; nesse caso, a viagem a Istambul seria posterior à primeira chegada a Dubrovnik, o que forçaria a recuar esta alguns meses (talvez, mesmo, 1557). De facto, é pouco provável o percurso Ancona — Istambul — Ragusa.

ubi pestis grassabatur), ob esum forte pomorum crudorum et cibariorum malorum, bilis uitellina in eius stomacho genita est... ³³

«Diogo Pires, varão muito versado nas línguas grega e latina e poeta de grande nome. Ao encontrar-se num subúrbio de Ragusa (pois há pouco ali chegara, vindo de Bizâncio, onde a peste grassava), em virtude de ter ingerido, por acaso, maçãs ainda verdes e comida em mau estado, gerou-se-lhe no estômago um humor amarelado ...»

Após o tratamento, minuciosamente descrito, o doente melhorou, pelo que o médico acrescenta:

Tandem pharmaco leniente ebibito intra quatrídium sanatus est.

«Finalmente, depois de tomar um emoliente, em quatro dias ficou curado.»

Logo passou a adoptar o nome hebraico Isaiás Cohen, que surge pela primeira vez em documento de 1559, em zanga entre judeus ³⁴. A partir de então, é mencionado em registos diversos, hoje guardados no Arquivo Histórico de Dubrovnik.

Quarenta anos durou a sua estadia nesta cidade da Dalmácia — até que a morte o levou para sempre ³⁵.

Terá vivido do ensino particular a filhos da aristocracia local, pois as leis ragusinas, não obstante o liberalismo e tolerância reinantes, dificilmente permitiam a um judeu o ensino público ³⁶. Paralelamente, deve ter exercido a usura e alguma actividade comercial ³⁷.

Ressalve-se, contudo, que usufruía de tratamento especial em relação aos seus irmãos de credo e raça: era-lhe permitido, por exemplo, residir fora

³³ AMATO LUSITANO, *Curat. Medicin.* Centuria VI, Curatio XXX, *in qua agitur de dolore in iocinore.*

³⁴ *Lamenta de intus* CII.130, do Arquivo Histórico de Dubrovnik (já citado por J.P.S. CARVALHO, p. 88).

³⁵ Por não ser esse o objectivo deste estudo e porque, a despeito das tentativas realizadas, permanecem insuficientes os dados produzidos pelos vários estudiosos, não se fará aqui o historial pormenorizado dos passos em Ragusa.

³⁶ KÖRBLER (pp. 164-165), que o fazia mestre de línguas clássicas na escola oficial da cidade, é desmentido por TADIĆ (p. 240 passim). J.P.S. CARVALHO (pp. 88-89) sintetiza bem o problema. Também SLADOVIĆ, pp. 17 e 28 (a primeira respeitante a Diogo Pires e a segunda a Jacob Flávio, que considera serem pessoas distintas) e CRJEVIĆ, p. 90, sustentam ter vivido do ensino; F. M. APPENDINI aceita a hipótese, embora afirme a inexistência de provas (p. 326); bizarra é a tese de P. Mattei, que o faz capelão de S. Brás (ibidem).

³⁷ J.P.S. CARVALHO, pp. 89-90 e TADIĆ, passim, baseados em documentos existentes no Arquivo Histórico de Dubrovnik (*Diu. Canc.* 162; 182'-183; 155.64 e 130; 169.69r; 177; 143; e *Procurae Cancel.* 2.127-127').

do *ghetto* e circular sem o boné de cor vermelha ou amarelada, cujo uso era imposto aos judeus ³⁸; e, por outro lado, merecia o tratamento de *dottore* ou *dominus*, reservado, em geral, a altos dignatários do clero ou da nobreza e a cidadãos com educação universitária ³⁹. Privilégios que pagou, de certa forma, com os seus versos, onde abundam louvores à cidade de Ragusa e às mais importantes famílias da aristocracia que a governava ⁴⁰.

A leitura de Amato Lusitano deixa a suspeita de que poderá ter cursado medicina; com efeito, em dado passo pronuncia-se sobre as qualidades de vários tipos de pêssego ⁴¹ e, em um outro, ao dissertar sobre matéria específica das ciências médicas, como o humor pruriginoso, além de revelar domínio do vocabulário técnico, denota conhecimentos sobre a obra de Galeno ⁴². Aqui, porém, as palavras que profere — *etsi medicum non agam* («embora eu não exerça a medicina») — levam a supor mais facilmente a frequência de estudos médicos do que o exercício de tal actividade profissional. De resto, é sugestivo o facto de nenhum passo em toda a sua obra dar conta da prática desse múnus.

Apesar da boa consideração em que era tido por altas figuras da hierarquia eclesiástica e não obstante o poema que compôs em honra de São Brás, padroeiro de Ragusa, não parece subsistir qualquer dúvida de que continuava a professar a religião judaica; mais do que a adopção de nome hebreu em documentos oficiais — *Didaco de Jacho, dottore, hebreo* ⁴³ —, provam-no os versos, onde revela insistente apego aos ritos dos antepassados; atente-se no seguinte dístico, como que paradigmático:

*Non me paeniteat generis, dum nomen Aronis
nobile, dum maior gloria fratris erit* ⁴⁴.

«Não me pesa a origem, enquanto o nome de Aarão
for nobre, enquanto maior for ainda a glória de seu irmão.»

³⁸ *Cons. Minus* 51 (172-173) 15' (Arquivo Histórico de Dubrovnik).

³⁹ J.P.S. CARVALHO, p. 90.

⁴⁰ Um dos poemas que maior número de edições conheceu foi o *De illustribus familiis quae hodie Rhacusae exstant anno 1582* (Cracóvia, 1592). Juntamente com o *De illustrissima urbe Rhacusana* justificou, da parte do senado, a concessão de um prémio (ms. *Cons. Rogat.* 59. 188 e 67 — 1582-1583 e 80, do Arquivo Histórico de Dubrovnik). Mas diversos outros textos endereçados à nobreza local poderiam ser referidos aqui.

⁴¹ AMATO LUSITANO, *Dioscor.* lib. I, en. CXLIII, *De persicis*.

⁴² IDEM, *Curat. Medicin.* cent. III, cur. XXXVIII, *in qua agitur de humore turgente, siue pruriente, dolores absque febre ingerente*.

⁴³ Por exemplo, em *Diuers. del crimin.* 4.132'-133' (Arquivo Histórico de Dubrovnik).

⁴⁴ *Cato Minor*, p. 159.

Apenas breves viagens terão interrompido uma permanência de mais de quatro décadas na cidade dálmata, uma delas ao Egipto e Terra Santa, referida por alguns biógrafos⁴⁵. Seja como for, dois documentos ainda inéditos e que passaram despercebidos a todos os estudiosos parecem comprovar a estadia em Salonica, em 1578. Trata-se de duas cartas anónimas a Aquiles Estaço, incluídas no manuscrito B106 da biblioteca Vallicelliana. A primeira, assinada simplesmente *N.N.*, remete ao humanista português residente em Roma uma elegia, seguramente apócrifa, atribuída a Cornélio Galo⁴⁶; a segunda, com a assinatura *N.N.N.*, envia a elegia *In obitum Ioannae Etruriae reginae*⁴⁷. Acontece que ambos os poemas figuram no manuscrito dos *Elegiarum libri tres* de Diogo Pires⁴⁸. É certo que se não afirma terem os versos, em especial o último texto, a mesma autoria das cartas; a segunda missiva, porém, chora o desaparecimento de D. Sebastião, ocorrido nesse ano, com a mesma emoção com que Diogo Pires o faz nos seus epigramas e elegias; e, por outro lado, a arquiduquesa Joana de Áustria, cuja morte se celebra na elegia 3.2, faleceu igualmente em 1578. Parecem coincidências a mais para que o autor do poema e das cartas não seja o mesmo. Bem mais difícil se torna aceitar que o poema tivesse sido remetido de Ragusa para Salonica e daí enviado por um português anónimo para o seu compatriota Aquiles Estaço em Roma. Fica, pois, o mistério sobre os motivos que terão levado o poeta a procurar o anonimato, os quais parecem difíceis, neste momento, de vislumbrar, a menos que aceitemos a explicação, bastante plausível, de resto, de que procuraria isentar o eclesiástico português de suspeitas de contacto com gente de raça judaica.

Em Ragusa o colheu a morte ao cabo de mais de oitenta anos, possivelmente em 1599.

Tommaso Chersa supõe-no vivo ainda em 1607, com noventa anos de idade, tomando como fidedigna a informação veiculada em quatro hendecassílabos escritos à margem do poema a S. Brás, no *Codice Sorgiano* dos *Didaci Pyrrhi Lusitani elegiarum libri tres ad Dominicum Slataricium Patauinæ Scholæ Rectorem et equitem splendidissimum*, sem data, conservado na Biblio-

⁴⁵ CHERSA, p. 14; TADIĆ, p. 240.

⁴⁶ KÖRBLER, pp. 148-155, afirma ser Diogo Pires o autor desta elegia, na qual teria introduzido passos obscuros e versos incompletos para tornar mais verosímil a atribuição a Cornélio Galo.

⁴⁷ Fls. 5vº-9vº. As cartas ocupam fls. 5vº-6vº.

⁴⁸ Respectivamente, *Eleg.* 3.1 e 2. A segunda foi já por mim publicada com tradução portuguesa (C. A. ANDRÉ, 1983, pp. 54-57 e 109-111).

teca Vaticana, e depois reproduzidos por Urbano Appendini na sua antologia oitocentista ⁴⁹. Esses versos apresentam como motivo para a mudança de destinatário do livro a morte de Dinko Slatarić, ocorrida em 1607. Mas o testamento, que se encontra no Arquivo Histórico de Dubrovnik, obriga à antecipação da data para 1599. Foi lido em 17 de Maio desse ano, segundo o competente averbamento notarial, o que leva a supor o falecimento alguns dias antes ⁵⁰.

Como herdeiros, são mencionados o irmão, «Cain de Jacob Coen», um sobrinho, «Cain de Isay Coen» ⁵¹, a sinagoga, uma mulher de nome Ora e uma viúva, chamada Zoé, com duas filhas, Tamara e Raquel; de todos é a D. Zoé que cabe o maior quinhão da herança, «pelos muitos favores e bondade» que dela recebera em vida ⁵².

Quanto a ter-se recolhido a Herceg Novi nos anos derradeiros e aí ter ficado sepultado, como afirmam alguns, decerto influenciados pela elegia *De exsilio suo*, adiante estudada, a leitura do testamento em Ragusa parece também inviabilizá-lo ⁵³; em todo o caso, o assunto não é de monta para que nele nos detenhamos.

Tinham já passado oitenta e dois anos desde que vira pela primeira vez a luz do dia em Évora, sessenta e quatro sobre a data em que encetara um longo peregrinar por terras da Europa. Ragusa e os seus montes lhe acolheram o último suspiro, com o coração preso na pátria distante. Fora longa a viagem, quase tão longa como o infinito. Porque, em vez do dia do regresso, viera ao seu encontro o dia da morte.

⁴⁹ P. 242. Vd. C. A. ANDRÉ, 1983, p. 17.

⁵⁰ Entre nós, foi J.P.S. CARVALHO (pp. 91-92), guiado por biógrafos jugoslavos, quem alertou para o engano que subsistiu até há pouco. O documento (*Testamenta Not.* 51, 27'-28' do Arquivo Histórico de Dubrovnik) foi depois estudado por A. C. RAMALHO, 1988, pp. 133-134.

⁵¹ Nomes semelhantes, alerta A. C. RAMALHO, a alguns dos que surgem na «Reconciliação de Abraão Coen», na Inquisição de Lisboa, em 1570 (1988, p. 136). Ressalve-se, todavia, que o apelido Coen é muito corrente entre judeus.

⁵² J.P.S. CARVALHO, p. 91 e A. C. RAMALHO, 1988, pp. 135-137.

⁵³ Entre outros, GRUNWALD e CASNACHICH, p. 235; CHERSA, p. 18; TROGRANČIĆ p. 120. O autor anónimo da notícia publicada em *L'Epidauritano* chegou a procurar o cemitério judeu daquela cidade, em busca do túmulo do poeta, mas encontrou-o submerso pelas águas (p. 54).

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO II

A ANGÚSTIA DO EXÍLIO

*Et quicumque moram longinquis ducit in oris,
quidquid agat, patriis exsulat ille focis.*

(Eleg. 1.10c.7-8)

Criar raízes e, depois, partir, deixar as raízes presas ao chão onde nasceram. O longe, a distância, a ausência. «É todo o que em terras longínquas se retarda, / faça ele o que fizer, está exilado dos pátrios lares». Remédio para a dor pessoal na busca de semelhanças com a dor alheia? A perda da esperança? A resignação?

Para o poeta não havia já esperança de regresso, ele o irá declarar logo a seguir a estes versos. De qualquer forma, com ou sem retorno, o exílio é, antes de mais, uma ausência. Dolorosa.

Por isso, é quase tão velho como o homem; na tradição bíblica, nasce com Adão, o pai da humanidade, expulso para sempre do paraíso terrestre. E na literatura clássica, dois dos heróis dos grandes poemas da Antiguidade conheceram-no: Ulisses partiu para Tróia, chorou na ilha de Calipso as amarguras da ausência, mas regressou; Eneias, depois de ter visto cair a sua cidade e o seu rei, partiu também, e para não mais voltar. Situações diferentes que uma mesma palavra abrange: exílio.

O mito mais não faz que reflectir o homem. E não foram só as figuras do mito que sentiram a dor de quem é banido da terra onde nasceu. Entre os grandes nomes da cultura clássica, alguns sofreram na pele idêntica provação. Dois, em especial, foram afectados pela distância que o poder político interpôs entre eles, a terra a que chamavam sua, os entes que mais queriam, os amigos. Um acabou por voltar — Séneca. O outro, a morte o colheu, ao fim de largos anos de esperanças sem cessar murchadas e reacendidas em terras longínquas — Ovídio.

Porque o Humanismo retoma e repete, muitas vezes, os motivos da poesia clássica, justo é que nos detenhamos um pouco nessas duas figuras do legado greco-latino. Assim poderemos, de algum modo, ajuizar do grau de independência de Diogo Pires em relação aos seus modelos, o mesmo é dizer, do nível de sinceridade existente nas emoções que deixa transparecer ¹.

No ano 41, acusado, justa ou injustamente, de ter cometido adultério com uma irmã de Calígula, Séneca é condenado ao exílio na Córsega. Oito anos terá de suportar o afastamento de Roma, sempre com esperança de voltar, sempre na incerteza do regresso. À esperança e à incerteza não foi alheia a obra desse período.

Séneca é um estóico; e, ao sábio, o exílio, como qualquer outra contrariedade, não pode afectá-lo. Para que se afirme como verdadeiro cultor da filosofia que professa, terá de ser provado e resistir à provação.

Nos primeiros tempos de desterro, o filósofo consegue manter intacta a capacidade de resistência. A vingança consiste então em desprezar o mal e bem assim os que lho causaram. À dor urge opor peito firme. Assim faz e obtém aparente triunfo.

Mas só aparente. Poucos conseguiram alcançar a perfeição na sabedoria. A maior parte não passa de aprendizes na longa caminhada da existência, durante a qual o sábio se vai formando na escola do sofrimento. Até lá, até que esteja atingido o cume, ninguém logra furtar-se a requebros. *Ad Heluam de consolatione* virá, talvez, depois de um desses períodos de menor tranquilidade, tempo mais permissivo à provação. Reflecte uma acalmia insegura, conquistada, decerto, à custa de muita luta. Aqui e ali sente-se a nostalgia da ausência, a lembrança da família, dos amigos, do passado feliz, evocações que a frieza do raciocínio lógico nem sempre consegue diluir. A mesma frieza que ao discurso retira o brilho, tão visível em outras obras do mesmo autor.

¹ O espaço disponível e a natureza deste estudo determinaram a omissão de muitas outras possíveis referências da Antiguidade Clássica, designadamente da cultura grega, bem como de outros nomes da literatura latina, quais sejam Marcial, Virgílio, Cícero, etc. Este último mereceria, é certo, alguma atenção, dado ter conhecido o desterro e dele se ter feito eco nas cartas e na obra filosófica. Assumindo aqui deliberadamente uma tal omissão e os riscos que envolve, tomam-se Ovídio e Séneca como figuras paradigmáticas e remete-se para ulterior estudo a apreciação pormenorizada do fenómeno na literatura latina. No trabalho a que já atrás se aludiu (C. A. ANDRÉ, *Mal de ausência: o sentimento do exílio na lírica do humanismo português*, Coimbra, Minerva, 1992), de resto, a problemática do exílio, seja no que toca à expressão de um sentimento doloroso, seja no que respeita à afirmação filosófica do princípio oposto (cosmopolitismo), é analisada com grande amplitude cronológica (da Antiguidade ao Renascimento).

Aos poucos, a coragem enfraquece, a paciência e a resistência vão-se esvaindo, o orgulho acaba por se deixar abater. Cansado do afastamento, o filósofo busca outras armas: ao tentar obter a revogação da sentença, abdica da luta contra a dor. É a época de *Ad Polybium de consolatione*, considerada uma das suas obras menos dignas. Procura na adulação ao valido do Imperador convencê-lo a interceder por si. O menosprezo pelo adversário esvaiu-se. A arrogância converteu-se em súplica ².

Ideias igualmente presentes, mas em maior grau, nos epigramas que lhe são atribuídos, presumivelmente compostos nessa época ³. Diz-se morto e reclama respeito pelo cadáver em que se tornou ⁴; chora, no extremo de um penedo, a dor que o tortura, apela às lágrimas solidárias de Córdova, leva até ela o sofrimento que o destrói ⁵ e queixa-se asperamente do ambiente bárbaro que o rodeia ⁶.

Certo é que a resignação triunfa; mas aquele que abandona a Córsega ao cabo de oito anos de ostracismo não é já o mesmo que à ilha chegara temperado como o aço para a aspereza do combate. A luta não o dignificara ⁷.

Diferente é o caso de Ovídio e merecedor de redobrada atenção, porque poeta (com que Diogo Pires mantém múltiplas afinidades), porque a expulsão foi definitiva e ainda porque foi o que maior eco alcançou na poesia posterior.

² Por esta subserviência exagerada, incoerente e contraditória com o resto da obra, *Ad Pol.* tem-se tornado motivo de controvérsia. DIDEROT, depois de a alvejar com uma sátira densa de ironia (I vol., pp. 78-80 e II vol., pp. 191-194), conclui que o texto não pode ter sido escrito por Séneca. A maior parte dos estudiosos, todavia, tem opinião diversa (Cf. GALDI, pp. 220-227; De VICO, pp. 344-345 e PIERINI, pp. 140-142). LEOPOLD, pp. 224-228, e GIANCOTTI, p. 61, justificam a aparente incoerência como o recurso a um instrumento tático para obter o perdão, essencial para o prosseguimento da actividade filosófica, por ser esta impossível sem a vida em sociedade. Tal teoria confirma, em todo o caso, a consciência da dor, embora mais ao nível da enunciação que do enunciado.

³ *Ad Marciam*, mesmo que se aceite datar deste período (cf. GALDI, pp. 227-242), não é relevante para o tema. Quanto aos poemas, a sua autenticidade nem sempre tem sido unanimemente admitida pelos estudiosos da obra de Séneca. Aceitam-se aqui como pertinentes os argumentos aduzidos por K. P. HARRINGTON em favor da autoria senequiana e, mais tarde, por H. BARDON, que faz, sobre o assunto, o ponto da situação. No mesmo sentido se pronuncia HERRMANN (1955 e 1956).

⁴ 5a; 5b.

⁵ 2a.

⁶ 2b e 2c. Também em *Ad Helu.* (6.5. e 9.1-3) refere o ar agreste e estéril da Córsega.

⁷ Esta análise do tema do exílio na obra de Séneca é inevitavelmente sumária. Nas notas precedentes citam-se alguns dos autores em que se baseia; aos nomes indicados, convém acrescentar os importantes contributos de GIANCOTTI, de WALTZ e de SORENSEN, todos eles mencionados na bibliografia final.

Ao longo, até, da poesia medieval, o seu desterro perpassa de forma variada: o próprio Ovídio tomado como tema, o tema do exílio que retoma Ovídio como *exemplum*, ou o recurso formal e temático a elegias ovidianas compostas após a expulsão de Roma ⁸.

Linha que se não interrompe, antes pelo contrário, na poesia humanista ⁹.

No ano 8 d.C., Augusto promulga o edicto de expulsão de Ovídio da cidade de Roma para os confins do império, em Tomos, na actual Roménia.

Muito se tem discutido sobre as razões que o terão levado a tal atitude: se foi, como o poeta parece por vezes sugerir, a publicação da *Ars amatoria*, considerada, assim, elemento de corrupção da juventude, contra a moralização dos costumes em que Augusto estava empenhado, ou outro qualquer motivo de ordem moral ou política, não pode afirmar-se com inteira segurança. Certo é que algo terá desagradado profundamente ao Imperador, a ponto de não mais revogar o seu edicto. E o poeta acabou por morrer no extremo do império, dez anos mais tarde, em 17 ou 18 d.C., sem ter visto o fim do desterro ¹⁰.

Ao contrário do estóico Séneca, Ovídio não viajou municiado com as armas do sábio para enfrentar a contrariedade. Desde o primeiro momento, logo após o embarque para a longa viagem que o levaria até Tomos, a sua poesia é um diálogo patético com o próprio destino; encontrará, quando muito, a consolação na arte, forma de evasão que pode transportá-lo a um universo eterno ¹¹, garantir-lhe mesmo a imortalidade, conservar o seu nome vivo em Roma ¹².

O poeta, todavia, tem esperança. As tentativas de obter perdão suce-

⁸ Sobre a presença de Ovídio na literatura medieval, vd. VIARRE, 1982, passim.

⁹ A influência de Ovídio na literatura renascentista tem sido objecto de atenção por parte de vários estudiosos, em especial no tocante a áreas geográficas determinadas. Para o caso francês, por exemplo, vd. MOSS, em especial pp. 17-22 (referentes às obras do exílio), e BAÏCHE, este especificamente quanto a d'Aubigné; para o espanhol, SCHEVILL que, todavia, quase não alude a *Tr.* e *Pont.*; ŽIVKO PURATIĆ estuda o fenómeno em escritores croatas, o que será relevante quando se falar de Diogo Pires. Anote-se, todavia, que N. LASCU, ao estudar a fortuna do poeta de Sulmona, não diz, incompreensivelmente, uma palavra sobre os *Tr.* ou as *Pont.* e que LAMARQUE (pp. 13-40) cita estas como as obras de Ovídio menos editadas em França, no Renascimento; JAMESON parece ter opinião semelhante. Os textos, porém, não confirmam estas omissões.

¹⁰ A propósito das causas do exílio de Ovídio vd., por exemplo, as sínteses de BOISSIER (pp. 107-159), RIPERT (172-193), D. MARIN, G. P. GOULD e F. DELLA CORTE. A melhor visão de conjunto é a de THIBAUT que consagrou ao assunto, em 1964, o livro *The mystery of Ovid's exile*.

¹¹ BOUYNOT, passim.

¹² NAGLE, p. 32.

dem-se: declara-se culpado do crime de que o acusam ¹³, venera Augusto ¹⁴, canta o culto imperial ¹⁵, dirige-se ao Príncipe como a um deus. Parece adorar a mão que o prostrou. Mas, ao contrário de Séneca na *Consolação a Políbio*, jamais perde a dignidade ¹⁶. Por detrás das palavras de lisonja parece espreitar a convicção de ter sido injustamente condenado. Defende-se das acusações de que foi vítima; e, aqui e ali (sobretudo em *Tristia* 2), sente-se aflorar um sentimento de revolta: se tantos cantaram o amor, porquê a sua condenação? Se o amor é a alma das grandes obras do génio humano, porquê esta sentença? Quem assim desterra o amor, está a banir para longe a *Iliada*, a *Odisseia*, a tragédia, a comédia. Mais de uma vez, é certo, atribui à *Ars amatoria* a causa dos seus males. Mas jamais lamenta tê-la escrito. Consigo, toda a poesia foi condenada ¹⁷.

Este leve assomo de revolta, de que ao leitor apenas é lícito suspeitar, agita-se no turbilhão desencontrado de sentimentos vários: a ira, sim, mas também o medo, a incerteza quanto ao futuro, o desespero, a melancólica nostalgia que o acomete em acessos crónicos e cada vez mais frequentes, à medida que o tempo vai decorrendo; e, irremediavelmente, a morte ¹⁸.

¹³ *Tr.* 2.131 sqq., 207; 3.6.27-36; 4.1.26; *Pont.* 3.3.73-76. E ainda *Tr.* 4.10.89, 99-100.

¹⁴ *Tr.* 1.2.61; 2.125-126; 5.2.38; 52b.13. É possível que, ao enfatizar a *clementia*, esteja a sugerir ao Imperador que a mostre (EVANS, 1983, p. 22).

¹⁵ *Tr.* 2.157-158; *Pont.* 2.1; 4.8 (não Augusto, mas Germânico); 3.4 (Tibério). Já depois do falecimento de Augusto, em *Pont.* 4.13 e 4.6.15-16, deixa claro que a sua esperança se perdeu com a morte do Imperador.

¹⁶ Não pensa assim BOISSIER (pp. 154-155), para quem as palavras endereçadas a Augusto são «le délire de l'adulation», perda total de pudor. E acrescenta: «Quelque indulgence que nous ayons pour un si grand malheur, ces flatteries nous répugnent». Opinião contrária é a de FRÉCAUT (p. 328): «l'humour et l'ironie, porté à un point tel qu'on n'y distingue plus la naïveté de la lucidité, l'élan du coeur de la mobilité de l'intelligence, lui permettent de conserver intacte sa dignité d'homme et de poète». A repugnância de BOISSIER pela atitude «indigna» do poeta não corresponde ao pensamento unânime dos estudiosos; outros reconhecem ser uma prática corrente na época, a que Ovídio não era alheio (LEOPOLD, pp. 220-228; d'ELIA, 1959, p. 382), pelo que se limitou a reelaborar os vários elementos tradicionais da lisonja imperial (EVANS, 1983, p. 26); a dureza das condições em que vivia justificam, de algum modo, esta posição (LEE, p. 116), talvez não isenta de uma certa dose de ironia (MILLER, pp. 370-371; CLAASSEN, p. 31), aliada à súplica de clemência.

¹⁷ *Tr.* 1.9.59-62; 2.5-6; 3.5.43-52; *Pont.* 1.7.39-44; 3.3. Caso particularmente notório é o de *Tr.* 2.211-572, onde se detém na defesa e justificação dos poemas, no pressuposto de estarem na origem da condenação. Assim, constrói uma espécie de «poética do amor», para argumentar que todas as obras podem servir de pretexto à imoralidade. R. MARACHE vê nesta defesa da poesia uma revolta de Ovídio contra o arbítrio imperial (pp. 413-414).

¹⁸ Em relação ao modo como se apresentam na obra ovidiana deste período outros

Pouco a pouco, vai-se tornando quase diário o encontro fatídico com a morte, a qual, aliás, constitui como que uma espécie de pano de fundo de toda a poesia do exílio. Na prática, é como se estivesse morto desde o dia da partida de Roma. Ele próprio não reconhece qualquer diferença entre o exílio e a morte; o adeus à pátria foi o dia das suas exéquias; desde então não é mais que um cadáver¹⁹.

Até a escolha da elegia, além de se dever à experiência que tem nesse metro, resulta também do facto de aparecer normalmente associada à lamentação. Ele mesmo afirma que *tibia conuenit funeribus ista meis*²⁰. Porque assim pensa, preferiria ter morrido antes da partida; faz alusão ao desejo de suicídio que nessa altura o assaltou e chega a lamentar não lhe ter acedido²¹. A morte torna-se a sua derradeira ambição, a única esperança — *una spes*²². Nem mesmo aí, porém, encontrará repouso; é-lhe penosa a ideia de vir a terminar os dias longe da pátria; a sepultura em terra estranha, tal como sucede com todos os seus pares no infortúnio, será o extremo temor a vencer²³. O epitáfio que compõe para o túmulo que em Roma o receberá depois de

temas característicos da literatura do exílio (consciência do afastamento, visão disfórica do ambiente envolvente, insegurança, medo, carácter agreste da paisagem e do clima, dificuldades de comunicação, solidão, doença, etc.), remete-se para o estudo antes mencionado (C. A. ANDRÉ, 1992, I parte, cap. III) e para o artigo, com a mesma autoria, especificamente dedicado ao assunto (1991).

¹⁹ BOUYNOT, p. 260; NAGLE, pp. 23 sqq. Vd. *Tr.* 1.3.89; 3.3.53-54; *Pont.* 1.7.10; 1.9.11-20; 2.3.3,42; 3.4.75-76; 4.10.7-8; 4.12.43-44. *Mors, perire, iacere* são palavras regularmente utilizadas pelo poeta para classificar a sua situação. Já na viagem a presença da morte era uma constante; para onde quer que se voltasse só via a sua imagem (*Tr.* 1.11.24-25). FRÉCAUT, no entanto, tem opinião ligeiramente discordante e entende que a vida acaba sempre por triunfar: «On s'attendait, à en croire certains critiques sévères, à ne trouver dans les *Tristes* et les *Pontiques* que des plaisanteries futiles et déplacées; on en découvre aussi de touchantes, de suggestives, de profondes. Il est nécessaire pour cela d'entrer dans le jeu du poète — qui ne se limite pas à un habile et froid *ars precandi* à un art de quémander et de flatter conçu selon les règles de la rhétorique et agrémenté des artifices de la *uariatio*. De même que l'humour d'Ovide, dans ses plus belles réussites, ne va pas sans la ferveur ni l'inspiration, de même son ironie — et l'on comprend aisément que l'ironie l'emporte ici sur l'humour —, quelque amère et douloureuse qu'elle soit, n'étouffe pas l'amour de la vie et de la poésie qui triomphe sans cesse des déceptions et des dégoûts, de la lassitude et de la désespérance» (p. 328).

²⁰ «Esta é a flauta apropriada para as minhas exéquias» (*Tr.* 5.1.48). Deste modo alude à teoria alexandrina sobre a origem da elegia; *tibia* era a flauta adequada às cerimónias fúnebres. Cf. EVANS, 1983, p. 8; NAGLE, pp. 22-23.

²¹ *Tr.* 1.5.5-6; 3.2.23-26; 3.3.33-36; 3.7.7; 4.3.39-47; *Pont.* 1.9.21-22.

morto evidencia bem o desejo de que os seus ossos, pelo menos, conheçam o fim do desterro ²⁴.

Lentamente, a saúde vai faltando no corpo que já não é jovem. A esperança, todavia, persiste algum tempo mais, até que o isolamento acaba por ditar as suas leis. O tempo passa — e esse tempo é, ele mesmo, um instrumento de solidão ²⁵.

Do espaço ausente resta apenas a lembrança. Na imagem conservada na memória procura confortar-se o poeta, preso agora a uma realidade bem diversa: recorda Roma e os seus lugares mais aprazíveis, na tentativa, talvez, de suplantar aqueles que lhe opõe — os que é forçado a habitar; e os versos descrevem-nos as terras inóspitas de Tomos, lugares desertos e selvagens ²⁶, de clima agreste, cujo frio dificilmente se suporta ²⁷, o perigo constante dos bárbaros a rondarem a fronteira ²⁸. Ao fornecer informações sobre o ambiente que o cerca, as perguntas despontam, quase por instinto: e Roma? Como estarão os seus? Que se passará na cabeça do império? Perguntas que, na maior parte das vezes, se sabem à partida sem resposta. Mas assim

²² Tr. 4.6.49-50. Vd. também Tr. 3.2.27-30; 3.8.39; 3.13; Pont. 1.2.57-58; 3.7.19-22. Assim, o *desiderium Urbis* dá lugar ao *desiderium mortis* (HERESCU, 1959, pp. 66-67).

²³ Tr. 1.1.33-34; 3.3.29-32, 37-46, 59-66; 5.7.23-24; Pont. 1.2.57-58, 107-112. Só em Pont. 3.7.19 aceita morrer em terra geta: *moriatur in illis*.

²⁴ Tr. 3.3.73-76.

²⁵ BOUYNOT, p. 259.

²⁶ Tr. 3.3; 3.4b. 1-4; 3.10.67-76; 3.11; 4.1.53-86; 4.4.55-88; 5.7.43-44; Pont. 1.3.51-56; 1.7.9-14; 3.1.17-24; 3.8.5-18; 4.10.31. Apesar de repetidas monotonamente até à exaustão, tais afirmações de Ovídio caracterizam bem a região e os seus povos (FAVEZ, 1951, p. 432; VULPE, passim). A relação com o ambiente circundante, físico e humano, é estudada por FROESCH, pp. 45-68 (cap. IV, *Barbara terra*).

²⁷ O frio é uma presença constante na obra ovidiana do exílio. A título exemplificativo, veja-se: Tr. 2.195-196; 3.10.1-50; 4.1.53-86; 5.13.5-6; Pont. 1.2.23-24; 1.3.49-50; 3.1.11-16; 3.4.33-36; 4.7.7-10; 4.9.81, 85-86; 4.10.32-34, 39-44. O estado actual dos conhecimentos desmente, de algum modo, o exagero das descrições ovidianas, que podem, assim, considerar-se uma espécie de *amplificatio* utilizada com o objectivo de impressionar e obter os favores do público em Roma (della CORTE, 1988, p. 139; EVANS, 1975, pp. 8-9; R. J. DICKINSON, p. 186; VIARRE, 1987, pp. 152-153 passim). Curiosa é a interpretação de M. BONJOUR, ao afirmar que a insistência no frio do clima simboliza a privação do calor afectivo que só na pátria teria (p. 455). Sobre outras elegias que cantam também o inverno (Pont. 4.7,9 e 10) veja-se o estudo de J. J. GAHAN, 1978.

²⁸ Tr. 2.189-192; 3.3.5-6; 3.10.51-66; 3.11.10-14; 4.1.53-86; 5.2b.21-28; 5.7.9-20, 45-50; Pont. 1.2.13-22; 1.3.57-60; 1.8.5-10; 3.1.25-26; 4.7.11-14; 4.9.82-84. Também aqui haverá algum exagero, com o fim de obter simpatia para a sua causa (BONJOUR, p. 448).

se transporta por instantes até à pátria; nos versos delega a sua presença na cidade, com eles se identifica ²⁹.

Na repetição incessante do tom melancólico, a poesia torna-se monótona; o lamento é constante, em volta de um único centro aglutinador se acumulam os versos: a dor do exílio, o protesto da inocência ³⁰.

De pouco lhe valeram todos os apelos, todos os esforços, todas as esperanças, todas as súplicas; uma década após a data em que fora forçado a abandonar a *Vrbs*, a morte colheu-o, sem que um só indício de clemência lhe tivesse sido, sequer, acenado.

Diogo Pires, como, em tantos outros aspectos, toda a poesia humanista, poderia ser, apenas, um herdeiro da temática que neste domínio lhe foi legada pelos clássicos. É-o, decerto. Mas não só.

Uma leitura atenta demonstra que o motivo do exílio nos seus versos é mais do que a herança de temas cantados por outrem. Nota-se, sem dúvida, a presença latente de Ovídio; mas sente-se também que tais versos não cantam a dor alheia, antes é bem pessoal a experiência que reflectem. E, por isso mesmo, intimamente dolorosa.

Em relação às causas que o levaram para longe das fronteiras da pátria, não deixa dúvidas. Di-lo, em 1547, na carta a Paulo Jóvio, onde dá notícia sumária do nascimento da Inquisição portuguesa no reinado de D. João III, a instâncias da rainha D. Catarina, movida pelo fanatismo de um ódio cego, herdado dos pais ³¹.

São motivos idênticos os que canta em sete dísticos elegíacos, dedicados a Cipião Luccari, escritor ragusino de família aristocrata e seu contemporâneo na capital dálmata ³². Vangloria-se do sangue hebreu que lhe corre nas veias, de pertencer a uma raça imorredora; e, logo depois, evocando Évora, de lá se diz escorraçado «por monstro horrendo, enorme», uma «nova peste» que o traz «fugitivo por reinos estranhos e por mares» ³³:

²⁹ *Tr.* 1.1.1-2,15-16,57;3.1.

³⁰ BLOCK, a propósito de *Pont.* 3.9. No mesmo sentido, já PARATORE, acerca de *Tr.* 4.10, dizia: «flores de papel, que exalam pouco perfume». Outros, como D'ELIA, 1959, pp. 386 e 413, EVANS, 1983, p. 176, KENNEY e FEUCHTWANGER, pensam de modo diverso e esforçam-se por reabilitar esta obra.

³¹ Vd. texto nas pp. 159-164.

³² CHERSA, pp. XVII e 7.

³³ S. USQUE, na *Consolaçam as tribulaçoens de Israel*, Diálogo III, 197, 25 — «A Inquisição em Espanha» — também usa a expressão «fero monstro, de forma tam estranha e tam espantosa catadura que soo de sua fama toda Europa treme...»

AD SCIPIONEM LVCAREM,
PATRICII SANGVINIS ADOLESCENTEM,
MORIBVS PRAETEREA ET LITTERIS ORNATISSIMVM

*Lucar, luce magis Pyrrho dilecte poetae,
o qui praesidium es, qui decus omne meum:
qui genus? unde domo? ³⁴ Vestra cur lentus in urbe
hospes agam? — de me quaerere saepe soles.*
Non me paeniteat generis, dum nomen Aronis 5
nobile, dum maior gloria fratris erit.
*Absit liuor iners, et cessent iurgia! Certe
magnus uterque senex, carus uterque Deo.*
At qua militiae princeps Viriatus Iberae
non semel effusis hostibus emicuit, 10
*est Ebora; o sanctum nomen mihi! Vidit auorum
tempora, natalem uidit et illa meum.*
*Vnde tamen profugum per regna ignota, per undas,
monstrum horrendum, ingens, et noua pestis agit ³⁵.*

«A CIPIÃO LUCCARI,
JOVEM DE SANGUE PATRÍCIO E DE SUMA DISTINÇÃO
TAMBÉM NOS COSTUMES E NAS LETRAS

Ó Luccari, tu, que mais do que a luz és caro ao poeta Pires,
tu, que és meu baluarte, tu, que és toda a minha glória:
qual a minha origem? de que casa eu venho? porque me acolho despreo-
cupado à vossa cidade,
como um forasteiro? São perguntas que muitas vezes costumás fazer-me.
Não me pesa a origem, enquanto o nome de Aarão 5
for nobre, enquanto maior for ainda a glória de seu irmão ³⁶.
Para longe a inveja que a nada leva! Cessem as disputas!
Grandiosos são, por certo, estes anciãos, caros são ambos a Deus.
Mas por onde Viriato, comandante das tropas ibéricas,
mais de uma vez se lançou contra os inimigos dispersos, 10
aí fica Évora; oh, nome para mim sagrado! Ela viu o tempo
de meus avós, ela viu também meu nascimento.
Daí, porém, fugitivo por reinos estranhos e por mares,
me escorraça um monstro horrendo, enorme, uma nova peste.»

³⁴ Cf. *Aen.* 8.114: *Qui genus? Vnde domo? Pacem me huc fertis an arma?*

³⁵ *Cato Minor*, 1596, pp. 159-160.

³⁶ Moisés.

Por esse motivo a roda da Fortuna tem-no feito viajar de terra em terra, do Douro ao Reno, passando pelo Tibre do Lácio. Em tal peregrinar sem fim, quem sabe onde o levará ainda o destino? Talvez ao Nilo, talvez mesmo ao Ganges. Assim diz em epigrama a si próprio endereçado:

AD DIDACVM

*Nuper eras Durii, nunc es nouus accola Rheni,
Didace, iam Latii Tybridis hospes eris;
forsan adhuc Nili septemplex ostia uises
aut alio Gangis sole calentis aquas.
5 Sic Fortuna tenax primis nos iactat ab annis,
et leuis hic firma nititur illa rota.
Crede mihi: seri sperent meliora nepotes.
Dicere quae passi, quae patimurque, pudet.* ³⁷

«A DIOGO

Há pouco tu o eras do Douro, agora és vizinho recente do Reno, ó Diogo, e em breve do Tibre do Lácio serás já um hóspede; talvez as portas do Nilo de sete braços tu venhas ainda a vê-las ou, sob um outro sol, as águas quentes do Ganges.
5 É assim que a teimosia da Fortuna nos baldeia desde os primeiros anos, e inconstante se apoia na sua firme roda.
Crê em mim: por dias melhores esperem os netos que hão-de vir.
Dizer quanto passei, quanto passo, o pudor mo impede.»

Menos de dez anos haviam decorrido sobre a partida ³⁸. O destino, entretanto, envolvera-o nos meandros do exílio e da guerra, experiência que não lhe foi grata, pois sérios amargores causou. Tê-lo-ão as Musas abandonado? — interroga-se. Porquê a si, fiel servidor das Piérides, o deixaram elas entregue à fúria de Belona? Merece semelhante prémio quem cultiva os puros louros da poesia?

E a exclamação surge, espontânea, a manifestar, uma vez mais, o amor

³⁷ *Cato Minor*, 1596, p. 160.

³⁸ O poema *Didaco Vasaeo* foi publicado em 1545, na sua primeira obra, mas será datável de alguns anos antes, como adiante se dirá.

à terra onde nasceu: antes sulcar os mares da Índia em naus lusitanas que sofrer uma tal sorte — combater em exércitos estrangeiros:

*Quod mihi si fuerant adeunda pericula Martis,
praestiterat dites Arabum percurrere campos
et Lusitanis inuisere nauibus Indos* ³⁹.

«E se eu tinha de enfrentar os perigos de Marte,
melhor fora percorrer os ricos campos dos Árabes
e em lusitanas naus visitar os povos do Indo.»

Não é só a terra natal que lhe vem, pressurosa, à lembrança: tudo quanto se liga ao passado desperta nele saudade. Até Salamanca é recordada com nostalgia. Salamanca, onde à sombra suave de árvores debruçadas sobre as águas do Tormes titubeara os primeiros passos no estudo... e no canto. Salamanca, digna de rivalizar com Atenas e ao calor de cujo seio perdeu a esperança de voltar.

Tudo isto ele diz a Diogo Vaz, seu sobrinho, a voz cheia de amargura, mas também de resignação: possa ele levar por diante os passos que a si lhe foram travados; possa ele continuar o seu nome e algum consolo lhe há-de temperar a dor da ausência.

Poucos anos decorrem; o poeta ainda há pouco entrou na idade madura, mas o afastamento da pátria é já mais longo do que fora o de Ovídio. De tenros anos deixara a sua querida Évora, por amor à liberdade; conserva ainda o ânimo forte e decidido a suportar a situação, mesmo «até à insânia». Aprendeu que «é duro o exílio, duríssimo mesmo»; mas, apesar de muitos anos ter pela frente, teme a velhice, quando ela se vier associar ao já de si doloroso peso da indigência. Um só consolo, então, poderá restar-lhe: antes dele, entre os grandes da Antiguidade, muitos outros foram obrigados «a arrecadar os ossos em sepulcro estrangeiro»:

AD PAVLVM

[.....]

Commoueor sane; uerum primoribus annis 430
*qui patriae fines, Eborae qui tecta reliqui,
libertatis amans et in hoc insaniam ad usque*

³⁹ Dos *Carm.*, p. Civ-Diii, vv. 53-54. Texto completo nas pp. 96-100.

- perdurare paratus, eo ut uel flumina retro,
deliciis spero uestris me posse carere.*
- 435 *At quia res dura exsilium, durissima sane,
namque licet superos habeas, atque omnia fata,
fata secunda, tuis et respondentia uotis,
quisquis eris, tamen hospes eris. [...]*
- 450 *Multaque praeterea surgunt incommoda. Quod si
paupertate grauis cursu fallente senectus
accedat, nec sit qui consoletur egentem,
hae uerae lacrimae, dolor hic extremus in omnes
transcendit gemitus et curis conficit aegrum.*
- 455 *Sed maiorum moueant exempla uolentem
urbe procul patria peregrinis ossa sepulcris
condere. Qui Libya clarum cognomen ab arce
primus init uictor, Linterni in litore conchas
colligit, Hannibalem oblitus male grataque bella* ⁴⁰.

- 430 «Sinto-me realmente tomado pela emoção; eu, que nos anos da infância deixei os confins da pátria, eu, que deixei os telhados de Évora por amor à liberdade e preparado para tudo isso suportar, mesmo até à loucura, até ao ponto, mesmo, em que os rios corram para trás, estou à espera de ficar privado de vossas delícias.
- 435 Mas porque é duro o exílio, muito duro mesmo, é, pois, lícito que tenhas a teu favor os deuses e todos os fados, que os fados te sejam propícios e respondam a teus anseios; sejas quem fores, serás, no entanto, um estrangeiro.
- 450 Muitas são, aliás, as contrariedades que vão surgindo. E se, com a indigência, sobrevier com passo enganador o peso da velhice e não houver quem traga consolo a quem dele sente a falta, este é o pranto verdadeiro, esta a dor extrema que transcende todos os queixumes e consome em cuidados a doença.
- 455 Mas que o exemplo dos antepassados comova quem deseje, em cidade distante da pátria, arrecadar os ossos em sepulcro estrangeiro: aquele que, primeiro vencedor da cidade líbia, alcançou nome ilustre, nas praias de Linterno recolhe conchas, esquecido de Aníbal e das guerras mal-agradecidas.»

⁴⁰ Do longo poema epistolar *Ad Paulum* (Veneza, 1563). Apesar de ser esta a data que figura no exemplar cuja cópia, bastante truncada, se encontra na Biblioteca Vaticana, é provável que a redacção tenha sido muito anterior; de facto, a resposta de Paulo Manuzio, em agradecimento, data de 1550 (publicada por KOLENDIĆ, pp. 17-18).

Surgem, pouco depois, sentimentos de mal disfarçada revolta. Um epítáfio colectivo para o túmulo de portugueses (judeus) na cidade de Ferrara mistura com a nostalgia própria do tema os primeiros afloramentos de raiva contra aqueles que sempre há-de considerar responsáveis pela situação imposta aos Judeus portugueses: os Reis Católicos. Sobre o rei cruel, sobre a «quarta Megera» que foi a sua esposa, invoca o castigo dos deuses vingadores:

DE LVSITANORVM TVMVLO IN VRBE FERRARIA

*Haec qui busta uides murorum inclusa ruinis
proxima, Atestinis qua stabulantur equi,
ne contemne loci genium, neque crede, uiator,
uilia neglecto membra iacere solo.*

Lysiadum ⁴¹ *cineres, defunctaque corpora uita* ⁴² 5
parcius iniecto puluere celat humus.

*Sic Fortuna tulit, sic rex immanis et illa
excita ab infernis quarta Megaera uadis.*

*Fors illos sua poena manet, neque numina semper
irasci miseris pauperibusque solent,* 10
*sed reges et regna premunt. Tu, percipe porro,
quae superis nostro nomine dicta feras:*

‘Esse aliquid Manes; neque nigrae cunctae fauillae ⁴³
cedere, ubi e gelido corpore uita fugit;

esse deos scelerum ultores, sua praemia iustis 15
qui tribuunt; nullis fraudibus esse locum.’

*Peregabant Manes; sed territus ille pauensque
substitit incoeptam deseruitque uiam* ⁴⁴.

«DO TÚMULO DOS PORTUGUESES NA CIDADE DE FERRARA

Tu, que estas urnas contemplas, encerradas em ruínas de muralhas,
bem perto, por onde os cavalos da casa de Este têm o seu estábulo,
não desprezes o génio do lugar, nem creias, ó viandante,
que corpos vis jazem em solo abandonado!

⁴¹ A palavra *Lysiadum* documenta, de algum modo, o contacto com outros humanistas portugueses. De facto, a primeira vez que se regista o seu uso é num poema de André de Resende, o *Carmen eruditum et elegans Angeli Andreae Resendii Lusitani aduersus stolidos politioris litteraturae oblatratores* (1531), conforme provou A. C. RAMALHO, 1980, pp. 221-236.

⁴² Cf. *Aen.* 6.306.

⁴³ Cf. Propércio, 4.7.1.

⁴⁴ *Eleg.* 2.9.

- 5 São cinzas de Lusíadas e corpos já sem vida
que sob ligeira camada de pó a terra esconde.
Assim o determinou a Fortuna, assim um rei cruel e aquela malvada,
qual quarta Megera arrancada aos pântanos infernais ⁴⁵.
Pode acontecer que castigo merecido os aguarde; nem sempre os deuses
- 10 costumam voltar a sua fúria contra infelizes e pobres,
mas esmagam reis e reinos. Tu, portanto, escuta as palavras
que aos deuses do céu levarás em nosso nome:
‘Os Manes existem; e nem tudo se transforma em negra cinza,
quando do corpo frio a vida se esvai.
- 15 Há deuses que vingam os crimes, que aos justos atribuem
os prémios que lhes são devidos; para a fraude não há lugar.’
Iam prosseguir os Manes. Mas ele, assustado e a tremer de pavor,
susteve o passo; e o caminho que havia começado, abandonou-o.»

Períodos de resignação surgem de quando em vez, quais oásis em deserto dominado pela imagem constante da dor. São escassos, talvez, esses momentos de tranquilidade, mas ajudam a ganhar fôlego para nova batalha, para quando o espírito voltar a ser acometido por excessos de melancolia. Em uma hora de acalmia dirige-se a Simon Benečić, jurista e governante de Ragusa; ao contrário do que nos vinha habituando, traça cores menos sombrias; nem todo o exílio será, de facto, um mal. Prova-o Ulisses, que ao afastamento da terra pátria ficou a dever as virtudes que o fizeram cantado por Homero.

Ulisses é, aliás, presença constante nos seus versos. Era-o também nos de Ovídio que muitas vezes o escolheu como modelo de desterrado. Mas o Sulmonense evocava o rei de Ítaca para realçar o carácter ímpar da sua própria dor, ao lembrar que muitas foram as paragens agradáveis que ao herói da *Odisseia* acolheram durante os seus erros, enquanto a si, nada de bom se lhe tinha oferecido ⁴⁶.

Para Diogo Pires, no entanto, Ulisses volve-se em motivo de esperança. Procura, então, não lembrar as contrariedades já sofridas e reconfortar o espírito com pensamento animador: está longe, é certo; mas o sol que os dias lhe ilumina, a lua que as noites lhe alumia são os mesmos que brilham para os restantes mortais; as estrelas, os astros são também os mesmos; em toda a parte são doces as fontes, os mares salgados. Em uma última ideia — e bem

⁴⁵ Fernando e Isabel, os Reis Católicos.

⁴⁶ Vd. por exemplo *Tr.* 1.5.57-84.

antiga ⁴⁷ — encontra consolo: por fim, quando os fados assim o entenderem, um só é o caminho que a todos espera, seja qual for o local da partida:

AD BENESSVM ⁴⁸

*Tu licet exsilii numeres mala multa, Benesse,
non tamen exsilium dixeris omne malum.
Quod bonus et sapiens magno scribatur Homero
rex Ithacae, acceptum rettulit exsilio;
nam cum uela daret periturae in moenia Troiae, 5
iam simul et fortis miles et exsul erat.
Et quicumque moram longinquis ducit in oris,
quidquid agat, patriis exsulat ille focus;
nec multum refert indicta lege tyranni
anne suo si quis exsulet arbitrio. 10
Ipse quoque, a patriis iamdudum finibus errans,
multa aduersa nimis, multa secunda tuli.
Nec memorare libet! Verum seu Thracia regna,
siue coloratos uisimus Aethiopas,
idem sol nobis, eadem quoque luna, diurnae 15
altera fax lucis, altera noctis iter;
iidem ignes, eadem lucebant sidera caelo,
fontis aquae dulces et uada salsa maris.
At cum fata uocent, hinc illinc tramite recto
ibimus. Vna uia est omnibus, una domus. 20*

«A BENESSO

Podes contar por muitos os males do exílio, ó Benesso;
não poderás dizer, no entanto, que todo o exílio seja um mal.
Se a bondade e a virtude do rei de Ítaca as canta
o grande Homero, são dons que ele colheu e trouxe do exílio;
é que, ao largar velas em direcção aos muros de Tróia, destinada a sucumbir, 5
era já, ao mesmo tempo, um valoroso soldado e um desterrado.
E todo o que em terras longínquas se retarda,
faça ele o que fizer, está exilado dos pátrios lares;
não importa muito se é por força de lei promulgada por tirano
que se encontra no exílio, se por sua própria vontade. 10

⁴⁷ A afirmação, decerto recolhida em Cícero (*Tusc.* 1.104: *undique enim ad inferos tantundem uiae est*) costuma ser atribuída a Anaxágoras.

⁴⁸ *Eleg.* 1.10c.

Eu próprio, que há tanto tempo vagueio longe dos confins da pátria,
 muitas contrariedades, muitas horas favoráveis experimentei.
 E não me é grato recordá-lo! Mas, visitemos nós os reinos da Trácia
 ou os Etíopes de pele colorida,
 15 o sol que nos ilumina é o mesmo, a mesma é a luz,
 um é o archote da luz diurna, a outra o caminho da noite;
 as mesmas estrelas, os mesmos astros luzem no céu,
 as águas das fontes são doces, salgadas as do mar.
 Mas quando os fados chamarem por nós, daquém e dalém iremos por
 [caminho recto.
 Uma única via existe para todos, uma única morada.»

A imagem da morte chegara, finalmente. A morte, cenário quase imprescindível na poesia do exílio. Assim fora, como vimos, com Ovídio. Assim é com Diogo Pires. A morte que virá, na hora extrema, portadora de paz. A morte, a mesma que a todos os homens espreita a qualquer momento, para trazer consigo o fim de tudo. Até mesmo o fim da provação.

Di-lo, em jeito de alívio mútuo, a Ambrósio Nicandro, nascido em Toledo e que conhecera em Florença ou Ancona, onde este espanhol exercia o magistério⁴⁹.

E remata com a mesma máxima de Anaxágoras que pode ainda animar estes dois homens irmanados pelo desterro: igual é o percurso, em todos os cantos do globo, que nos separa do alto:

*AD NICANDRVM*⁵⁰

At me, quod pudeat loqui!
Me uicinus ager fluctibus Hadriae,
quem propter laceram notis
mercator religat Dalmaticus ratem,
 45 *nascentem opperiens diem,*
iniecto leuiter puluere contegat.
Quod si dulce solum procul
dilectae patriae, sors eadem tamen,

⁴⁹ Deve ter-se dedicado quase exclusivamente à docência, pois uma só obra se lhe conhece, a edição comentada de Sílio Itálico: *Silui Italici opus de secundo bello Punico*, Florença, 1515. Na nota introdutória à ode que lhe dedica, Diogo Pires atribui-lhe a autoria de um poema em honra de S. Ciríaco.

⁵⁰ *Lyrice*, ode 2.41-52. Tive oportunidade de confrontar com outro exemplar, igualmente inédito, no ms. KV31, 86 ter vº, da Biblioteca Comunale de Siena. Citam-se apenas os versos finais, os únicos que interessam ao presente tema.

nec morti labor additus.
Solatur bonus hoc Iuppiter exsules: 50
ut quaecumque premas humum,
tantundem inuenias ad superos uiam.

«A NICANDRO

Mas de mim, como me envergonho de falar!
A mim, o campo vizinho das ondas do Adriático,
junto ao qual fundeia o mercador dálmata o navio
dilacerado pelos ventos,
à espera do nascer do dia, 45
a mim, com leve arremesso de pó ele me cubra.
E se acaso algo de doce pode existir em terra
distante da pátria amada, é ser a mesma a sorte,
é nenhuma dor à morte se acrescentar.
Este é o conforto que a bondade de Júpiter reserva aos desterrados: 50
seja qual for a terra que pises,
a mesma é a distância que te separa do alto.»

No meio da revolta, do desânimo, do sofrimento, não pode, mesmo que o queira, esquecer a terra natal. O amor à pátria, esse nó dado por força sobre-humana, como a de Hércules, mantém-no preso, com inquebráveis amarras. É ela o que de mais grato o homem possui; foi o amor à pátria e não a lembrança de Penélope ou Telémaco que levou Ulisses a rejeitar a eternidade oferecida por Calipso: foi o mesmo amor que moveu Cipião, a quem a pátria ingrata forçou a um desterro voluntário, para só postumamente lhe dar na cidade o justo lugar; foi ele ainda que inspirou os Décios, e também Bruto, Múcio Cévola; ele, enfim, que deu ânimo a Temístocles.

Por isso, o poeta não é capaz de esquecer Portugal, cuja imagem o persegue a todo o instante. À mínima notícia da pátria estremece; como Ovídio, logo tenta esgotar o manancial do informador: as culturas? Os rios? Os lugares e seus monumentos?

É que ali viu pela primeira vez a luz, já lá vão mais de seis décadas. E isso, jamais poderá apagá-lo da memória:

*AD NICOLAVM GOTTIVM*⁵¹

Vera mones, Nicon: grata est sua cuique puella,
at sua, crede mihi, patria grata magis.

⁵¹ *Eleg.* 1.7.

Mutantur iuuenum curae, mutantur amores,
 seruat et illaesam femina rara fidem.
 5 Quos uero natale solum coniunxerit, illos
 dulcis amor nodo detinet Herculeo.
 Si libet exemplis uti, patientis Vlizei⁵²
 in scopulos Ithacae carmine notus amor.
 Flebat illius discessu maesta Calypso,
 10 fusa quoque in lacrimas filia Solis erat;
 diuarum fletus secum rapiebat in auras
 uisus de patriis fumus abire focis.⁵³
 Non sua Penelope, non filius integer aevi,
 non deserta domus, non pia cura patris;
 15 assuetum bellis animum gnarumque laboris
 parua mari in magno insula sollicitat.
 At uocat ingratham patriam qui fortior in armis
 expulit Ausoniae finibus Hannibalem;
 oblitusque sui Linterni in litore conchas
 20 colligit aut liquidis retia tendit aquis.
 Quidquid id est, moriens an fors ita cauerat ille,
 Roma tamen patriis intulit ossa focis;
 et caelata suo ciui monumenta peregit
 terque uale cultis dixit ab Exquiliis.
 25 Quid geminos referam Decios? Quid martia Bruti
 pectora, quo pulsus consule Tarquinii?
 Stat respersus adhuc de sanguine regis Etrusci
 Mucius, et spreto fumat ab igne manus;
 illa manus, iam tum pro se Ioue bella gerente,
 30 asseruit rerum regna futura caput,
 quamuis templa deum starent fabricata sine arte,
 et casa de canna structa palustre Remi,
 et deserta sacro mugiret colle iuuenca,
 altaque Romano cresceret herba foro,
 35 quae nunc et gemmis et puro interserit auro
 illa parum priscis cognita luxuries.

⁵² Vd. Ouidio, *Pont.* 4.10.9: *Exemplum est animi patientis Vlizes.*

⁵³ Vd. Ouidio, *Pont.* 1.3.33-34: *Non dubia est Ithaci prudentia, sed tamen optat / fumum de patriis posse uidere focis.*

*Arma Neoclides indicere iussus Athenis
 incubuit maximus ille ducum;*
*at non Sparta uiro, non Attica terra negabit
 corporis atque animi multa fuisse bona.* 40
*Castra oppressa manu, et fusas Salamine carinas
 totque per Aegaeos parta trophaea sinus
 et mille insignes pugnas et mille triumphos
 donauit patriae iam morientis amor.*
Ipsae quoque, a patriis iam dudum finibus errans 45
(heu, quid agam?), patriam non patienter amo.
*Illius interdum nollem meminisse, sed obstat
 quae sedet ante oculos dulcis imago meos;
 quacumque ingredior, lentus quacumque resedi,
 insequitur custos haeret et illa comes.* 50
*Dixerit hic aliquis: 'Patriis uenit hospes ab oris',
 ille mihi e medio uisus adesse polo.*
*'An bene nata seges? Num permaturuit uua?
 Num tempestiua canet oliua coma?'*
Ah, pudet! Et dicam, si qua prius ire solebat, 55
hac quoque laudatis Monda feratur aquis.
*Omnia percunctor; si quae uolo rettulit ille,
 occurrunt animo gaudia mille meo.*
*Rursus et incipio: 'Num fors tibi cognita dudum
 moenia Vlxeis proxima litoribus?'* 60
*Quae circum lento deducta argentea riuo
 ludit, Ioannis nobile regis opus?'*
*Donec in hos ibit uitalis spiritus artus,
 illa meo nunquam pectore deciderint.*
Videre illa meos Nonis Aprilibus ortus, 65
*iam tenebris pulsus et ueniente die,
 cum uirides oleas palmasque Oriente petitas
 spargit humi uulgi candida religio.*
*Annus et hic magno fertur uictore Selino
 nobilis imperii clade Paraetoni.* 70
*At mihi, iam brumis fugientibus aucta duabus,
 annumerat bis sex Elis Olympiadas.*

«A NIKOLA GUČETIĆ⁵⁴

Com a verdade aconselhas, Nikola: a todo o homem é grata a sua amada,
mas a sua pátria, podes crer, mais grata é ainda.
Mudam nos jovens os cuidados, mudam os amores,
e rara é a mulher que guarda intacta a fidelidade.
5 Aqueles, porém, que a terra natal uniu, a esses
um doce amor os prende com nó de força hercúlea.
Se dar exemplos apraz, o amor do sofredor Ulisses
pelos rochedos de Ítaca, a poesia o tornou famoso.
Chorava triste, à sua partida, Calipso,
10 e estava também desfeita em lágrimas a filha do Sol⁵⁵;
o choro das deusas, arrebatava-o consigo pelos ares
o fumo que ele via a sair das chaminés da pátria.
Não é a sua Penélope, nem o filho na flor da idade,
nem o palácio abandonado, nem o piedoso cuidado para com o pai;
o que lhe preocupa o espírito acostumado à guerra e experimentado na
15 provação
é a pequena ilha no mar imenso⁵⁶.
Mas chama ingrata à pátria aquele que, mais forte nas armas,
expulsou Aníbal dos confins da Ausónia⁵⁷;
e, esquecido da sua sorte, apanha conchas nas praias de Linterno
20 ou lança as redes às límpidas águas⁵⁸.
Seja como for, talvez porque à beira da morte ele assim tenha predisposto,
a verdade é que Roma lhe levou os ossos para os pátrios lares;
e ergueu a seu cidadão monumentos esculpidos
e três vezes lhe disse adeus das elegantes Esquílias⁵⁹.
Que hei-de dizer de ambos os Décios⁶⁰? Que hei-de dizer do guerreiro
25 coração
de Bruto, em cujo consulado foram expulsos os Tarquínios⁶¹?

⁵⁴ Trata-se de um filósofo e político de Ragusa, contemporâneo de Diogo Pires, autor, entre outras obras, de *Dello stato delle republiche* (Veneza, 1591), de que a Biblioteca-Geral da Universidade de Coimbra possui um exemplar.

⁵⁵ Circe.

⁵⁶ Ítaca.

⁵⁷ Públio Cornélio Cipião, o Africano. Valério Máximo (5.3.2) cita a inscrição que teria mandado gravar no seu túmulo: *Ingrata patria, ne ossa quidem mea habes*.

⁵⁸ Cipião, desgostoso de calúnias que circulavam contra si, às quais Catão não seria alheio, retirou-se para uma sua quinta, em Linterno, onde morreu.

⁵⁹ No monte Esquilino existia, desde a época republicana, uma necrópole; no tempo de Augusto, ali passou a existir igualmente um bairro de luxo. «Dizer adeus três vezes» é alusão a um rito funerário.

⁶⁰ Gaio Ménio Quinto Trajano Décio, imperador romano de 249 a 251 d.C., morreu nos pântanos de Abrito, com seu filho, atraído por Treboniano Galo, seu legado e sucessor.

⁶¹ Lúcio Juno Bruto, o primeiro cônsul de Roma (509 a.C.), que desempenhou papel fulcral na expulsão de Tarquínio, o Soberbo.

Ergue-se, salpicado ainda do sangue do rei etrusco,
 Múcio, a mão fumegante do fogo por si desprezado ⁶²;
 aquela mão, no tempo em que Júpiter guiava já então a guerra em seu favor,
 demonstrou que o reino havia de tornar-se cabeça do universo, 30
 conquanto se erguessem em construções sem arte os templos dos deuses,
 e a choupana de Remo fosse feita de canas dos pântanos,
 e uma vitela mugisse ao abandono na colina sagrada,
 e crescessem altas ervas no foro de Roma;
 lugares que matiza, agora, de pedras preciosas e ouro puro 35
 aquele luxo pouco conhecido dos antigos.
 Neoclídes ⁶³, quando o mandaram declarar guerra a Atenas,
 lançou-se sobre a espada, ele, o maior dos generais.
 Mas nem Esparta, nem a terra ática hão-de negar que em tal varão
 muitas haviam sido as virtudes, de corpo e de alma: 40
 Fortalezas arrasadas pela força, navios desbaratados em Salamina,
 tantos troféus conquistados ao longo das enseadas do Egeu,
 e mil batalhas notáveis e mil triunfos,
 tinha-os dado à pátria o amor daquele que morria.
 Também eu, que há largo tempo vagueio longe dos confins da pátria, 45
 — triste de mim, que posso eu fazer? —, amo a pátria de ânimo inso-
 [frido.
 Não desejaria eu, por vezes, recordá-la, mas impede-me
 a doce imagem que ante meus olhos se firma;
 caminhe eu por onde caminhar, tarde eu onde tardar,
 persegue-me como guarda, apega-se como companheira ⁶⁴. 50
 Se alguém aqui me disser: ‘Das bandas da pátria acaba de chegar um estran-
 [geiro’,
 a meus olhos parece ter chegado do âmago do céu.
 ‘Nasceram bem as searas? Amadureceu já a uva?
 E com a folhagem própria da estação embranquece já a oliveira?’
 Ah, sinto até vergonha! ... Mas perguntarei também se, por onde costum-
 [mava, antes, correr, 55
 passa ainda o Mondego com suas águas famosas ⁶⁵.

⁶² Gaio Múcio Cévola, durante o cerco de Roma, em 507 a.C., introduziu-se no campo inimigo para matar Porsena, o rei etrusco. Pagavam nesse momento o soldo ao exército e Cévola assassinou, por engano, o secretário, sentado ao lado do rei e com trajos semelhantes. Feito prisioneiro, afirmou ser o primeiro de trezentos jovens que tinham jurado matar Porsena, pelo que o aconselhava a levantar o cerco; corajosamente, submeteu a sua mão à prova do fogo, para garantir a verdade da afirmação. O rei, perante esta atitude corajosa, deixou-o ir e levantou o cerco (Tito Lívio, 2.12).

⁶³ Temístocles, filho de Néocles.

⁶⁴ Imagem corrente em Ovídio: a visão permanente da imagem da *Vrbs*, dos lugares que habitou, dos entes queridos, da esposa, dos amigos (por exemplo em *Tr.* 3.4b.11-14).

⁶⁵ Alusão, decerto, às já então famosas cheias do Mondego. A edição de Appenidini transcreve uma nota a este verso: *Monda, fluius Connimbricam Lusitaniae urbem prueterlabens* (‘Mondego, rio que banha Coimbra, cidade da Lusitânia’).

Tudo eu vou indagando; se acaso responde aquilo que desejo,
 ao meu espírito afluem alegrias sem conto.
 Volto atrás e recomeço: 'Viste, porventura, há pouco,
 60 as muralhas próximas das praias de Ulisses? ⁶⁶
 E aquelas em cujas voltas brinca a água de prata,
 levada em lenta corrente, obra notável do rei João?' ⁶⁷
 Enquanto nestes membros perpassar um sopro de vida,
 jamais elas de meu coração hão-de apagar-se.
 65 Elas viram o meu nascimento nas Nonas de Abril,
 expulsas já as trevas e ao despontar da luz,
 quando verdes ramos de oliveira e palmas trazidas do Oriente,
 no chão os espalha a crença sincera do povo.
 E este ano é famoso graças à grande vitória de Selim
 70 na ruína do nobre império paretónio ⁶⁸.
 Mas para mim, acrescida já de dois invernos que se esvaem,
 conta a Élide duas vezes seis Olimpíadas ⁶⁹.»

O tempo foi passando, inexorável. Vai já longa a vida, de quase oitenta anos ⁷⁰. Resta-lhe, apenas, aguardar a morte que em breve virá libertá-lo;

⁶⁶ A edição de Appendini apõe, neste passo, o seguinte escólio: *Eboram, poetae patriam, innuit, in quam Ioannes rex aquam a colore argenteam dictam aetate nostra deduxit* ('alude a Évora, pátria do poeta, para onde o rei João levou água que nos nossos tempos se diz ser de prata'). Ora, a posição desta nota (junto de *moenia*), atribui a Diogo Pires uma confusão pouco normal — situar Évora junto ao mar. Mesmo tendo em conta a tenra idade do poeta quando saiu de Portugal, tal confusão é pouco verosímil. Mais natural será a interpretação que a tradução deixa transparecer, isto é, de que o poeta se reporta a dois lugares diferentes.

⁶⁷ O famoso aqueduto de Évora que ainda hoje podemos admirar, obra do rei D. João III. Compare-se esta menção com a de Camões (*Lus.* 3.63.1-6):

*Eis a nobre cidade, certo assento
 do rebelde Sertório, antigamente,
 onde ora as águas nítidas de argento
 vem sustentar de longe a terra e gente,
 pelos arcos reaes que cento e cento
 nos ares se alevantam nobremente.*

⁶⁸ Vd. supra, p. 13.

⁶⁹ Aparentemente, o poema será, pois, datável de 1579 (1517 + 62, contando à maneira latina, isto é, o *terminus a quo* e o *terminus ad quem*). A. C. RAMALHO (1988, pp. 127-128, n. 6), no entanto, sugere outra interpretação e faz a contagem por períodos sucessivos de quatro anos, o que leva à data de 1567; de facto, diz, se aceitássemos 1579, seria de estranhar a omissão do desastre de Alcácer-Quibir, em 1578, que tanto marcou, como veremos, o nosso poeta.

⁷⁰ A elegia *De exilio suo* (*Eleg.* 3.10) foi publicada, primeiro, na antologia de U. APPENDINI e, mais tarde, por CHERSA, pp. 3-6; também eu a editei recentemente, com

espera-a com resignação e, mesmo, com o desejo de quem sabe residir no suspiro final o repouso e alívio que a vida lhe não concedeu.

Assim escreve na elegia que propositadamente dedicou ao tema do exílio, construída, verso a verso, com a sua própria experiência.

Pouco lhe falta, decerto, para o termo dos infelizes anos. E a procura angustiada de uma ponta, ao menos, de esperança é pergunta que se queda sem resposta.

Lugares e cidades que se lhe tornaram familiares rodeiam-no. Mas aquela por que sempre ansiou, a Évora que o viu nascer, essa continua e continuará perdida na distância. Como Ovídio, reconhece agora que mais sorte teve Ulisses, a quem foi dado rever Ítaca, Penélope e os velhos companheiros.

Porquê tal sorte cruel, se jamais traiu a pátria? Apenas porque guardou fidelidade ao culto dos antepassados?

Dá, então, largas ao ódio contra os Reis Católicos: Fernando que, em traição ao próprio sangue ⁷¹, se lançou, voraz, sobre as riquezas dos Hebreus; Isabel, que uma chama avassaladora empunhou por terras de Espanha. A ambos, os deuses os castigaram; levaram-lhes, primeiro, o herdeiro, depois o genro, acometeram a filha de súbita loucura. É a única consolação que resta ao povo que foi vítima das suas chacinas, o único remédio que o poeta encontra para os males sofridos ⁷².

São já raros os fios que lhe tecem ainda as Parcas. De um dia para o outro poderá surgir o corte fatal. Nesse momento supremo encontrará também o procurado alívio; com a morte será, enfim, resgatada a liberdade.

versão portuguesa (C. A. ANDRÉ, 1983, pp. 84-89). O catálogo da Biblioteca Nacional de Florença refere a existência ali de uma outra edição do séc. XIX, de 1884, impressa em Pisa, com tradução italiana de Salvatore de Benedetti, que não pude consultar, devido ao péssimo estado em que se encontraria. Estaremos, pois, em 1595, atendendo aos vv. 23-24, onde se diz que o exílio durou já «duas vezes seis olimpíadas» (contando, uma vez mais, o *terminus a quo* e o *terminus ad quem*). A. C. RAMALHO considera o poema «vigoroso demais» para a avançada idade de 78 anos (1988, p. 138). Mas a verdade é que o poeta fala da aproximação da morte (vv. 73-74).

⁷¹ O poeta aceita uma genealogia corrente na época, sobretudo entre comunidades judaicas, que fazia D. Fernando descendente de uma judia, de nome Paloma, sua bisavó. Historiadores modernos, porém, consideram essa afirmação destituída de qualquer fundamento (WALSH, p. 259).

⁷² Refira-se que D. Isabel faleceu em 1504 e D. Fernando em 1516, ambos antes do nascimento do poeta. Mas Diogo Pires não esquece que a eles se ficou a dever o furor inquisitorial que grassava na Península. Assim pensavam também os restantes judeus, como pode ver-se, por exemplo, na *Consolaçam as tribulaçoens de Israel*, de Samuel Usque.

Assim a serenidade que se desprende dos últimos versos é filha da impotência do poeta ante uma sorte inexorável.

A pouco aspira na hora derradeira: que no pequeno cemitério junto ao mar ⁷³ mão amiga lhe cubra os ossos com ligeira camada de pó, em túmulo simples, com breve epitáfio por si mesmo composto ⁷⁴:

*DE EXSILIO SVO
SCRIPSIT NOVAE OPPIDO DALMATIAE,
HISPANICA CLADE NOBILISSIMO ⁷⁵*

*Ergo mihi exsilium longum et crudele ferendum?
Nec reditus spes est ulla relicta mei?
Et quod adhuc superest aevi infelicis, id omne
ducendum in gelidae rupibus Illyriae,
5 qua male ad Hadriacas pugnavit Cantaber undas,
et iacet arx fuis strata cadaueribus,
quaque sub umbrosi decurrens uertice montis
labitur exiguo murmure Nemilius?
Dextra Epidaurus inest quaeque illius aucta ruinis
10 creuit et est Blasi tuta patrocínio;
laeua quoque aerias ostentat Rizanus arces,
et Venetis fidum patribus Ascriuium.
Nec procul, infelix Epiri terminus agri,
erigitur muris Butua semirutis.
15 At procul et longo terrarum dissita tractu, ⁷⁶
est Eborae; heu, puero cognita terra mihi!
Salve, terra mei natalis conscia, salve,
non oculis posthac terra uidenda meis!
Troia decem totidemque hiemes absumpserat error;
20 uix Ithacum spes est posse redire duces;
ille redit tamen et ueteres agnoscit amicos;
Penelope fruitur iam seniore uiro.
Me Fortuna tenax terris dum iactat et undis,
enumerat bis sex Elis Olympiadas.*

⁷³ Decerto o cemitério da comunidade judaica local.

⁷⁴ Motivo colhido em Ovídio, *Tr.* 3.3.73-76.

⁷⁵ *Eleg.* 3.10.

⁷⁶ O pleonasma *procul et longo...* diverge do modelo ovidiano *at longe patria est* (*Tr.* 3.46.7).

<i>Et cum temporibus crescunt mea damna ferendo.</i>	25
<i>Et quis erit cui non dulcius ante mori?</i>	
<i>Num mea longaeuos pulsauit dextra parentes?</i>	
<i>Impia num patriis intulit arma focus?</i>	
<i>Num feror abiectis impurus turpiter armis</i>	
<i>miles et antiquae transfuga militiae?</i>	30
<i>An quia solemnnes ritus et auita meorum</i>	
<i>sacra colo, patriis finibus exsul agor?</i>	
<i>Et uidet hoc superum Rector nec fulmina torquet?</i>	
<i>Multus ab aetheria nec cadit arce lapis?</i>	
<i>Ferdinande senex, ut te crudelis Erinys</i>	35
<i>uexet, ut infelix appetat ora canis!</i>	
<i>Nec melior sors sit periurae coniugis, opto:</i>	
<i>degener infernos incolat umbra lacus.</i>	
<i>At male compositos cineres atque ossa reuulsa</i>	
<i>uictor in Oceani delet Afer aqua.</i>	40
<i>Non iniusta precor. Nostris ex ossibus alter</i>	
<i>editus in nostras saeuit hostis opes;</i>	
<i>altera (proh dirum facinus) Phlegetontis ab unda</i>	
<i>extulit ardentem quarta Megaera facem.</i>	
<i>Horruit infelix uenientem Corduba pestem,</i>	45
<i>Baetis et auersas territus egit aquas.</i>	
<i>Nec compressa loco flamma est: uolat illa per auras,</i>	
<i>qualis ab Ortygia missa sagitta manu.</i>	
<i>Qua nouus exoritur Titan, qua conditur undis,</i>	
<i>nullus ab iniecto non calet igne locus.</i>	50
<i>Ah, quoties gremio nata est abducta parentis!</i>	
<i>Ah, quoties natam est ipsa secuta parens!</i>	
<i>Non secus obscura deserta in ualle iuuenca</i>	
<i>mugit et ante aras non secus agna cadit.</i>	
<i>Sera quidem, uerum inuenit sua poena nocentem,</i>	55
<i>mouit et ultores iustior ira deos.</i>	
<i>Omnis ab alterius damno culpanda uoluptas,</i>	
<i>grata tamen uictis hostibus illa uenit.</i>	
<i>Ecce iacet magnus sceptri successor auiti;</i>	
<i>tot spes, tot curas abstulit una dies.</i>	60
<i>It nato comes erepto maestissima mater,</i>	
<i>et bibit accitus pocula dira gener.</i>	

At nata, infelix nata, et mala credita patri,
 luget et attonita mente repente cadit.
 65 Illa parens regum nuper regina duorum,
 illa potens nato Caesare mente furit.
 Non secus Ogygiis late bacchatur in antris
 thyas et ingeminans 'Euoeh' sinistra quatit.
 70 Pone modum lacrimis et tandem siste querelas,
 Corduba: tot poenis uix satis una domus.
 Ipse quoque indignos casus solabor, et una
 forsitan erit nostris haec medicina malis.
 Quod si rara manu ducunt iam fila sorores,
 et mihi supremi meta laboris adest,
 75 ipsi me montes morientem scilicet, ipsa
 oblita ab Hispano saxa cruore iuent.
 Quidquid erit, Manes descendam liber ad imos;
 stet mihi libertas morte redempta mea.
 Diis inuise Meli, et Melio mage saeue Paredes,
 80 nihil uobis in me iam modo iuris erit.
 Excurrit pelago sensim porrecta crepido
 et breuis aequoreis tunditur isthmos aquis.
 Sparge rosam et uiolas plenisque effunde canistris
 lilia: dis sacer est Manibus ille locus.
 85 Lysiadum cineres defunctaque corpora uita
 parcius iniecto puluere celat humus.
 Si qua fides dictis, circum loca sacra feruntur
 uisa diu medio numina lapsa polo;
 incertum quid agant, sed dicunt carmina certe
 90 grata Ioui; et propter uisitur ara breuis.
 Hic mea nec ferro nigra neque tacta fauilla
 ossa uelim placide condat amica manus;
 neue mei fuerit moles operosa sepulcri,
 at breuis in summo marmore uersus eat:
 95 'Didacus hic situs est, Eboram procul urbe domoque.
 Non licuit patrio condere membra solo.
 At tu, siue legis portum seu litore funem
 diripis, aeternum, nauta, precare uale!' ⁷⁷

⁷⁷ Vd. Catulo, 101.9-10: *Accipe fraterno multum manantia fletu, | atque in perpetuum, frater, aue atque uale!*

«DO SEU EXÍLIO
ESCRITO EM NOVA, CIDADE DA DALMÁCIA,⁷⁸
ASSAZ FAMOSA PELA DERROTA DOS ESPANHÓIS⁷⁹

Então um exílio longo e cruel, devo eu suportá-lo?
E de regresso nenhuma esperança me resta?
E o que sobra ainda de uma vida infeliz, tudo isso
eu devo passar nas penedias da gélida Ilíria⁸⁰,
por onde Cântabro⁸¹ desastrosamente combateu junto às águas adriáticas, 5
e uma cidadela jaz, coberta de cadáveres dispersos,
lá onde, no cume de monte sombrio,
escorre, com débil murmúrio, o Nemílio⁸²?
À direita fica Epidauro⁸³ e aquela que, acrescida das suas ruínas,
cresceu e está sob a firme tutela de Brás⁸⁴; 10
à esquerda, também Rizano⁸⁵ ostenta as excelsas muralhas,
e, confiada nos senadores de Veneza, Ascrívio⁸⁶.
Não muito longe, termo infeliz do campo do Epiro,
ergue-se Bútua⁸⁷, de muralhas meio destruídas⁸⁸.
Mas bem longe, e separada por larga extensão de terra, 15
está Évora; oh, terra conhecida da minha infância!
Salve, terra, memória de meu nascimento! Salve,
terra que meus olhos não mais hão-de ver!

⁷⁸ Actual cidade de Herceg-Noví, ou «Castelo Novo», perto de Dubrovnik.

⁷⁹ Derrota sofrida pelos Espanhóis em Herceg-Noví, em Julho de 1539. Depois de deixar escapar os Turcos em Prevesa, a Santa Liga escolheu Herceg-Noví para os vencer. Mas a aliança cristã tinha os dias contados e caminhava para a ruptura. Veneza preferia a paz, Fernando Gonzaga, vice-rei da Sicília, optou pela não intervenção. Os Espanhóis, capitaneados por Francisco Sarmiento, ficaram entregues à sua sorte, e os Turcos levaram a cabo um autêntico holocausto.

⁸⁰ Os contornos da Ilíria, no noroeste da Croácia, onde se inclui a Dalmácia, variaram ao longo dos séculos.

⁸¹ O povo espanhol.

⁸² Um escólio identifica Nemílio — fonte nos arredores de Herceg-Noví.

⁸³ Outrora colónia romana e antes fundada pelos Gregos (VII a.C.), passou a denominar-se Zaptata (segundo o escólio ao texto) e corresponde à actual Cavtat.

⁸⁴ Alusão a Ragusa.

⁸⁵ Um escólio diz tratar-se de uma cidade nas vizinhanças de Herceg-Noví.

⁸⁶ Ascrívio, no século XVI conhecida por Cataro, «cidade episcopal» (escólio ad loc.), é a actual Kotor.

⁸⁷ O Epiro confina, *grosso modo*, com a Ilíria. Bútua, perto de Kotor, tem hoje o nome de Bvdva.

⁸⁸ A descrição geográfica dos arredores, com nomes que seriam estranhos e, mesmo, exóticos para a maioria dos destinatários virtuais, obedece a um modelo ovidiano (*Tr.* 2. 189 sqq.).

- Tróia lhe consumira dez invernos e outros tantos o vaguear;
 20 pouca esperança havia de que pudesse regressar o chefe ítaco;
 mas regressa e encontra os amigos de outrora;
 Penélope desfruta do seu marido, embora mais idoso.
 A mim, enquanto a Fortuna encarniçada me acossa por terra e por mar,
 conta com a Élide duas vezes seis olimpíadas.
 25 E com os anos crescem os tormentos que devo suportar.
 E quem haverá que não considere mais doce morrer?
 Acaso agrediu a minha mão os idosos pais?
 Acaso levantou ímpias armas contra os pátrios lares?
 Acaso ando por aí aos baldões, depois de abandonar vergonhosamente as
 [armas,
 30 qual soldado infame e desertor do antigo exército?
 Ou só porque celebro os solenes rituais e as cerimónias sagradas
 de meus maiores, é que vagueio longe da terra pátria, no exílio?
 E vê tudo isto o supremo governante⁸⁹ e não lança o seu raio?
 E dos baluartes do céu não cai uma saraivada de pedras?
 35 Ó velho Fernando⁹⁰, que, a ti, a cruel Erinis
 te persiga, que te morda o rosto o sinistro cão!⁹¹
 E melhor não seja a sorte da esposa perjura⁹², é o meu desejo:
 que a sua sombra vil povoe os pântanos do inferno!
 E que as suas cinzas dispersas, os seus ossos revoltos,
 40 o Afro vitorioso os dissolva na água do Oceano.
 Não é injusta a minha imprecação. Ele, vindo de nosso sangue⁹³,
 como inimigo se encarniçou contra nossas riquezas;
 ela (oh, crime horrendo!), das águas do Flegetonte
 arrancou, como quarta Megera, uma tocha ardente.

⁸⁹ Deus.

⁹⁰ Fernando, o Católico.

⁹¹ Cérbero, o cão dos Infernos.

⁹² Isabel, a Católica. A qualificação de perjura é esclarecida em escólio: *Haec cum sub Henrico rege fratre miserrime uitam duceret, Abrahamo Secobiensi Hebraeo ditissimo, cuius liberalitate alebatur, saepe numero iurabat se, aliquando melior aspiraret fortuna, Hebraeorum partes enixe defensuram. Quas postea regina miserabiliter attriuit, mulier nequissima et periura.* ('Esta, levando uma vida de pobreza no reinado do seu irmão Henrique, jurava vezes sem conta a Abraão de Segóvia, hebreu de muita riqueza, de cuja liberalidade se sustentava, que, se um dia melhor ventura a bafejasse, havia de defender com denodo a causa dos Hebreus; e, depois de ser rainha, veio a esmagá-la miseravelmente, mulher de suma ruindade e perjura.')

⁹³ Novo escólio esclarece este passo: *Idem Ferdinandus, res in hunc modum habet: Fridericus regius adulescens ex Paloma Hebraea oris suavissimi Alphonsum suscepit. Alphonsus Friderici pater fuit, a quo Ioanna, Ferdinandi mater.* ('Em relação ao mesmo Fernando, as coisas contam-se desta forma: Frederico, de régia estirpe, na adolescência, gerou Afonso de Paloma, hebreia com rosto de uma doçura sem par. Afonso foi pai de Frederico, do qual nasceu Joana, mãe de Fernando.')

Vd. supra, n. 71.

Horrорizou-se a infeliz Córdova diante da peste que lhe chegava ⁹⁴, 45
 e o Bétis, aterrado, inverteu a corrente ⁹⁵.
 Nem aí a chama quedou sufocada: voa pelos ares,
 qual seta desferida por mão ortígia ⁹⁶.
 Por onde desponta, ao nascer, o Titã ⁹⁷, por onde se esconde nas águas,
 nenhum lugar há que se não incendeie no fogo ateado. 50
 Ah, quantas vezes a filha foi arrebatada ao regaço da mãe!
 Ah, quantas vezes à filha a própria mãe seguiu!
 Não de outro modo, abandonada no vale sombrio, a vitela
 muge; não de outro modo, frente ao altar, a cordeira cai.
 Tarde, é certo, mas o castigo merecido acaba por atingir o criminoso; 55
 e uma ira justa move os deuses da vingança.
 Todo o prazer que sai do dano de outro é condenável;
 este, porém, nascido da derrota do inimigo, vem com agrado.
 Eis que jaz morto o grande herdeiro do ceptro de seus avós ⁹⁸:
 tantas esperanças, tantos cuidados, arrebatou-os um só dia. 60
 Parte, em companhia do filho que lhe foi arrebatado, a mãe desolada ⁹⁹;
 e, mandado chamar, terrível veneno o genro toma ¹⁰⁰.

⁹⁴ Em 1473, quando do massacre de Córdova, reinava ainda em Espanha Henrique IV; só em 1476 os Reis Católicos subiram ao trono. É de supor que o choque provocado por tal chacina entre os Judeus em diáspora tivesse já ganhado os contornos de um símbolo e se esbatassem os pormenores de datação. Além do mais, tal imprecisão cronológica não é relevante em texto de natureza poética.

⁹⁵ Vd. *Lusíadas*, 4.28.1-4:

*Deu sinal a trombeta castelhana,
 horrendo, fero, ingente e temeroso;
 ouviu-o o monte Artabro, e Guadiana
 atrás tornou as ondas de medroso.*

Ambos os passos têm origem na *Eneida*, 8.239-240:

*Impulsu quo maximus intonat aether,
 dissultant ripae refluitque exterritus amnis.*

⁹⁶ Designação corrente da ilha de Delos, um dos lugares onde se prestava culto a Diana, deusa da caça, hábil no manejo do arco.

⁹⁷ O Sol.

⁹⁸ O infante D. João, filho dos Reis Católicos e sua esperança de manter a união das coroas de Castela e Aragão, morreu a 4 de Outubro de 1497, com 19 anos, logo depois do casamento e sem ter chegado a ocupar o trono.

⁹⁹ Isabel morreu a 26 de Novembro de 1504, deixando a sucessão ao neto, futuro Carlos V, e a regência ao marido.

¹⁰⁰ Filipe, o Formoso, arquiduque de Áustria, casado com Joana, a Louca, filha dos Reis Católicos, e com ela herdeiro do trono. A luta que travou com o sogro pela coroa de Castela, acrescida da longa ausência na Flandres, durante a qual a esposa ficara sozinha em Espanha, tornaram-no personagem polémica, querido por uns e odiado por outros. Por isso, talvez, levantou-se a hipótese de envenenamento, aqui dada como certa, mas

- E a filha, pobre filha e, para sua desgraça, confiada no pai,
deixa-se abater pelo luto e cai em súbita loucura ¹⁰¹.
- 65 Ela, há bem pouco rainha e mãe de dois reis ¹⁰²,
ela, poderosa graças ao César, seu filho ¹⁰³, enlouquece.
Não de outro modo, dá largas ao delírio, nas grutas ogíguas ¹⁰⁴,
a bacante ¹⁰⁵, e aos gritos repetidos de 'Evoé!' agita os sistros.
- 70 Põe termo às lágrimas e suspende, enfim, teus lamentos,
Córdova! A tantos castigos, a custo sobrevive uma casa!
Também eu hei-de consolar-me das desgraças que não mereci,
e esse será, talvez, o único remédio de meus males.
E se raros são já os fios que tecem as <três> irmãs ¹⁰⁶,
e a meta do supremo esforço a mim se achega,
- 75 pois bem: os próprios montes me agradem ao morrer, as próprias
penedias, manchadas do sangue hispânico, me agradem.
Seja como for, descerei livre aos Manes profundos:
que me reste a liberdade, resgatada com a minha morte.
Tu, odioso aos deuses, ó Melo, e tu, mais cruel do que Melo, ó Paredes ¹⁰⁷,
80 não mais haveis de ter sobre mim qualquer direito.
Ergue-se do mar, avançando, pouco a pouco, um rochedo saliente,
e um pequeno istmo é batido pelas águas marinhas ¹⁰⁸.

jamais historicamente comprovada. PULGAR (p. 358) afirma que o falecimento ocorreu em circunstâncias inequívocas e com testemunhas presenciais, pelo que exclui aquela possibilidade. A morte aos 28 anos, em 25 de Setembro de 1506, pôs termo a uma luta encarniçada para atingir a realeza, de que apenas gozou por três escassos meses.

¹⁰¹ Joana, a Louca, deu bem cedo sinais de perturbações psíquicas, que se foram agravando em resultado do desprezo a que o marido a votava e que atingiram o auge com a sua morte: levou o cadáver para a sua câmara, vestiu-o ricamente e, com ciúmes, impedia a aproximação de quem quer que fosse. Tinha ouvido uma lenda de um rei que voltara à vida catorze anos após o falecimento; e manteve-se de olhos postos no cadáver do marido, à espera de que a todo o momento isso lhe acontecesse também. Nem sequer permitia a entrada das aias; e, quando chegou a hora do parto, pois estava grávida, deu à luz a princesa Catarina sem qualquer ajuda, uma vez que recusara, até, a entrada de uma velha parteira, escolhida expressamente para o efeito (PRESCOTT, *Charles the Fifth*, p. 162).

¹⁰² Carlos V e Fernando I.

¹⁰³ Carlos V.

¹⁰⁴ Ogígia: Tebas, terra de Baco.

¹⁰⁵ O texto latino tem *Thyas*, nome de cultora de Baco.

¹⁰⁶ As Parcas.

¹⁰⁷ João de Melo foi inquisidor-mor de Lisboa; KAYSERLING apelida-o de «o mais implacável inimigo da raça hebreia» (p. 205), e HERCULANO «a alma do tribunal de Lisboa» (p. 148). Quanto a Pedro Álvares Paredes, dirigia a Inquisição em Évora; é citado por Francisco Leitão Ferreira no processo de Diogo de Teive (vol. III, pp. 144-146).

¹⁰⁸ O escólio (*Hebraeorum tumulus in litore Nouae*), indica tratar-se do cemitério judeu em Herceg-Noví. Talvez por isso se julgou durante muito tempo que o poeta ali veio a falecer, hipótese que hoje se rejeita, como atrás se disse.

Espalha rosas e violetas e, dos açafates repletos,
 lírios! Aos deuses Manes é consagrado aquele lugar.
 Cinzas de Lusíadas e corpos dos que deixaram a vida, 85
 sob ligeira camada de pó os esconde a terra.
 Se há verdade no que dizem, em volta dos lugares sagrados conta-se
 que largo tempo se vêem nubes descidos do meio do céu;
 não é certo o que fazem; mas dizem que os cantos, decerto,
 são gratos a Júpiter; e ali perto pode ver-se um pequeno altar. 90
 Aqui, não tocados do ferro nem do negror das cinzas,
 os meus ossos gostaria eu que em paz os guardasse mão amiga.
 E que não seja trabalhosa a construção de meu túmulo,
 mas corra, no alto do mármore, um breve poema:
 ‘Diogo aqui jaz, longe da cidade de Évora e de sua casa.
 Não lhe foi consentido guardar os membros em solo pátrio.
 Mas tu, quer recolhas ao porto, quer da praia levantes amarras,
 dirige-lhe, para sempre, ó marinheiro, um adeus!’

É o último desejo que formula, passadas seis longas décadas incapazes de lhe arrefecerem o amor pela pátria já tão longínqua no tempo e no espaço: que quatro breves versos corram em campã rasa, a lembrar ao marinheiro que as amarras levanta da praia o seu nome e o da cidade onde lhe não foi permitido sequer guardar os membros que a morte paralisou.

Lugar-comum? É possível. Mas a saudação de quem deixa o porto ou de quem a ele acosta afirma também a presença duradora do poeta no local onde tantas vezes esperou notícias da pátria longínqua.

Talvez o navegante, sulcando o mar, leve na memória os dois nomes que leu ali. Assim a morte juntará, finalmente, Évora e Diogo, em derradeira viagem pelo oceano.

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO III

PORTUGAL: VOZES LONGÍNQUAS QUE SE NÃO CALAM

*Ipse quoque a patriis iamdudum finibus errans,
(heu, quid agam?) patriam non patienter amo.
Illius interdum nollem meminisse, sed obstat
quae sedet ante oculos dulcis imago meos;
quacumque ingredior, lentus quacumque resedi,
insequitur custos, haeret et illa comes.*

(Eleg. 1.7.45-50)

Bem cedo, como vimos, o poeta foi obrigado a afastar-se de Portugal. Primeiro para perto, onde as notícias chegavam assíduas; depois para longe, cada vez mais longe; aí, apenas ecos difusos na distância conseguiam fazer-se ouvir.

Talvez por isso mesmo, os Portugueses de então pouco falaram dele. E os de hoje seguiram-lhes, de certo modo, o exemplo. Alguma razão é forçoso reconhecer a Tommaso Chersa, quando afirma que «nulla possono dire di lui i suoi conterranei, tra i quali egli poco altro fece che nascere»¹.

O inverso, porém, já não é verdade. O poeta não se cansa de falar da pátria. Tudo lhe lembra a terra onde nasceu. As alusões são constantes:

Recorre a reminiscências do passado, a lembranças do tempo de criança vivido em Portugal, para falar, por exemplo, de conselhos então ouvidos da boca do pai ou do avô:

*BONI NOMINIS MAXIMA IACTURA*²

*Cum Lusitanis agerem puer otia terris,
saepe pater (memini), saepe monebat auus:*

¹ P. 1.

² *Cato Minor*, p. 106.

*'Ferre decet quaecumque uenit iactura peculi;
at iactura boni nominis, illa premit.'*

«A MAIS ALTA PERDA É A DO BOM NOME

No tempo em que, ainda criança, ocupava eu os meus ócios por terras
[lusitanas,
muitas vezes o meu pai, bem me lembro, muitas vezes o meu avô me
[advertiam:

'Forçoso é suportar toda a perda que nos advém, se de riqueza;
mas a perda do bom nome, essa arrasa'».

Umás vezes, vêm-lhe à memória e à pena os lugares outrora percorridos, as cidades, os rios, o clima; outras empenha-se em cantar os homens do seu país, reis, poetas, heróis, os feitos que a pátria engrandeceram e lhe deram lugar de relevo no mundo do seu tempo.

É como poeta, no entanto, que escreve, não como historiador, mesmo nos momentos em que, em escólio, pretende esclarecer os factos mencionados nos versos. As notícias de que se faz eco raramente são precisas, muitas vezes é falseada a verdade histórica e raros são os casos em que é possível determinar a fonte das informações.

Episódios de outrora, a que alude, faziam parte da tradição oral; ele mesmo afirma, acerca de um deles, tê-lo ouvido aos antigos: *referam, quod puer a maioribus natu accepi*³; em outro ponto atribui a notícia a homens «dignos da maior fé»: *audiui ego de uiris fide dignissimis*⁴; ou deixa no anónimo os autores da notícia: *non desunt qui affirmant*⁵, *ea in hunc modum habet*⁶.

Chega a citar o nome da sua fonte: um tal Heitor Tavares, em Lovaina, narrou-lhe factos do reinado de D. Sancho II. A informação, porém, pouco adianta, neste caso, atendendo a que a personagem é totalmente desconhecida.

Mesmo no tocante a acontecimentos mais recentes ou até contemporâneos, basta-lhe ter ouvido dizer para logo registar a notícia em verso ou prosa: *nuntius attulit*, escreve, a propósito do estado do país depois de Alcácer-Quibir⁷; vago, talvez, mas é quanto basta para chorar com amargura

³ «Conto-o, por o ter ouvido em criança aos mais velhos» (do escólio ao dístico dedicado a D. Duarte, adiante transcrito).

⁴ Da carta a Paulo Jóvio.

⁵ *Ibidem*.

⁶ Do «Argumentum» à *Eleg.* 2,8, adiante transcrita (p. 140-144).

⁷ *Aliud in eumdem*, da série de epítáfios a D. Sebastião (vd. adiante, p. 153).

a situação, pintada com cores sombrias. *Vt audio*, diz em outro lugar, para dar conta de um facto de que não há qualquer comprovação histórica⁸; e sobre as campanhas no norte de África, no reinado de D. João III, toma por fonte um tal Luís Neamias, que nelas terá participado, mas de quem se não possuem elementos de identificação.

Acrescente-se, finalmente, que palavras ou expressões como *dicitur*, *trahitur*, *dicuntur*, *constat*, *sunt qui tradant* ou *memoratur* são frequentes no relato de pormenores referentes a Portugal.

Certo é que também alude, diversas vezes, a fontes escritas; mas sente-se que não tem por objectivo dar conteúdo histórico aos seus versos. Num caso apenas, mas em prosa, parece preocupar-se com o rigor — a carta a Paulo Jóvio; aí mesmo, porém, abundam expressões de incerteza do tipo das acima citadas.

Ao dar assim crédito à voz corrente, ao boato, outra intenção não tem que reviver, da única forma de que dispõe — a poesia —, o seu Portugal distante.

Nessas vozes vindas de longe, por difusas que se lhe apresentem, modera a dor do seu desterro. Como tal, e apenas como tal, as podemos apreciar. Não é lícito, pois, tirar abusivas ilações de alcance histórico de textos que só muito raramente pretenderão tê-lo; e, mesmo assim, com as limitações que das próprias palavras do poeta decorrem.

1. Cidades e lugares

Nas margens do Mar Negro cantava Ovídio com nostalgia Roma, a cidade que dera vida aos seus primeiros versos e cuja falta se lhe vovera em tormento dificilmente suportável. Ali vivera os melhores anos; ali tinha os amigos, os bens, a esposa; ali ficara o passado, o mesmo é dizer uma parte considerável de si próprio.

Menos anos viveu Diogo Pires em Portugal. Na hipótese, bastante plausível, de ter frequentado Salamanca antes do início do exílio, em 1535, pouco mais de uma dúzia de anos terá durado a sua estadia em terras portuguesas. O tempo suficiente, no entanto, para a elas se afeiçoar. Lugares há que jamais lhe saíram da lembrança, por muitos que fossem os anos volvidos desde a forçada partida. Dificil será dizer se, em tão tenra idade, a todos conheceu directamente; nem é isso o mais importante. Antes importa

⁸ Carta a Paulo Jóvio.

realçar a força dos laços que a eles o ligam, o carinho com que ao longo dos versos os recorda.

No *Cato Minor* dedica vários dísticos, subordinados ao título genérico de *Vrbium nomina*, às cidades da Península, portuguesas e espanholas.

Lisboa encima a lista, a todas superior⁹:

OLYSIPPO SIVE LISIBONNA

*De me multa uelis si dicere, multa supersint;
et satis ut dicas: hic Lysibonna fuit.*

«LISBOA

De mim, por muito que queiras dizer, muito restará <por dizer>;
mas é bastante que digas: aqui foi Lisboa».

A capital merecera já a sua atenção em 1547, quando das censuras ao autor dos *Elogia*. Ali dizia que por ela deve começar a descrição de Portugal, pois a ela cabem as honras de ser a primeira entre as cidades hispânicas. E lembra, a propósito, as palavras de louvor que a seu respeito pronunciara André de Resende na *Oratio pro rostris* proferida em Lisboa na abertura do ano lectivo, em 1 de Outubro de 1534¹⁰:

De Lusitania itaque scripturus merito ab Olysippone urbe ista incipiendum arbitror, quam urbem clarissimam omnium Hispanicarum esse publico consensu omnes Hispaniae populi fatentur. Multa de eius urbis laudibus scripta sunt a Rhesendio in ea oratione, qua publice bonas artes anno abhinc XIII laudatur, exstaque ea oratio formis excussa¹¹.

É Évora, todavia, que mais lembranças lhe desperta e que mais viva lhe está na memória. Não seguiu neste aspecto a lição de Ovídio, cujas

⁹ *Cato Minor*, p. 77. Os dísticos citados nas páginas seguintes provêm todos desta obra, onde figuram nas pp. 77 a 79.

¹⁰ O louvor da cidade é traçado já na parte final da *Oratio*. André de Resende enumera os triunfos a que está ligado o nome de Lisboa e demora-se um pouco no seu suposto étimo. (Oração reeditada há alguns anos, com introdução de A. Moreira de Sá e versão portuguesa de Miguel Pinto de Meneses: Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1956).

¹¹ Vd. tradução e texto completo da carta 159-174.

obras parecem denotar um certo menosprezo por Sulmona, embora sem a renegar, pois o autor dos *Tristia* reconhece ser Roma a sua pátria de eleição ¹². Pelo contrário, Diogo Pires é incapaz de esquecer a terra natal. Mesmo impedido de ali voltar, não é menor a dedicação que lhe tem; e, ao dar-lhe o segundo lugar, logo a seguir a Lisboa, nos *Vrbium nomina*, confessa amá-la «mais que aos próprios olhos»:

EBORA

*Haec Ebora est, uates ornat quam Flavius urbem,
et plus oculis diligit ille suis.*

«ÉVORA

Esta é Évora, cidade que o poeta Flávio ornamenta,
e que mais que a seus próprios olhos ele ama.»

Evoca-a, ainda, nos versos que dedicou a Cipião Luccari, já citados ¹³; vêm-lhe à mente os feitos de Viriato, alcançados nas campinas onde nasceram os antepassados do poeta e ele próprio.

Uma imagem parece, em especial, maravilhá-lo: o aqueduto, que então se erguia deslumbrante na planície eborense e cujo aspecto majestoso ainda hoje nos é dado observar. Não o conheceu depois de concluído, pois a primeira água somente em 28 de Março de 1537 circulou nos canos até à fonte da Praça Grande ¹⁴. D. João III o mandara construir durante a juventude do poeta; e, mesmo sem o ter visto pronto, é uma das obras deste reinado que mais admira e que, por isso, jamais morrerá enquanto houver poetas e poesia. Chamavam-lhe na época «aqueduto da água de prata», nome que conservou até aos nossos dias, e é mais pura que a prata» que pinta a água a circular pelos seus «tectos de oiro»:

*At quae cura prior regi, quaeque una uoluptas
exstitit, occultis lymphæ reperta uadis;*

¹² FRÉCAUT, pp. 336-339.

¹³ Vd. *supra*, p. 35.

¹⁴ Vd. ESPANCA, 19. Este trabalho de Túlio Espanca, um dos mais notáveis estudiosos da história eborense, é a melhor síntese sobre a construção do Aqueduto da Água de Prata, em relação ao qual, no século XVI e não só, muitos relatos fantasiosos foram já produzidos.

*illa per et muros Eborae perque aurea tecta
ludit et argento purior unda salit.
Donec erunt uates fecundaque carmina uatum,
Iane, tuum uiuet nomen et illud opus*¹⁵.

«Mas o cuidado que foi mais importante para o rei, que foi o seu único prazer, foi a água buscada em depósitos ocultos. Ela brinca ao longo das muralhas de Évora e dos tectos doirados e a água saltita mais pura do que a prata. Enquanto houver poetas e cantos fecundos de poetas, ó João, há-de viver o teu nome e aquela obra.»

O tema já merecera igual destaque no «argumentum» anteposto a esta elegia:

Pulcherrimum uero illius operum argentea aqua (ita nam a colore dicta est) in patriam meam Eboram deducta fuit. Excitauit illud erudita Lusitania ingenia et laudatum est Graecis Latinisque carminibus. Inter quae Siluii Cardinalis elegia criticorum consensu primam laudem meruit.

«Mas a mais bela das suas obras foi a água de prata (pois tal é a cor que lhe atribuem), trazida para a minha cidade de Évora. Ela fez despertar finos engenhos na Lusitânia e foi enaltecida em versos gregos e latinos; entre eles, uma elegia do cardeal da Silva mereceu, por consenso dos críticos, a suma distinção.»

Em outros poemas, como vimos já, se repetem palavras de teor semelhante, dedicadas ao belo aqueduto.

Coimbra, entretanto, é a terceira na lista de cidades hispânicas; proclama-lhe a grandeza, maior que a de Lérída, possuidora também de antiga e prestigiada universidade, e di-la, mesmo, rival de Paris:

CONNIMBRICA

*Absit ut exiguae Connimbrica cedat Ilerdae;
surgit enim magnis aemula Parrhisiis.*

«COIMBRA

Não queiram os deuses que Coimbra ceda ante a exígua Lérída, pois a sua fama eleva-se a rivalizar com a grande Paris.»

¹⁵ *Eleg.* 2.8.31-36.

A Universidade, tal como a outros poetas do tempo, merece-lhe atenção especial: antes morada de reis, Coimbra é agora residência de ninfas.

Refira-se que Diogo Pires não conheceu a Universidade nas suas instalações definitivas, para onde foi transferida, por mandado de D. João III, em 1537, dois anos após a partida do poeta. Isso não o impede de imaginar a disposição dos lugares a que chama, à maneira grega, Academia e Liceu, e cuja imponência, diz, o próprio Aristóteles, se vivo, haveria de reconhecer. Também esta obra, como o aqueduto da água de prata, há-de granjear a imortalidade para o rei:

*DE GYMNASIO CONIMBRICENSI
A IOANNE REGE EXSTRVCTO*

*Cernis ut illa uetus regum Connimbrica sedes
ante alias urbes exserat una caput?
Nam cum fida diu templis suspenderit arma,
Aonidum lucos et iuga summa colit. 5
Hic Academiae, hic sunt loca nota Lycaeï,
hic schola constructis inclyta porticibus.
Instat et ipsa sibi laudis studiosa iuuentus;
interea docta laurea fronte uïret.
Adsit Aristoteles, docta miretur Athenas,
et 'locus hic', dicat, 'plus pietatis habet'. 10
Adsit et interpretes Diuum Cumaea Sibylla,
plena Deo uates ore futura canat:
'Donec Monda maris uicini excurrat in undas,
stabit Ioannis nobile regis opus.'¹⁶*

«DA ESCOLA CONIMBRICENSE, EDIFICADA PELO REI JOÃO

Vês como a famosa Coimbra, antiga morada de reis,
ante as outras cidades ergue a sua cabeça sem par?
É que, depois de longo tempo ter suspendido nos templos as armas fiéis,
os bosques e altos cumes das Aónides ela cultiva. 5
Aqui ficam os famosos lugares da Academia, aqui os do Liceu,
aqui a ilustre escola com seus pórticos alinhados;
e destaca-se, entregue à busca da glória, a própria juventude.
Entretanto, o louro da sapiência verdeja-lhe na frente.

¹⁶ *Cato Minor*, p. 131.

- 10 Venha Aristóteles, admire o saber de Atenas,
mas diga: 'Este lugar, por mais alta piedade é dominado'.
Venha também a intérprete dos deuses, a Sibila de Cumas,
e a profetisa, tomada de voz divina, proclame o futuro:
'Enquanto o Mondego correr em direcção às águas do mar vizinho,
há-de permanecer de pé a obra nobre do rei João.'

Segue-se, na lista das cidades, Santarém, prodígio de fertilidade:

D. HIRENAE FANVM SIVE SANCTAREM

*Hirenae fanum donarunt Pallas oliua,
fruge Ceres, Bacchus nectare, pisce Tagus.*

«SANTUÁRIO DE SANTA IRENE OU SANTARÉM

O Santuário de Irene, presentearam-no Palas com a oliveira,
com a seara Ceres, Baco com o néctar, com o peixe o Tejo.»

Na carta a Paulo Jóvio, onde fala um pouco da história de Santarém, acentua mais ainda aquela característica, quando afirma ser tal a riqueza do solo que duas vezes por ano produz trigo, azeitona, vinho e tudo o resto de que precisam os seus naturais:

*Habet et Lusitania urbem ad Tagi ripas positam, cui nunc diua Irena (cuius sacellum in suburbiis uisitur) facit nomen Sanctarena, a soli fertilitate incredibili usque ad miraculum celebratam: bis in anno ager frumentum fert, oleam, uitem et ea omnia, quae in calidis regionibus prouenire solent, uberrime circumuicinis populis suggerit. Dicitur et ea urbs olim Alphonso regi in Castella rem gerenti quinque fortissimorum equitum millia in supplementum militiae misisse, quorum fidei opera rex usus illud bellum ex animi sententia confecit*¹⁷.

Por fim, o Algarve, referido também na carta ao bispo italiano, com palavras que podem bem considerar-se o primeiro elogio turístico da região algarvia¹⁸. Compara-o à Tempe dos Gregos pelo clima ameno; declara-o terra de grandes feitos, pois terá sido com a preciosa ajuda dos algarvios que

¹⁷ Vd. tradução e texto completo da carta nas pp. 159-174.

¹⁸ A. C. RAMALHO, 1966, p. 199; 1979-80, pp. 238-239.

D. Afonso Henriques expulsou os mouros do território português (afirmação obviamente falsa, já que o Algarve não foi alcançado pelo nosso primeiro rei):

*Sunt et in Lusitania loca ad mare posita, quae ab insigni amoenitate Arabica uoce Algarbia uocamus, perinde atque Graeci uoluptuosa illa Thessaliae loca Tempe dicunt. Alit ea regio uiros bellica laude praesantissimos et quorum olim uirtute nomen Poenum, duce Alphonso Henrico, qui primus apud nos regis nomen tulit, penitus e Lusitania sublatum est*¹⁹.

Pouco viajou, é lícito supor, pelas estradas do país onde nasceu; pode, até, duvidar-se se chegou a conhecer os cinco lugares mencionados. Percorreu, antes, inúmeros caminhos ao longo da Europa; mas as cidades estrangeiras, quer apenas as tenha visitado, quer nelas tenha prolongado a estadia, não lhe mereceram o carinho que só para as portuguesas reservou. Excepção feita, claro está, a Ragusa e seus arredores, onde generosamente foi acolhido como em segunda pátria; mas mesmo esta e os lugares que em torno dela tão bem conhece, mais não farão, porém, que avivar nele o sentimento da distância que da sua tão querida Évora o separa.

2. Os rios

Talvez mais que as cidades, os rios de Portugal são presença constante na poesia de Diogo Pires. Por seu intermédio se evocam os lugares que banham, as terras que em seu percurso visitam.

O nome do rio simboliza, muitas vezes, toda a pátria, em processo metonímico vulgar na literatura clássica. Assim é quando refere o país onde correm Tejo e Douro, em elegia dedicada a Solimão:

*Qua Tagus et Durius, qua sunt iuga celsa Pyrenes,
qua pius Oscensis fortis et Astur arat,
terra sub occiduo longe clarissima caelo,
illa fuit gentis dulcis origo meae*²⁰.

«Por onde correm o Tejo e o Douro, por onde ficam os altos cumes de Pirene, por onde lavra o piedoso oscense e o valente asturiano, terra longínqua e tão ilustre sob o céu do Ocidente, essa foi a doce origem da minha família.»

¹⁹ Vd. tradução e texto completo da carta nas pp. 159-174.

²⁰ *Eleg.* 1.1.45-48.

Por isso, se pretende utilizar um rio como imagem ou veículo de comparação para realçar a sugestividade de uma ideia, é aos portugueses que recorre e não aos de outros países, ainda que nestes tenha passado incomparavelmente mais tempo. Vários são os exemplos:

A dado passo dos *Carmina moralia*, que dão seguimento ao *Cato Minor*, sustenta que nada é definitivo, tudo é transitório e caduco. Assim o diziam os clássicos. Tudo se verga ao tempo e à destruição... como o Tejo e o Douro:

MORTALIA OMNIA FLVXA ET CADVCA

*Hoc mare et haec tellus, hic aer et ignis et ille
qui Iouis infusi spiritus intus agit,
cuncta immota manent nullisque obnoxia saeclis;
non sua uis illis, non sua forma perit.
Cetera in interitum uergunt properante senecta,
ut Tagus, ut pluuiis Durius auctus aquis* ²¹.

«TUDO O QUE É MORTAL É INCONSISTENTE E PRECÁRIO

Este mar e esta terra, este ar e o fogo e aquele sopro vital
que por dentro os anima, insuflado por Júpiter,
tudo se mantém imóvel e insubmisso à acção dos séculos;
diante destes não sucumbe a sua força nem a sua beleza.
O resto, tudo se verga à destruição, com o aproximar da velhice,
como o Tejo, como o Douro engrossado pelas águas da chuva.»

E porque assim é, escreve na Ode V da *Lyrice*, composta em homenagem fúnebre a «Mauro, poeta ilírico» ²², nem sempre as donzelas hão-de colher os lírios junto ao pátrio Tejo:

*Non semper grauis incubat
uentorum rabies Carpathio freto,
nec semper patrium ad Tagum
tempestiua legunt lilia uirgines.*

«Nem sempre com sua força se estende a raiva poderosa dos ventos
por sobre as ondas do Cárpatos,
nem sempre junto ao pátrio Tejo
colhem as donzelas os lírios próprios da estação.»

²¹ *Cato Minor*, p. 93.

²² Mavro Vetramović, poeta ainda hoje apreciado pelos povos eslavos.

Recorre também ao Tejo ao pretender pronunciar-se sobre a origem da verdadeira felicidade que, ao jeito dos clássicos, faz assentar em vida simples e pacífica: é no espírito justo e livre que residem as regras fundamentais para uma existência feliz. Mas, acrescenta, se a tudo isso se somar a arte da poesia, o dom de cantar em lira harmoniosa, graça de Apolo, então, ao lado de tal fortuna, até o rico areal do Tejo perderá o valor:

VERA FELICITAS IN QVO CONSISTAT

*Non ebur aut aurum, bis tinctae murice uestis,
non domus aulaeis nobilis Attalicis;
non Campana seges, non fertilis uua Falerni,
non tyburtina uillula culta uia.* 5
*Felices, Melline, dies et libera duris,
ut plerique putant, otia ferre solent.*
*Nam quaecumque sibi Fortuna obnoxia fecit,
haec eadem fas est dicere firma parum.*
Mens uero iustique tenax contentaque paucis 10
quaeque suo unius pendet ab arbitrio,
*illa potest uitae comes et dux esse beatae,
illa serena potest pectoris esse dies;
illa graues animo motus depellit ab aegro,
et mala curarum nubila abire iubet.*
Quod si Pieridum chorus, aut facundus Apollo 15
*dictet ad argutam uerba canora lyram,
iam mihi Achaemeniae gazae sit uilis aceruus,
sordeat et patrii diues arena Tagi*²³.

«A VERDADEIRA FELICIDADE, EM QUE CONSISTE

Não é o marfim ou o ouro ou a veste tingida de redobrada púrpura,
não é um palácio nobre de sumptuosos pátios,
nem as searas da Campânia nem a fértil vinha de Falerno
nem um quintal de solo arado na via Tiburtina.
Os prósperos dias, ó Melino, os ócios libertos de provações, 5
como muitos julgam, costumam trazê-los.
De facto, o que quer que a Fortuna a si tenha sujeito,
isto mesmo é forçoso afirmar que é de pouco firmeza.
Mas o espírito persistente na justiça e que com pouco se contenta
e aquele que apenas depende da sua vontade, 10

²³ *Cato Minor*, pp. 112-113.

- ele pode tornar-se companheiro e guia de uma vida feliz,
 ele pode ser luz serena para o coração,
 ele expulsa as dolorosas perturbações da alma doente
 e as nuvens más do cuidado, ele as põe em fuga.
- 15 E se o coro das Piérides ou a eloquência de Apolo
 ditarem sonoras palavras à lira harmoniosa,
 já nada me há-de valer um monte de tesouros persas
 e há-de perder valor o rico areal do pátrio Tejo.»

Mais além é já diverso o motivo que à lembrança lhe traz o mesmo rio: poderá o Pactolo correr em largo caudal, poderão acrescentar-se em riqueza as areias do Tejo; ainda assim será difícil arrancar às donzelas um vício que lhes é comum — a cupidez:

*Nunc mihi si totis Pactolus defluat undis,
 crescat et auriferi diues arena Tagi,
 non me posse putem uitium commune puellis
 tollere; crescit enim tempore dira sitis* ²⁴.

«A CUPIDEZ

Agora, em minha opinião, mesmo que o Pactolo corresse em toda a vastidão
 [das suas águas
 e crescesse em riqueza o areal do Tejo de leite de ouro,
 não me julgaria eu capaz de extirpar um vício comum às raparigas,
 pois cresce com o tempo essa sede terrível.»

Mas não é só o Tejo que as recordações da pátria fazem afluir à memória. O Mondego pertence também ao conjunto de lembranças de outrora, do tempo já distante; por isso, sobre ele interroga o recém-chegado de paragens lusitanas ²⁵:

*Ah, pudet! Et dicam, si qua prius ire solebat,
 hac quoque laudatis Monda feratur aquis* ²⁶.

«Ah, sinto até vergonha!... Mas perguntarei também se, por onde costumava,
 [antes, correr,
 passa ainda o Mondego com suas águas famosas.»

²⁴ *Cato Minor*, pp. 116-117 (do epigrama «Auaritia omnia bona pessundat»).

²⁵ O viandante acabado de chegar com novas da pátria não deve passar de artifício literário, provavelmente herdado de Ovídio; também este se transportava mentalmente até Roma para aí falar com os amigos ou, mediante idêntico processo, trazia estes até Tomos, para aí se encontrarem e falarem da pátria.

²⁶ *Eleg.* 1.7.55-56 (já atrás transcrita na totalidade, pp. 43-45).

O Mondego evoca, sem dúvida, Coimbra e com ela a Universidade que a fama lhe espalha pela Europa culta de Quinhentos. Imorredouros não-de ser um e outro — enquanto correrem para o mar as águas do Mondego, a obra de D. João III jamais há-de perecer:

*Donec Monda maris uicini excurrent in undas,
stabit Ioannis nobile regis opus* ²⁷.

«Enquanto o Mondego correr em direcção às águas do mar vizinho, há-de permanecer de pé a obra nobre do rei João.»

De um terceiro rio dá notícia, o Douro. A ele alude, por exemplo, para introduzir uma fábula:

*Filius agricolae periit demorsus ab hydro,
dum puer ad Durii flumina pascit oues* ²⁸.

«O filho de um lavrador sucumbe, mordido por uma cobra, enquanto, ainda criança, apascenta ovelhas junto ao rio Douro.»

Este mesmo rio está associado à lembrança de um templo que a sua corrente circunda e que, do meio das águas, parece proteger as margens nos momentos de maior aflição, quando todos partem para a batalha iminente e só ele fica de guarda à praia deserta ²⁹:

DE TEMPLO AB HOSTIBVS INVIOLATO

*Cum uicina mihi consurgant moenia Gaeae,
moenia quae liquidis Durius ambit aquis,
et fremat hinc duris audax Callecus in armis,
hinc ruat infesto martius Astur equo,
sola tamen custos deserti litoris asto,
sacra meo populo caelitibusque domus,*

5

²⁷ *Cato Minor*, p. 131, vv. 13-14 (vd. supra o texto integral do poema — pp. 65).

²⁸ «Ex Aesopo Hispano», vv. 1-2 (*Cato Minor*, 151).

²⁹ Torna-se difícil identificar o templo a que alude o poeta. A referência a Gaia sugere, por exemplo, a hipótese de se tratar do mosteiro de Corpus Christi, edificado a partir da igreja fundada em 1345 por D. Maria Mendes Leite (vd. CAMPO BELLO, p. 384). Mas pode igualmente referir-se a uma qualquer capela ribeirinha que, entretanto, o tempo tenha feito desaparecer. As palavras, demasiado vagas, não possibilitam uma conclusão.

*immunis tanti belli, secura procellae,
si qua sub alterno Marte uenire solet.
Nimirum non metuantur moenia uerum,
moenia se nostra stare fatentur ope* ³⁰.

10

«DO TEMPLO QUE NÃO FOI VIOLADO PELOS INIMIGOS

Quando perto de mim se erguem as muralhas de Gaia,
muralhas que o Douro circunda com suas límpidas águas,
e daqui se levanta o murmúrio do galego, audaz na aspreza das armas,
e corre daqui o soldado ástur em cavalo aparelhado para a batalha,
então, só eu fico de guarda à praia abandonada;
eu, mansão consagrada ao meu povo e aos deuses do céu,
imune a tamanha guerra, tranquila no meio da procela,
se acaso alguma surgir em resultado de batalhas sucessivas.
Decerto não hão-de as muralhas temer a verdade;
10 as muralhas hão-de confessar ser graças a mim que se mantêm de pé.»

Feição ligeiramente diversa têm os dísticos em que dá voz ao próprio Tejo, na elegia dedicada ao historiador Ambrósio de Morales, de Córdova (1513-1591), cronista de Castela ao tempo de Filipe II. Nos versos introdutórios declara-se disposto a cessar, por momentos, o canto amoroso que vinha compondo e a entoar um canto heróico; como prémio, ouvi-lo-á longe o Tejo e há-de proclamar a injustiça do seu desterro:

*Non mihi semper in hoc libro scribentur amores;
grandius interdum nostra Thalia sonat;
et se tollere humo conatur et ire per altum
qua uocat et placidum gloria monstrat iter.
5 Me quoque tempus erit cum, regia bella canentem,
audiat occiduo laetus ab orbe Tagus
dicat et: 'Hic ciuis meus est; cur exsulat insons?
Ille solo in patrio uiuere dignus erat.' ³¹
Tunc mihi Pegasides texant noua sarta puellae,
10 laurus et incipiat fronte uirere mea;
seraque post Manes quaeratur Fama sepultos
et mea uicturus busta coronet Amor ³².*

³⁰ *Cato Minor*, p. 120.

³¹ Assim o poeta corrobora o que a seu respeito dizia Lilio Gregorio Giraldi, como vimos (p. 20).

³² *Eleg.* 3.3.1-12.

«Nem sempre neste livro hei-de escrever sobre amores,
 Mais sonoro é, por vezes, o canto da minha Talia;
 e intenta arrancar-se do chão e partir pelas alturas,
 por onde o chama a glória e aponta a sua plácida via.
 Para mim há-de vir também o tempo em que, ao cantar régios combates, 5
 me ouça com alegria, lá das terras do Ocidente, o Tejo
 e diga: 'Este é um dos meus cidadãos; porque vive ele sem culpa no exílio?
 Digno ele era de viver em solo pátrio'.
 Então novas coroas as donzelas do Pégaso me hão-de entretecer,
 e o louro há-de começar a verdejar em minha frente; 10
 e, embora tardia, hei-de encontrar a fama, depois de sepultados os Manes,
 e o meu busto, há-de coroá-lo, vitorioso, o Amor.»

O lamento desse Tejo longínquo fará voltar para ele o olhar das Musas;
 e aí pode residir a sua verdadeira coroa de glória, a única a que ainda aspira.

3. Clima, flora, fauna

O desterro de Diogo Pires não terá sido tão duro, em certos aspectos, como o do poeta de Sulmona. Ragusa ficava nas margens do Adriático, a escassa distância das gloriosas cidades de Itália, e não nas costas do Mar Negro; não o torturavam os gelos que ao seu antepassado na dor tinham martirizado em Tomos. A região era amena, pouco diferia, decerto, da sua querida Évora, e não era inóspita a paisagem que o cercava, ao contrário do que sucedia com o poeta dos *Tristia*, mesmo se descontarmos o exagero que a este pode ser apontado, em resultado de intencional *amplificatio*.

Nem sempre, porém, foi assim durante o seu longo peregrinar. Logo nos primeiros anos, encontrava-se ainda nos Países-Baixos, queixa-se de que a dureza do clima lhe impedia os movimentos. A neve elevava-se três côvados acima da terra e tudo submergia sob o seu peso. Recorda-se, então, de Portugal, dos lírios, das cerejas, das ameixas precoces, e faz-se eco de tais lembranças a António Soares Lusitano ³³, em carta que lhe endereça a acompanhar uma elegia:

*ANTONIO SVARIO LVSITANO, OPTIMAE SPEI PVERO,
 S. ANTVERPIAM*

*Dum promissum carmen mitto, et aliquid ad te scribere in animo
 habeo, uix prae aeris intemperie calamum manus sustinet; et quamuis*

³³ Trata-se provavelmente de António Soares, que D. João III contratou para a Universidade de Coimbra em 1537. Coursou Leis em Salamanca, onde poderá ter conhe-

*ad luculentum ignem sedeam, totus tamen horreo, totus contremisco.
Hui! Kalendae Maiiae appetunt et praeter niuim tribus cubitis terra altio-
rem, nihil est quod intueri possis.*

*Vbi nunc rosae? Vbi lilia? Imo, ubi cerasa? Et apud nostros
Lusitanos praecocia pruna?*

*Sane, ut est in fabulis Homericis, sutrinam illic apperire quam hic
regnare malim.*

*At sudauit et alsit, inquit, uino madens sudabat lippus ille, et Lucanae
puellae amoribus intentus ociose cantillabat, cum has nugas in litteras
mitteret; quod si Mosae glacies et frigora expertus esset, non ita ineptiret,
sed torpentes manus ad ignem.*

*Cras, si mitior aura spirauerit, Louanium raeda uehar; illic litteras
tuas exspecto.*

*B. V. Leodii, apud Eburones, XXV April. qui dies D. Marco festus
est. 1536.*³⁴

«A ANTÓNIO SOARES LUSITANO,
JOVEM DIGNO DAS MELHORES ESPERANÇAS,
EM ANTUÉRPIA

Enquanto o poema prometido te envio e algo tenho em mente para te escrever, é a custo que a mão sustém a pena, ante a intempérie do clima; e, embora sentado a uma esplêndida fogueira, todo, porém, eu tremo, todo tiritado. Ah, aproximam-se as Calendas de Maio, e, além da neve que se eleva três côvados acima da terra, nada há que possas observar.

Onde estão agora as rosas? Onde os lírios? Mais, até, onde as cerejas? E as ameixas, que em Portugal chegam antes do tempo?

Sem dúvida eu preferia, como acontece nas histórias homéricas³⁵, abrir ali uma sapataria a reinar aqui.

Mas suou e de frio se arrepiou, dizem, suava um tal remeloso encharcado em vinho e, voltado para os amores da jovem da Lucânia, cantarolava ociosamente e remetia por carta bagatelas como estas³⁶; mas se tivesse experiência dos gelos e frios

cido o nosso poeta, e aí regueu a catedrilha de *Instituta*. Embora Veríssimo Serrão não refira a sua passagem por Antuérpia (parece ter visitado Salamanca de 1532 a 1537), não é difícil que à data desta carta ali estivesse ocasionalmente. Já em Coimbra, doutorou-se e testemunhou, mais tarde, no processo de Diogo de Teive (vd. SERRÃO, pp. 258-260).

³⁴ *Cato Minor*, pp. 66-87.

³⁵ Ecos de *Odisseia*, 11.489-491, embora Homero refira outra profissão — a de jornalista.

³⁶ Alusão, decerto, a Horácio; por um lado, sofria, de facto, de enfermidade nos olhos (*Sat.* 1.5.30); por outro, várias vezes canta o vinho, algumas também as jovens de Lucânia. Em um passo, pelo menos, surgem associados (*Epist.* 1.15.17-20).

do Mosa, não perderia assim a cabeça, mas <voltaria> as mãos dormentes para a fogueira.

Amanhã, se a brisa soprar mais suave, seguirei de carro até Lovaina; ali espero a tua carta. Eu te saúdo.

Liège, entre os Eburões, 25 de Abril, dia da festa de S. Marcos, 1536.»

Mesmo no clima ameno de Ragusa, se notícias lhe chegam do país onde nasceu, sucedem-se perguntas em busca de novas sobre o estado das sementeiras e das árvores:

*An bene nata seges? num permaturuit uua?
num tempestiua canet oliua coma?*³⁷

«Nasceram bem as searas? Amadureceu já a uva?

E com a folhagem própria da estação embranquece já a oliveira?»

Também os animais pertencem ao leque das suas lembranças. No *Cato Minor* consagra uma quantidade apreciável de dísticos a várias espécies. Entre elas conta-se o tordo, que lhe evoca Alvito, a planura alentejana que o vira nascer, onde esta ave era conhecida pela forma como devorava nas oliveiras a azeitona madura:

TVRDVS

*Deuoret Aluiti maturam turdus oliuam;
iudice me primus fiat ut inter aues*³⁸.

«TORDO

Que o tordo continue a devorar a azeitona madura de Alvito;
para, em minha opinião, se tornar a primeira de entre as aves.»

E uma vez mais sente necessidade de esclarecer o leitor: *Aluitus, agri Eborensis uicus, olea abundans* ('Alvito, aldeia nas campinas de Évora, rica em olivais').

Entre outros que se seguem, um monstro marinho vindo do Brasil, motivo de grande espanto em Lisboa:

HOMO MARINVS

*Vidit et expauit monstrum Lisbonna marinum:
hispidus et glauca uir fuit ille coma.*

³⁷ *Eleg.* 1.7.53-54 (vd. texto completo nas pp. 43-55).

³⁸ *Cato Minor*, p. 60.

«HOMEM MARINHO

Viu-o e tremeu de terror Lisboa, à vista do monstro marinho:
de corpo hirsuto e cabelos pardacentos era o seu aspecto.»

E elucida em escólio:

*Allata est pellis e Brasilia, quae cum diu Olyssipponi spectaculo fuisset,
missa est postea ad regem Philippum* ³⁹.

«Uma pele foi trazida do Brasil, a qual, depois de ser, por algum tempo, motivo de espectáculo em Lisboa, foi enviada ao rei Filipe.»

A um terceiro animal liga o poeta o nome do seu país — a mula. Mas porque isso lhe serve para referir o reinado de D. Sebastião e o desastre de Alcácer-Quibir, esse dístico será analisado mais adiante, no capítulo dedicado a este rei.

Dir-se-á que as alusões deste tipo são em número consideravelmente inferior ao que se verificava na obra de Ovídio. Mas a verdade é que o sul de Portugal não era tão diferente do litoral dálmata quanto a região romena de Tomos diferia das paisagens amenas do Tibre. Bem o sentiu Diogo Pires. E, por isso, não lhe era fácil exaltar o ausente, à maneira ovidiana, por via do acentuado contraste com o presente.

4. A história. As gentes

Atrás se disse já que Diogo Pires não é um historiador nem pretende sê-lo; mesmo os poucos textos em prosa que nos legou não denotam qualquer busca de rigor; pelo contrário, frequentemente se pressentem ecos da voz corrente, do boato. Os próprios escólios, notas ou introduções enfermam amiúde desse vício e não são poucos os casos em que nos é difícil encon-

³⁹ *Cato Minor*, p. 68. Nem os versos nem o escólio fornecem qualquer contributo para a identificação do facto a que se referem. Os prodígios deste tipo, aliás, eram frequentes no século XVI. Vários são os monstros marinhos mencionados em escritos da época, mas nenhum daqueles cuja descrição foi possível verificar se ajusta cabalmente a este. O que mais afinidades apresenta vem referido no *Memorial* de Pedro Roiz Soares, capítulo 83, mas apareceu «nas partes do Norte» e não no Brasil e é um peixe e não um vulto de aparência humana.

trar para eles comprovação histórica, se é que conseguem elucidar acerca do texto que acompanham. O que, de resto, não constitui surpresa: escritas em quadrante bem diverso do globo, endereçadas a destinatários estrangeiros, alheias, na quase totalidade, a assuntos respeitantes à terra portuguesa, tais palavras mais não visam que transmitir informação sumária e débil sobre os versos a que se referem. Se a estes não presidem o rigor e a objectividade, iludir-se-á, de igual modo, quem pensa suprir tal lacuna nas anotações respectivas. Até o poeta, como vimos, expressa, aqui e ali, a sua dúvida.

A despeito disso, a história pátria está presente. O poeta tem consciência dos feitos que enobreceram o nome português, dos passos percorridos desde os alvares da nacionalidade. Por isso lhes dá lugar de honra, em versão herdada de pais e avós, colhida na tradição. Dos factos mais próximos, conta o pouco que viu ou, com mais frequência, notícias esparsas que lhe foram chegando em encontros fortuitos ao longo do seu peregrinar pela Europa.

Assim perpassam nos versos os feitos dos Portugueses, com relevo para os do passado recente: os heróis que ajudaram a construir a história lusa, os nomes que engrandeceram a cultura nacional e, sobretudo, os reis, sejam os do passado, que fundaram e firmaram os alicerces da pátria, sejam os do seu tempo, que mais de perto conheceu e que não desmereceram a glória dos antepassados... sejam, enfim, os mais recentes, a quem atribui a ruína do país que, não sem amargo queixume, viu agonizar e morrer nos derradeiros anos da sua longa vida.

Vozes de glória em tom heróico, vozes de carinho ditadas pelo sentimento ou vozes de dor saídas de lamento profundo, são sempre vozes de longe que a distância não é capaz de calar.

A. Os feitos

O final do século xv assistiu ao culminar da empresa marítima em que Portugal se havia empenhado desde o início da dinastia de Avis. Durante a primeira década de Quinhentos, o poderio português consolidou-se nos continentes recentemente descobertos. D. Manuel reinava sobre um vasto império e quis mostrá-lo; escolheu Roma, cabeça da Europa e da Cristandade, para deslumbrar o mundo com o fausto do seu reinado.

A embaixada que, com esse objectivo, enviou a Leão X, em 1514, ficou durante décadas na memória de quantos viram desfilar o seu cortejo. Chefiava-a Tristão da Cunha e era orador oficial o humanista Diogo Pacheco. A riqueza e o exotismo que ostentava (entre os animais que seguiam no

séquito destacava-se um elefante) impressionaram a antiga capital do império romano ⁴⁰.

Ou porque ouviu falar da embaixada ainda em Portugal, durante a infância, ou porque achou reminiscências dela na memória das pessoas que em Itália veio a conhecer em meados do século, Diogo Pires dedica-lhe, e a Tristão da Cunha, seu chefe, este pequeno poema, onde canta a sumptuosidade com que o Tejo penetrou nas águas do Tibre:

*DE TRISTANO CVNIO, REGIS PORTVGALLIAE LEGATO,
AD LEONEM X PONT. MAX.*

*Talis eras, Tristane, tui dum munera regis
offers Leoni Maximo;
munera ab Aurorae populis et Gange subacto
aucta classe regia:
5 insignes ostro uestes peplumque tiaramque
atque aurum opesque barbaras,
omnia quae pando uectabat bellua dorso,
aruis Latinis insolens.
Illam Roma tamen, rerum caput aurea Roma,
10 tot iam peractis saeculis
agnouit; ueteresque animo subiere triumphi
et prisca circi gloria.
Mox, ait, inuasit Thyberini in fontis honores,
auctore Cunio, Tagus ⁴¹.*

«DE TRISTÃO DA CUNHA, EMBAIXADOR DO REI DE PORTUGAL
JUNTO DO LEÃO X, PONTÍFICE MÁXIMO

Quão nobre era o teu porte, ó Tristão, no momento em que as dádivas do
[teu rei,
tu as ofertavas a Leão, Pontífice Máximo;
dádivas que dos povos da Aurora e do Ganges submetido
foram trazidas em régia armada:
5 notáveis vestes de púrpura e o manto e a tiara
e ouro e riquezas exóticas,

⁴⁰ O facto é descrito por Damião de Góis, na *Crónica de D. Manuel*, parte III, cap. LV, e por D. Jerónimo Osório, no *De rebus Emmanuelis regis Lusitaniae gestis*, lib. II.

⁴¹ *Cato Minor*, p. 206.

tudo o que carregava no seu dorso curvo o enorme animal,
figura insólita nos campos do Lácio.

Roma, porém, a áurea Roma, cabeça do mundo,
passados já tantos séculos,

conheceu-o; e ao espírito afloraram os antigos triunfos
e a glória do velho circo.

Diz-se que logo penetrou nas glórias da corrente do Tibre,
por obra de Cunha, o Tejo.»

10

Mais recente e já contemporânea do poeta é uma outra façanha alcançada pelos Portugueses: a vitória no cerco de Diu. Duas vezes resistiram os nossos soldados ao assédio dos Turcos à praça forte da Índia: em 1538, sob o comando de António da Silveira, e em 1546, sob o de D. João de Mascarenhas que, depois de longa resistência, logrou triunfar, graças ao socorro trazido por D. João de Castro. Diogo Pires ignora o segundo, por sinal o que mais conhecido ficou⁴², e celebra o primeiro em elegia inserta nos *Didaci Pyrrhi Lusitani elegiarum libri tres*, baseada, segundo nota a um dos versos, em narrativa de Damião de Góis⁴³: *exstat de Diensi obsidione commentarius a Damiano Goetio accuratissime scriptus*:

VELLET AMORIBVS RENUNTIARE

*Ergo ego periuræ tantum seruire puellæ
natus? Et ingratum ferre supercilium?*

*Nec mens sana meos uanos culpabit amores?
Nec mea uicturum Musa mouebit opus?*

*Mars inuicte, faue: dicam crudelia regum
funera, dicam acies et noua bella canam.*

*Iam mihi uictor equis Siluerius ibit in albis
aureus et lauru tempora uincta geret.*

*Pone duces bello capti, captæque triremes,
atque expressa nouis oppida imaginibus.*

*Inde peregrinae gazae, et captiua sequentur
agmina tot linguis dissona barbaricis.*

5

10

⁴² Cantou-o Diogo de Teive no *Commentarius de rebus a Lusitanis in India apud Diu gestis anno salutis nostræ MDXLVI* (1548).

⁴³ *Commentarii rerum gestarum in India citra Gangem a Lusitanis anno 1538 autore Damiano a Goes, equite Lusitano, Louanii, ex Officina Rutgeri Rescii, An. MDXXXIX Mens. Sept.* (Existe uma tradução portuguesa, com o título «Relação do cerco da nobilíssima cidade de Dio, em Carmânia ou Cambaia», in DAMIÃO DE GÓIS, *Opúsculos Históricas*, trad. Dias de Carvalho, Porto, Livraria Civilização, s/d).

Victor 'Io' medio clamabit ab agmine miles;
 huic quoque in aerata casside laurus erit.
 15 Qua croceis Aurora rotis innititur, et qua
 Indus odoratas in mare raptat aquas,
 stat Cambaia Dios, sedes non gratior ulla,
 non magis Eois regibus apta domus.
 Huius aduersos Solimanus scandere muros
 20 tentabat crebris undique missilibus.
 Vtque erat ingenio uano, ni Thracia signa
 protinus obsessa ciuis in arce locet,
 excidio genti uenturus et illa minatur
 quae solet irato uictus ab hoste pati.
 25 Vt uero auratas Quinas circumtulit heros
 inclitus, arripuit semiuir ille fugam.
 Non secus incestam Ptolemaida classe subacta
 nigra per Ionium uela dedisse ferunt;
 sic fugientem una uidit rate Nereus illum,
 30 a quo indigna modo uinacula pertulerat.
 Siste gradum, Solimane! Hic sunt quae regna petisti;
 hic ager; hic ingens praeda parata tibi.
 Nuncius Ismario regi certissimus ibis;
 hic concisa tuae robora militiae.
 35 Ille ratem subigit uicina in regna Canopi,
 et profugo Nilus tuta latebra fuit.
 Haec ego magnifice; blandum risisse Cupido
 dicitur et uati triste parasse iugum.
 40 Parce, puer, per quas conscendis in aethera pennas
 perque leues arcus et (mea regna) faces.
 En adsum, non iussa quidem, non saeuo recuso
 uincla pati, nullum deprecor imperium.
 Vnum oro: ut nobis toties cantata puella
 aut amet aut certe saeuat illa minus ⁴⁴.

«GOSTARIA DE RENUNCIAR AOS AMORES

Então foi apenas para servir uma jovem perjura que nasci?
 E para suportar um ingrato desdém?

⁴⁴ *Eleg.* 1.3.

E um juízo perfeito não acusará de vãos os meus amores?
 E a minha musa não há-de produzir obra imorredoura?
 Ó Marte invicto, vem em minha ajuda! Que eu celebre cruéis mortandades
 [de reis, 5
 que eu celebre batalhas, que cante guerras travadas há pouco.
 Diante de meus olhos vai já avançar o triunfante Silveira em cavalos brancos,
 pleno de esplendor, e vai trazer a fronte cingida com o louro ⁴⁵.
 Atrás, os generais prisioneiros de guerra e as trirremes capturadas
 e as cidades figuradas em novas imitações. 10
 Depois, virão os tesouros estrangeiros e os exércitos de cativos
 de estranha fala e com tantas línguas bárbaras.
 O soldado vencedor há-de clamar ‘Viva!’ do meio da sua formação ⁴⁶;
 também ele terá o brônzeo capacete ornado de louro.
 Por onde a Aurora resplandece no carro doirado 15
 e por onde o Indo lança no mar as águas perfumadas,
 fica a cambaica Diu; nenhum lugar é mais aprazível,
 nenhuma morada mais adequada aos reis do Oriente.
 Solimão ⁴⁷ porfiava por dominar a resistência dos seus muros
 com um ataque cerrado de projecteis de todos os lados. 20
 E, como era próprio de um engenheiro vão, ameaça,
 se a bandeira trácia, o cidadão a não hasteasse de imediato na muralha
 [sitiada,
 que vinha com intenção de chacinar o povo e que havia de lhe fazer
 quanto um derrotado costuma padecer às mãos do inimigo em fúria ⁴⁸.
 Mas logo que o ínclito herói arremeteu em volta com as douradas Quinas, 25
 o famoso eunuco pôs-se em fuga ⁴⁹.
 Não de outro modo — dizem — a despudorada filha de Ptolemeu ⁵⁰, derro-
 [tada a sua esquadra,
 entregou as negras velas à fuga pelo mar Iónio.

⁴⁵ Cortejo triunfal típico do Renascimento, usual, por exemplo, em César Bórgia, e que era já uma herança romana.

⁴⁶ Igualmente a propósito de um cortejo triunfal, assim escrevia Ovídio: *Tempora Phoebea lauro cingetur ‘Io’que | miles ‘Io’ magna uoce ‘triumphe’ canet* (*Tristia*, 4.2.51-52).

⁴⁷ Não se trata de Solimão, o Magnífico, embora os Turcos que cercaram Diu fossem otomanos por ele enviados, mas de Solimão-Paxá, eunuco, governador do Egipto em 1535; quando Solimão, o Magnífico, o nomeou comandante da frota que devia atacar a Índia, tinha já oitenta anos. A ele se refere João de Barros (*Da Ásia*, 4.10.2).

⁴⁸ Escreve Damião de Góis que todos os dias vinham emissários do sitiante a exigir a rendição; mas os Portugueses nem ouvidos lhes davam.

⁴⁹ Vd. adiante, p. 145, n. 183.

⁵⁰ Cleópatra que em 29.31 a.C. abandonou, fugindo, a batalha de Ácio, quando a vitória pendia já claramente para o lado romano.

Assim viu também Nereu a fugir em um só navio
aquele de quem acabara de sofrer os indignos grilhões ⁵¹. 30
Sustém o passo, Solimão! Aqui estão os reinos que buscaste!
Aqui a terra, aqui a imensidão de despojos, preparados para ti.
Irás agora informar com precisão o rei ismárico ⁵²;
aqui fica por terra o vigor do teu exército.
Ele conduz a esquadra até aos reinos vizinhos de Canopo ⁵³ 35
e para o fugitivo foi o Nilo o refúgio seguro ⁵⁴.
Isto foi o que cantei com grande pompa; mas diz-se que Cupido se riu
da minha brandura e para o poeta preparou um triste jugo.
Poupa-me , ó menino, pelas penas com que te elevas nos ares
e pelo arco ligeiro e pelos archotes nupciais (que são o meu reino). 40
Eis-me aqui; não recuso as ordens, não recuso
sofrer os cruéis grilhões, não me nego a qualquer imposição.
Uma só coisa peço: que a jovem por mim tantas vezes cantada
me tenha amor, ou abrande, ao menos, a sua crueldade.»

Mas nem só as glórias nacionais são alvo de atenção. Também lhe merecem referência as perdas, como é o caso do abandono das praças de Agadir (1541), Azamor e Safim (1542), em África, decisão estratégica de D. João III, verificada que foi a incapacidade de suster a ofensiva então fortemente desencadeada pelos Mouros ⁵⁵. De tais factos, que refere na carta a Paulo Jóvio, lhe tinha dado notícia um tal Luís Neamias que em Londres lhe lera comentários a essa guerra, de paradeiro desconhecido à data do texto (1547) ⁵⁶:

Sed nec dubito quin de bello transmarino, quod continenter alterna fortuna cum Mauris gerimus, mentionem sis facturus.

⁵¹ Xerxes, o filho de Dario, que, após a derrota sofrida em Salamina, em 480 a.C., frente aos Atenenses comandados por Temístocles, se pôs em fuga para o seu país. O acontecimento é celebrado por Ésquilo em *Os Persas*, onde o tragediógrafo apresenta como acto de impiedade o encadeamento do Helesponto por parte de Xerxes.

⁵² Solimão, o Magnífico, ou «o Grão-Turco».

⁵³ Cidade-ilha no Baixo Egipto, na foz ocidental do Nilo.

⁵⁴ Recorde-se que Solimão-Paxá era governador do Egipto. Frustrado o cerco, a sua situação tornou-se melindrosa. Por um lado, era alvo de conjuras; por outro, previa o desagrado do Sultão, nada contente com o revés. Talvez por ambos os motivos, refugiou-se na sua quinta, onde se envenenou.

⁵⁵ Agadir, depois de um cerco de seis meses, caiu em poder dos Muçulmanos a 12.3.1541. Diogo Pires chama-lhe *Hesperion Ceras*, nome dado por Plínio (6.197) ao cabo Gué, a cinquenta quilómetros daquela praça, cuja fortaleza (Santa Cruz do Cabo de Gué) caiu no mesmo ano. As duas restantes foram abandonadas algum tempo após a queda de Agadir, pois a sua manutenção tinha-se tornado militarmente difícil e financeiramente desaconselhável. Azamor foi incendiada antes do abandono.

⁵⁶ Não foi possível, até ao momento, encontrar qualquer registo desta personagem.

*Amisimus nos abhinc septennio tres pulcherrimas in eo tractu urbes, quarum una, ui atque armis expugnata, magna sanguinis effusione in hostium potestatem uenit, olim Hesperion Ceras uocabant. Ceteras consulto incensas hostibus reliquimus. Ludouicus quidam Neamias, qui ea urbe expugnata uulneratus in manus hostium uenerat, commentarios a se confectos de eo bello mihi Londini praelegebat, quorum lectione mirifice delectabar. Erant enim in his multa de xarifiorum fratrum, apud quos ille biennium captiuus egit, imperio et fortuna uere et eleganter conscripta. Eos ego commentarios, si aliquando nanciscerer, magni equidem muneris loco ducerem, ut quoquomodo a me Latine loquentes ad te subito transmitterem*⁵⁷.

Não podia ele adivinhar, entretanto, que tais perdas eram o prenúncio de uma outra de bem maior vulto e que havia de chorar cerca de três décadas mais tarde: a perda da independência, a ruína da própria pátria.

B. Os heróis

A história é feita pelos homens. Mas dos compatriotas que ajudaram a escrever páginas gloriosas não fala muito este português desterrado; à exceção dos reis, poucas figuras da vasta galeria de heróis nacionais têm lugar nos seus versos.

Uma delas é Vasco da Gama, em alusão meramente ocasional: ao cantar em elegia panegírica as origens da casa Saraga, família aristocrata de Ragusa, começa por afirmar o valor da poesia, sem a qual morreriam nas trevas do esquecimento os mais altos feitos dos homens, os mais ilustres heróis. Não fora a poesia e o Gama não teria largado das costas portuguesas para as longínquas águas do Ganges:

*Gama nec in fines Orientis et auia Gangis
ostia ab occiduo litore uela dabit*⁵⁸.

«Nem o Gama há-de largar velas das praias ocidentais
para os confins do Oriente e as inacessíveis enseadas do Ganges.»

Outros nomes, canta-os, à boa maneira humanista, em epítáfios, género que cultivou em larga abundância. Escreveu-os para as mais variadas per-

⁵⁷ Vd. texto integral e tradução nas pp. 159-174.

⁵⁸ *Eleg.* 2.6.

sonalidades: Erasmo mereceu-lhe seis, dois dos quais em grego⁵⁹; mas também Carlos V, Solimão, Gregório XIV, D. João de Áustria, Francisco I de França, Jaime V da Escócia e tantos outros, entre os quais inúmeros vultos de Ragusa... e alguns portugueses⁶⁰.

Entre estes conta-se Estêvão da Gama, conde da Vidigueira e filho de Vasco da Gama. Compõe-se apenas de um dístico o epitáfio que lhe dedica e cuja autoria lhe atribui, ao afirmar que se limitou a verter para latim o epitáfio em língua portuguesa que, composto por D. Estêvão da Gama, estaria gravado no seu túmulo na Vidigueira⁶¹.

Antepõe ao dístico extensa nota introdutória, onde narra a expedição que o capitão português levou a cabo, enquanto vice-rei da Índia, a Suez. Se compararmos as palavras com a descrição que do acontecimento faz Diogo do Couto (*Da Ásia*, 5.2.7.5-8), verificamos serem quase nulas as disparidades. Dado que D. Estêvão da Gama, após regressar da Índia, em 1542, partiu para Itália, devido a desavenças com o rei, e ali permaneceu largo tempo, em Veneza, de onde apenas voltou para morrer na sua terra, poderá admitir-se, como suposição, que Diogo Pires por lá o tenha conhecido e tenha escutado a sua própria versão.

Assim diz o texto:

STEPHANI GAMAE EPIT.

Stephanus Gama, Indiae procurator, paruis nauigiis, ut res occultior foret, mare ingressus Altorium, Arabiae portum et Sinae sacro monti uicinum, tenuit, ubi Catharina uirgine religiose salutata, aliquot e nobi-

⁵⁹ Versão impressa no começo dos *Desiderii Erasmi Roterodami Opera omnia emmendatiora et auctiora*, Lugduni Bataurorum, 1703 (fac-simile publicado em Hildesheim, Georg Olms Verlagsbuchlandlung, 1961); divulgados em Portugal, com tradução de Miguel Pinto de Meneses (epitáfios latinos) e Walter de Sousa Medeiros (epitáfios gregos), por A. Moreira de Sá, em *De re Erasmiana: aspectos do erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, 1977, pp. 337-343. Estudei-os também recentemente, com nova tradução dos poemas latinos: CARLOS ASCENSO ANDRÉ, «Memória de Erasmo nos versos de Diogo Pires»: *Humanitas* 41-42 (1989-1990) 81-90.

⁶⁰ Um dos capítulos da 2.^a edição do *Cato Minor* é mesmo constituído pelos *Flauii Iacobi Eborensis tumuli* que na edição de 1592 estavam dispersos.

⁶¹ D. Estêvão da Gama foi sepultado no convento das Relíquias, na vila alentejana, cujo condado a sua família detinha. Não existe, no entanto, qualquer notícia de tal inscrição tumular. Apesar de ser verosímil que o ex-vice-rei lhe tivesse dado a conhecer o texto em Itália, onde é possível que se tenham encontrado, parece mais natural tratar-se de mero artifício da parte de Diogo Pires.

litate adulescentes equestri ordine addixit. Erat illi in animo Othomanicam classem, quae ad Suetium subducta erat, incendio absumere. Sed Memphitici praetoris diligentia praeuentus re infecta discessit. In Lusitaniam reuersus, Caetobrigae, non longe ab urbe Olysiptone, moritur, et in suburbanis hortis, quos excultissimos habebat, sepelitur. Sepulcro uero carmen ab ipso Lusitanice compositum, incisum est. Quod ego, si non pari elegantia, ita tamen uertam ut intelligi possit:

*Qui fortes equites prorex in uertice Sinae
Gama creat, moriens hac requiescit humo* ⁶².

«EPITÁFIO DE ESTÊVÃO DA GAMA

Estêvão da Gama, governador da Índia, fez-se ao mar em pequenos navios ⁶³, para manter o plano em maior segredo, e tomou Altório ⁶⁴, porto da Arábia e vizinho do sagrado monte do Sinai, onde, depois de saudar religiosamente Santa Catarina, investiu na ordem da cavalaria uns quantos mancebos, de origem nobre ⁶⁵.

Tinha em mente destruir pelo fogo a armada otomana, que estava ancorada junto a Suez. Mas, porque se lhe antecipara a diligência de um magistrado de Mênfis ⁶⁶, partiu sem ter levado a cabo os seus desígnios.

Regressando à Lusitânia, morreu em Setúbal ⁶⁷, não longe da cidade de Lisboa, e foi sepultado nos campos dos subúrbios, que mantinha muito bem cultivados.

⁶² *Cato Minor*, p. 119.

⁶³ Destruída a ilha de Suaquém, D. Estêvão da Gama deixou ficar os navios de grande porte e seguiu nos de menores dimensões, mais ligeiros e mais aptos para a navegação naquelas águas (DIOGO DO COUTO, 5.2.7.6).

⁶⁴ Actual At-Tur que o cronista designa por Tor, onde o vice-rei, já sabedor da existência de cristãos, desembarcou; não a destruiu, no entanto, a pedido dos frades de Santa Catarina.

⁶⁵ Os Portugueses acompanharam os frades até ao mosteiro, que era «do orago de Santa Catarina», a cuja igreja foram rezar. «E pera memoria de tão admirável jornada (muito mais digna de engrandecer que a de Jason ao velocino de ouro), armou o Governador dentro da Capella Cavalleiros a todos os que quizeram, e pediram aquella Ordem todos os Fidalgos» (DIOGO DO COUTO, *ibidem*).

⁶⁶ O rei de Suaquém e Coge Sofar (de Cambaia) tinham já feito prevenir Suez da ida dos Portugueses, pelo que a armada estava de sobreaviso (5.2.7.9). Dado que Mênfis fica bastante longe da costa, a palavra, nome de uma das filhas do Nilo, designa aqui todo o Egipto.

⁶⁷ Há aqui uma imprecisão: D. Estêvão da Gama morreu e foi sepultado na Vidigueira (1575), cujo condado pertencera já a seu pai, longe de Setúbal, portanto, e mais ainda de Lisboa. A falha, que contrasta com o carácter preciso das informações anteriores, denota o reduzido conhecimento do poeta em relação à geografia do seu país, limitado a algumas grandes cidades.

No seu túmulo foi gravado um verso, por ele mesmo composto em língua lusitana; vou traduzi-lo, senão com igual elegância, pelo menos de forma a que possa ser entendido:

Aquele vice-rei que arma cavaleiros no cume do Sinai,
o Gama, morto repousa nesta terra.»

Para dois outros soldados de menor nome compôs inscrições tumulares. O primeiro é uma das inúmeras vítimas de Alcácer-Quibir, e designa-o, de modo bastante vago, pelo apelido «Silva», insuficiente para qualquer identificação⁶⁸. O texto é um queixume, nascido da dolorosa chaga que nele abriram as novas do desastre no norte de África: o rei e os guerreiros que então pereceram e cujos cadáveres se revolvem nas águas ou juncam o terreno são a fonte das suas lágrimas. Ali tombaram; e, com eles, a pátria:

*SYLVAE, QVI IN ACIE AFRICANA
CVM SEBASTIANO REGE PERIIT EPIT.*

*Sylua, tuum regem qui dira in bella secutus
occidis (heu!), lacrimis altera causa meis.
Siue solo quocumque iaces, seu mersus ab undis
uolueris huc, illuc, hoc breue carmen habe.
Quam bene, qui nostrae fueras pars optima gentis;
dum cadit infelix patria, Sylua, cadis*⁶⁹.

«EPITÁFIO DE SILVA,
QUE NA BATALHA AFRICANA PERECEU COM O REI SEBASTIÃO

Silva, tu que, seguindo o teu rei na terrível batalha,
tombaste (cruel desgraça!) segunda causa és de minhas lágrimas.
Quer estejas caído em um ponto qualquer do terreno, quer, submerso pelas
[águas,
sejas baldeado para aqui e para ali, acolhe este breve canto:
Tu, que foste um dos mais ilustres membros das nossas gentes,
no momento em que cai, desgraçada, a pátria, quão bem, ó Silva, tu cais.»

⁶⁸ Muitos foram os homens com tal apelido que caíram em Alcácer: D. Aires da Silva, bispo do Porto, Henrique Correia da Silva, João da Silva, filho de Lopo Furtado Mendonça, Lourenço da Silva, regedor da justiça, e seu filho João da Silva, Tomé da Silva, decerto entre outros mais, de menor vulto (QUEIROZ VELOSO, p. 407). É, pois, difícil saber a quem se refere o poeta; COSTA RAMALHO propõe, com sérios fundamentos, Lourenço da Silva, mecenas de poetas (1988, pp. 34-35 e 1985, pp. 128-219).

⁶⁹ *Cato Minor*, p. 129.

O outro, mais desconhecido ainda, apelida-o somente de «Duarte» e diz ter morrido em combate na Índia — poucas informações, aplicáveis a tanta gente, que a identificação se torna impossível. Nasceu junto ao Tejo, mas o tronco abandonado jaz agora nos areais longínquos do Oriente, caída a cabeça às mãos do inimigo.

Não é, porém, a dor da morte a que mais confrange, mas antes a imagem da mãe ilusoriamente confiada no regresso de um filho que jamais voltará; talvez as Parcas se compadeçam e lhe ponham termo à vida já longa, antes que as novas da desgraça venham turvar de dor a esperanças velhice:

*AEDOVARDI PVERI LVSITANI
QVI APVD INDOS IN PROELIO OBIIT EPITAPHIVM*

*Natus ad extremos qua sol deuergit Iberos
et celer aurifero qua fluit amne Tagus,
truncus in Eoa iaceo neglectus harena;
cessit enim ceruix hostibus icta meis* ⁷⁰.

Nec dolet in prima ferro cecidisse iuuenta, 5
*nam mihi pro patria dulce perire fuit,
sed desiderio matris torquere senectam;
esse potest fati iusta querela mei.*

*Illa meos reditus spe iam praesumit inani
et fouet in tacito gaudia uana sinu.* 10

*Infelix, quid se deiectum ad litora natum
audiat et mediis flebile corpus aquis!*

*Canentes miseranda comas diuullet et ipsos
culpabit tardos in sua fata deos.*

At uos fila manu prius accelerate, sorores, 15
ne cadat — heu! — tanti conscia facta mali. ⁷¹

«EPITÁFIO DE DUARTE, JOVEM LUSITANO
QUE MORREU EM COMBATE NA ÍNDIA

Nascido na terra onde o sol se inclina para os extremos confins da Ibéria,
e onde corre veloz, com veio aurífero, o Tejo,
sou um tronco abandonado que jaz nos areais do Oriente,
pois minha cabeça tombou, alvejada pelos meus inimigos.

⁷⁰ Recorde-se a imagem do cadáver decapitado de Príamo, abandonado na praia (Aen. 2.557-558).

⁷¹ Carm. fol. F.

E não é doloroso ter caído a golpes de espada na flor da juventude, 5
 pois para mim foi grato morrer pela pátria,
 mas atormentar com saudade a velhice de minha mãe;
 pode ter-se por justo o pranto sobre o meu fado.
 O meu regresso, é já com vã esperança que ela o antevê
 e vãs são as alegrias que acalenta no silêncio de seu regaço. 10
 Desgraçada, se acaso ouvir falar no filho atirado para a praia
 e no cadáver merecedor de pranto a boiar no meio das águas!
 Digna de dó, os cabelos branquejantes há-de arrancar
 e clamar contra os deuses lentos no executar de seus fados.
 Mas vós, apressai antes os fios que manejaís, ó irmãs, 15
 para que não sucumba — pobre dela! — já sabedora das novas de
 [tamanha desgraça!]

C. Os vultos da cultura

Durante o longo peregrinar, os caminhos de Flávio Eborense cruzaram-se com os de outros compatriotas que em grande número viajavam pelos principais centros europeus de cultura. Irmanava-os o ideal humanista, a sede de conhecimentos e, em determinados casos, o exílio. De alguns desses encontros dá notícia a sua obra: o cardeal D. Miguel da Silva, Amato Lusitano, António Soares. Aquiles Estaço, que o terá encontrado, por certo, em terras italianas, dedicou-lhe um epigrama laudatório que pode ler-se nas primeiras páginas da edição de 1596 do *Cato Minor*.

Possivelmente muitos outros foi encontrando, embora deles não faça sequer menção na sua obra, onde, aliás, são mais numerosos os homens das letras e artes de outras nacionalidades que os portugueses; o mais intenso contacto com os estrangeiros que com os nacionais justifica-o. Estes, todavia, não caíram no esquecimento.

Prova-o, antes de mais, a dedicatória do *Cato Minor*. Ali diz que compusera inicialmente os dísticos morais para serem ofertados a Francisco I, grão-duque da Toscana, como contributo para a educação de seu filho Filipe; mas, acrescenta, a morte deste príncipe levou-o a alterar a intenção primitiva. Por isso, sem neles ter introduzido qualquer modificação, que considera desnecessária, dedica-os aos mestres lisboetas, para assim os auxiliar a incitar os alunos a mais altos feitos e a neles gerar a devoção para com Deus e a obediência ao rei Filipe ⁷²:

⁷² Estranha subserviência que dificilmente se reencontrará alhures na obra de Diogo Pires. Teria o poeta ainda alguma esperança de voltar, para assim proceder como Ovídio

FLAVIVS IACOBVS EBORENSIS OLYSSIPONENSIBVS
LVDIMAGISTRIS S.D.

Scripseram superioribus annis, Catonis exemplo, disticha nonnulla Latino sermone, quae Francisco, Magno Etruriae Duci, dedicare in animo habebam, ut Cosmus puer suavissimus, qui biennio ante illi e Ioanna Austria natus erat, cum primum per aetatem licuisset, his quasi et morum et litterarum rudimentis imbutus, in auitam paternamque uirtutem incenderetur.

At cum flos ille, in quo omnis Etruria, immo omnis Ausonia se oblectabat, repente arescens, et nostras et parentum spes secum abstulerit, necessario consilium mutauit et, ut opus regio puero destinatum in uestro nomine appareret, non alienum duxi.

Nam cum Olyssipponensem pueritiam, delicias et amores parentum, publice priuatimque erudiendam susceperitis, iuuabit, opinor, huius carminis lectio pia studia et ad maiora promouebit.

Porro non sum nescius permultos magna et excellenti doctrina uiros in hoc scribendi genere et Graece et Latine desudasse. At nostra haec apis (quod sine inuidia dicta sit), amoeniora prata ingressa, e thymo caelestis rore insperso fauos suos concinnauit, unde odoris suauitas teneris animis infusa, et in Deum Optimum Maximum pietatem et in regem Philippum singularem beneuolentiam et obseruantiam procreabit.

Valete, uiri optimi, et urbem omnium quas sol uidet clarissimam diu felices incolite.

«JACOB FLÁVIO EBORENSE AOS MESTRES DE LISBOA
ENVIA MUITO SAUDAR

Escrevera eu, há uns anos atrás, a exemplo de Catão⁷³, alguns dísticos em língua latina que tinha em mente dedicar a Francisco, grão-duque da Etrú-

nos períodos de maior submissão ao poder imperial que o desterrara? De facto, como veremos, Filipe suscita quase sempre imprecações e despeito.

⁷³ Alusão aos *Disticha Catonis*, colectânea datada provavelmente do séc. III d.C. e de largo uso na Idade Média e Renascimento como livro de leitura de latim. Muito popular no século XV, há já notícia da sua existência na biblioteca de D. Duarte; prova da popularidade que alcançou a obra é o facto de se conhecerem dela nada menos de 178 incunábulo. Como o título indica, foi durante muito tempo atribuída a Catão, se bem que Erasmo dê uma explicação diferente no prefácio da sua edição de 1513 (*Catonis Disticha Moralia, cum scholiis Des. Eras. Rot. [...] Basileae, an. MDXXVI*): *Porro cuius auctoris sit hoc opus et utrum unius an plurium, non admodum referre puto. Catonis ob id tantum arbitror dici, quod sententias habeat Catone dignas* (apud A. C. RAMALHO, 1966,

ria ⁷⁴, para que Cosme, aquela tão terna criança que de Joana de Áustria lhe nascera dois anos antes ⁷⁵, tão cedo a idade lho permitisse, com a ajuda deles imbuído dos rudimentos dos costumes das letras, se inflamasse nas virtudes de seu avô ⁷⁶ e de seu pai.

Mas quando aquela flor, em quem toda a Etrúria — e, mais que isso, toda a Itália — se comprazia, ao murchar subitamente, consigo levou as nossas esperanças e as de seus pais ⁷⁷, tive forçosamente de alterar a minha intenção; e, para que a obra a uma criança real endereçada surgisse em vosso nome, nenhuma modificação lhe introduzi.

De facto, no momento em que vos dispuserdes a ensinar, em público ou em privado, a juventude de Lisboa (delícia e amor dos pais), útil será, assim o espero, aos devotos estudos a leitura destes versos e há-de incitar a mais altos feitos.

Além do mais, não ignoro terem sido muitos os que com excelsa sabedoria derramaram o seu suor a escrever sobre esta matéria, tanto em grego como em latim. Mas esta minha abelha (que isto seja afirmado sem inveja), ao penetrar por mais amenos prados, foi de um tomilho aspergido do orvalho celeste que preparou os seus favos; por isso, um suave perfume derramado sobre almas delicadas há-de gerar a devoção para com Deus de suma bondade, o amor para com a pátria e uma singular obediência em relação ao rei Filipe.

Eu vos saúdo, varões ilustres, e a essa cidade, a mais nobre de quantas o sol vê, perservai-a felizes por longo tempo.»

Dos nomes do passado é quase nula a presença, pois só um parece merecer-lhe atenção; a sua existência, no entanto, é de tal forma duvidosa que se torna difícil fazer fé nas palavras de Diogo Pires. Trata-se de Gastão de Foix, cujo elogio traça no *Cato Minor*, em nove dísticos, seguidos de algumas linhas em prosa com pretensos esclarecimentos de ordem biográfica.

Situa-o no reinado de D. Afonso Henriques e di-lo descendente dos reis da Aquitânia. Teria sido teólogo e autor de uma obra em árabe, repartida

pp. 166-167); isto é: «enfim, de que autor seja esta obra, e se é de um só ou de vários, não creio que possa afirmar-se com segurança; julgo que se diz ser de Catão, em virtude de possuir sentenças dignas de Catão». A edição mais recente dos *Disticha* é a de Marcus Boas, saída a lume já depois da sua morte, por iniciativa de H. I. Botschuyver, em Amsterdão, 1952.

⁷⁴ Francisco I (1541-1587), que foi grão-duque da Toscana de 1574 a 1587. Foi casado com Joana de Áustria, a propósito de cuja morte compôs Diogo Pires uma elegia (*Eleg.* 3.2).

⁷⁵ Filipe, filho de Francisco I e de Joana de Áustria, nascido em Junho de 1577. O poeta apelida-o de Cosme, nome do avô.

⁷⁶ Cosme I (1519-1574); governou desde 1537 e foi o primeiro dos Médicis a conseguir para Florença o título de Grão-Duque, em 1569, outorgado pelo papa Pio V.

⁷⁷ Filipe morreu em 1582, apenas com cinco anos de idade. Dado que era o único filho deste casamento (Joana de Áustria morrera já em 1578, quando Filipe contava somente dez meses), a sua morte representou um golpe para os sonhos do Grão-Duque. Por estas palavras se deduz que o poeta terá começado a organizar o *Cato Minor* em 1579.

por sete livros, depois traduzida para português por um tal Pedro Galvão, no reinado de D. Dinis. Bispo de Évora, lugar para que fora nomeado pelo nosso primeiro monarca, terá sido assassinado por salteadores no caminho para Roma, aonde se deslocava em missão diplomática.

Todos estes dados, colheu-os, ao que parece, junto do cardeal D. Miguel da Silva, em Roma, que possuía a versão portuguesa da obra de Gastão de Foix, por Pedro Galvão, e uma outra em latim, da responsabilidade do próprio D. Miguel da Silva. Além disso, os documentos em posse do prelado português exilado em Roma confirmavam uma notícia sobre o túmulo e epitáfio da misteriosa personagem, que obtivera outrora junto de Pinciano, quando da sua passagem por Salamanca.

Neste caso, todavia, nem mesmo a indicação da fonte de informações é condição bastante para as aceitarmos como fidedignas. De facto, as escassas referências a este Gastão de Foix baseiam-se nas palavras de Diogo Pires, o que, em boa verdade, nos deixa num círculo sem saída:

— Barbosa Machado mais não faz que repetir quase *ipsis uerbis* as palavras do *elogium* abaixo transcrito e alguns versos do poema que o antecede ⁷⁸.

— Frei Francisco Brandão, para onde Barbosa Machado nos remete, pouco adianta; ao falar nas traduções de textos árabes executadas ao tempo de D. Dinis, menciona a obra de Gastão de Foix, cuja biografia sumariamente apresenta. Mas usa como fonte somente o nosso poeta ⁷⁹.

— Leitão Ferreira inscreve o teólogo entre os alunos saídos do seminário fundado em Coimbra por D. Paterno, sob licença de D. Afonso VI de Leão. Aventa a hipótese, sugerida já por João Pinto Ribeiro, de que os seus escritos «porventura andão perfilhados neste tempo por quem se acreditou com os seus trabalhos» e limita as informações às que o poeta eborense veiculava ⁸⁰.

— O padre António Franco, ao escrever sobre as glórias de Évora, em cujo bispado faz Gastão de Foix suceder a D. Soeiro, segue a mesma fonte ⁸¹.

— Inocêncio nega que tal personagem alguma vez tenha existido ⁸².

— E, finalmente, no mesmo sentido aponta Frei Fortunato de São Boaventura que se confessa incapaz de corroborar as informações de Diogo Pires ⁸³.

⁷⁸ Tomo II, s.u. «Gastão de Foix».

⁷⁹ Parte V, 6v^oa.

⁸⁰ I parte, p. 4.

⁸¹ P. 49.

⁸² S. u. «Gastão de Foix».

⁸³ 1825, p. 31.

A fragilidade dos testemunhos acabados de mencionar e a omissão do nome na árvore genealógica da casa de Foix, nas histórias da Igreja em Portugal ou da diocese de Évora e ainda no rol de diplomatas portugueses, suscita sérias dúvidas e reservas às palavras do autor do *Cato Minor*.

O mesmo, de resto, se dirá de Pedro Galvão, alegado tradutor da sua obra, tão misterioso quanto o teólogo.

Em relação a ambos mais não temos, pois, que os versos e o *elogium* de Didacus Pyrrhus, a quem apenas se pode conceder o benefício da dúvida; o afecto que revela para com o seu país bem o merece.

DE GASTONE FOXAEIO
DE DEO ET ANIMORVM IMMORTALITATE ET PRAEMIIS ET POENA

*Scire libet paucis quae, rerum arcana reuoluens,
explicuit septem Gasto uoluminibus,
et quae tot uates et tot cecinere Sibyllae,
hi Solymis, illae colle sub Albuneo:
'Est Deus, est, inquam, Deus unus et omnis in ipso
omnium et ipse parens omnium et instar agens.
Praeterea illius spirat de numine sancto
aura lenis tardis insita corporibus,
quae simul infusa est et numquam desinit et, cum
10 deserit exanimum corpus, in astra redit.
Hic merces sua cuique et uita digna peracta
stant exquisito praemia iudicio;
atque aliquis geniis mixtus felicibus ora,
ora Dei summi iam propiora uidet.
15 Contra alius stat luce procul; lex nulla nocenti
durior aut grauior poena uenire potest.'
Haec senior Gasto. Tu uero, numquid Aquinas,
numquid habet melior Scotus, amice, doce.*

GASTONIS FOXAEI ELOGIUM

Gasto Foxaeius, homo Lusitanus ab Aquitanis regulis oriundus, omnium sui temporis theologorum facile princeps habitus est. Linguarum praeterea multarum cognitione claruisse traditur; nam praeter maternam Lusitanam et auitam Gallicam, Hebraicam, Latinam et Arabicam exacte calluit.

Librum in septem particulas distinctum (ita enim inscripsit) composuit et, ut plerique existimant, Arabice. Mauris enim ea tempestate maiorem Hispaniae partem occupantibus, ea lingua omnium fere Hispanorum communis habebatur.

In prioribus tribus de Deo et animorum immortalitate ita copiose scribit ut non Christianas modo, uerum et Platoniorum omnium bibliothecas excussisse uideatur.

In reliquis de concordantia Sibyllinorum carminum cum prophetarum oraculis, de caelesti beatitudine, de Purgatorii et Inferni cruciatibus, incredibili subtilitate et pari facundia agit.

Hunc aliquot post saeculis librum Petrus Galbanus Dionysii regis iussu Lusitanum fecit. Hic est ille Galbanus, antistes Bracharensis, qui Caesaraugustae, inter duos reges lautissime epulatus, eadem die cibi grauitate aut, ut plerique tradunt, praenimio gaudio, exspirauit.

Michael uero Syluius Cardinalis, barbara interpretatione non contentus, Latinam addidit pure, sane, et ornatu conscriptam. Fecit ille quidem, cum Romae essem, eius libri legendi mihi potestatem; ut uero exscriberem, nondum enim typis euulgatus est; non permisit: suas enim margaritas (nam eo uerbo usus est) uulgo communicare se uelle constantissime negabat.

Porro Foxaeius hic sub Alfonso primo Portugalliae rege uixit, a quo Eborae patriae meae episcopus designatus et, orator Romam missus, ut erant ea tempora turbulenta, a latronibus in itinere confossus est. Sunt qui interfectores a Tareia regis matre, quae ut mulier libidine infamis a filio in compedibus adseruabatur, submissos tradant; ibat enim ut conflatam eam ob causam regi suo inuidiam apud Summum Pontificem eleuaret, quod haud dubie effecisset, is eloquentiae ardor, ea persuadendi uis homini inerat; accedebant singularis uitae modestia et mira quaedam morum integritas atque suauitas.

Narrabat mihi Pintianus, olim in Rhetoricis praeceptor meus, fuisse in suburbio Tolosetae (ea urbs in Cantabria est) templum D. Paulo sacrum, quod intrantibus a laeua sepulcrum cum hac inscriptione occurrebat:

‘Gastonis Foxii Lusitani, a latronibus interfecti, ossa hic quiescunt. Vixit annos lxxiiij. menses x. dies xiiij.’

*Verum id templum una cum suburbio ardente bello Gallico ita excisum est ut nulla hodie illius uestigia appareant*⁸⁴.

⁸⁴ Cato Minor, pp. 114-117.

«DE GASTÃO DE FOIX
DE DEUS E DA IMPORTALIDADE DAS ALMAS
E DAS RECOMPENSAS E DO CASTIGO

A poucos é dado saber o que, ao revolver os segredos das coisas,
decifrou Gastão em sete volumes
e o que tantos profetas e tantas sibilas proclamaram,
eles em Sólimas, elas à sombra da colina Albúnea ⁸⁵:
'Há um Deus; há, direi mais, um só Deus e é um todo em si mesmo, 5
e de tudo é ele mesmo o pai, e a grandeza de tudo é ele que a confere.
Mais do que isso, de sua santa divindade sopra
uma suave brisa que se enraíza na lentidão dos corpos;
logo que neles se insinua, ela jamais os deixa
e, quando se esvai do corpo inanimado, retorna aos astros. 10
Ele a cada um dá a paga merecida e, se a vida foi levada ao termo com
[dignidade,
os prémios lá estão, no juízo que se alcançou;
e, na comunhão dos bem-aventurados, o rosto,
o rosto do sumo Deus, qualquer um o olha de mais perto.
Do lado contrário, um outro se levanta, longe da luz; para o pecador, 15
nem lei mais dura nem pena mais severa podem sobrevir-lhe.'
Assim disse o velho Gastão. Mas tu, se algo de melhor tem para dizer o
[Aquinate ⁸⁶,
se algo de melhor tem Escoto, ó amigo, ensina-o.

ELOGIO DE GASTÃO DE FOIX

Gastão de Foix, lusitano descendente dos reis da Aquitânia, facilmente foi considerado o primeiro de entre os teólogos do seu tempo. Conta-se, além disso, que se notabilizou pelo conhecimento de muitas línguas, pois, além da materna, a lusitana, e da dos seus antepassados, a francesa, dominou com perfeição a hebraica, a latina e a árabe.

Compôs um livro dividido em sete partes (pois assim o escreveu) e, conforme julga a maioria, em árabe, já que, ocupando os Mouros por essa altura a maior parte da Hispânia, essa era a língua tida por comum a quase todos os Hispânicos.

Nos primeiros três livros tratou com tal exaustão de Deus e da imortalidade da alma que parece ter perscrutado não só as bibliotecas cristãs, como até as de todos os platónicos.

Nos restantes trata com espantosa argúcia e igual eloquência da relação entre os cantos das sibilas e os oráculos dos profetas, da bem-aventurança celeste e dos suplícios do Purgatório e do Inferno.

⁸⁵ Colina de Tibur, hoje Tivoli, onde teria existido a gruta da sibila Albúnea, segundo lenda constituída provavelmente a partir da ninfa das *albunee aquae*, fonte sulfurosa ali existente. O poeta Virgílio (*Eneida*, 7.81 sqq.) faz já referência à sibila Albúnea.

⁸⁶ S. Tomás de Aquino.

Este livro, alguns séculos mais tarde, Pedro Galvão, a mando do rei D. Dinis, traduziu-o para português. É este Galvão o famoso bispo de Braga que, ao banquetear-se lautamente em Saragoça entre dois reis, nesse mesmo dia, ou devido à quantidade de comida ou, no dizer da maioria, graças ao excesso de prazer, expirou.

Mas o cardeal D. Miguel da Silva, não satisfeito com a tradução em língua bárbara, acrescentou-lhe uma outra em latim, escrita com pureza, clareza e elegância. Ele mesmo me deu a possibilidade, quando me encontrava em Roma, de ler o seu livro, para que dele escrevesse com verdade, pois não foi ainda divulgado pelos tipógrafos — não o permitiu ele, já que as suas pérolas (essa foi a palavra que usou), recusava com toda a firmeza ter intenção de as transmitir ao vulgo.

Mais tarde, este Foix viveu no reinado de Afonso I de Portugal, por quem foi nomeado bispo de Évora, minha pátria, e, ao ser enviado como embaixador a Roma (pois eram tumultuosos esses tempos), foi abatido no caminho por ladrões. Há quem diga que se tratava de assassinos a soldo de Teresa, mãe do rei, a qual, por ser mulher entregue à vergonha do prazer, era mantida a ferros pelo filho; é que era objectivo da viagem fazer chegar aos ouvidos do Sumo Pontífice a sanha que, por esse motivo, se apoderara do rei, o que, sem dúvida, teria conseguido; tal era nesse homem o ardor retórico, tal a força de persuasão, a que acresciam uma singular modéstia de vida e uma admirável integridade e doçura de costumes.

Contava-me Pinciano, outrora meu mestre de Retórica, que tinha havido nos arredores de Toloseta (cidade que fica na Cantábria) uma igreja dedicada a S. Paulo, que, à esquerda de quem entrava, deixava ver um sepulcro com esta inscrição:

‘São de Gastão de Foix Lusitano, assassinado por ladrões, os ossos que repousam aqui. Viveu sessenta e quatro anos, dez meses e catorze dias.’

Mas esse templo, juntamente com os seus arredores, foi de tal forma destruído pelo furor da guerra de França que hoje nenhum vestígio dele pode ver-se.»

Dos contemporâneos, como ficou dito, vários cruzaram o seu caminho.

Em 1536 corresponde-se com António Soares Lusitano, então em Antuérpia, a quem envia o *Dialogismus inter honestum adolescentem et pudicam uirginem habitus*. A carta que acompanha os versos revela as primeiras manifestações de saudade da pátria ainda há pouco deixada ⁸⁷.

Alguns anos depois dedica uma elegia a seu sobrinho Diogo Vaz, que então iniciava promissora carreira em Salamanca.

O poema vale menos pela referência ao sobrinho, de resto pouco conhecido, do que pelo precioso contributo de ordem biográfica e pelo sentimento de intensa saudade que manifesta, na lembrança de Salamanca, tão vizinha da terra que o viu nascer ⁸⁸.

⁸⁷ Vd. supra, pp. 73-74. A importância deste documento para o conhecimento da biografia do poeta é analisada na p. 16.

⁸⁸ Aspecto já estudado atrás (pp. 17-18).

Chora a ausência com lágrimas que lhe servem para incitar o jovem ao estudo e à virtude. Tudo é caduco, tudo sucumbe ante a morte e o destino: assim as grandes cidades, os grandes impérios, as grandes maravilhas do mundo de outrora. Só os feitos do espírito permanecem; provam-no os nomes famosos das letras clássicas, Virgílio, Ovídio, Homero. Que a tais obras se entregue Diogo Vaz e abandone os vícios e os prazeres nocivos; com isso também ele alcançará a imortalidade.

Ou porque as palavras de bom augúrio eram ditadas mais por um afecto quase paternal que pela verdade ou porque qualquer outro acontecimento obstou aos sucessos antevistos, Diogo Vaz não entrou na senda de glória que o tio lhe adivinhara, pois dele não ficou memória. Além destes versos, nenhuma outra notícia existe a seu respeito. Nada permite afiançar que se lhe refira um registo de Salamanca, mencionado por Veríssimo Serrão: «Didacus vaez ciuitatis del puerto lusitanus», bacharel médico em 30 de Maio de 1539. Ainda que seja o mesmo, no entanto, a este laconismo se resumem as informações, muito aquém do futuro que o tio traçara.

Assim escreve o poeta:

*DIDACO VASAE0, NEPOTI SVO,
QVI SALAMANCAE LITTERIS DAT OPERAM*

*Dum te palladiis uigilantem, Didace, chartis,
palladiis indigna loco quae cedat Athenis,
urbs Salamanca tenet, nos ambitiosa nec uno
certa manere loco Latias Fortuna per urbes
5 raptat et insuetos Mauortis adire labores
imperiosa iubet. Notum quo sanguine nuper
inter et Armoricos certatum atque inter Iberos.
Non odio maiore umquam, non uiribus aequae
pugnatum. Stupere omnes, quique alta Lyorni
10 rura tenent populi quosque impiger alluit Arnus.
Nec dispar pugnae euentus; num uicerit alter,
incertum; aduersos cassus incussat uterque
amissosque duces occisaeque corpora ferro
quaerit et absumptas bello desiderat urbes.
15 Hac tamen infausti defunctos parte duelli
par erat ut tranquilla quies in pace maneret.
Abnuat incoeptique tenax noua proelia rursus
cogitat et medio lunatas aequore classes*

*obiicit Hesperiiis. Concurrit ergo nefastis
sideribus; maria et uentos et numina caeli* 20
*coniurasse putes, nec enim quem iure timeres
hostis erat. Fugimus tamen, et fugientibus ultro
instat Aradinus uictriciaque arma per undas
explicat Aegaeas. Serae uix munere noctis
seruati, Alcynoi portus et fida subimus* 25
*litora; quassatam reficit dux Auria classem.
Fortunam supra ipse suam bello inclitus heros
ardet in Ioniis commissum dedecus undis
compensare aliquo melioris nomine famae.
Nec longas fert ille moras. Phaeacidus ergo* 30
*deserimus terras Austrisque fauentibus usi
Illyricos montes quarta iam luce uidemus.
Occupat hos nullo Latius certamine miles,
praesidio uacuos, abigitque ad litora praedam.
Paene ruinosis stabat arx condita muris* 35
*aeria sub rupe (Nouum uocat accola Castrum).
Hanc quoque deiecto miles custode potitur.
Infelix miles, nec enim uidet ordine certo
supremosque dies clademque instare tremendam.
Aduersos sensura deos Geticasque sagittas,* 40
*altera militiae pars expertissima belli
substitit hic; Ligures repetit pars altera portus,
iam longis satiata malis. Pro uestra, sorores,
numina quis fontes siluaeque et carmina curae:
cui tantum in uestrum licuit peccare clientem?* 45
*Cur, cum Pierium numen sanctumque precantem
auxilium Bellona feris inuolueret armis,
ignauae cessastis? An hic mihi sacra colenti
flumina Castalios inter currentia montes
exspectatus honos? Quae nostra iniuria tantam* 50
*commeruit poenam? Num uestra impurus adiui
limina? Num morsu mihi laurus adacta nefando est?
Quod mihi si fuerant adeunda pericula Martis,
praestiterat dites Arabum percurrere campos
et Lusitanis inuisere nauibus Indos.* 55
*Quamquam et hoc miserum est! Oh, quis mihi Daedalus alas
aptet, ut aerium raptus super aethera Tormis*

despiciam uirides ripas et flumina, notas
 Nympharum sedes, propter quas saepe solebam
 60 nescio quid molli, sed non puerile sub umbra
 ludere et absentis testari Alloridos ignes!
 Vana precor, nec me (tentem licet omnia) rursum
 Hesperis optato gremio Salamanca fouebit,
 mollibus addictum studiis bellique minaces
 65 ridentem strepitus. Sed tu, Vasae, negatis
 utere deliciis olim mihi! Scilicet aegro
 hoc animo solamen erit (sic cetera mentem
 perturbare queunt) docto cessisse nepoti.
 At tibi ne uitii labes innata pudicos
 70 inficiat mores et primos surgat in annos,
 nate, caue (liceat filii mihi nomine dulcem
 compellare nepotem, et si natura repugnat,
 uincat amor)! Fuge degeneres, nec pectus in ignes
 ardeat aut turpis declinet ad otia Bacchi,
 75 otia Pierios interruptura calores.
 Sed qua uoce suum pater exhortatus Iulum
 dicitur Aeneas, hac te quoque, crede, moneri:
 Disce, puer, uirtutem⁸⁹, animisque sequacibus artes
 nitere in ingenuas, nec quidquam crede capacis
 80 ingenii cultu felicius. Omne creatum
 uergit in interitum senibusque absumitur horis;
 nec sua durities ferrum nec saxa tuetur
 uis ignara situs. Adamas quoque sentit edaces
 fatorum leges longoque fatiscit ab aeuo;
 85 atque adeo insignes ipsis cum moenibus urbes
 dat leto spatiosa dies. Stetit illa deorum
 Troia labor; nunc uix urbis uestigia tantae
 apparent, deiectae arces incensaque templa.
 Quae procul ut certis comprehendit nauita signis,
 90 dum legit Inoa dictum de uirgine pontum,
 ostendit sociis nomenque rogantibus 'haec est
 Troia', inquit, 'regina Asiae, hoc Ilion ingens.'

⁸⁹ De modo idêntico inicia Eneias os seus conselhos a Ascânio (En. 12.435-436):
Disce, puer, uirtutem ex me uerumque laborem | fortunam ex aliis.

*Quid tibi Dircaeas arces? Quid Cecropis urbem?
 Aut aequata solo Solymorum moenia dicam?
 Ipsa quoque immensi miracula credita mundi* 95
*ut mirere, tacent. Cessat iam garrula Memphis
 pyramides iactare suas, non alta colossos
 miratur Rhodos aérias, non ardua Cares
 mausolea aequant caelo, non cornibus aram
 Delius instructam mira stupet arte sacerdos.* 100
*Et molles Diana suos suspirat honores,
 et sua conqueritur Babylon destructa iacere
 moenia. Quid multis? Cesserunt omnia fatís.
 Omnia cesserunt fatís, sunt omnia mortis.* 105
*Ingenií monumenta manent; non illa seueros
 Parcarum fusos, non stamina torta uerentur.
 O magnis par ille deis qui sancta secutus
 otia tranquillam studiis traducere uitam
 constituit; non ille quidem concedet auaris* 110
*manibus, aut Stygias inglorius ibit in umbras,
 ignotorum hominum sedes, sed lucidus arcem
 incolet aetheriam et maior post fata resurget.
 Sic Maro, sic gelidi clarus Sulmonis alumnus,
 sic gemini Annei, sic ante hos diuus Homerus;* 115
*euicere necem et caelo nunc sidera fulgent.
 Tu quoque, ni fallax quo te complector amorem
 decipit augurium, ni frons insigne relucens
 indole magnanimi frustatur uota parentis,
 haud uatum extremus, quos fert Hispania; nomen* 120
*immortale tuis olim Setalensibus addes.
 Interea uires operi dum sufficit aetas,
 care nepos, insiste animis et praemia tantae
 uirtutis sectare libens. Non ulla laborum
 hic facies, non arma necem, non bella minantur* 125
*exitium, iuuat innocua sudare palaestra.
 Hoc pater, hoc absens hortatur auunculus, aude
 magna sequi, et si non omnino uera monentem
 reiciis, illecebras damnosaque gaudia uitae
 effuge et exsertum uitiis caput assere caelo* ⁹⁰.

⁹⁰ Carm. Civ-Diii.

«A DIOGO VAZ, SEU SOBRINHO,
QUE EM SALAMANCA SE ENTREGA AO ESTUDO DAS LETRAS

Enquanto, ó Diogo, te detém em vigílias sobre doutos escritos
aquela que não merece ceder diante da douda Atenas,
a cidade de Salamanca, a mim, as voltas da Fortuna,
determinada a não se deter em um só lugar, pelas cidades do Lácio
5 me arrastam e a enfrentar os inusitados trabalhos de Marte
me forçam, imperiosas. É conhecida a sangrenta guerra
que há pouco se travou entre Armóricos e Iberos⁹¹;
com mais ódio ou com semelhantes forças,
jamais se combateu. De espanto se encheram todos os povos que habitam
[os altos cumes de Liorne
10 e os que esforçado Arno alimenta.
E não há desnível no desfecho do combate; qual dos dois vai vencer,
é incerto; um e outro proclamam a derrota do adversário,
buscam os chefes perdidos e os corpos caídos à espada
e ambicionam as cidades arrasadas pela guerra.
15 Que pusessem termo, porém, a este lado de uma guerra sinistra,
isso era justo, para que um repouso tranquilo em paz se mantivesse.
Recusou e, firme na empresa começada, medita, uma vez mais, novos com-
[bates;
e as armadas do Crescente, pelo meio do mar as lança
contra a Hespéria⁹². Avança, portanto, sob estrelas nefastas;
20 mar e vento e deuses do céu,
dir-se-ia que se tinham conjurado e que quem deveria, de facto, temer-se,
não era o inimigo. Fugimos, no entanto; e aos fugitivos, mais além
os ameaça o Aradino⁹³, e os exércitos vitoriosos,
dispersa-os pelas águas do Egeu. A custo, beneficiando do avançado da
[noite,

⁹¹ Armóricos designa aqui os Franceses em geral. Apesar de várias terem sido as guerras entre Carlos V e Francisco I, a proximidade da data em relação aos acontecimentos a seguir narrados sugere que se trata de alusão àquela que ficou conhecida por «campanha de Provença». Contra esta província francesa conduziu o Imperador as suas tropas, depois de as ter concentrado em Asti e em Fossano, em Itália. Sem que qualquer batalha de grande vulto ocorresse, muitos foram os homens de Carlos V que perderam a vida nessa campanha (ÁLVAREZ, pp. 469 sqq.).

⁹² Convém referir que o termo Hespéria, antes aplicado apenas à Itália, cedo passou a designar o Ocidente em geral. Quanto ao sujeito da frase, que não se encontra expresso, deve ser o chefe turco, Solimão, o Magnífico, ou um seu súbdito, como indica a expressão *lunatas classes*.

⁹³ Vd. supra, p. 18. Ali se sugeriu tratar-se de Khair-Ed-Din, um dos célebres irmãos Barba-Roxa, responsáveis por inúmeras acções de pirataria no Mediterrâneo ocidental. Depois de se fazer vassalo de Solimão, alcançou diversas vitórias ao seu serviço. Comandou a armada turca contra a Santa Liga, em 1538 e 1539. Veio a falecer em Istambul, em 1546.

nos salvámos; alcançámos os portos de Alcínoo⁹⁴ e praias fiéis. 25
 O almirante Dória reanima a armada exausta⁹⁵.
 Para além da sua ventura, o herói notável na guerra
 arde em desejos de compensar a desonra sofrida nas águas iónias⁹⁶
 com algum título de maior nomeada.
 E não suporta compridas delongas. Abandonamos, assim, 30
 a terra dos Feaces e, ao sopro de Austros propícios,
 logo ao quarto dia avistamos os montes Ilíricos.
 Ocupa-os sem qualquer luta o soldado do Lácio⁹⁷,
 desprovidos, como eram, de guarnição, e rechaça para a praia os despojos.
 Dos fundamentos de muralhas quase em ruínas, uma cidadela se erguia, 35
 na base de um rochedo alçado sobre o mar (chamam-lhe Castelo Novo
 [os povos da vizinhança];
 também deste o soldado se apodera, desprezando a vigilância.
 Pobre soldado, pois não vê que a passo firme
 os dias derradeiros avançam, e a tremenda derrota⁹⁸.
 Presentindo a oposição dos deuses e das setas getas⁹⁹, 40
 uma parte do exército, mais experimentada na guerra,
 aqui se mantém firme; uma outra busca os portos lígures,
 já cansada de prolongados males. Em nome do vosso poder, irmãs
 que de fontes, de bosques, de cantos cuidais:
 a quem foi que tanto aprouve fazer dano a um vosso servo? 45
 Por que razão, quando um suplicante da divindade piéria e do divino
 auxílio, Belona o envolvia na crueza das armas,
 vos quedastes vós na indolência? Ou será que a um cultor, como eu,
 das sagradas torrentes que correm entre os montes castálios
 é este o prémio que lhe é dado esperar? Qual a minha injúria 50
 que tamanha pena mereceu? Acaso em estado de impureza me aproximei
 de vossos limiares? Acaso abocanhei o louro com boca celerada?
 E, se eu tinha de enfrentar os perigos de Marte,
 melhor fora percorrer os ricos campos dos Árabes
 e em lusitanas naus visitar os povos do Indo. 55

⁹⁴ A terra dos Feaces, governada por Alcínoo, a que aportou Ulisses (*Odisseia*, 6 sqq.), com frequência costuma ser identificada com Corcira, a actual Corfu. Ali resistiram as tropas da Santa Liga à ofensiva turca.

⁹⁵ *Dux Auria*, no latim; tratar-se-á, por certo, de André Dória, almirante das forças venezianas nesta guerra.

⁹⁶ Alusão ao desastre de Preveza onde, apesar de encurralada, a armada turca logrou escapar.

⁹⁷ O primeiro contingente instalado em Castelo Novo era maioritariamente composto por italianos.

⁹⁸ Alusão, em jeito de presságio, ao que ficou conhecido na história por «holocausto de Castelo Novo».

⁹⁹ É corrente a palavra «geta» designar o bárbaro em geral. De qualquer modo, a região outrora habitada por este povo estava também sob domínio turco.

E, contudo, esta vida é triste! Oh, que algum Dédalo me apronte
 asas, para que, arrebatado por sobre as alturas dos ares,
 possa ver as verdes margens do Tormes e os seus rios, conhecida
 morada de Ninfas, junto às quais costumava eu tantas vezes compor
 60 à sombra não sei que poesias delicadas, mas não infantis,
 e dar testemunho das chama da Alóris ausente!
 É em vão que clamo, e, apesar do meu esforço, não há-de de novo
 a hespéria Salamanca em seu almejado seio acalantar-me,
 entregue à doçura dos estudos e a rir-me às gargalhadas
 65 das ameaças da guerra. Mas tu, ó Vaz,
 desfruta das delícias que outrora me foram negadas; sem dúvida,
 a esta alma doente há-de servir de consolo (se é que o espírito,
 pode o resto perturbá-lo) ter sido superado pelo saber de um sobrinho.
 Mas, para que a mancha que herdaste à nascença te não mergulhe no vício
 70 a pureza dos costumes e se manifeste nos primeiros anos,
 tem cuidado, ó filho (lícito me seja dar o nome de filho
 ao doce sobrinho — e, se a natureza o rejeita,
 triunfe o amor)! Foge de companhias indignas, para que teu coração se
 [não inflame
 com o fogo ou sucumba perante os ócios do infame Baco,
 75 ócios que querem quebrar o ardor das Piérides.
 Mas com aquelas palavras com que ao seu Iulo,
 se diz tê-lo exortado o pai Eneias, com essas também acredita que és adver-
 [tido:
 Aprende, ó jovem, a virtude e com o coração dócil
 apoia-te nas artes nobres e não creias que algo há de mais fecundo
 80 que o culto de um vasto engenho. Tudo o que foi criado
 declina perante a morte e esvai-se na hora da velhice.
 Nem mesmo a dureza protege o ferro, nem a força os rochedos
 que não conhecem a ruína; até o diamante sente as leis vorazes
 do destino e sucumbe ao cansaço de uma longa idade.
 85 E mesmo as cidades notáveis, com as próprias muralhas,
 um dia distante as entrega à morte. Manteve-se firme a famosa Tróia,
 obra dos deuses; e, agora, vestígios apenas de tão grandiosa cidade
 se revelam, muralhas arrasadas, templos incendiados.
 Quando ao longe se apercebe deles o navegante por indícios seguros,
 90 ao percorrer o mar que extrai o nome da donzela Ino,
 aponta-os aos companheiros e, aos que lhe perguntam o nome, diz:
 «Esta é Tróia, rainha da Ásia; esta é a grande Ílion.»
 Que hei-de dizer das torres dirceias¹⁰⁰? E da cidade de Cécrops¹⁰¹?

¹⁰⁰ As torres de Tebas, do nome de Dirce, mulher do rei tebano Lico. A cidade foi destruída em 336 a.C. por Alexandre Magno.

¹⁰¹ Atenas, a cuja fundação está ligado o nome de Cécrops, um dos seus reis míticos. Com sucessivas épocas de apogeu e declínio, facilmente se compreende a alusão às grandiosas ruínas da cidade grega.

E das muralhas de Sólimos, arrasadas até ao chão?¹⁰² 95
 Mesmo essas, consideradas um milagre do vasto mundo,
 para teu espanto estão reduzidas ao silêncio. Desiste já a presunçosa Mênfis
 de enaltecer as suas pirâmides¹⁰³, pelas estátuas colossais que se elevam
 [nos ares
 não é a grandiosa Rodes admirada, os homens da Cária
 não rivalizam com o céu pelos altos mausoléus, perante o altar edificado
 [de chifres
 com admirável arte não é tomado de espanto o sacerdote Délio¹⁰⁴. 100
 E Diana suspira pelas doces honras que lhe são devidas;
 e solta queixumes Babilónia pelas muralhas que jazem, destruídas, pelo chão.
 Para quê gastar muitas palavras? Todas cederam aos fados.
 Aos fados todas cederam; a morte a todas possui.
 Os monumentos do engenho permanecem; esses não temem 105
 os inexoráveis fusos das Parcas, não temem os tortuosos fios.
 Oh, semelhante é aos grandes deuses aquele que, perseguindo sagrados
 [ócios,
 decidiu passar nos estudos vida serena!
 Esse não há-de, por certo, ceder à avareza dos manes
 ou caminhar sem glória para as sombras do Estígio, 110
 morada de homens desconhecidos, mas, fulgurante, há-de habitar
 a cidade do alto, e, mais grandioso, depois da morte há-de ressurgir.
 Assim Marão, assim o ilustre filho da gélida Sulmona,
 assim os dois Aneus¹⁰⁵, assim, antes de todos, o divino Homero
 triunfaram sobre a morte e como estrelas refulgem agora no céu. 115

¹⁰² Jerusalém, arrasada por Tito em 70 d.C.

¹⁰³ As grandes obras da lista que se segue, iniciada com as pirâmides do Egipto, incluem-se, na maior parte, entre as chamadas «sete maravilhas do mundo», segundo o cânon estabelecido por Antípatro de Sídon, no séc. II a.C.: as pirâmides (vv. 96-97); o colosso de Rodes (vv. 97-98); o mausoléu de Halicarnasso, na Cária (vv. 98-99); o Artemision, mais conhecido por templo de Diana (v. 101); as muralhas de Babilónia (vv. 102-103), que podem evocar os jardins suspensos da mesma capital. Apenas o verso 100 alude a uma obra não incluída nessa lista, da qual se omitem a estátua de Zeus em Olímpia e, em outra versão do cânon, o farol de Alexandria, bem como o altar de Zeus em Pérgamo.

¹⁰⁴ O altar de Delos onde Teseu, no regresso de Creta, deu graças a Apolo por ter escapado com os companheiros das garras do Minotauro. A dança sagrada, executou-a Teseu em volta de um altar construído por Apolo com chifres de cabras abatidas por Ártemis. O altar chamava-se *keráton*, nome devido ao material de que fora construído (Plutarco, *Teseu*, 21; Evi Melas, ed., *Temples and sanctuaries of Ancient Greece*, London, Thames and Hudson, 1973). Plutarco chegou a considerar este altar uma das «sete maravilhas do mundo», por equívoco. Vd. sobre o assunto R. FLACELIÈRE, «Sur quelques passages des vies de Plutarque», *Revue des Études Grecques* 61 (1948) 66-103, em especial pp. 79-81 («Le Kératôn de Délos»).

¹⁰⁵ Lucano (M. Annaeus Lucanus) e Séneca (L. Annaeus Seneca).

Também tu, se enganoso augúrio não falseia
o amor com que te abraço, se a fronte resplandecente de nobre carácter
não leva à frustração os votos de um magnânimo pai,
não hás-de ser o último de entre os vates que a Hispânia produziu;
120 um nome imortal hás-de somar aos teus Setalenses ¹⁰⁶ de outrora.
Enquanto a idade, entretanto, fornece forças bastantes para o labor,
meu caro sobrinho, persiste nas ocupações do espírito, e os prémios de tão
[alto valor,
busca-os com prazer. Aqui não hás-de alcançar qualquer mal;
nem as armas ameaçam com a morte nem a guerra com a ruína;
125 grato é suar em palestra inofensiva.
A isto te exorta o pai, a isto o tio ausente; ousa
prosseguir grandes feitos e, se a quem te adverte com a verdade,
de todo o não rejeitas, às seduções e aos nocivos prazeres da vida,
foge-lhes e eleva para o céu a cabeça que arrancaste ao vício.»

Na mesma colectânea, quase a encerrá-la, recorda-se um outro vulto da nossa cultura quinhentista: João Rodrigues de Castelo Branco, mais conhecido por Amato Lusitano. Como se viu no início ¹⁰⁷, várias vezes o destino de ambos se cruzou; disso dá conta em mais de um local o famoso médico português, talvez parente do nosso poeta. À data desta elegia, haviam já frequentado juntos a Universidade de Salamanca.

Seu irmão na raça e na sorte de exilado, quem melhor poderia compreender a dor que já então o atribulava?

Um intenso sentimento de nostalgia perpassa os versos, o lamento de quem começa a sentir o cansaço de todos os dias partir sem esperança de encontrar repouso, o medo de jamais conhecer o regresso. Ainda há pouco fora deixada a adolescência, e já a morte mostra a sua presença nos versos do poeta exilado; a morte que se pressente, longe da pátria, quando há que partir, uma vez mais.

Para o destinatário, votos de longa vida e felizes ócios, no espírito, herdado dos clássicos, da *aurea mediocritas*. Para quê lutar? Cedo ou tarde, uma simples urna a todos acabará por dar guarida:

AD IOANNEM RODERICVM MEDICVM, LOVANIVM PETITVRVS

*Quos patimur cassus et quos, Roderice, labores
quaeue pericla uides,*

¹⁰⁶ Foram infrutíferos os esforços para encontrar a região a que se refere esta palavra, pretensa indicação da origem geográfica de Diogo Vaz.

¹⁰⁷ Vd. pp. 21-22.

<i>dum sequimur toto fugientes orbe puellas a Ioue progenitas.</i>	
<i>En ego uidi qui dudum uotis petii omnibus undas Tormidis aureolas.</i>	5
<i>Rursus in ire fretum, rursus candentia cogor pandere uela Noto: uela Noto et totiens iactatam credere uitam fluctibus Hesperiiis.</i>	10
<i>Heu patrias unquam dabiturne reuisere sedes dulciaque ora meae Pyrmillae? uiuente mihi qua uiuere dulce est, dulce cadente mori!</i>	
<i>An mea (dii uestram) peregrinis ossa sepulcris condet acerba dies?</i>	15
<i>antiquis procul a laribus? procul ore meorum? Quae mea culpa nefas commeruit tantum? Sed quae dea cetera caeco temperat arbitrio,</i>	20
<i>uiderit ista! Mihi certum est prius omnis forti pectore dura pati, quam dulce Aonidum studium, quam clara sororum carmina deserere.</i>	
<i>Hic amor est, haec cura meam premit unica mentem. Cetera nulla puto.</i>	25
<i>Interea longum ueteris, Roderice, sodalis uiue ualeque memor!</i>	
<i>Otia grata teras: nam quae fert commoda secum improbis iste labor?</i>	30
<i>Cum tamen in terris nimium paulumue moratos nos breuis urna manet.</i> ¹⁰⁸	

«AO MÉDICO JOÃO RODRIGUES,
ESTANDO O AUTOR DE PARTIDA PARA LOVAINA

Que infelicidade e que trabalhos ou que perigos soffremos, ó Rodrigues, bem vês, enquanto seguimos fugitivas pelo orbe inteiro as moças, filhas de Júpiter. Sim, eu vi, eu que outrora busquei com todos os meus anseios as águas alouradas do Tormes.

¹⁰⁸ *Carm. Giv.*

De novo sou forçado a ir para o mar, de novo a dar ao Noto as velas branquejantes. As velas a Noto e a confiar às ondas hespérias uma vida tantas vezes açoitada pelas tempestades.

Oh, algum dia me será concedido rever os lugares pátrios e as doces feições da minha Pyrmila? vivendo onde me é doce viver, e, ao extinguir-me, doce morrer!

Acaso um céu cruel (deuses, por piedade!) guardará meus ossos em sepulcro estrangeiro? longe dos antigos lares? longe da face dos meus? Que culpa minha mereceu impiedade tamanha? Mas a deusa que tudo governa com cego arbítrio, lá veja! Por mim, decidi antes sofrer com peito forte todas as contrariedades, que abandonar o doce estudo das Aónides, os claros cantos das irmãs.

Este é o meu amor, este o cuidado que só ocupa o meu espírito. O mais considero-o nada.

Entretanto, vivas tu por muitos anos com saúde, ó Rodrigues, lembrado de teu velho companheiro! Goza agradáveis ócios! Que vantagens traz consigo esse trabalho insano? Demoremo-nos na terra muito ou pouco, uma urna breve nos aguarda.»¹⁰⁹

Mais cedo ou mais tarde, pois, a morte espreita. Bem mais cedo para Amato que para Diogo Pires. Corria o ano de 1568 quando João Rodrigues de Castelo Branco faleceu em Tessalonica, vítima da peste. O seu concidadão estava então em Ragusa, onde haveria de viver ainda durante três décadas. Ali o abalou a notícia. Talvez nela anteviesse uma imagem da sua própria morte, tão longe do solo pátrio.

Querido fora aos reis e ao povo o grande médico que tantas vezes conseguira reter no corpo o derradeiro sopro de vida que dele se esvaía. Também ele, porém, veio a sucumbir.

Ao soltar o lamento pela morte que no exílio sobreveio, a mesma que o espera, o poeta termina com aquela máxima com que, anos atrás, encerrara a elegia ao mesmo João Rodrigues: na hora suprema, à vista do rosto fatal, rápido é o percurso para a lagoa do Estígio:

*AMATI LVSITANI MEDICI PHYSICI
PRAESTANTISSIMI EPITAPHIVM*

*(Obiit fere sexagenarius pestilentia Thessalonicae anno 1568)*¹¹⁰

*Qui toties fugientem animam sistebat in aegro
corpore, Lethaeis aut reuocabat aquis,*

¹⁰⁹ Reproduz-se, com a devida vénia, a tradução de A. C. RAMALHO, 1985, p. 207.

¹¹⁰ *Cato Minor*, p. 163.

*gratus ob id populis et magnis regibus aequae,
hic iacet; hanc moriens pressit Amatus humum.
Lusitana domus, Macedum tellure sepulcrum.
Quam procul a patrio conditur ille solo!
At cum summa dies, fatalis et appetit hora,
ad Styga et ad Manes undique prona uia est.*

5

«EPITÁFIO DE AMATO LUSITANO, MÉDICO INCOMPARÁVEL

(Morreu de peste, quase sexagenário, em Salonica, no ano de 1568)

Aquele que tantas vezes retinha a vida fugitiva num corpo doente ou voltava a chamá-la das águas do Letes, querido, por isso, igualmente dos povos e dos grandes reis, aqui jaz; esta foi a terra que Amato pisou, ao morrer.

Portugal o berço, na terra dos Macedónios o sepulcro. Como se encontra longe do solo pátrio a sepultura!

Mas quando o dia supremo e a hora fatal se aproximam, em toda a parte há um caminho em declive para a Estige e para os Manes.»¹¹¹

A muitos outros nomes da cultura portuguesa alude, sinal de que se encontra relativamente informado do que se passa no país. Esses nomes são, aliás, a razão de ser da carta que em 1547 endereçou a Paulo Jóvio, tantas vezes citada atrás. O antilusitanismo do bispo italiano era conhecido; e o poeta, amante das coisas pátrias, censura-o por não ter dado lugar aos Portugueses entre as figuras dos *elogia*. É que, diz, muitos foram aqueles cujo talento floresceu por terras lusitanas, capazes de ombrear com os que Jóvio enaltecera. Alguns falecidos, como Henrique Caiado, Luís Teixeira e Diogo Pacheco, outros pertencentes ainda ao mundo dos vivos, quais sejam André de Resende, António Pinheiro, Jorge Coelho, Jerónimo Cardoso, António Luís.

Destaque especial merece Damião de Góis, não de todo avesso às Musas, mas acima de tudo um verdadeiro mecenas. Por isso lamenta que, após o regresso dos Países-Baixos, o diplomata e humanista tenha intenção de partir para a Índia, autêntico «refúgio de desgraçados»¹¹²:

Sed haec quoquomodo ferri possunt. Illud uero uix tolerabile, quod nullae in tuo ad... Lusitanorum imagines conscipiantur, cum tamen ea

¹¹¹ Uma vez mais se reproduz a tradução de A. C. RAMALHO, 1985, p. 217.

¹¹² Em lugar algum se encontram indícios que permitam comprovar esta intenção de Damião de Góis, de resto afirmada pelo poeta sem qualquer convicção — *ut audio*.

regio fortissimorum uirorum altrix numquam tamen ingeniorum laude caruerit, ne hypatorum aetate, qua Hermicus, Trixira [sic], Pacchicus, uiri adprime eruditi, floruer; supersuntque hodie uiri laude ingenti digni, quorum olim memoria celebrabit posteritas. In iis sunt Rhesendus poeta, historicus clarissimus Pinarius Portodemaeus, Coelius, Cardosius, Antonius Aloisius, omnes litterarum monumentis illustres. Nam Damianus a Gois, quamuis nec ipse a Musis abhorreat, magis tamen, si per foedifragos Gallos licuisset, inter nostri temporis Mecenate reponendus erat; et nunc uir ille, ut audio, Belgis relictis, quo se e Gallica custodia liberatus contulerat, ad Lusitanos suos se recepit, animo, opinor, in Indiam nauigandi, certissimum apud nos et speciosissimum miserorum refugium ¹¹³.

De todos os mencionados neste fragmento é André de Resende que merece maior realce no *Cato Minor*. Dedica-lhe a ode *Ad Lucium Lusitanum poetam*, que Körbler pensou dedicada a Camões e Barbosa Machado dirigida a um Lúcio que não consegui identificar ¹¹⁴.

A figura de André de Resende seria, decerto, bem grata a Flávio Ebo-
rense, pois que a mesma cidade natal a ambos irmanava. Talvez por isso, mostra possuir razoável conhecimento da obra do seu conterrâneo, à qual os versos aludem com algum pormenor ¹¹⁵.

A esse, é dado cingir a fronte com a fresca folhagem que bordeja os rios da pátria. A si, porém, resta-lhe passar dias e noites por entre lágrimas nascidas da saudade da mãe e do infortúnio do pai, lá onde o Pó banha as praias de Ercole II ¹¹⁶:

¹¹³ Vd. texto completo e tradução nas pp. 159-174.

¹¹⁴ De facto, o estudioso jugoslavo Djuro KÖRBLER confundiu este *Lucius* com Luís de Camões (p. 70). Foi A. C. RAMALHO quem primeiro chamou a atenção para o seu erro, no artigo «Lúcio-poeta fantasma e Luís de Camões»: *Biblos* 57 (1981) 365-378, mais tarde reimpresso (1988, pp. 139-153). O estudo de J.P.S. CARVALHO, datado de 1980-81, mas apenas vindo a público em 1984, não reincide no equívoco por se ter baseado já naquele trabalho; o acerto foi introduzido por mim próprio, no momento da correcção de provas tipográficas, como foi também de minha responsabilidade a omissão, por inadvertência, da fonte de informação.

¹¹⁵ Revela particular conhecimento de obras publicadas pelo destinatário em 1567 e em 1568, o que sugere a hipótese de a ode ter sido composta cerca de 1568 ou pouco depois.

¹¹⁶ Apesar de todas as indicações levarem a crer que o poema foi composto em Ferrara (cf. RAMALHO, 1988, p. 143), a menção desta cidade talvez não passe de um artifício retórico, em jeito de homenagem a um dos locais onde o poeta foi melhor recebido durante a sua peregrinação por terras italianas. A chegada a Ragusa está documentada, como vimos, dez anos antes; e, não obstante Renata de França ter mantido em Ferrara a política tolerante de seu marido após a morte deste em 1559, parece pouco provável que Diogo

AD LVCIVM LVSITANVM POETAM

*Luci, tu Libyci Martis adorea*¹¹⁷
clarum Virginium dicis et impios
motus Siriphii strataque Punicis
Tartessi uada classibus.

Nec non et Latio carmine publicos
ludos, laetitiamque, et celebrem refers
lucem, qua ueteris tradita postuma
Lusi scepra Sebastio.

Vtrimque ingenii uis micat alitis;
nec tu pectus iners aut rudis artium, 10
quas praeclara docent scripta Panaetii.
Permessi uada limpidis

immisces Durii fontibus, et noua
cingis fronde comas. O decus, o iubar,
o splendor patriae gentis, et unicum 15
uatis praesidium tui!

Me desiderium matris et aspera
pressus sorte parens in lacrimis dies,
noctes in lacrimis ducere perpetes
crudeli serie iubent, 20

Alcidae domini moenia qua Padus
lambit populifer gurgite uitreo,
mox septemgemino nobilis ostio
aucturus Superum mare.

Pires tenha voltado àquela cidade; pelo menos, em nenhum outro lugar da obra se pôde testemunhar, até agora, um regresso a Itália.

¹¹⁷ Palavra relativamente rara, já anteriormente usada por André Resende no *L. Andr. Resendii carmen endecasyllabon ad Sebastianum regem serenissim* (1567), v. 228 (RAMALHO, 1988, pp. 145-146).

*Hic suspiria nos ducimus, hic focis
expulsi patriis flemus, et ut Deus
tandem supplicibus parcat, in ultimas
effusi petimus preces* ¹¹⁸.

«A LÚCIO, POETA PORTUGUÊS

Lúcio, tu cantas Virgínio ¹¹⁹, ilustre pela vitória do líbico Marte ¹²⁰, e as ímpias revoltas do Xerife ¹²² e o mar de Tartesso coberto das armadas turcas ¹²².

E também referes, em versos latinos, as públicas festas e a alegria da manhã célebre em que foi entregue a Sebastião, filho póstumo, o ceptro do antigo Luso ¹²³.

Num e noutro tema, brilha o vigor do teu alado engenho. Nem tu és espírito sem arte ou ignorante dos princípios que ensinam os escritos brilhantes de Panécio. As águas do Permesse, às límpidas

correntes do Douro tu as misturas ¹²⁴, e cinges a tua cabeleira duma coroa resca. Ó honra, ó glória, ó esplendor da pátria gente e protecção singular do teu poeta!

A mim, a saudade de minha mãe e o meu pai, vítima de triste sorte ¹²⁵, me fççam a passar em lágrimas os dias, em lágrimas as noites continuas, em cruel suessão,

¹¹⁸ *Cato Minor*, p. 194 (não saiu na edição de 1592). Uma versão manuscrita pode encontrarse em *Lyrice*, ode 4.

¹¹⁹ D. Sebastião, rei celibatário.

¹²⁰ Os versos de André de Resende, onde amiúde se cantam os feitos portugueses no Norte de África, são a recompensa para as vitórias alcançadas — assim deve interpretar-se a afirmação do poeta.

¹²¹ lusão ao cerco de Mazagão, em 1562, referido por Resende no mesmo poema (RAMALHO, 1988, p. 146).

¹²² Tartesso é o nome por que foi conhecida El Rocadillo, cidade marítima espanhola perto da actual S. Roque. Trata-se, pois, das águas do Mediterrâneo, junto a Gibraltar, e os navios «únicos» são, obviamente, as naus turcas.

¹²³ Refere-se ao poema de André de Resende *Ad Sebastianum Lusitaniae regem serenissimum Regni acceptum regimen* (1568), dedicado ao monarca quando foi proclamado rei de Portugal (RAMALHO, ibidem).

¹²⁴ O Permesse era um rio da Beócia, consagrado a Apolo e às Musas. A referência ao Douro deve entender-se com sentido metonímico, como era usual na época.

¹²⁵ O poeta havia perdido a mãe durante a primeira parte do seu exílio, enquanto peregrinava pela Europa, como afirmou na carta a Jóvio. Nesse mesmo ano (1547), o pai era ainda vivo e mantinha-se na sua companhia.

lá por onde o Pó, entre choupos, banha as muralhas do senhor Hércules ¹²⁶, com a sua linfa vítrea; o Pó, célebre pela sua foz de sete bocas, com que a seguir acrescenta o mar Adriático.

Aqui eu suspiro, aqui, expulso do lar paterno, eu choro e, profusamente, nas minhas derradeiras preces, a Deus rogo que por fim se compadeça de quem lhe suplica.» ¹²⁷

Que Deus, por fim, se compadeça do suplicante é a prece derradeira de quem crê ainda na esperança. Anos mais tarde, a súplica há-de dar lugar à desilusão, e depois à resignação.

Não se compadeceu Deus, o destino foi cruel. Restar-lhe-á, então, morrer, longe da terra natal e longe daqueles que cantou. E vãos terão sido tantos suspiros.

D. Os reis

Na obra de Diogo Pires são os reis quem melhor se afigura como representante da pátria. Eles governaram-na e deram, assim, título a cada um dos capítulos da sua história.

Ao evocar o nome de um monarca do passado ou do presente, várias são as lembranças que lhe vêm associadas: batalhas ou actos de bravura, sucessos ou reveses no campo militar ou político, acontecimentos ímpares ou factos meramente episódicos, mesmo até do quotidiano, tudo isso ajuda a modelar o retrato que, verso a verso, vai fazendo do país.

Todos os que ocuparam o trono desde o início da nacionalidade têm direito a um lugar. Como faz com os nomes de cidades e de animais, dedica vinte dísticos elegíacos do *Cato Minor* aos dezoito soberanos que dirigiram Portugal até ao seu tempo, ou seja, até Filipe I — *Portugalliae reges* é o título do conjunto ¹²⁸.

À excepção de Filipe I, que maior atenção lhe merece pela dor que representa a perda da independência, cada rei é tratado em um simples par de

¹²⁶ Ercole II de Este (1508-1559) que governou a cidade de Ferrara, onde o poeta permaneceu algum tempo e onde publicou o seu primeiro livro, em 1545. Ali terá usufruído da protecção de Renata de França, esposa de Ercole, protectora de judeus refugiados e mecenas de poetas e artistas.

¹²⁷ A tradução é, uma vez mais, de A. C. RAMALHO, 1988, pp. 142-143.

¹²⁸ Pp. 71 sqq. Todos os dísticos citados nas páginas seguintes e cuja localização não é indicada pertencem a esse grupo.

versos, onde alude a uma qualidade pessoal ou a um facto saliente do seu reinado. E, para obviar a uma eventual ignorância da parte do destinatário imediato, várias vezes faz acompanhar os versos de escólio esclarecedor.

D. Afonso Henriques é o primeiro da lista: canta-lhe o heroísmo, bem como o lugar primeiro que lhe cabe entre os nossos monarcas e deixa no ar a dúvida sobre a sua origem, se de raça húngara, se francesa. Já em escólio, destaca a rebeldia contra a mãe «despudorada» e o infortúnio que o atingiu em Badajoz ¹²⁹:

ALFONSVS I

*Hungarus an Gallus non constat; at acer in armis
primus apud nostros regnat Alfonsus auos.*

Escólio:

*Hic Alfonsus, impudicae matri adhibita custodia, compedes iniecit;
illa uero parem filio fortunam non uane imprecata est. In proelio nam
parum secundo et crus fregit et, ab hoste captus, aegre libertatem redemit.*

«AFONSO I

Se era húngaro ou francês, não há registo; mas, rude na guerra,
Afonso é o primeiro a reinar entre os nossos avós.

Escólio: Este Afonso, confiado à custódia da mãe despudorada, pô-la a ferros; mas não foi em vão que ela reclamou fortuna igual para o filho, pois, em batalha pouco favorável, ele partiu uma perna e, capturado pelo inimigo, foi a custo que adquiriu a liberdade.»

De D. Sancho I apenas diz ter chegado ao trono já em idade madura e ter sido digno herdeiro de seu pai:

SANCIVS I

*Excipit imperium maturo Sancius aeuo;
non fuit inuicto degener ille patri.*

¹²⁹ O assalto de D. Fernando de Leão a Badajoz, onde D. Afonso Henriques, que acabara de tomar a cidade, partiu uma perna, é narrado por Duarte Galvão (cap. 40), e era bastante conhecido no tempo; Camões também a ele alude (*Lus.* 3.69-70).

«SANCHO I

Recebeu Sancho o poder em idade madura;
e não foi indigno de um rei invicto.»

Segue-se D. Afonso II, em relação ao qual o poeta, distante da pátria e sem outros elementos de que possa socorrer-se além da memória, comete um equívoco: atribui-lhe como coroa de glória a conquista de Silves e, em escólio, a consequente expulsão dos Mouros do Algarve, feitos que, como é sabido, apenas foram alcançados no reinado de D. Afonso III ¹³⁰:

ALFONSVS II

*Alter Alfonsus adest, cuius Mauortia facta
arguat inuicta Syhuia capta manu.*

Escólio:

*Sub hoc rege tandem expulsis Arabibus debellatum in Algarbiis
Lusitanicarum rerum scriptores tradunt.*

«AFONSO II

Eis outro Afonso, cujos feitos guerreiros
demonstra-os Silves, conquistada por mão invicta.

Escólio: Neste reinado, expulsos enfim os Árabes, contam os que escrevem sobre os feitos lusitanos que foi posto termo à guerra no Algarve.»

Maior espaço reserva para D. Sancho II. Nos dois versos do dístico define-o com brevidade, mas com o mesmo espírito crítico de que Camões dera também mostras ¹³¹; fraco de engenho, posto que justo, o pobre Sancho deixara o reino ao irmão para morrer no desterro:

SANCIVS II

*Tardior ingenio, sed cultor Sancius aequi,
germanique minas fugit et exsul obit.*

¹³⁰ Vd. Rui de PINA, *Crónica de D. Afonso III*, cap. IX.

¹³¹ *Lus.* 3.91-93.

«SANCHO II

Sancho, lento de inteligência, mas cultor da justiça,
escapa às ameaças do irmão e morre no exílio.»

Em escólio, porém, demora-se bem mais tempo neste reinado para dar a notícia pormenorizada de um facto então ocorrido e de que fora protagonista Martim de Freitas, alcaide de Coimbra.

O episódio era conhecido e merecera já a atenção dos cronistas; descrevem-no Rui de Pina (*Crónica de D. Sancho II*, caps. XI-XIII), Acenheiro (cap. XI) e a *Crónica de cinco reis de Portugal* (caps. X e XI). O conhecimento de Diogo Pires, no entanto, veio-lhe por outra via, já que declara não estar o nome do alcaide registado nos escritos que ao assunto se referem, quando qualquer dos cronistas o identifica claramente.

Uma das fontes (afirma-o no final) terá sido um tal Heitor Tavares, nome até agora não encontrado em qualquer outro documento, seu companheiro ocasional em Lovaina, descendente, segundo afirma o poeta, do próprio Martim de Freitas; o episódio, todavia, deduz-se ser já seu conhecido por um meio que não menciona, talvez mesmo a simples tradição oral. Por isso, nem todos os dados apontados têm confirmação histórica.

Após a partida de D. Sancho II para Toledo, ameaçado pelas tropas do irmão — o futuro D. Afonso III —, as forças fiéis a este sitiaram Coimbra, cujo alcaide, Martim de Freitas, se mantinha leal para com o rei desterrado. Apesar das insistentes tentativas de D. Afonso, o cerco não parecia surtir efeito. Refugiado no castelo com os seus homens, Martim de Freitas resistia corajosamente. Chega, de súbito, a notícia da morte de D. Sancho em Toledo (atribuída por Diogo Pires a envenenamento ordenado pelo rei de Castela, facto a que não há a mínima alusão nas crónicas)¹³². Primeiro julgada boato e depois aceite sem qualquer dúvida, a notícia alterava substancialmente a situação.

Nem mesmo assim, porém, o alcaide entregou o castelo. Depois de obter uma trégua, partiu para Toledo; ali, desenterrou o cadáver de D. Sancho, sentou-o no trono e devolveu-lhe as chaves da cidade, ao mesmo tempo que pedia permissão para as entregar ao novo soberano. Ante o silêncio do cadáver, interpretou-o como assentimento, tomou por testemunhas os nobres

¹³² Sublinhe-se que o nosso poeta tem notória propensão para explicar a morte de personagens ilustres por envenenamento; D. João II, D. Fernando, o Católico, entre outros, são exemplos de mortes que lhe mereceram tal explicação.

castelhanos ali presentes e regressou a Portugal para fazer entrega do castelo a D. Afonso III.

À excepção da morte do rei por envenenamento e da existência de um tesouro por ele escondido e que teria sido encontrado em Coimbra nos princípios do século XVI¹³³, toda a restante narrativa é confirmada pelos cronistas:

Praeclarum — me Hercule! — et memoria dignum facinus sub hoc Sancio contigisse traditur, quod ego ita narrabo, magis ut aliis accurate scribendi materiam subiiciam quam quod me tantam rem stilo consequi posse sperem. Id in hunc modum habet:

Sancius rex Alfonso fratri cum hostilibus copiis aduentanti imparem se sentiens, arce prius equestris ordinis uiro (nomen non traditur) commendata, urbe Connimbrica noctu excedit et ad Castellam regem, in cuius fide erat, Toletum abit.

Adest Alfonsus triduo post fratris discessum et, urbe sine negotio potitus, arcem circumuallat; ab oppugnatione tamen, quia firmissimo praesidio teneri constabat, consulto abstinet.

Fuit illa obsidio longa et plena laboris.

Iamque res a turpe solutione parum aberat, cum nuntius de Sancii obitu in castra adfertur, primum dubius et sine auctore, mox percrebescente fama et multis litteris confirmatus.

Raro praemeditatis consiliis pares exitus respondere solent. Sancius in quo rege omnem salutis spem reposuerat, ab eo delusus, et potione (ut traditur) absumptus, pacatum hosti fratri regnum reliquit. Corpus tamen, credo ne sceleris magnitudo palam fieret, splendidissimo apparatu regum tumulo illatum.

At Alfonsus, insperato gaudio perfusus et iam uictoriae certus, arcis praefectum per litteras ad deditionem hortatur: satis superque illius fidem spectatam, decessisse regem a quo steterat; si arcem retinere pergat, iniuriam uideri posse; animum uero intrepidum et diuitiarum parum curantem largitionibus aut minis tentare, parum e regia dignitate uisum. At prae-

¹³³ Apesar de nenhum cronista confirmar esta notícia, o certo é que as riquezas desaparecidas de Portugal ao tempo do exílio de D. Sancho II eram assunto a carecer de esclarecimento. Assim se deduz da crónica de Rui de Pina (cap. XIII), que dá ao problema solução diversa: «porque quando El Rey Dom Sancho se foy pera Castella, levou comsigo muytas joyas, e grandes riquezas, que ficaram del Rey Dom Affonso seu padre, e del Rey Dom Sancho seu auoo; das quaes alguñas nom tornaram ha Portugal, e todas se gastaram em Castella.»

fectus primum nuntio fidem non habere et tabellario, si redire pergat, caedem minari.

Mox ubi iusiurandum accessit et nulla amplius de Sancii morte dubitatio erat, ut rem maturius expendat, paucorum dierum indutias impetrat. Inde data acceptaque fide et nouo arce praeside imposito, magnis itineribus Toletum se confert.

Hic ille magnam et inauditam rem aggressus: Sancii cadauer exhumatum sede collocat, diadamate, sceptro et regia praeterea ueste ornat; inde clauas laeua tenens et regis genibus aduolutus: ‘Rex Sancii’, inquit, ‘clauis illius arcis quam mihi, Connimbrica discedens, credidisti, tibi restituo meaque ob obstricta fide libero. Iubesne ut eas clauas Alfonso fratri, ad quem iure optimo Portugalliae regnum deuolutum est, salua fide tradam?’ Hic cum paullulum, quasi responsum exspectans, subticuisset, repetito mox sermone: ‘Rex Sancii’, inquit, ‘istud tuum silentium ita interpretor quasi petitioni meae assentiaris.’

Conuersus inde ad Castellanam nobilitatem quae rei nouitate frequens illuc conuenerat: ‘uos, uiri principes’, inquit, ‘appello, uestram fidem imploro; adeste innocentiae integritatisque meae fidissimi testes; adsit qui haec in publica acta referat, ut de mea inuiolata fide plenissime omnibus constare possit.’

His peractis, eadem qua uenerat celeritate Connimbricam reuersus, arcem Alfonso aperit.

Vir magnus profecto et nominis immortalitate dignus!

At ea fuit illa praesertim tempestate nostrorum hominum in scribendo negligentia ut, simplici rerum narratione contenti, cetera parum curarent.

Hector tamen Tauarius (ne hoc quidem silentio praetermittam), adulescens Lusitanus nobili genere et patriae antiquitatis non imperitus, cum mecum Louanii eodem hospicio uteretur, hunc praefectum gentilem fuisse suum gloriabatur eumque post deditam arcem, siue odio, siue Alfonsi metu, in Angliam nauigasse narrabat, neque postea in Lusitania uisum.

Verum fides penes Tauarium esto.

Porro ab hoc Sancio obrutum thesaurum, qui me iuvene Connimbricae repertus est, multi pro certo adfirmant.

«Um feito notável, por Hércules, e digno de memória, conta-se ter sido executado no reinado deste Sancho. Vou narrá-lo a seguir, mais para proporcionar a outros matéria para escreverem com primor do que por ter esperança de poder alcançar tamanho feito com minha pena. Assim é o que se conta:

O rei Sancho, por se sentir inferior em forças a seu irmão Afonso, que contra ele vinha com tropas hostis, depois de entregar a guarda da cidade a um dos seus

homens, da ordem da cavalaria (desconhece-se o nome), saiu da cidade de Coimbra a coberto da noite e partiu em direcção a Toledo, para junto do rei de Castela, de cuja confiança gozava.

Chega Afonso três dias após a partida do irmão e, apoderando-se da cidade sem negociações, cerca as muralhas; mas, porque constava serem elas defendidas por firme guarnição, abstém-se deliberadamente de combater.

Foi longo aquele cerco, pleno de perigos e pleno de sofrimento. E já as coisas pouco distavam de um vergonhoso abandono quando chega ao campo a notícia da morte de Sancho, primeiro duvidosa e sem autor, pois a fama depressa se espalha, e confirmada depois por muitas cartas.

A planos premeditados raro costumam corresponder desfechos de igual valia. Sancho, por aquele rei em quem depusera toda a esperança de salvação, por ele mesmo enganado e eliminado por meio de veneno (tanto quanto se diz), deixou o reino em paz ao irmão, seu inimigo. O corpo, porém, creio que para não tornar clara a enormidade do crime, foi levado para o túmulo por entre cerimoniais de grande e régio esplendor.

Mas Afonso, colhido pelo prazer da surpresa e já certo da vitória, exorta por carta o comandante do castelo à rendição: que estava já assaz demonstrada, demais, até, a sua fidelidade; que abandonasse o rei de quem recebera o comando; que, se teimasse na defesa das muralhas, poderia parecer injúria; e que ânimo tão corajoso e tão pouco preocupado com benesses e riquezas e que pouco se deixava convencer por ameaças lhe parecia possuir dignidade régia.

O comandante, no entanto, ordena primeiro que se não dêem ouvidos à notícia e que o mensageiro, se teimasse em voltar, fosse ameaçado com a morte; mas assim que a nova se tornou fidedigna e já nenhuma dúvida subsistia da morte de Sancho, solicita alguns dias de tréguas, a fim de poder resolver o assunto com maior rapidez. Então, depois de feito e aceite o juramento de fé e nomeado um chefe para a guarnição, em marcha forçada empreende o caminho de Toledo.

Aqui levou a cabo uma enorme e nunca ouvida façanha: coloca em um trono o cadáver exumado de Sancho, orna-o com o diadema, o ceptro e as demais vestes reais e, em seguida, enquanto segura as chaves na mão esquerda, prostrado aos pés do rei, diz:

‘Ó Sancho, meu rei, as chaves da cidade que, ao partires de Coimbra, me confiaste, eu tas restituo e da palavra a que estava submetido me liberto. Mandas, porventura, que estas chaves eu as entregue, resgatada a minha palavra, ao teu irmão Afonso, para cujas mãos foi transferido, de pleno direito, o reino de Portugal?’

Mantendo-se em silêncio por breves instantes, como que à espera de uma resposta, e, retomando em seguida a palavra, afirma:

‘Ó Sancho, meu rei, este teu silêncio eu o interpreto como se tivesses dado assentimento à minha petição.’

Voltando-se, em seguida, para a nobreza castelhana que, devido à estranheza do feito, em grande número ali se ajuntara, clama:

‘A vós, varões de alta estirpe, eu apelo e vos suplico a vossa palavra; sede testemunhas da minha inocência e da minha integridade e haja alguém que reduza este

gesto a acta pública para que possa chegar ao conhecimento de toda a gente e sem margem para dúvidas a notícia de que não violei a minha fidelidade.’

Concluídas estas cerimónias, regressou a Coimbra com a mesma rapidez com que fora e abriu as portas do castelo a Afonso.

Varão de indubitável grandeza e digno da imortalidade do seu nome! Mas, em particular naqueles momentos agitados, foi tal a negligência por parte dos nossos cidadãos a escrever que, satisfeitos com a simples narração dos factos, pouco curaram do restante. Um tal Heitor Tavares, porém (pois não devo passar em silêncio tal facto), jovem lusitano de nobre estirpe e não desconhecedor das coisas antigas da pátria, ao partilhar comigo a mesma pousada em Lovaina, vangloriava-se de que este alcaide fazia parte da sua ascendência e contava que, depois de entregue o castelo, ou por ódio ou por medo de Afonso, navegara para Inglaterra e não mais fora visto em Portugal¹³⁴; faça-se, pois, fé nas palavras de Tavares.

Para terminar, que este mesmo Sancho deixou escondido um tesouro, o qual, quando eu era jovem, foi descoberto em Coimbra, muitos o afirmam como certo.»

Os versos dedicados a D. Afonso III decorrem, obviamente, dos que escrevera a propósito do seu antecessor: o prazer de mandar levou-o a apoderar-se do ceptro do irmão banido do país:

ALFONSVS III

*Quid non regnandi cogat male suada libido?
Sceptra manu pulsı fratris Alfonsus habet.*

«AFONSO III

Porque não há-de impelir ao mal o insinuante prazer de mandar?
O ceptro do irmão expulso, Afonso o possui em suas mãos.»

Quanto a D. Dinis, é estranho que não sublinhe os mesmos factos a que Camões dá relevo no seu reinado: a organização do reino e, sobretudo, a

¹³⁴ Rui de Pina nada informa a este respeito; limita-se a dizer que o castelo foi de novo confiado a D. Martim por D. Afonso III, mas que ele, embora dissesse «que lho tinha muito em mercee», declarou «que elle por alguũa maneyra nom tomaria o dito Castello, antes lançava maldiçam a seus filhos e netos e a todolos que delle descendessem atee ho quarto graao se por castello fizessem menagem ha Rey, nem a outra pessoa de qualquer condiçam que fosse».

fundação da Universidade. Ao invés, realça as relações amistosas com o avô, D. Afonso X de Castela, que lhe valeram inúmeras riquezas em virtude de o monarca castelhano ter perdoado ao português a tradicional homenagem dos nossos reis aos do país vizinho.

Uma vez mais o poeta incorre em ligeiro equívoco. É certo que D. Dinis não prestou vassalagem a seu avô, pelo menos entendida no verdadeiro sentido, e que o monarca castelhano disso o terá dispensado: segundo o cronista, ao tempo em que era ainda príncipe herdeiro, foi mandado pelos pais a visitar o avô «para lhe ter em merce a doaçam e avenças passadas, e assi para lhe pedir relevamento das mais obrigações, e serviço dos sincoenta Cavalleyros»¹³⁵. Mas será outra a origem das riquezas herdadas por D. Dinis da parte de Afonso X: depois da morte de D. Afonso III, a rainha viúva D. Beatriz partiu para Castela, a fim de acompanhar nos derradeiros anos o pai, então em guerra com seu filho Sancho. Em paga de tal dedicação, o rei castelhano doou-lhe diversas vilas, que vieram a ser herdadas por D. Dinis¹³⁶.

De novo, pois, a tradição oral e a memória deficiente do desterrado, onde as notícias mais longínquas no tempo se confundiam já, induziram à imprecisão:

DIONYSIVS

*It uisurum auum Dionysius; ille nepoti,
quae potuit magnus rex dare, dona dedit.*

Escólio:

Remisit illi homagium quod ad eam diem Lusitani reges Castellanis praestabant.

«DINIS

Segue, a avistar-se com o avô, Dinis;
os dons que um grande rei pode dar, ele os doou a seu neto.

Escólio: Perdoou-lhe a homenagem que, por esse tempo, os reis lusitanos prestavam aos castelhanos.»

¹³⁵ Rui de PINA, *Crónica de D. Afonso III*, cap. XIV.

¹³⁶ IDEM, *Crónica de D. Dinis*, cap. III.

Como em Camões, o nome de D. Afonso IV surge associado à batalha do Salado que o poeta situa, por recurso à toponímia clássica, na «bética Melária»¹³⁷:

ALFONSVS IV

*Baetica pugnantem Mellaria uidit Alfonsum,
dum caderet magni Miramolinis opes.*

«AFONSO IV

A bética Melária viu Afonso no combate,
enquanto se desmoronavam as forças do grande Miramolim.»

No reinado de D. Pedro, cujo cognome «cruel» reconhece ser injusto, realça, como tantos outros poetas, a morte de Inês de Castro e a vingança do rei; e, em escólio, esclarece o leitor menos informado:

PETRVS, COGNOMENTO CRVDELIS

*Errat qui Petrum crudelem nominat; ultor
acrior occisae coniugis ille fuit.*

Escólio:

*Hagnesam Castriam intellegit, suauiissimam oris puellam, quae cum
a Petro Portugalliae infante matronae loco haberetur, iussu regis inter-
fecta est. Petrus uero iam rex, nefarii consilii auctores seuerissime puniuit,
inde crudelis cognomen adeptus.*

«PEDRO, DE COGNOME 'O CRUEL'

Engana-se quem a Pedro chama cruel; vingador
acérrimo do assassinio da esposa é que ele foi.

Escólio: Refere-se a Inês de Castro, jovem com um rosto de incomparável
doçura que, mantida como esposa por Pedro, ainda infante de Portugal, foi assas-
sinada a mando do rei. Mas Pedro, já depois de ser rei, puniu com a maior severidade
os responsáveis pelo monstruoso conselho, de onde lhe foi posto o cognome de cruel.»

¹³⁷ A cidade de Melária, na Bética, é referida por Plínio e Estrabão entre as actuais cidades de Val di Vacca e de Tarifa; foi junto a esta que decorreu a batalha do Salado.

O último rei da primeira dinastia, D. Fernando, cuja governação ficou marcada por tantos aspectos positivos quanto negativos, é enaltecido por ter mandado murar a cidade de Lisboa, obra levada a cabo em curto espaço de tempo ¹³⁸:

FERNANDVS

*Cinxit Vlyssaeam Fernandus moenibus urbem;
stabat opus necdum septima messis erat.*

«FERNANDO

Fernando rodeou de muralhas a cidade de Lisboa.

Não tinha ainda chegado a sétima colheita e já a obra estava de pé.»

O primeiro rei da dinastia de Avis preservou a independência nacional ameaçada; o poeta saúda-o pelo acto de bravura que foi a batalha de Aljubarrota, onde pôs em fuga o rei de Castela:

IOANNES I

*Salve inuicte heros, regem qui uincis Iberum
cogis et effusae tradere terga fugae.*

«JOÃO I

Salve, herói invicto, que levas de vencida o rei ibero
e o forças a voltar as costas em fuga desordenada.»

De D. Duarte, merece-lhe realce a morte prematura em consequência da peste. E explica: o rei teria morrido ao assinar cartas trazidas de Lisboa, onde a epidemia grassava. Que tenha sido essa a causa da morte, também Rui de Pina o admite (*Crónica de D. Duarte*, cap. XLIII). Mas o que nenhum outro autor refere é o motivo que terá estado na base do surto epidémico: uma velha vinda de Sevilha guardaria no regaço cartas de um filho, trazidas de um local contaminado pela doença; essas cartas teriam provocado o contágio, de que foi ela a primeira vítima:

AEDOARDVS

*Inuida mors coeptis Aedoardi strinxerat arcum;
arcus et — heu! — regi pestifer ille fuit.*

¹³⁸ Segundo Fernão Lopes (*Crónica de D. Fernando*, cap. LXXXVIII), a edificação das muralhas em torno de Lisboa demorou menos de três anos.

Escólio:

Decessit pestilentia, dum litteras ab urbe Olyssippone, ubi lues grassabatur, allatas temere resignat, quod ne cui mirum uideri possit, referam quod puer a maioribus natu accepi: Muliercula e faece Hispalensi (nomen non traditur) filii litteras e pestilenti loco allatas sinu adseruauit et e uestigio ardentissima febre correpta exspirauit. Secuta deinde contagio, ex qua ad XL capitum millia promisque elata dicuntur.

«DUARTE

A morte invejosa contra os projectos de Duarte retesara o seu arco.
E esse arco — ah, desgraça! — foi pestilento para o rei.

Escólio: Morreu de peste quando, por acaso, assinava cartas trazidas da cidade de Lisboa, onde a epidemia grassava; e, para que a ninguém possa parecer fabuloso, conto o que, quando era criança, ouvi dos antigos: Uma mulherzinha, vinda da imundície hispálica (o nome não está registado), guardou no regaço cartas do filho, trazidas de um lugar empestado; e, atingida subitamente por uma febre escaldante, morreu. Seguiu-se depois o contágio, em resultado do qual se conta terem sido arrebatadas sem distinção perto de quarenta mil pessoas.»

Mais próximo do poeta era o reinado de D. Afonso V. Por isso mesmo, é mais real a visão que dele transmite em frase breve mas sugestiva — os sucessos da juventude foram apagados pelos reveses da velhice:

ALFONSVS V

*Quae iuuenem bellis ornat Fortuna secundis,
haec eadem Alfonsi deserit arma senis.*

«AFONSO V

Aquela que na juventude o adorna em guerras de sucesso, a Fortuna, ela mesma abandona as armas de Afonso na velhice.»¹³⁹

D. João II é o último dos monarcas que precederam o seu nascimento e cuja governação não chegou a conhecer directamente. Falecera vinte e dois

¹³⁹ É visível o conhecimento de que os últimos anos do «rei africano» não acompanharam em prosperidade os primeiros: os fracassos militares em Espanha e diplomáticos em França, bem como o enfraquecimento progressivo da autoridade régia, justificam bem as palavras deste dístico.

anos antes de o poeta ver a luz do dia, mas estava bem presente na memória dos Portugueses. «Ilustre na paz e na guerra» é como o apelida, para, logo depois, aludir à sua morte por envenenamento, atribuída, em escólio, a D. Beatriz:

IOANNES II

*Clarus Ioannes et bello et pace, furentis
arte socrus — eheu! — pocula dira bibit.*

Escólio:

*Decessit potionatus a Beatrice socru, cuius generum filiumque, pro-
ditionis reos, securi percusserat.*

JOÃO II

João, ilustre na paz como guerra,
por maquinação da sogra em fúria — oh, desventurado! — bebe o terrível
[veneno.]

Escólio: Morreu envenenado por Beatriz, sua sogra, a cujos genro e filho, réus de conjura, mandara decapitar.»

O facto justifica que nele nos detenhamos um pouco.

Convém notar, antes de mais, que as razões invocadas para o alegado crime de D. Beatriz não correspondem em absoluto à verdade, pois só o genro, D. Fernando, duque de Bragança, foi mandado decapitar; o filho, D. Diogo, duque de Viseu, morreu apunhalado às mãos do próprio monarca.

Registe-se, além disso, que Diogo Pires, à boa maneira dos italianos do Cinquecento com quem convivia, manifesta acentuada tendência para explicar por envenenamento a morte de personagens ilustres. Assim é com D. João II, com Filipe, o Formoso, marido de Joana, a Louca, e genro dos Reis Católicos ¹⁴⁰.

No caso presente, todavia, a explicação não é original. Garcia de Resende dera já notícia de suspeitas nesse sentido ¹⁴¹: «E elRey sendo fora achousse tam mal e de tam fortes accidentes que cuydou que era peste ou peçonha [...] E porque depois da morte do Principe dahy a poucos dias elRey tornou

¹⁴⁰ RAMALHO, 1979-1980, p. 240.

¹⁴¹ *Crónica de D. João II*, caps. CXXIX, CXLII e CCXII.

logo adoecer do mal de que ao diante morreo, e ouue sospeitas que foy de peçonha, ficou hũa geral presumpçam que nesta fonte cuberta lhe fora dada em agoa que bebeo, a qual presumpção e sospeyta se confirmou em muytos com as mortes de Fernam de Lima seu copeiro mor e de Esteuam de Sequeiro copeiro e de Affonso Fidalgo homem da copa, que hinchados e solutos como elRey antes delle poucos dias todos tres faleceram.»¹⁴² O rei, aliás, fora prevenido do atentado que se preparava contra a sua vida «por hũa mulher religiosa de sancta vida», a quem somente teria dado razão depois de a doença se ter apossado dele¹⁴³.

Mais adiante, o cronista volta ao assunto: «El Rey depois da morte do Principe polla muyta tristeza e grande sentimento que por ella teue, ou por peçonha que lhe deram, como muytos sospeitaram, nunca mais foy bem sam.»¹⁴⁴

Rui de Pina alude igualmente a tais suspeitas, conquanto se mostre pouco inclinado a dar-lhes crédito: «Despois do falecimento do Principe, El Rey ou por sobeja tristeza e mortal door que nelle padeceo (como he mais de creer) ou por peçonha que lhe deram, como algũs sem muita certidam sospeitaram, nunca foy em desposiçam de perfeita saude.»¹⁴⁵

Ao tempo de Diogo Pires, as dúvidas não estavam ainda esclarecidas; prova-o uma das variantes ao texto da *Crónica de D. Manuel*, de Damião de Góis: «sua morte nam foi sem nella haver suspeita de lhe terem dado peçonha.»¹⁴⁶

Assim se justifica que o tema tenha sido objecto de polémica pelos tempos fora. Já no nosso século, Braancamp Freire continuava a acreditar na hipótese do envenenamento, às ordens da rainha D. Leonor e de D. Manuel¹⁴⁷. E Ricardo Jorge, depois de analisar a questão à luz da ciência médica, pronuncia-se peremptoriamente contra: a causa da morte teria sido, antes, uma nefrite crónica¹⁴⁸.

Como pode ver-se, o nosso poeta não é o primeiro, e não foi o último, a atribuir ao veneno a responsabilidade da morte do «Príncipe Perfeito». Onde, no entanto, está só é na atribuição da autoria, pelo menos moral, do suposto crime a D. Beatriz. De facto, a generalidade dos que acreditam

¹⁴² Ibidem, cap. CXXIX.

¹⁴³ Ibidem.

¹⁴⁴ Ibidem, cap. CXLII.

¹⁴⁵ *Chronica d'el Rey Dom João II*, cap. LXIV.

¹⁴⁶ Cap. XIV.

¹⁴⁷ «Envenenado»: *Crítica e história — estudos*, pp. 221-250.

¹⁴⁸ R. JORGE, 1922, passim.

no envenenamento tende para responsabilizar a rainha D. Leonor, D. Manuel ou ambos. Sobravam-lhes motivos para assim procederem: o apunhalamento, pelo rei, do duque de Viseu, irmão deles, bem como a tentativa por parte de D. João II de nomear herdeiro e sucessor o bastardo D. Jorge, a qual contava com a oposição óbvia da rainha e esposa legítima e impedia a subida de D. Manuel ao trono. Em lado algum, porém, se vislumbra uma suspeita, por mínima que seja, de ter sido D. Beatriz a ordenar o hipotético atentado. Simples equívoco? Talvez, antes, reflexo de uma voz corrente entre as comunidades judaicas no exílio. E, a ser assim, a nota é digna de registo.

Foi, pois, D. Manuel quem subiu ao trono. Para isso estava, aliás, predestinado desde o nascimento. Segundo o poeta, assim o vaticinara um astrólogo — que ele, «terceiro filho a seguir a dois irmãos»¹⁴⁹, haveria de alcançar a realeza¹⁵⁰.

Por isso D. Manuel deu sempre grande importância à astrologia. Assim se explica, diz o nosso poeta, que, ao reflectir sobre os preparativos para a viagem à Índia, tenha dado ouvidos a um astrólogo, de nome Zacuto, o qual predissera a Vasco da Gama que um dia viria a ser rei, servido por reis e respeitado e temido por nações estrangeiras. Aos risos de troça dos fidalgos, o monarca respondeu nomeando almirante da frota aquele que por esta via fora vaticinado, e confiou-lhe o difícil empreendimento¹⁵¹.

A narrativa, de aspecto algo fabuloso, tem pontos de contacto com um episódio narrado por Gaspar Correia nas *Lendas da Índia* (cap. III): «no

¹⁴⁹ Trata-se de ligeiro equívoco. Do casamento de D. Fernando com D. Beatriz nasceram nove filhos, seis dos quais varões; o último foi D. Manuel. Sucede que Duarte, Simão e Dinis (os três que antecediam D. Manuel) morreram ainda crianças, pelo que não é de admirar que Diogo Pires desconhecesse a sua existência. Quanto a D. João, o primogénito, faleceu pouco depois de ter herdado os ducados de Beja e Viseu; e D. Diogo, o segundo dos filhos varões, duque de Viseu, foi morto por D. João II. Sobreviveram a rainha D. Leonor, D. Isabel, duquesa de Bragança e D. Manuel (Catarina, a terceira filha, morreu também de tenra idade). Atendendo às circunstâncias, não surpreende que a fortuna do que viria a ser o «Rei Venturoso» suscitasse admiração.

¹⁵⁰ Embora seja corrente nos testemunhos da época fazer acompanhar o nascimento de D. Manuel de prodígios diversos que desde logo o assinalavam como predestinado, não foi possível encontrar o documento onde este facto é referido. Em todo o caso, Damião de Castro, no século XVIII, alude a ele, sem, no entanto, indicar a fonte de informação: «Quando lhe precedião muitos successores à Coroa, hum astrologo o lisongeu com o prognostico de que a havia de cingir, e succedeo a lisonja acertar no calculo» (tomo VIII, livro XXXIII, cap. I). Deve acrescentar-se que Diogo Pires dá esta informação no *Argumentum* que introduz a elegia *De ultimis Portugalliae regibus*, adiante transcrito (pp. 140 sqq.).

¹⁵¹ Vd. o *Argumentum* mencionado na nota anterior.

que assi consirando e porque algum tanto era inclinado às causas da estromia, mandou chamar a Beja hum Judeu seu muito conhecido, que era grande estrolico, chamado Çacoto, com o qual falou em seu segredo muito lh'encarregando que trabalhasse de saber se lhe aconselhaua que entendesse no descobrimento da India, e se era cousa que podia ser [...] Do que o Judeu se muito encarregou e se tornou a Beja e, fazendo suas diligencias, aprouve a Nosso Senhor lhe mostrar sua vontade, e, tendo todo bem alcançado, se tornou a ElRey com muito prazer e lhe disse: '[...] que Vossa Alteza a descobrirá, e grande parte da India sogigará em mui breve tempo, porque, Senhor, vosso planeta he grande sob a divisa de Vossa Real pessoa, a espera em que se contem os Ceos e a terra, que tudo Deos quererá trazer a vosso poder, e tudo acabará o que nunca acabara ElRey que Deos tem, inda que todo seu reino nisso gastara, porque esta cousa Deos a tinha guardado pera Vossa Alteza. E acho que a India descobrirão dous irmãos vossos naturaes, mas quaes elles sejam eu o não alcanço. Mas pois de Deos assi está ordenado elle o mostrará, polo que tenho a Vossa Alteza dito toda a verdade do que ponho minha cabeça a penhor sob o aprazimento de Nosso Senhor, em cujo poder tudo he' ».

Nada garante que as palavras de Gaspar Correia sejam menos fantasiosas que as de Diogo Pires. Mas são visíveis as coincidências entre ambos, prova de que, simples boato ou com algum fundo de verdade, a história deveria ter alguma aceitação. Entre essas coincidências sublinhe-se a identidade do astrólogo, Abraão Zacuto, por acaso também ele um judeu, bem como o gosto do rei pela ciência dos astros¹⁵².

A conselho do astrólogo ou não, a empresa foi levada a cabo; e essa é a coroa de glória de D. Manuel, aquilo que ficou a marcar o seu reinado; só disso fala o dístico que lhe é reservado entre os *Portugalliae reges*:

EMANVEL

*Rege sub hoc fines Orientis et auia Gangis
ostia ab occiduo litore Gama petit.*

¹⁵² Abrahão Ben Zamuel Zacuto, nascido em Salamanca em 1540; professor de astrologia naquela universidade e, depois, em Saragoça e Cartagena. Fugiu da Inquisição espanhola e logrou obter acolhimento na corte de D. João II que o nomeou seu astrólogo e historiógrafo, situação de privilégio que mais se acentuou com D. Manuel. A perseguição aos judeus, no entanto, iniciada no reinado deste último, de novo o levou ao desterro, até que veio a morrer na Turquia, em 1510 (vd. M. LEMOS, 1909, pp. 19-20, e M. REMÉDIOS, pp. 276-277).

«MANUEL

Neste reinado, os confins do Oriente e as portas remotas do Ganges,
o Gama os buscou, depois de partir da ocidental praia.»

«Domador de um novo mar», a ele se ficam a dever as grandes riquezas dos Portugueses, afirma a elegia *De ultimis Portugalliae regibus qui aetate mea uixerunt*¹⁵³. E maior poderia ter sido o seu poder: não fora a morte prematura da esposa e teria sido rei de toda a península. Esta afirmação, inteiramente fundada, vem esclarecida no *Argumentum* que antecede o mesmo poema: D. Isabel, a primeira das três esposas de D. Manuel, ao tempo em que morreu de parto tinha já sido jurada herdeira de Espanha¹⁵⁴.

Certo é que cabem a este rei fortes responsabilidades pelo início das perseguições aos Judeus, de que o próprio poeta acabou por ser vítima. Mas, ao contrário do seu irmão na raça e no exílio forçado, Samuel Usque, que não poupa ao rei as mais severas acusações¹⁵⁵, Diogo Pires não só omite deliberadamente qualquer reprovação, como até, o que é mais surpreendente, esforça-se por apagar no espírito dos leitores uma eventual imagem negativa a respeito dele. Na carta a Paulo Jóvio atribui toda a culpa pela atitude do monarca às condições impostas por D. Isabel: a filha dos Reis Católicos só acederia às propostas de casamento formuladas pelo soberano português (e às quais foi renitente durante largo tempo), caso os Judeus fossem expulsos do nosso território¹⁵⁶.

E vai mais longe no esforço de traçar um retrato positivo: a decisão de forçar ao baptismo os judeus que voluntariamente o não aceitassem e de, ainda que pela violência, a todos obrigar à conversão, é tida por acer-

¹⁵³ Vv. 9-10 (vd. adiante, p. 142).

¹⁵⁴ D. Isabel, viúva do príncipe D. Afonso, o falecido filho de D. João II, e filha dos Reis Católicos, foi desposada por D. Manuel em 1497. Por morte do príncipe D. João, herdeiro do trono de Espanha, D. Isabel e o marido deslocaram-se àquele país para serem jurados herdeiros das coroas de Leão, Castela e Aragão (1498). A morte da rainha, todavia, a 24 de Agosto do mesmo ano, por parto de D. Miguel, também ele falecido apenas ano e meio depois, impediu a concretização de tais designios.

¹⁵⁵ Cf. o terceiro diálogo da *Consolaçam às tribulaçoens de Israel*.

¹⁵⁶ A crónica de Damião de Góis (parte I, cap. XXIV) confirma esta indicação. D. Isabel terá chegado ao ponto de escrever ao futuro marido que a aguardava junto à fronteira para se consumir a união, a comunicar-lhe que só pisaria solo lusitano depois de o território estar limpo de hebreus (KAYSERLING, p. 111). Convém, a propósito, recordar que era então intenso o furor da Inquisição em Espanha e que muitos dos que a ela fugiam se refugiavam em Portugal, onde lhes era dispensado razoável acolhimento.

tada, porque vantajosa para o reino e geradora de uma existência pacífica. Isto é, aquilo que Samuel Usque e com ele grande parte dos historiadores da Inquisição apodaram de acto brutal, não constitui para Diogo Pires motivo de censura. Adesão à política manuelina em relação ao povo hebraico? — Nem tanto, pois o poeta rege-se, acima de tudo, pelo sentimento: é que o clima de paz assim alcançado com a conversão — tantas vezes apenas fingida — permitiu-lhe viver na pátria:

Enimvero cum Emanuel pater Elisabethae, Ferdinandi regis filiae, quae secum tam multa regna dotalia trahebat, flagrantissime nuptias ambiret, non alia ratione id obtinere potuit, nisi prius Iudaicum omne nomen ex Lusitania quoquomodo tolleretur.

Quare cum propositis grauissimis edictis, ut regno cederent, infelices Hebraei, qui eo tempore plurimi in eo regno agebant, itineri se praepararent, non tulit pius rex eosque nolentes reclamantesque sacri lauacri fontibus admouit.

Et quamuis ea pietas multis impia uisa sit ut ab omni humano diuinoque iure aliena, quia tamen ex regni usu esse uidebatur, laudata approbataque est.

*Rege ipso, ut conflata sibi inuidiam ex parte aboleret, omni humanitatis officiorumque genere neophyton (utar enim eo uerbo) animos prosequenti, cum effectum erat ut ei uulneri, quod ingens ei populo infelicitium uidebatur, cicatrix obduci coepta esset, senibus quibus a patriis caeremoniis recedere grauissimum uidebatur fugientibus aut approbantibus aut dissimulantibus, iuuentute uero Christianam fidem auide amplectante; erant itaque neophyton res longa pace et otio quam fecundissimae, donec mortuo Emanuele Ioannes filius successit*¹⁵⁷.

Por tudo isso, talvez, sepulta o «Venturoso» no meio de grande pompa, no templo que ele mesmo edificara em Belém; o túmulo, envolve-o a Fama, com as longas asas abertas, e está decorado de riquezas vindas do Oriente, especiarias entrelaçadas com refulgentes pedras preciosas¹⁵⁸. É, pode

¹⁵⁷ Vd. texto completo e tradução nas pp. 159-174.

¹⁵⁸ A «fundaçam do mosteiro de Bethelém & da Torre» é narrada por Damião de Góis (*Crónica de D. Manuel*, parte I, cap. LIII). E, no final da mesma crónica (parte IV, cap. LXXXIII), depois de se referir à morte do rei, descreve-lhe a sepultura: «atte q̃ o leuarão aho mosteiro de Bethelém, q̃ foi duas horas antemanhã, ho qual elle começou de edificar de nouo pera sua sepultura & da Rainha Dõna Maria sua molher & de seus filhos, quomo ja fica appõntado, & por ho corpo da Egreja não ser ainda acabado ho lâçarão na egreja

dizer-se, a glorificação na morte daquele rei cuja vida tanta admiração lhe merecera ¹⁵⁹.

Em relação a D. João III são mais contraditórios os seus sentimentos. Basta reler as últimas palavras do texto atrás transcrito e logo se encontram indícios de um juízo bem diferente da admiração que nutria pelo antecessor: «assim na longa paz e no ócio dos neófitos se passavam as coisas tão prósperas; até que, morto Manuel, lhe sucedeu seu filho João».

Jamais pode esquecer ter sido neste reinado que a perseguição à raça hebraica o forçou ao desterro. Lembra-o na nota que apõe ao dístico a ele dedicado entre os *Portugalliae reges*, apesar de nos versos ter cantado o grande amor do soberano ao seu povo, igualado pelo amor que o povo lhe votava. Mas a lembrança de glória está ensombrada por lágrimas nostálgicas, porquanto aquele nome recorda o dia em que partiu para sempre:

IOANNES III

*Rex quo nemo magis populo dilexit et in quem
non potuit populi crescere maior amor.*

Escólio:

*Sub hoc rege, iussu patris, adulescens uixdum xiix annum egressus,
id quod non sine lacrimis scribo, et patriae fines et dulcia rura reliqui,
an. 1535.*

«JOÃO III

Rei que amou mais que nenhum outro o povo;
para com ele não podia ter crescido mais o amor do seu povo.

Escólio: Neste reinado, a mando de meu pai e adolescente apenas de dezoito anos, eu parti; facto que não é sem lágrimas que escrevo; e os confins e os doces campos da pátria eu deixei, no ano de 1535.»

A D. João III se deve a Inquisição e Diogo Pires tem disso consciência. Na carta a Paulo Jóvio são amargas e duras as palavras que contra ele dirige

velha em hũa sepultura rasa, pollo elle assi mãdar, dõde depois elRei dõ Ioam terceiro seu filho fez trasladar seus ossos pera a noua.» Anote-se que a tenra idade com que o poeta saiu de Portugal não lhe permitia conhecer os últimos dados referidos pelo cronista; por isso, a descrição fantasiosa que faz é mais um indício da boa conta em que tinha este monarca.

¹⁵⁹ A descrição poética do túmulo de D. Manuel é feita na elegia *De ultimis Portugalliae regibus*, vv. 13-24.

por esse motivo. Atenua-lhe um pouco a culpa, é certo, o facto de ter sido fortemente pressionado pela esposa, a rainha D. Catarina, que dos reis Católicos herdara o ódio cego contra os Judeus. Mas ressalta nítida a impressão de que não iliba o monarca de pesadas responsabilidades, embora lhes aligeire um tanto o peso ¹⁶⁰:

Is enim paterni praecepti immemor, cui eam nationem cordi semper fuisse intellexerat, effusissime in eam debacchari coepit; nec alia tum ratione adductum fuisse permulti credidere, nisi ut Catherinae uxoris desiderio satisfaceret.

Enimvero mulier auaritiaie intensae cum summas huic populo opes esse existimaret, quibus illa inhiabat, frequenter marito Ferdinandi, communis aui, felicitatem uictoriasque in memoriam reducebat, quibus illa eam potissimum ob causam potitum regem affirmabat, quod in Hebraeis persequendis nullum immanitatis genus omiserat, cum reuera priuata iniuria commotus Ferdinandus eam passim in Hebraici sanguinis homines crudelitatem exercuerit ¹⁶¹.

A respeito das movimentações diplomáticas junto da Santa Sé — e não só — no sentido de conseguir a Inquisição, Diogo Pires parece bem informado: alude às tentativas infrutíferas para convencer Clemente VII, ao assentimento dado por Paulo III, aos esforços dos judeus para contrariarem as acções diplomáticas da coroa portuguesa, ao apoio concedido por Carlos V, à esperança, cada vez mais remota, de o Papa vir ainda a revogar a primeira bula:

Ioannes itaque, ut eo, unde digressa est, oratio redeat, uxoris uotis obtemperans, summe per legatos istud inquirendi genus a Clemente VII impetrare enixus est, quod sagacissimus Iesu Christi uir, quid sub isto pietatis praetextu peteretur, animaduerteret, ut permitteret, numquam adduci potuit, id quod et sanctissimus pater Paulus facturum uidebatur, nisi id Caesari triumpho Africano inflato ambitioseque exigenti denegare periculosum arbitraretur.

Dedit itaque sed cum moderatione uisusque est statim prae se animum ferre illius antiquandi instituti, si commoda offeretur occasio, id quod

¹⁶⁰ Bem mais duros são a este respeito KAYSERLING e ALEXANDRE HERCULANO, por exemplo, como o era, por maioria de razão, SAMUEL USQUE. A todos é comum a opinião de que D. João III era já um fanático antes de desposar D. Catarina, e de que o casamento somente contribuiu para intensificar tais sentimentos.

¹⁶¹ Vd. texto completo e tradução nas pp. 159-174.

infelix noster populus per procuratores suos a Romana Ecclesia contendit, sed, qua est infelicitate, ut obtineat uereor.

At mihi pressius ista intuenti admirari subit quam causa commotus Caesar, nisi improbis fortasse sororis precibus, adeo studiose Inquisitionem petiuerit, cum eam ipsam adulescens, ut rem nefariam, multum damnauerit atque abolere destinauerit [...]

[...] Ioannes itaque iam id quod tantopere ambiuerat assecutus passim in neophytos miseris grassari coepit illorum opes uitamque agere ferreque ¹⁶².

O monarca conseguiu, enfim, os seus objectivos. A perseguição foi desencadeada. A todos despojou de riquezas, a alguns da própria vida. Era forçoso partir; a diáspora judaica conhecia novo capítulo.

De ora avante é a experiência pessoal a presidir à descrição. Para narrar o percurso dos perseguidos, serve-se da sua própria viagem. Londres acolheu alguns e protegeu-os do ódio espanhol que nem mesmo aí os deixava em paz. Outros buscaram Antuérpia, outros ainda a Itália. Esse foi, como vimos, o seu caminho.

Porque a lembrança do filho de D. Manuel está associada a tantas recordações amargas, difícil se torna buscar motivos que permitam engrandecer-lhe a imagem. Dois, no entanto, deixam traçar um retrato sem sombras na elegia *De ultimis Portugalliae regibus qui aetate mea uixerunt* ¹⁶³, onde omite as referências à Inquisição e à responsabilidade do rei nesse processo. Ao invés, realça como fonte de prestígio a notável conduta no campo político-militar, que lhe permitiu manter-se à margem dos conflitos que então grassavam na Europa e obter estrondosas vitórias sobre os Turcos no Oriente; e, por outro lado — recorda-o com emoção —, a este monarca se deve o aqueduto de Évora, sempre presente na sua memória. São dois motivos de glória no decurso deste reinado; exalta-os nos versos, depois de a eles ter aludido no *Argumentum* inicial. Entre ambos, a força da saudade leva a sublinhar com maior intensidade a imagem do aqueduto, já antes cantado por outros, o mais ilustre dos quais D. Miguel da Silva ¹⁶⁴. Tais versos,

¹⁶² Vd. texto completo e tradução nas pp. 159-174.

¹⁶³ Vv. 25-36 (vd. infra).

¹⁶⁴ D. Miguel da Silva, o bispo de Viseu que viria a ser nomeado cardeal contra vontade do rei D. João III, dedicou ao aqueduto de Évora uma longa elegia: *De aqua argentea ad Ioannem Portugalliae regem*. Copiado por Frei Fortunato de São Boaventura, este poema veio a ser publicado por António de Portugal de Faria (*Portugal e Itália*, pp. 100-104). Contra ele escreveu André de Resende uma *Apologia*, na qual impugna algumas afirmações do Bispo sobre a origem do aqueduto. Aliás, já na *História da Antiguidade da Cidade de*

com os que ele próprio compõe, hão-de granjear para o monarca e esta sua obra a imortalidade.

O ressentimento contra D. João III parece, portanto, ter-se apagado ou simplesmente atenuado por força da saudade que tem da pátria. Dir-se-ia que o poeta, porque o rei representa a nação, preserva a sua imagem para que a do país permaneça incólume.

O epigrama alusivo a um episódio ocorrido com o «rei João», assim mesmo designado, não é seguro que possa relacionar-se com D. João III: seguindo o caminho de Évora, uma tempestade que lhe dificultava a marcha desvaneceu-se de súbito; o «rei João» viu aí a prova de que o verdadeiro soberano era Deus:

DEVS OPTIMVS MAXIMVS REX

*Ibat Ioannes Eboram rex magnus in urbem
et niger in terris Auster et imber erat,
cum subito exoriens sol aureus expulit omnem
duritiam caeli restituitque diem.*

*Tunc rex: 'qui soles et tempora laeta reducit,
cum libet, hic uere, non ego, regnat', ait.*¹⁶⁵

«DEUS DE SUMA BONDADE, SUPREMO E VERDADEIRO REI

Caminhava o grande rei João em direcção à cidade de Évora;
e o negrume do Austro e a chuva enchiam a terra,
quando, de súbito, o nascer de um sol de oiro expulsou
toda a aspereza do céu e restituiu o dia.

Então o rei exclama: 'Aquele que de novo nos traz sóis e dias alegres
sempre que lhe apraz, é esse, sim, e não eu quem governa.'

Se, porventura, se trata de D. João III, é outro exemplo de como progressivamente o poeta deixou diluir-se o ressentimento que contra ele eventualmente nutria.

O mesmo se dirá do epitáfio que lhe dedica, muito posterior à sua morte; datará, no mínimo, de 1580, pois revela já o conhecimento do desastre de Alcácer-Quibir. No poema fúnebre, não há lugar para ódio ou amargura, mas para a exaltação. E, a encerrar, os primeiros lamentos por D. Sebas-

Évora, no cap. III, Resende sustentava que se devia a Sertório a primitiva construção da grande obra. (A este respeito, vd. RAMALHO, 1988, pp. 126-127, e ESPANCA, passim).

¹⁶⁵ *Cato Minor*, p. 84.

tião, o jovem nascido para a infelicidade do avô, a cujos manes gloriosos foi funesto:

IOANNIS PORTVGALLIAE REGIS EPIT.

*Quem tegus tantula tegit Bethlemis ad aedem,
uictor Ioannes rex Orientis erat.
Felix — heu! — nimium felix, ni scepra Sebastus
exciperet; nocuit manibus ille nepos*¹⁶⁶.

«EPITÁFIO DE JOÃO, REI DE PORTUGAL

Aquele que um punhado de terra cobre junto ao templo de Belém,
era o rei João, vencedor do Oriente.
Feliz, ah, muito feliz, se o ceptro, Sebastião
o não tivesse recebido! Foi funesto aos manes aquele neto.»

Chega, por fim, a hora de D. Sebastião, triste e fatídica. De todos os reis que viveram no seu tempo — e muitos foram — é o que mais espaço detém na sua obra. Mesmo distante e exilado da pátria que o rejeitara, é visível que Diogo Pires sentiu no íntimo a derrota de Alcácer-Quibir e a perda da independência. Em todas as alusões ao jovem monarca ecoam vozes de lamento pelo custo fatal da sua atitude. Com insistência essa lembrança lhe acorre ao espírito, mesmo que outro seja, no momento, o tema que o ocupa.

Entre os dísticos dedicados a animais, por exemplo, surge a mula. E lembra-se de uma que, por quebrar a costumeira esterilidade da espécie, se tornou em motivo de espanto. Preparava-se, por aquela altura, a expedição ao Norte de África; e o poeta declara a mula «profeta da desgraça»¹⁶⁷:

¹⁶⁶ *Cato Minor*, p. 111.

¹⁶⁷ Os tempos que antecederam a partida de D. Sebastião para África e o desastre que ali veio a suceder-lhe foram férteis em prodígios, muitos interpretados como mau agouro (vd. Frei BERNARDO DA CRUZ, cap. LXXV — «Dos signaes que houve do infeliz successo d'El-Rei e do seu desbarato»). Nesse número se pode incluir este facto, que já os antigos tinham por fabuloso. Efectivamente a mula, produto híbrido do cruzamento de espécies — cavalari e asinina — é, regra geral, estéril. Por isso, a «mula parida», como lhe chama o povo, é considerada um fenómeno fora do vulgar e, portanto, espantoso (vd. PLÍNIO, 8.69.44.171 e 173; CÍCERO, *De diuinatione*, 2.22.49; SÜETÓNIO, *Galba*, 4; HERÓDOTO, 3.153; VARRÃO, *Res rusticae*, 2.1.7; IUVENAL, 13.64-66). Os nossos humanistas herdaram esta concepção; encontramos um outro exemplo em Aires Barbosa (*Antimoria eiusdem nonnulla*

MVLA

*Dum parat in Libyen bellum crudele Sebastus,
mula parit; cladis praescia mula fuit.*¹⁶⁸

«MULA

Quando Sebastião prepara a cruel guerra contra a Líbia,
eis uma mula a parir. Profeta da desgraça, é o que a mula foi.»

A pouco sensata ousadia do rei e a sede de glória que à morte o conduziram
volvem-se nas páginas do *Cato Minor* em exemplo apresentado aos homens
para que se precavenham contra semelhantes excessos.

A um tal Lélío, natural de Cremona e levado para a Sicília por casamento
rico, aconselha-o a não exagerar na troca do torrão natal por outro de mais
valia. Se assim tivesse procedido Sebastião, não derramariam agora lágrimas
os paços régios de Lisboa:

*Duxisti uxorem Laeli tellure triquetra
et nimium iam lentus abes; non cura sororum,
non te fratris amor diuellit coniuge cara,
praeque solo Siculo sordet tibi docta Cremona.*

epigrammata — Coimbra, 1536), no epigrama *Ad iuvenes studiosos* (fl. XXVII, ep. 5.10).
Duas notícias da ocorrência do facto no século XVI podem encontrar-se em língua portuguesa;
a primeira na *Miscelânea* de Garcia de Resende:

*Em Lisboa então se vio
e vimos mula parida,
para isto ahi trazida
de Punhete, onde pario,
de todos vista e sabida;
e o filho que criava
perante todos mamaua:
no Ressio, na Ribeira
foy vista desta maneira
de muyta gente q̃ olhava.*

A segunda em Acenheiro (cap. XXV): «o ano de mil quinhentos vinte e nove e mês
de Junho, na villa de Punhete pario hũa mula hum poldro que foi visto e criado.» Mas,
como pode ver-se, estamos em 1529 (Garcia de Resende diz 1530), muito longe, pois, do
reinado de D. Sebastião, pelo que ambas as notícias apenas nos servem para confirmar o
insólito do fenómeno e a surpresa que suscitava.

¹⁶⁸ *Cato Minor*, p. 66.

*Non equidem incuso, tecum neque sentio; multis
re peregre bene gesta accreuit gloria; contra
si sua magnanimo placuissent regna Sebasto,
staret honos Luso neque regia fleret Vlixis* 169.

«Casaste, ó Lélío, na terra das três pontas,
e demasiado longe estás já na tua indiferença; nem a inquietação pelas
[irmãs
nem o amor do irmão te afastam da esposa querida,
e, ao lado do solo siciliano, é lixo a teus olhos a sábia Cremona.
Certo é que te não acuso, mas não penso também como tu; a muitos,
a glória se lhes acresceu com feito de valor alcançado em terra estrangeira;
mas, pelo contrário, se ao magnânimo Sebastião tivessem agradado os
[reinos que lhe pertenciam,
ter-se-ia mantido firme a honra de Luso e não verteriam lágrimas os paços
[de Ulisses.»

Que os homens aprendam, pois, quão nocivo é o excesso de confiança na Fortuna, ainda que o caminho pareça aprazível no começo. D. Sebastião nascera para senhor das enormes riquezas acumuladas pelo bisavô, D. Manuel; mas arriscou em demasia e pagou com a morte. África não merecia tão alto preço.

O conselho, endereçado a um certo Lopudo, é válido para todos os homens:

*FORTVNAE ET AMPLISSIMIS OPIBUS NON FIDENDVM
EXEMPLO SEBASTIANI PORTVGALLIAE REGIS
NOTA EST HISTORIA*

*Nolis Fortunae coeptis, Lopude, secundis
fidere; uoluit enim diua superba rotam
nec solet ignaua tantum de plebe triumphum
ducere, sed reges ipsaque regna premit.
Si libet exemplis uti, iacet inclita Cypros; 5
et uetus interit gloria Lysiadum.
Nam pius ille puer, solio qui innixus auito
creuerat in magnas Emmanuelis opes
et modo barbaricas uastatum belliger urbes 10
ibat classe tegens Herculis omne fretum,*

169 *Cato Minor*, p. 139.

*occidit infelix; at non fuit Africa tanti
Fezza nec Aethiopsis regia Seriphii.
Forsan et has olim terras cum uertet
ossa uidens magnis eruta uomeribus,
‘hac puer imparibus cecidit rex’, inquiet, ‘armis;
ultimus Henricii sanguinis ille fuit’¹⁷⁰.*

«NA FORTUNA E NA VASTIDÃO DAS RIQUEZAS
NÃO DEVE O HOMEM CONFIAR,
A EXEMPLO DE SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL.
A HISTÓRIA É CONHECIDA

Não te fies, ó Lopudo, em começos favoráveis da Fortuna,
pois arrogante é a deusa que pôs a roda a girar,
e não costuma celebrar apenas triunfos alcançados sobre plebe indolente,
mas reis e até reinos ela também oprime.

5 Se me são permitidos exemplos, jaz por terra a ilustre Chipre¹⁷⁵;
e pereceu a antiga glória dos Lusíadas.
É que aquele jovem piedoso que, apoiado no trono avito,
crescera para as grandes riquezas de Manuel
e, só para devastar cidades bárbaras, dominado pelo furor da guerra,
10 seguia com uma armada a subjugar todo o estreito de Hércules,
morreu — desventurado. E não valia a África tão alto preço,
nem os reinos de Fez, do etíope xerife.
Talvez um dia, ao revolver estas terras,
15 o lavrador veja os ossos desenterrados por enorme charrua e afirme:
‘Por aqui caiu um jovem rei em combate desigual.
Foi ele o último do sangue de Henriques.’

Pode quase dizer-se, pois, que a morte de D. Sebastião domina os versos do poeta exilado a partir de 1580, nos últimos anos da sua longa vida. O cadáver do rei é agora uma imagem permanente diante dos olhos e nos versos. Surgia-nos, desde logo, no segundo livro dos dísticos morais do *Cato Minor*, abatido por um Marte impiedoso:

*Rex Lusitanus iacet hic; Mars impius auctor
criminis. Haud parcit fortibus ille uiris*¹⁷².

«Um rei lusitano aqui jaz; foi Marte ímpio o autor
de um tal crime. Ele não perdoa a varões corajosos.»

¹⁷⁰ *Cato Minor*, p. 124.

¹⁷¹ Alusão à conquista de Chipre pelos Turcos, em 1571.

¹⁷² *Cato Minor*, p. 22.

Não muito diferente é a evocação nos *Portugalliae reges*. O rei sucumbiu. Só um homem de ferro será capaz de suster as lágrimas face a semelhante desgraça:

SEBASTIANVS

*At cadit infelix aduerso Marte Sebastus;
ferreus est lacrimas qui cohibere potest.*

«SEBASTIÃO

Mas sucumbe o desventurado Sebastião a um Marte que lhe era adverso.
É de ferro aquele que é capaz de suster as lágrimas.»

Vêm, mais adiante, os epitáfios, onde o elogio fúnebre se entrecruza com a dor. Um deles, para um suposto túmulo em Coimbra, deixa pairar a incerteza sobre a morte do rei:

SEBASTIANI PORTVGALLIAE REGIS EPIT.

*Dum pia funebrem Connimbrica dedicat aram,
'di meliora uelint, absit et omen', ait.
'At quia res dura est et uita incerta Sebastii,
ponitur haec, Manes, placet ut ara deos.'*¹⁷³

«EPITÁFIO DE SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL

No momento em que a piedosa Coimbra consagra um altar fúnebre, diz:
'Queiram os deuses dias melhores, e longe se mantenha o presságio.
Mas, porque a realidade é cruel e a vida de Sebastião uma incerteza,
é erigido este altar, ó Manes, para que o altar aplaque os deuses.'

O segundo parece aceitar sem reservas a trágica realidade; volta a culpar Marte pelo crime hediondo que ao jovem rei e à juventude que com ele seguia arrancou a vida, quando, aos cobardes, ele os costuma poupar:

ALIVD IN EVMDEM

*Lusitana suo iacet hic cum rege iuuentus;
crimen et hoc — eheu! — non leue Martis erit.
Dignos laude uiros et forti pectore leto
tradit, ab ignauis abstinet ille manum.*¹⁷⁴

¹⁷³ *Cato Minor*, p. 111.

¹⁷⁴ *Cato Minor*, p. 111.

«OUTRO AO MESMO

É lusitana a juventude que jaz aqui com o seu rei.
E este crime de Marte — sorte cruel! — não há-de ser-lhe leve.
Guerreiros dignos de glória e de peito corajoso para a morte,
ele os abandona; mas dos cobardes ele arreda a sua mão.»

Um terceiro, à maneira clássica, lembra ao viandante que o acaso levar até às praias africanas que jaz ali o rei português; e, com ele, a liberdade da sua pátria:

ALIVD IN EVMDEM

*Quisquis ad haec Libyes uenisti forte, uiator,
litora, siste gradum paucaque uerba lege:
'hic Lusitanae gentis cum rege Sebasto
pristina libertas et bona cuncta iacent.'*¹⁷⁵

«OUTRO AO MESMO

Sejas quem fores que, por acaso, aportaste a estas praias da Líbia, ó viandante,
detém o passo e lê estas breves palavras:
'Aqui a antiga liberdade da estirpe lusitana
e todos os seus bens jazem com o rei Sebastião'.»

Assim terminou os seus dias a casa de onde nascera a nação portuguesa. Não foi Portugal exemplo único dessa triste realidade; por isso, compõe um epitáfio a seis reis cuja estirpe então se extinguiu: Jaime V da Escócia, Henrique VIII de Inglaterra, Segismundo II da Polónia, Luís II da Hungria, Henrique III de França e, por fim, D. Sebastião. A este diz respeito o quinto dístico do colectivo epitáfio:

*Et iacet hic Libyco consumptus Marte Sebastus;
et cum rege iacet Lusitania tota domus*¹⁷⁶.

«E aqui jaz, abatido por Marte líbio, Sebastião;
e com o rei jaz toda a casa lusa.»

¹⁷⁵ *Cato Minor*, p. 111.

¹⁷⁶ *Cato Minor*, p. 131.

Este é o soberano que maior atenção lhe merece na elegia *De ultimis Portugalliae regibus qui aetate mea uixerunt*. Em jeito de explicação, alude no *Argumentum* que a antecede à morte trágica do pai, o príncipe D. João, e ao seu nascimento no dia do santo de quem recebeu o nome. Em seguida, fala das razões que o abalançaram à empresa africana: reconduzir o «Xerife» ao trono de seus pais¹⁷⁷. Por fim, refere as circunstâncias da batalha desigual: o exército português era formado por aprendizes de guerreiros sedentos de combate.

Todos estes motivos são aflorados nos quarenta e oito versos que o poema consagra a D. Sebastião, isto é, praticamente metade do total.

Chama-lhe póstumo, pois nasceu já depois da morte do pai, e alude à esperança que nele depositavam os Portugueses, para quem aquela criança era a derradeira hipótese de sobrevivência. Vãs esperanças, porém, como vãs as palavras de conselho e exortação que, tarde demais, o poeta lhe endereça. Por isso o vento as leva, enquanto o rei, arrastado às armas, jaz no meio de multidão de cadáveres, se é que ali jaz¹⁷⁸.

Os versos que vêm a seguir merecem ser realçados pela sua beleza, pelo seu dramatismo, pela dor profunda que encerram: percorram-se campos, destroços e cadáveres; se alguém deixa ver ainda os olhos ameaçadores no meio da morte, ali está Sebastião. Sobre ele derramará então a África indômita as lágrimas que lhe não deram os entes queridos. E hão-de ficar-lhe sobre a campa de relva os quatro versos de um breve epitáfio, precisamente o mesmo que em outro ponto lhe dedicara: ali um rei jaz, e com ele a liberdade antiga, a honra de uma ilustre raça.

A coroa portuguesa, é certo, não caiu de imediato. Di-lo no *Argumentum* e demora-se algumas linhas nos dezassete meses de governo do cardeal D. Henrique e na derradeira tentativa de D. António, prior do Crato. Mas o primeiro morreu sem descendência, e ao segundo, logo derrotado pelas tropas de Filipe de Espanha, mais não lhe restou que fugir pelos lugares

¹⁷⁷ O poeta, como os cronistas, designa simplesmente por «Xerife» a Mulei Mohamed Almotauquil (nas crónicas, também Muley Mahamed ou Muley Hamet), cujo alegado direito ao trono de Fez serviu de pretexto a D. Sebastião para desencadear a fatídica expedição a África.

¹⁷⁸ Diogo Pires parece oscilar, nas várias referências que faz a D. Sebastião, entre a aceitação de que o cadáver do rei chegou a ser sepultado e a hipótese de que se tenha perdido para sempre no campo de batalha entre tantos mortos. O verso 56, no entanto — *et tamen ipse iaces* —, demonstra que jamais duvidou da sua morte; e em ponto algum da sua obra ele comunga das crenças sebastianistas que logo começaram a florescer.

reconditos do país, até conseguir a segurança em terra estrangeira. Por isso o reino morreu, de facto, com D. Sebastião. E se aos dois falhados sucessores consagra algumas linhas no *Argumentum*, não lhes dá honra idêntica nos versos. Eles limitaram-se a assistir à agonia da pátria e, quando muito, a prolongá-la. Cantar esses momentos dolorosos é trabalho ingrato. E a Musa recusa-o:

DE VLTIMIS PORTVGALLIAE REGIBVS QVI AETATE MEA VIXERVNT

Argumentum

Emanuel, Portugalliae rex, tres regum filias, aliam post aliam, uxores habuit; et prima quidem (Isabellae nomen fuit) omnis fere Hispaniae regina designata, prius brevis aevi filiolo ex partu decessit. Reliquae duae satis fecundae fuere.

Porro ea tempestate nemo regum Emanuele fortunatior habitus est: primus nam occidua nauigatione Europae Indiam apperuit et Gangeticis opibus tenues ad eam diem Portugalliae res maxime locupletes et illustres reddidit.

Libet succincta breuitate rem maxime memoratu dignam hoc loco narrare, quam a nostris scriptoribus praetermissam miror. Ea in hunc modum habet:

Emanuelem post duos fratres nascentem genethliaci regnatorum praedixerant. Regnum itaque adeptus, et mathesi plurimum delectatus est et eius artis professores in honore habuit.

Porro eminebat inter omnes Zachuttus quidam homo cum multarum praeterea artium scientia insignis tum regi ipsi in paucis carus.

Hic cum forte Gamae cuiusdam uiri quidem equestri loco, sed re familiari perquam angusta genesin attentius inspiceret, primum quidem haerere uisus est; deinde os oculosque hominis blande dissuauitatus:

'Macte', inquit, 'uirtute tua esto, uir magne, quem diui diuaeque omnes laudandum ornandumque susceperere. Non tu quidem rex eris, sed magni reges tibi seruient eritque nomen tuum apud exterarum nationum clarum et formidabile.'

Haec per iocum risumque cenanti regi renuntiata, secus ille accepit. Nam cum Indicam expeditionem animo moliretur, necessario in ea rerum nouitate a barbaris regibus bella ortum iri existimabat.

Regum itaque domitorem a uate pronuntiatum classi quam paucarum nauium paratam habebat praefecit. Quae uero insecuta sunt tempora,

neque mathematico diuinandi scientiam neque regi in imperatore declarando iudicium defuisse facile indicauerunt.

Nunc ad incoeptum reuertor.

Moritur Emanuel Olysippone ea nocte quae D. Luciae sacram lucem praecessit, anno a Christo nato MDXXI. Regnavit annos XXVI. Vixit LI. Eius corpus in Bethlemis templo quod ipse a fundamentis erexerat modico apparatu sepelitur.

Emanueli Ioannes filius succedit, adulescens formosus, modestus et supra aetatem sapiens. Pacis hic studiosus fuit, quamuis per legatos aliquot bella feliciter confecerit. Nam et opulentissimum Cambaiae regnum in formam prouinciae redegit et Solimanum, spadonem unum ex Otthomanis purpuratis urbem Dion mari terraque aretissimum obsidentem, solo aduentantis hostilis classis nuntio adeo perterruit, ut soluta obsidione et fugienti similis laceram classem Suetium Rubri maris portum reduxit.

Pulcherrimum uero illius operum argentea aqua (ita nam a colore dicta est) in patriam meam Eboram deducta fuit. Excitauit illud erudita Lusitania ingenia et laudatum est Graecis Latinisque carminibus; inter quae Siluii Cardinalis elegia criticorum consensu primum laudem meruit.

At uero illud triste et miseriae plenum accidit. Regis enim filius, eodem quo pater nomine, dum Ioannae nouae sponsae amplexibus intemperanter indulget, tabe consumptus paucis diebus moritur, uxore grauida relicta, quae uixdum peractis uiri funeralibus filiolum enixa est, cui a natalis diei principe Diuo Sebastiani nomen inditum.

Filium Ioannes triennio post insequitur; corpus uero paterno tumultu illatum.

Succedit auo paterno Sebastianus trimulus, qui cum sub Catherinae auiae tutela adoleuisset infelici successu exsulantem Siripsium in paternum regnum reducere aggressus est. Nam cum ad Tigienem Africae fluuuium tironem et pugnandum audidum militem firmissimis Muluchii legionibus opposuisset, facile cum omni copia caesus est.

Et hunc uitae exitum Sebastianus habuit, omnium qui ante eam diem in Lusitania rerum potiti fuerunt longe nobilissimus, nam et paterno genere XV coronatos reges et materno VII Romanos Caesares attingebat.

Sebastiano Henricus patruus maior homo, senio morboque confectus, carainalis praeterea et sacris initiatus, succedit, qui XVII imperii mense decedens Philippum sororis filium testamento haeredem declarauit.

At Lusitani peregrinum regem grauiter ferentes Ioannisque nothi, qui apud ipsos summa cum gloria regnauerat, memores, Antonium, uirum

quidem regium sed matre impare, tumultuarie apud Hirenae fanum regem creant.

Fuit huius principatus breuissimus et aequae infelix, paucis nam post diebus sub ipsius urbis Ollysipponis moenibus a Castellanis uictus. Accepto uulnere ab acie excedit et per auia et deserta Lusitaniae loca cum parua profugorum manu diu uagatus; tandem desperatis rebus et de regni possessione hostibus concedens clam nauium conscendit et ad Henricum regem in Galliam, mox ad Isabellam reginam in Angliam nauigauit.

*Quinque recensebam Lusi de sanguine reges
nuper ad occidui nota fluenta Tagi,
cum mihi, ut a pugna Lapitharum forte redibat,
Mars ait: 'Hos reges quinque, poeta, cane.
5 Gloria rara quidem mercesque aequata labori,
si tuus in Libyco puluere sudet equus.'
Vix ea, cum 'Princeps', dixi, 'mihi carminis esto,
Emanuel'. Regum maximus ille fuit.
10 Namque noui domitor maris et noua bella capessens
Portugallenses fortiter auxit opes.
Et ni fata breues clausissent coniugis annos,
unicus Hesperiae regia iura daret.
Inuidit Fortuna; at nunc Bethlemis ad aedem
ille potens domito rex Oriente iacet.
15 Stat tumulum complexa ingentesque explicat alas
aeternumque sonat nescia Fama mori.
Et (pictoris opus) regali splendet in ostro
auia semotis India litoribus.
Illa piger casiasque et amomum et cinnama et aurum
20 spargit odorato dona beata sinu.
Nec zaphyri desunt neque iaspides aut hyacinthi
purpurei et flauo lumine chrysolithi.
Maeret at illa tamen uultum submissa decorum;
uelle putes regis funere sui.
25 Qui sequitur patrem, Ioannes. Arbitrator ille
pacis honoratae subdidit arma togae,
quamuis mille rates uictrisque undique quinas
uiderit Eoa discolor Indus aqua,
et Cambaica Dios puppes auulsaque rostra,
30 captaque semiuiri fixerit arma ducis.*

*At quae cura prior regi quaeque una uoluptas
 exstitit, occultis Lympha reperta uadis.*
*Illa per et muros Eborae perque aurea tecta
 ludit et argento purior unda salit.*
Donec erunt uates fecundaque carmina uatum, 35
Iane, tuum uiuet nomen et illud opus.
*Felix — heu! — nimium felix, ni sceptrâ Sebastus
 exciperet. Nocuit postumus ille puer.*
*Postumus ille puer, sed enim formosus et alta
 indole et Austriadae sanguine dignus aui.* 40
*Spes et delictum gentis crescebat; at omnes
 spes hominum fragiles delictaeque breues.*
*Qualis Iunonis flos candidus aut rosa summo
 mane orta in tenebras languet eunte die.*
Heu, miserande puer! Quis te furor urget in hostem? 45
Quas uocat in pugnas hybrida Siriphius?
*Cur ingrata tibi patria est? Et Olysippo quare
 cedit Atlanteis regia Marrochiis?*
*Siste gradum! Iam, iam maturior instruet aetas
 quae uites et quae bella gerenda putes.* 50
*Illa dabit uires, ut duro fracta duello
 accipiat leges Africa terra tuas.*
*Vana loquor, uolucresque ferunt mea uerba procellae;
 instat enim fati uis et in arma trahit.*
Ecce — nefas! — inter confusae stragis aceruos 55
an iaceas dubium est, et tamen ipse iaces.
*Hi nostri reditus, hae spes, ea publica uota,
 hic exspectatus Marte triumphus erat.*
*Ite per caedes et fusa cadauera, ciues,
 ite per et campos et loca plena metus!* 60
*Qua Tigien tot scuta uirum, tot tela, tot enses,
 tot galeas et tot corpora uoluit aquis,
 si quis et arma tenens ipsaque in morte minaces
 uertit adhuc oculos, ille Sebastus erit.*
Ille erit; illius perfusum corpus ab unda, 65
si qua modo tellus quantulacumque tegat.
*Has magno Europae regi regumque nepoti
 Africa solemnes inferat exsequias;*

70 *quae licet et tigres et quas alit ipsa leaenas*
 uincat et indomitum corde adamanta gerat,
 at iuueni et regi et nuda tellure iacenti
 (si qua fides) lacrimas uicta dolore dabit
 dicet et: ‘Has lacrimas, quas nec dedit anxia mater
 nec soror aut nutrix maesta sepultus habe.
 75 *Dum stat et arma tenet, quid possim sentiat hostis;*
 si cadat, inuidia iam caret ille cinis.’
 Quin etiam, ut longum cladem testetur in aeuum,
 talis in aggesto caespite uersus eat:
 ‘Rex Lusitanus iacet hic; Mars impius auctor
 80 *funeris. Haud parcitur fortibus ille uiris.*
 Et cum rege iacet libertas pristina et omnis
 gloria fidalguae gentis et omne decus.’
 Cetera quae rerum facies, dum regna tuetur,
 at non ipse suis Erricus auspiciis,
 85 *atque parum felix Antonius induit arma,*
 *odit et ingratum Musa recusat opus*¹⁷⁹.

«DOS ÚLTIMOS REIS DE PORTUGAL
 QUE VIVERAM NO MEU TEMPO

Argumento

Manuel, rei de Portugal, desposou três filhas de reis, uma após outra; a primeira, de nome Isabel, designada por decreto rainha de quase toda a Espanha, morreu antes disso, ainda na flor da idade, de parto de um filhinho.

As duas restantes foram muito fecundas¹⁸⁰.

Aliás, nesse tempo nenhum de entre os reis foi considerado mais venturoso que Manuel.

De facto, foi o primeiro a abrir a Índia à Europa em navegação pelo ocidente e, com as riquezas do Ganges, os até então parcos recursos de Portugal, tornou-os em tesouros grandes e notáveis.

¹⁷⁹ *Eleg.* 2.8. Para manter a unidade do poema, optou-se pela transcrição integral em um só lugar, em vez de o cindir pelos diversos reinados a que respeita.

¹⁸⁰ D. Manuel casou com uma irmã da falecida esposa, D. Maria (1500) e, devido à morte desta, com D. Leonor (1518), sobrinha das anteriores e, portanto, irmã de Carlos V, filha de Filipe e de Joana, a Louca, e neta dos Reis Católicos. De D. Maria nasceram-lhe oito filhos: D. João (futuro D. João III), D. Isabel (que viria a desposar Carlos V), D. Beatriz (futura duquesa de Sabóia), D. Luís, D. Fernando, D. Afonso, D. Henrique e D. Duarte. De D. Leonor teve dois filhos: D. Carlos e a infanta D. Maria.

Convém narrar aqui, em breve resumo, um facto assaz digno de memória que me surpreende ter sido omitido pelos nossos escritores. Conta-se o seguinte:

A Manuel, que nascera depois de dois irmãos, os astrólogos tinham-lhe profetizado que havia de vir a ser rei. E assim, ao atingir a realeza, teve sempre enorme prazer na astrologia e passou a ter em grande conta os mestres de tal ciência.

Enfim, sobressaía entre todos um tal Zacuto, homem não apenas notável pelo culto de muitas artes, além de outras coisas, como ainda querido ao rei.

Quando ele perscrutava, por acaso, com mais detida atenção, a estrela de um tal Gama, varão com a dignidade de cavaleiro, é certo, mas com património de todo escasso, pareceu, primeiro, hesitar; em seguida, beijando de leve o rosto e olhos daquele homem, disse:

‘Glorioso sejas por tua coragem, ó grande varão, que todos os deuses e deusas acharam digno de louvor e honra. Tu não serás apenas rei, mas grandes reis te hão-de servir e o teu nome há-de ser ilustre e temido entre nações estrangeiras.’

Esta notícia foi levada, com risos de troça, ao rei que se encontrava a cear, mas ele recebeu-a de modo diverso. Com efeito, amadurecia no seu íntimo os planos da expedição à Índia e calculava que nessas partes novas necessariamente haviam de ser desencadeadas guerras pelos reis bárbaros.

E assim, àquele que fora proclamado dominador de reis pelo adivinho, colocou-o à frente de uma armada de poucos navios que havia preparado. Os tempos que se seguiram demonstraram com clareza que nem ao astrólogo faltara arte ao adivinhar nem ao rei discernimento ao nomear o comandante.

Volto agora ao assunto por onde comecei.

Morreu Manuel em Lisboa na noite que precedeu o dia consagrado a Santa Lúcia, no ano de Cristo de 1521¹⁸¹. Reinou durante vinte e seis anos; viveu cinquenta e um. O seu corpo está sepultado com modesta pompa no templo de Belém que desde os alicerces ele próprio tinha edificado.

A Manuel sucede seu filho João. Jovem belo, virtuoso e com sabedoria acima da sua idade. Foi um rei devotado à paz, conquanto, por intermédio de alguns governadores, tenha levado a cabo com êxito umas tantas contendas. De facto, o poderosíssimo reino de Cambaia, reduziu-o ele ao estatuto de província¹⁸²; e a Solimão, um eunuco vindo dos otomanos vestidos de púrpura, o qual impunha apertado cerco por terra e por mar à cidade de Diu, aterrorizou-o apenas com a notícia da aproximação de naus inimigas, a tal ponto que, levantando o cerco como se fugitivo fosse, fez regressar a armada destroçada ao porto de Suez, no mar Vermelho¹⁸³.

¹⁸¹ 13 de Dezembro de 1521.

¹⁸² Ficaram conhecidas por «guerras de Cambaia» as lutas travadas por Portugal com vista ao domínio do golfo com o mesmo nome e das quais os Portugueses saíram vitoriosos após uma década de violentos combates.

¹⁸³ Conta Damião de Góis que Solimão levantou o primeiro cerco de Diu ante a aproximação de socorros enviados pelo governador Nuno da Cunha, devido a um estratagemma por eles utilizado: acenderam em cada nau quatro fachos para dar a ilusão de um número quatro vezes maior (*Commentarii rerum gestarum in India citra Gangem a Lusitanis anno 1538*, Lovaina, 1539).

Mas a mais bela das suas obras foi a água de prata (pois tal é a cor que lhe atribuem), trazida para a minha cidade de Évora. Ela fez despertar finos engenhos na Lusitânia e foi enaltecida em versos gregos e latinos; entre eles, uma elegia do cardeal da Silva mereceu, por consenso dos críticos, a suma distinção.

Mas foi triste e repleta de amargura a desgraça que lhe sobreveio. É que o filho do rei, com o mesmo nome do pai, quando se entregava, no fervor da paixão, aos abraços de Joana que havia pouco desposara, morre escassos dias depois, consumido pela doença e deixando grávida a esposa¹⁸⁴; esta, logo depois de terminadas as exéquias do marido, deu à luz um filhinho, ao qual, devido ao principal santo do dia do seu nascimento, foi dado o nome de Sebastião¹⁸⁵.

João segue o filho três anos mais tarde¹⁸⁶. O corpo foi levado para o túmulo de seu pai.

Sucede ao avô paterno Sebastião, com apenas três anos, que, depois de crescer sob tutela da avó Catarina¹⁸⁷, com funestos resultados se abalçou a reconduzir à posse do reino de seus pais o Xerife banido.

De facto, junto ao rio Tígien¹⁸⁸, da África, ao opor soldados aprendizes de guerreiros e sedentos de batalhas à firmeza das legiões de Moluco¹⁸⁹, facilmente foi aniquilado com todas as suas tropas.

E teve este desfecho a vida de Sebastião, de longe o mais nobre de quantos no passado tinham possuído a realeza na Lusitânia, pois contava por quinze os reis coroados do lado do pai e por sete os Césares romanos, do lado da mãe¹⁹⁰.

¹⁸⁴ O príncipe D. João, único filho que sobreviveu dos nove dados à luz por D. Catarina, morreu em 1544, de diabetes, pouco mais de um ano após o seu casamento com a filha de Carlos V, D. Joana. A sua morte foi muito chorada em todo o reino, dado que era o único herdeiro do trono; desse pranto se fizeram eco muitos poetas quinhentistas, com destaque para Diogo de Teive, na tragédia *Ioannes Princeps*, impressa nos *Opuscula aliquot* (Salamanca, 1558), e de novo publicada, há alguns anos, com introdução, tradução e notas, por Nair de Castro Soares (*A tragédia do Príncipe João*, Coimbra, 1977). Sobre a grande voga que o tema alcançou no nosso século XVI, vd. nessa obra «O tema da morte do príncipe João na poesia quinhentista» (pp. 37-57).

¹⁸⁵ D. Sebastião nasceu a 20 de Janeiro de 1544, dias depois das exéquias do pai: até ao momento do parto ocultaram a D. Joana a notícia da morte do marido, pois todas as esperanças do reino residiam naquela criança.

¹⁸⁶ D. João III faleceu a 11 de Junho de 1557 e foi sepultado nos Jerónimos, como seu pai.

¹⁸⁷ D. Catarina conservou a regência desde a morte do marido, mas somente até Dezembro de 1562. Desde esta data e até Janeiro de 1568, a regência coube ao cardeal D. Henrique. A menos que se admita que *tutela* se refere à responsabilidade na educação do futuro rei, a afirmação de Diogo Pires é, uma vez mais, imprecisa.

¹⁸⁸ Rio inexistente; tratar-se-á, decerto, de utilização do nome latino da região — *Tinge* — para designar um dos vários cursos de água que a atravessam.

¹⁸⁹ Mulei Abde Almélisque que os cronistas chamam Muley Moluco ou simplesmente Moluco. Era ele que o Xerife pretendia destronar e foi ele quem comandou o exército que fez frente às tropas de D. Sebastião e de Mulei Mohamed.

¹⁹⁰ D. Sebastião, décimo sexto rei de Portugal, era neto do imperador Carlos V que,

A Sebastião sucede Henrique, o mais velho dos tios paternos, abatido pela velhice e pela doença, cardeal, além do mais, e com ordens sagradas, o qual, morrendo ao cabo de dezassete meses de governo, nomeou em testamento como seu herdeiro a Filipe, filho da irmã¹⁹¹; mas os Lusitanos que com firmeza o declaravam rei estrangeiro, lembrados do bastardo João que sobre eles reinara com tão grande glória¹⁹², a António, varão, sem dúvida, de origem régia, mas de linhagem diferente por parte da mãe¹⁹³, designam-no, no meio de grande confusão, nas proximidades de Santarém, como rei¹⁹⁴.

Foi muito breve o principado dele, tanto quanto triste. De facto, poucos dias mais tarde foi derrotado pelos Castelhanos, mesmo junto às muralhas de Lisboa¹⁹⁵. Depois de sofrer um golpe de uma lança, pôs-se em fuga e vagueou largo tempo com um pequeno punhado de fugitivos por lugares escusos e desertos da Lusitânia; por fim, perdida a esperança e cedendo ao inimigo a posse do reino, embarca às escondidas num navio e navega em direcção a França, para junto do rei Henrique, e depois para Inglaterra, para junto da rainha Isabel¹⁹⁶.

Cinco reis oriundos do sangue de Luso, eu os recordava,
junto à famosa corrente do ocidental Tejo,
quando Marte, ao regressar, por acaso, do combate dos Lápitas¹⁹⁷,
me disse: 'Esses cinco reis, ó poeta, canta-os!

entre outros títulos, possuía o de rei dos Romanos. O título de César é-lhe atribuído, por esse motivo, com frequência pela literatura renascentista.

¹⁹¹ São de novo pouco precisas as notícias que chegam aos ouvidos do poeta exilado em Ragusa. O cardeal-rei não deixou consignado em testamento que a sucessão caberia a Filipe II de Espanha, casado com D. Isabel, filha de D. Manuel. As suas palavras foram: «E está este caso da sucessão posto em justiça: portanto, não declaro aqui agora quem me há-de suceder; será quem conforme a direito houver de ser, e esse declaro por herdeiro e sucessor; salvo se antes da minha morte nomear a pessoa que este direito tiver.» (Apud J. CASTRO, p. 346.)

¹⁹² D. João I.

¹⁹³ D. António era filho bastardo do infante D. Luís, irmão de D. João III e de D. Henrique, e de Violante Gomes, cristã-nova, conhecida por «a Pelicana».

¹⁹⁴ Na iminência de Filipe II se apoderar do trono, um levantamento popular aclamou como rei D. António, em Santarém, em 19 de Junho de 1580.

¹⁹⁵ Alusão à batalha de Alcântara, onde D. António foi derrotado pelas tropas comandadas pelo duque de Alba, em 25 de Agosto de 1580.

¹⁹⁶ Depois da derrota, o Prior do Crato viu-se forçado à fuga. Durante algum tempo errou pelo país quase clandestinamente, até que em Janeiro de 1581 embarcou para França, onde esperava negociar o apoio de Henrique III à sua causa; a seguir, rumou a Inglaterra, para alcançar idêntico objectivo junto de Isabel Tudor. Ainda fez uma derradeira tentativa para reaver o trono a partir dos Açores, cujas ilhas se mantiveram fiéis; mas a derrota de Vila Franca (1582) e a ocupação de Angra (1583) goraram estes desígnios; a tais factos, porém, Diogo Pires não faz qualquer alusão.

¹⁹⁷ Povo mítico que combateu contra os Centauros.

- Glória rara, decerto, e recompensa igual ao esforço,
se na poeira líbia suar o teu cavalo.’
Acabara ele de dizer estas palavras, quando eu repliquei: ‘O primeiro de
[meu canto sejam tu,
ó Manuel’. Dos reis foi ele o maior.
- 10 É que, senhor de um novo mar e obreiro de novas guerras,
ele acrescentou com gravura o poder dos Portugueses.
E, se os fados não tivessem posto fim aos breves anos de sua mulher,
reinaría ele como senhor único da Hespéria.
Teve inveja a Fortuna; mas agora, junto ao templo de Belém,
o poderoso rei, depois de ter dominado o Oriente, ali jaz.
- 15 Ergue-se, a envolver o túmulo, abre as asas imensas
e pronuncia palavras de eternidade a Fama que não sabe morrer.
E (trabalho de pintor) resplandece na púrpura real
a Índia exótica em costas remotas.
A pimenta e as cásiás e o amomo e a canela e o ouro,
20 ricos presentes, ela os derrama do seio perfumado.
E não faltam safiras nem jaspes nem ametistas de púrpura
e crisólitos de brilho avermelhado.
Lamenta-se ela, porém, com o formoso rosto de olhos baixos;
dir-se-ia que quer chorar a morte do rei.
- 25 Quem segue o pai é João. Árbitro
de uma paz honrosa, as armas ele escondeu sob a toga;
embora mil navios e as quinas triunfantes por toda a parte,
as tenha visto o Indo empalidecido nas águas orientais,
e a cambaica Diu tenha visto popas e proas arrancadas
30 e trespassado os exércitos capturados ao chefe que era eunuco.
Mas o cuidado que foi mais importante para o rei, que foi o seu único
[prazer,
foi a água buscada em depósitos ocultos.
Ela brinca ao longo das muralhas de Évora e dos tectos doirados,
e a água saltita mais pura que a prata.
- 35 Enquanto houver poetas e cantos fecundos de poetas,
ó João, há-de viver o teu nome e aquela obra.
Afortunado, oh, muito afortunado, se Sebastião não recebesse o ceptro!
Foi uma desgraça esse póstumo rapaz.
Filho póstumo, sim, mas de facto esbelto, de uma índole grandiosa
40 e digno do sangue do avô austríaco¹⁹⁸.
Como esperança e delícia do povo, ele crescia; mas todas
as esperanças dos homens são frágeis e todas as delícias breves.
Qual flor cândida de Juno ou rosa nascida no alvor da madrugada,
murcha ao crepúsculo quando o dia se esvai.
Ah, triste rapaz! Que furor te lança contra o inimigo?
45 A que batalhas te chama o mestiço Xerife?

¹⁹⁸ Recorde-se que D. Joana, mãe de D. Sebastião, era filha do imperador Carlos V.

Porque te é ingrata a pátria? E Lisboa,
 porque cede na realza ao Marrocos de Atlas?
 Sustém o passo! Breve, breve, idade mais madura te há-de ensinar
 o que há-de evitar e quais as guerras que julgas dever travar. 50
 Ela te há-de dar forças para que, vencida na dura guerra,
 a terra africana obedeça às tuas leis.
 É vão o que digo e velozes procelas levam as minhas palavras;
 pesa sobre ele a força do fado e às armas o arrasta.
 Eis — oh, sacrilégio! — que, entre montões de uma chacina confusa, 55
 se tu jazes, não é certo; mas a verdade é que jazes.
 Esta era a nossa recompensa, esta a esperança, estes os públicos votos,
 este o triunfo que de Marte nós esperávamos!
 Ide por entre a mortandade e cadáveres dispersos, ó cidadãos,
 ide pelos campos e lugares repletos de terror. 60
 Por onde tantos escudos de guerreiros, tantas lanças, tantas espadas,
 tantos capacetes e tantos corpos, o Tígien os revolve nas suas águas,
 se alguém, de armas na mão, e até na própria morte,
 volve ainda os olhos ameaçadores, esse será Sebastião.
 Será ele: o corpo banhado de água, 65
 se é que ao menos um pouco de terra o cobre.
 Que ao grande rei da Europa e neto de reis
 a África preste estas solenes exéquias;
 e embora os tigres e as leoa que ela mesma alimenta,
 ela os vença, e possua no coração indómito diamante, 70
 ao jovem e rei, todavia, que na terra nua jaz,
 (se é verdade o que dizem), lágrimas há-de derramar, vencida pela dor;
 e há-de clamar: 'Estas lágrimas que te não deram a angústia de mãe
 nem de irmã, nem a tristeza de ama, recebe-as na sepultura!
 Enquanto se mantiver de pé e empunhar as armas, sinta o inimigo a força
 [do meu poder. 75
 Se cair, volvido em cinza, está já livre de ódio.'
 Mais ainda: para testemunhar a grandeza da derrota para a eternidade,
 que no túmulo de relva corram estes versos:
 'Um rei lusitano aqui jaz. Foi Marte ímpio o autor
 de um tal crime; ele não perdoa a varões corajosos; 80
 e com o rei jaz a liberdade de outrora
 e toda a glória de uma nobre raça e toda a sua honra.'
 A face restante do infortúnio, enquanto olha pelo seu reino,
 mas não sob os seus próprios auspícios, Henrique,
 e o pouco feliz António enverga as armas, 85
 a Musa detesta e rejeita essa ingrata tarefa.»

O cardeal D. Henrique, não obstante, ainda lhe merece um dístico entre os *Portugalliae reges*; mas as palavras a que recorre são dominadas pela

agonia que se avizinha. Era já velho e doente este rei quando assumiu o poder; o império cujas rédeas lhe eram confiadas estava desfeito:

HENRICVS

*Iam senior morboque graui confectus, habenas
Erricus adflicti suscipit imperii*¹⁹⁹.

«HENRIQUE

Já velho e abatido pelo peso da doença,
empunha Henrique as rédeas de um império destroçado.»

Não terminavam ali os dias dolorosos. Ao poeta chegaram as notícias da perda da independência, da coroação de Filipe de Espanha como rei de Portugal. Se uma o feria profundamente, a outra causava-lhe a mais viva indignação — Filipe descendia dos Reis Católicos, contra quem se habituara de há muito a dirigir toda a força do seu ódio. É certo que o prefácio do *Cato Minor* aconselha à juventude portuguesa a obediência a esse monarca; mas tal atitude constitui caso isolado em toda a obra e mais não será que um lugar-comum.

Não o omite entre os *Portugalliae reges*; a encimar os dísticos que lhe dedica, no entanto, tem o cuidado de acrescentar ao nome a designação «rei de Espanha». Aí sublinha o facto, quase inacreditável, de um só homem deter nas mãos o ceptro de toda a Península Hispânica; e, em dois outros dísticos (é o único a merecer mais de dois versos), declara, já com voz amargurada, que foi à custa da morte de um grande rei que Filipe alcançou o poder e a riqueza:

PHILIPPVS, HISPANIAE MONARCHA

*Quod neque sol uidit neque quisquam crederet, unus
Hesperia in magna scepra Philippus habet.*

«FILIPE, MONARCA DA HISPÂNIA

O que o sol jamais viu, e ninguém poderia acreditar:
um só homem detém o ceptro da grande Hespéria — Filipe.»

¹⁹⁹ *Cato Minor*, p. 77.

IDEM

*Post deploratas clades et tristia magni
regis et — heu! — iuuenis funera Dauerii,
illuxit terris signum caeleste Philippus;
et tulit accisis Austria rebus opem.*

«O MESMO

Depois de chorada a derrota e dos feitos funestos do grande rei
e — sorte cruel! — das exéquias do jovem duque de Aveiro ²⁰⁰,
brilhou sobre a terra, como um astro dos céus, Filipe.
E de tais eventos colheu a casa de Áustria o poder.»

Outras referências ao monarca espanhol são menos subtis; nelas deixa transparecer sem ambiguidades o ódio que contra ele nutre. É o caso de um epigrama contra Espanha; depois de lhe chamar «godo» ²⁰¹ e de se referir aos crimes que ele e os seus ascendentes cometeram contra a raça judaica, invoca a acção da Vingança:

IN HISPANIAM

*Rem Gotham et Gothos iactas, Hispania, reges,
nomina famosis nota latrociniis,
Gothus et a prisca memoratur stirpe Philippus.
Iam neque Belga tibi nec placet Austriades. 5
At pius ille senex, natum qui sistit ad aram,
quaeque senem sequitur inclita progenies,
magnorum regum pater Israel et pede sicco
qui mare Erythraeum transiit incolumis
et tot praeterea uates, quibus icta superne 10
mens calet et ueri gnara futura canit,
ludibrio tibi sunt; et rides nomina tanta
et si quis contra disserit, igne periit.
Viderit ista comes diuum, Vindicta; nocenti
tarda et sera quidem, iusta sed illa uenit ²⁰².*

²⁰⁰ D. Jorge de Lencastre, duque de Aveiro, morto em Alcácer-Quibir.

²⁰¹ Atributo aqui usado com nítido significado depreciativo. Tanto pode ligar-se à origem germânica de Filipe II, descendente de austríacos, como à sua ascendência hispânica, por terem sido visigodos os primeiros grandes reis do território espanhol.

²⁰² *Cato Minor*, p. 169.

«CONTRA A ESPANHA

- É um estado godo e godos são, ó Espanha, os reis que tu ostentas,
nomes conhecidos por famosas atrocidades.
Godo também, e de velha estirpe, dizem ser Filipe.
E já nem a Bélgica te apraz nem o Austríaco ²⁰³.
5 Mas o piedoso ancião que depõe o filho no altar ²⁰⁴
e os que depois lhe sucedem — ínclita descendência —,
o pai de grandes reis, Israel ²⁰⁵, e aquele que, a pé enxuto,
atravessou o mar Eritreu ²⁰⁶, incólume,
e ainda tantos profetas, cujo espírito, tocado pelo alto,
10 se inflama e, sabedor da verdade, canta o futuro,
todos são para ti motivo de zombaria; e ris-te de tão grandes nomes
e, se alguém clama contra ti, morre na fogueira.
Há-de ver tudo isso a companheira dos deuses, a Vingança: para o criminoso,
tardia e até lenta, mas justa, ela acaba por chegar.»

Sentimento idêntico transparece de um «momo» contra o mesmo país, logo a seguir aos versos acabados de citar. Habituada ao governo de estrangeiros, Espanha não vê em Filipe — austríaco — uma excepção. Ela não é mais que simples despojos de guerra:

MOMVS IN EAMDEM

*Diceris Occidui regina, Hispania, et mundi;
falso, nam uulgus haec dare uerba solet.
Te quondam Graecus, Romanus, Gothus et Afer;
nunc regit Austriades: praeda subinde manes* ²⁰⁷.

«MOMO CONTRA A MESMA

Proclamar-te-ão rainha do Ocidente, ó Espanha, e do mundo;
é falso, pois é costume do vulgo lançar atoardas dessa espécie.

²⁰³ Convém lembrar que Filipe II de Espanha, filho de Carlos V, era, por isso mesmo, senhor dos Países-Baixos e também neto do arquiduque de Áustria, Filipe I.

²⁰⁴ Abraão que, em obediência a uma ordem divina, estava disposto a imolar o seu filho Isaac. O acto não chegou a consumir-se porque Deus considerou bastante a prova de obediência (*Géneseis*, 22).

²⁰⁵ O mesmo que Jacob, filho de Isaac; deu o nome ao seu povo.

²⁰⁶ Mar Vermelho, atravessado a pé enxuto pelo povo hebreu conduzido por Moisés, durante a fuga do Egipto em direcção à «terra prometida» (*Êxodo*, 14).

²⁰⁷ *Cato Minor*, p. 169.

Sobre ti reinou outrora o grego, o romano, o godo e o afro;
agora reina um austríaco: despojos de guerra é o que de tempos a tempos
[continuas a ser.]»

Ao rei de Espanha não compôs qualquer epitáfio; nem seria fácil, de resto, já que o poeta não lhe deve ter sobrevivido. Lembra-o, entretanto, em um último canto fúnebre, embora a D. Sebastião; não em tom de glória, como em outros versos do mesmo género, antes de lamento pela pátria que sucumbia ante as suas hostes:

*Nuntius — heu! — bello regem cecidisse Sebastum
attulit, et fractas Emanuelis opes,
et successorem nobis instare Philippum,
collecto Hispaniae robore militiae;
non Gallum auxilio, classes non ire Britannas, 5
sicut sparsa diu uanaque fama fuit;
et sese ut dedant nostri et sua cuncta necesse,
ni omnia acerba uelint atque superba pati.
O patria, o diuum sedes, quam fortis Vlives
condidit occidui litus ad Oceani: 10
tu ne iugum Hispanum et dominos dignabere Belgas?
Impleor lacrimas; claudit it et ora dolor 208.*

«Um mensageiro — ah, desgraça! — trouxe a nova de ter caído no campo
[de batalha o rei Sebastião,
e terem sido desbaratadas as tropas de Manuel;
e de que nos ameaçava suceder-lhe Filipe,
depois de reunir todo o vigor do exército de Espanha;
e de que não vinham em nosso socorro o Francês nem as armadas britâ-
[nicas, 5
como dizia a fama que em vão se espalhou durante algum tempo 209;
e de que era forçoso que os nossos se entregassem e a todos os seus bens,
se não queriam suportar toda a agrura e arrogância.
Ó pátria, ó morada de deuses, que o valoroso Ulisses
fundou junto às praias do oceano ocidental: 10
acaso aceitaste tu o jugo espanhol e o domínio belga?
Cubro-me de pranto; e a dor inunda e paralisa o rosto.»

²⁰⁸ *Cato Minor*, p. 112.

²⁰⁹ «E neste mesmo dia [14 de Outubro de 1580] se botou fama q̃ uinhão quatro mil francezes em nosso socorro por animarem os portuguezes que tam quebrado tinham o coração ia a este tempo mas não por ser uerdade» (PEDRO ROIZ SOARES, cap. 64). Como foi dito atrás, D. António bem se esforçou por conseguir o apoio de Franceses e Ingleses, mas em vão.

Pouco a pouco, talvez, vinham chegando notícias da desgraça. Revelavam-se falsos os boatos que falavam em ajuda estrangeira. A morte estava próxima. À pátria e aos seus concidadãos restava-lhes tão-somente submeterem-se ao jugo espanhol. Ele, no exílio, mais não pode fazer que cobrir de lágrimas o rosto. Envolto no pranto e imerso na dor passará, pois, os derradeiros anos que a vida lhe reserva, na Ragusa distante, até que a morte venha libertá-lo.

A pátria com que sempre sonhara no decurso da longa vida já não vive. Ficarà agora à espera do dia em que, enfim, virá a unir-se-lhe — na morte.

CAPÍTULO IV

O EXÍLIO DO POETA A QUATRO SÉCULOS DE DISTÂNCIA

*Quidquid erit, Manes descendam liber ad imos;
stet mihi libertas morte redempta mea.*

(Eleg. 3.10.77-78)

Vasta foi a obra que saiu de tão longa vida. Versos e mais versos onde a beleza poética é quase uma constante, ao lado de alguns — poucos — textos em prosa, simples e despretenciosos. Portugal, pátria longínqua, não ocupa a maior parte dessa obra. Diogo Pires triunfou sobre a depressão do desterro. O afastamento sente-se, a consciência da distância existe, mas não como uma ideia doentia que se assenhoreia dos poemas em versos repetidos e monótonos.

O torrão natal, no entanto, está lá. Regularmente, como imagem guardada ao canto da sala para visita diária, o poeta revê-a. Não é dona da parte maior da sua obra, mas está um pouco presente em toda ela.

Nos alvares da idade madura, antes ainda dos vinte anos, dera a saudade os primeiros passos.

No declinar da velhice adiantada é também a lembrança da terra-mãe que dá alma e beleza aos últimos versos daquele que sente o aproximar do fim.

De um extremo ao outro esteve sempre Portugal — sempre presente e sempre ausente.

Não era assim Ovídio, o clássico do exílio, que vivera em Roma a maior parte da vida. Ficaram-lhe gravados na alma os lugares, as pessoas, os ambientes. Até os entes queridos o Sulmonense fora obrigado a abandonar. Ao invés, teve pouco tempo Diogo Pires para que lhe deixassem traços fundos na memória os campos do seu país. Lugares, clima, flora, fauna, tudo isso ele recorda, mas vagamente, pois breve foi o convívio que a vida entre ambos proporcionou. A poucos deixou na hora da partida — com ele partiram

os seus. Que o ligava, então, a Portugal? Apenas essas estranhas raízes que prendem um homem a um país e lhe permitem que a ele dê o nome de pátria. Não muito mais haveria. Por isso, mais admirável é a dor que dá tom ao seu canto.

Curta vida na pátria, longa vida no exílio. Em Ovídio, a dor não durara tantos anos que a resignação pudesse ter imposto as suas leis. Os sentimentos alternavam-se no turbilhão de tempestades interiores que a custo conseguiam suster-se. Diogo Pires, pelo contrário, sofreu a evolução ditada pelo correr dos anos. Os dias de outrora vão ficando distantes, num ponto aonde não é possível regredir; e o lugar que o presente lhes reserva tem somente nome de lembrança e de saudade.

Vive agora em outras paragens, convive com outras gentes, experimenta outra cultura. Dos homens que honram as letras do país onde nasceu, pouco sabe; conhece os que, como ele, partiram, ouve falar de outros. Nem por isso é menos honroso o lugar que lhes confere.

Mas é na história que melhor se molda a imagem da pátria. Uma história gloriosa deu forma a esse edifício cujos pilares são os reis que a governaram.

Se erros cometeram, absolve-os. À parte algumas sombras no reinado de D. João III, o rei que o levou a partir, são títulos de glória os que a todos dedica. Condenar o monarca que o levou ao desterro significava, de alguma forma, condenar a pátria. Acto a que jamais se atreveu.

Apenas D. Sebastião lhe merece um retrato diferente. Por detrás das palavras de reprovação pela ousadia da aventura africana, surgem sentidas lágrimas de dor pela perda da independência. Também aqui rei e pátria se identificam. Nos mesmos versos se choram duas mortes — a do rei e a do país que ele levou à perdição.

Para outros dirige toda a força do seu ódio, tão intensa quanto a do amor que o une à pátria: os Reis Católicos. Já os não conheceu, é certo, mas sentiu na carne o ferrete da sua acção, sentiu que foram os verdadeiros pais da desgraça que sobre ele se abateu. Odeia-os com uma intensidade própria da sua alma de poeta.

Viu agonizar Portugal nas mãos de D. Henrique e D. António, viu-a morrer às mãos do usurpador Filipe, último alvo do ódio contra Espanha e contra os Reis Católicos, de quem descende.

Sem esperança de regresso, sujeito a aguardar a meta derradeira à sombra das montanhas da Ilíria, que mais lhe resta? — Somente esperar a sua própria morte, o resgate da liberdade que a vida lhe não concedeu, apesar de nunca ter conhecido a prisão das fronteiras.

Diogo Pires terá sido um judeu errante, sim, mas um judeu português. A vida peregrina a que o desterro o forçou fez dele um cidadão da Europa, mas não um apátrida. As raízes lá estavam, firmes, no Portugal distante.

De muitos anos fora o seu exílio em vida, alguns séculos durou depois o seu exílio na morte. Mas, se é verdade que não morre a obra do seu génio, é hora de lhe fazermos a justiça que merece, reavendo-o para o seio da cultura a que pertence.

E assim lhe daremos o lugar que sempre ambicionou — um lugar na terra que o viu nascer.

(Página deixada propositadamente em branco)

APÊNDICE

Carta a Paulo Jóvio *

DIDACVS PYRRHVS PAVLO IOVIO SALVTEM DICIT

Perlegi, Ioui doctissime, ea elogia quae in insignium superioris aetatis uirorum imaginibus non minus scite quam apposite inscripsisti, nec dici potest maiore id uoluptate an admiratione fecerim.

Etsi enim animus iam tum ab omni litterarum cultu alienus sit, ex quo, Lusitania relicta, exsulantem patrem duodecim iam annum per omnes Europae tractus sequor deducoque, iuuat tamen interdum ea animo studia repetere quae, dum puer essem, ardentissime excoluerim, iuuenis uero atque etiam dum imberbis, Louanii, Lutetiae clarissimis terrarum gymnasiis, non omnino sine laude sim professus.

Notum enim tibi esse arbitror quam, furentibus prope odiis, Portugalliae rex Ioannes miseras Hebraeorum reliquias quae Christianum olim nomen induerant persequatur atque etiam, quantum in eo sit, uita et opibus priuet.

Enimuero cum Emanuel pater Elisabethae, Ferdinandi regis filiae, quae secum tam multa regna dotalia trahebat, flagrantissime nuptias ambiret, non alia ratione id obtinere potuit nisi prius Iudaicum omne nomen ex Lusitania quoquomodo tolleretur.

* A carta a Paulo Jóvio foi sendo citada de modo esparso ao longo dos três capítulos deste trabalho. A visão que assim se obteve é apenas parcial e, por isso mesmo, deficiente, em consequência da opção, deliberadamente assumida, de integrar no capítulo adequado cada passo desse texto, devido ao seu carácter autobiográfico. Porque a necessidade de um olhar global parece inegável, transcreve-se a seguir, na íntegra, toda a carta, seguida da respectiva tradução.

Quare cum propositis grauissimis edictis, ut regno cederent infelices Hebraei, qui eo tempore plurimi in eo regno agebant, itineri se praepararent, non tulit pius rex eosque nolentes reclamantesque sacri lauacri fontibus admouit.

Et quamuis ea pietas multis impia uisa sit ut ab omni humano diuinoque iure aliena, quia tamen ex regni usu esse uidebatur, laudata approbataque est.

Rege ipso, ut conflata sibi inuidiam ex parte aboleret, omni humanitatis officiorumque genere neophyton (utar enim eo uerbo) animos prosequenti, cum effectum erat ut ei uulneri, quod ingens ei populo infelicitum uidebatur, cicatrix obduci coepta esset, senibus quibus a patriis caeremoniis recedere grauissimum uidebatur fugientibus aut approbantibus aut dissimulantibus, iuuentute uero Christianam fidem auide amplectante; erant itaque neophyton res longa pace et otio quam fecundissimae, donec mortuo Emanuele Ioannes filius successit.

Is enim paterni praecepti immemor, cui eam nationem cordi semper fuisse intellexerat, effusissime in eam debacchari coepit; nec alia tum ratione adductum fuisse permulti credidere, nisi ut Catherinae uxoris desiderio satisfaceret.

Enimvero mulier auaritiae intensae cum summas huic populo opes esse existimaret, quibus illa inhiabat, frequenter marito Ferdinandi, communis aui, felicitatem uictoriasque in memoriam reducebat, quibus illa eam potissimum ob causam potitum regem affirmabat, quod in Hebraeis persequendis nullum immanitatis genus omiserat, cum reuera priuata iniuria commotus Ferdinandus eam passim in Hebraici sanguinis homines crudelitatem exercuerit.

Ferebat enim periniquo animo obiectos sibi in Taurensi obsidione Hebraeos natales, nam et ipse reuera maternam originem ad Palomam, Hebraeam proauiam, referebat.

Iratu enim Hispalensi regulo qui in eo tempore pupillus sub tutoribus agebat, quod spuriae filiae nuptias insolenter refutasset, puerum ad se per speciem colloqui uocatum tantisper in libera custodia retinere decreuerat, quoad illius petitioni adnisset. Quae res cum Hispalensibus neophytis (quibus puer mirifice acceptus erat) innotuisset, tantus eorum repente suum principem in libertatem asserere cupientium in aulam factus est concursus, ut rex coacto similis suum illis regulum restituerit. Non desunt etiam qui affirmant atroces in regem eo tempore uoces iactatas esse, quod in ea uulgi et temporis insolentia factum esse credere par est.

Non diu tamen suus in principem amor neophytis impune fuit: rege in illis secreta inquirendi ius notum est malum, inquisitione inuocante, procurante aduenteque Alexandro pontifice. Sed subit hoc loco crudelissimum illius pontificis animum admirari, qui aduersus imbellem innocentemque populum ea irato regi promiserit quae Clemens Aquitanus, opinor, cum Auinioni ageret,

Philippo Pulchro multum diuque efflagitanti aduersus Templarios uix concesserit. Et eae erant Templariorum uires eo tempore ut uel ipsis regibus formidabiles haberentur; opes uero tantae, id quod praecipue reges uerebantur, ut quantumuis diuturno bello sufficere posse uiderentur. Tradunt rerum Gallicarum scriptores ex Templariorum ruina magnam regio fisco pecuniam illatam fuisse, qua Pulcher in Anglicana bella multum diuque numerosum aluit militem.

Natio uero neophyton infelix et ad miseras tantum nata ut obnoxia omni iniuria par Templariis comparatur! O gentem longe omnium miserrimam, quam uel infamis notae hominibus semel accusasse satis est!

Ioannes itaque, ut eo, unde digressa est, oratio redeat, uxoris uotis obtemperans, summe per legatos istud inquirendi genus a Clemente VII impetrare enixus est, quod sagacissimus Iesu Christi uir, quid sub isto pietatis praetextu peteretur, animaduerneret ut permetteret numquam abduci potuit; id quod et sanctissimus pater Paulus facturus uidebatur, nisi id Caesari triumpho Africano inflato ambitioseque exigenti denegare periculosum arbitraretur.

Dedit itaque sed cum moderatione uisusque est statim prae se animum ferre illius antiquandi instituti, si commoda offeretur occasio, id quod infelix noster populus per procuratores suos a Romana Ecclesia contendit; sed, qua est infelicitate, ut obtineat uereor.

At mihi pressius ista intuenti admirari subit quam causa commotus Caesar, nisi improbis fortasse sororis precibus, adeo studiose inquisitionem petierit, cum eam ipsam adulescens ut rem nefariam multum damnauerit atque abolere destinauerit. Constat enim eum sub id tempus quo populares tumultus, quibus paulo post Hispania misere conflictata est, animo praeuidens, se ad suos Belgas recipiebat, complusculos dies ad Gades immoratum esse, dum cum Hadriano, eo tempore negotiis fidei praeposito, de inquisitione abolenda agit, quod superstitiosus senex se facturum constantissime negauit.

Atque is est Hadrianus ille cuius tu res gestas magnifice describis. Audiui ego de uiris fide dignissimis Erasmum Rotherodamum frequenter inter suos compotores dicere solitum plura se de Hadriano pontifice et uerissime quidem posse scribere quam olim de pseudomante Alexandro Lucianus in litteras mandauerit. Ita homo ille, nullis maioribus natus, se ad omne superstitionis genus formare potuerat, quod abs te non ignoratum, sed consulto praetermissum credo.

Ioannes itaque iam id quod tantopere ambiuerat assecutus passim in neophytos miseros grassari coepit illorum opes uitamque agere ferreque.

Quorum plurimi mortales, regis saeuitiam perosi et Castellarum rerum non ignari, antiquis laribus relictis diuersa exsilia et diuersas quaerere terras decreuere. Et multi quidem, classe conscensa, in ueterem Britanniam delati, ab eo populo natura non omnino euxino humanissime Londini in regia urbe

tractabantur; donec Castellanis nonnullis quibus ea felicitas displicebat procurantibus, accusati retentique omnes causam dicere cogentur. Et discussa est illorum causa in senatu omnium, opinor, seuerissimo iudicatumque secundum eos.

Aderam ego certe praesens cum Lusitano cuidam supplicem libellum offerenti rex ad eum modum sit locutus:

'Viri Lusitani, uobis uestrae opes nocent; praestaret ut inopes et ignoti ageretis. Nulli tamen hic insidiae, proinde in ditione nostra uiuite, agite ut libet, nullam ab Anglis perpessuri iniuriam.'

Atque in hunc quidem modum Lusitani se apud Britannos e causa omnium odiosissima expediere.

Venit et longe maxima eorum pars Antuerpnam, celeberrimum apud Belgas emporium, ubi etiam non semel causam dixit, sed pari atque apud Anglos felicitate, cum de illorum innocentia et aemulorum perfidia aeque constaret.

Pater itaque meus, cum nihil de conscientia sua dissideret, sed iudiciorum aleam consulto abhorrens, Antuerpia relicta ultro in Italiam cum familia uenit, amplissimis apud Lusitanos opibus relictis. Huic ego dum ut par est comes indiuiduus adhaereo, necessario humanitatis studia deserere coactus sum, maxime cum in ea peregrinatione matrem amiserim, feminam lectissimam et supra omnes matres mei amantem, cuius ego decessum eo molestius tuli, quo integra adhuc Fortuna in patrio solo apud suos ei exspirare non contigerit.

Merito igitur studia quae sic mihi male uertere auersor fugioque.

Sed transuexit me longius quam institueram calamitatis nostrae tibi, praesul aequissime, exponendae ardor, ut, sicubi occasio detur, dabitur autem quoties uoles, salutarem labantis populi Fortunae manum porrigas.

Venio ad elogia tua, opus sane quantum ego iudico tibi nominis immortalitatem pariturum, in quo cum omnia mihi placeant, sunt tamen nonnulla in quibus iudicium dicam [...]

Sabellici scripta sic parce laudas ut ea quasi in ordinem redigas, cum tamen eius uiri oratione nihil purius, tersius, nitidius aut uberius etiam fingi possit; quam laudem Erasmus, egregius ingeniorum aestimator, merito illi tribuere uidetur.

Nec est cur Callimachi historiam ad caelum usque nobis euehas, cum hominem frigida frequenter rhetoricantem eruditae aures uix ferant.

Memoriam Politiani, uiri certe angelici, exagitas, opprobriosam illius mortem referendo. Modestior in ea re Volaterranus qui, cum illius uitam, ut solet, breuissime describeret, nullum de mortis genere uerbum fecit consulto, inanibus tanti uiri parcens.

Sed et Vallae historiis parum attribuis, cum eo ordine sint conscriptae, eo orationis filo contextae ut aureo illo Ciceronis saeculo editae uideantur. Panhor-

mita certe et Raudensis, cum earum auctoritatem uellent eleuare, temeritatis poenas dedere, Valla ipso egregie suos partus defendente.

De Paulo Aemilio non idem tecum sentio. Est enim uir in dicendo grauis-
simus et qui in aetate nostra in historia scribenda parem habuerit neminem,
ipso certe Tacito longe illustrior atque uberior.

Hector Boetius in recensenda gentis suae origine illibatam rerum fidem
fabulis plus quam Graeci uitio inuoluit; pari quoque imprudentia primi Iacobi
res gestas exsequitur, quem cuique ab Anglis captum redemptumque a suis octin-
gentis aureorum millibus scribat, cum Scotia omnis ipsa si in auctione uendatur,
tanti uenire non possit; et regiam redemptionem decem tantum aureorum milli-
bus Scotis constituisse inter approbatos auctores conueniat. Est et audacissi-
mus alienorum scriptorum supplicator, ut frequenter integros Liuii locos in eius
historia agnoscas.

Sed haec quoquomodo ferri possunt. Illud uero uix tolerabile, quod nullae
in tuo ad... Lusitanorum imagines conspiciantur, cum tamen ea regio fortissi-
morum uirorum altrix numquam tamen ingeniorum laude caruerit, ne hypatho-
rum aetate, qua Hermicus, Trixira [sic], Pacchiecus, uiri adprime eruditi florere;
supersuntque hodie uiri laude ingenti digni quorum olim memoria celebrabit
posteritas. In iis sunt Rhesendus poeta, historicus clarissimus Pinarius Por-
todemaus, Coelius, Cardosius, Antonius Aloisius, omnes litterarum monumen-
tis illustres. Nam Damianus a Gois, quamuis nec ipse a Musis abhorreat,
magis tamen, si per foedifragos Gallos licuisset, inter nostri temporis Maecenates
reponendus erat; et nunc uir ille, ut audio, Belgis relictis, quo se e Gallica custodia
liberatus contulerat, ad Lusitanos suos se recepit, animo, opinor, in Indiam
nauigandi, certissimum apud nos et speciosissimum miserorum refugium.

Sed quam Lusitanis in litteris laudem denegare uideris, obsecro ut in armis
exercendis acerrimis latissime assignes. Nec enim dubito quin historiam
mundi dicere aggressus magnam Lusitanorum rationem sis habiturus.

Multum tu quidem per te sapis, amplissime praesul, nec meo ulla in re
consilio eges. Ceterum meo in patriam de me quoquomodo meritam studio
mihi defuisse uidear, nisi ea quae praecipue apud nos memoria digna uidentur,
tibi ob oculos ponam.

De Lusitania itaque scripturus, merito ab Olysippone urbe ista incipiendum
arbitror, quam urbem clarissimam omnium Hispanicarum esse publico consensu
omnes Hispaniae populi fatentur. Multa de eius urbis laudibus scripta sunt a
Rhesendio in ea oratione qua publice bonas artes anno abhinc XIII laudatur;
exstaque ea oratio formis excussa.

Habet et Lusitania urbem ad Tagi ripas positam, cui nunc diua Irena (cuius
sacellum in suburbiis uisitur) facit nomen Sanctarena, a soli fertilitate incredibili

usque ad miraculum celebratam: bis in anno ager frumentum fert, oleam, uitem et ea omnia quae in calidis regionibus prouenire solent, uberrime circumuicinis populis suggerit. Dicitur et ea urbs olim Alphonso regi in Castella rem gerenti quinque fortissimorum equitum millia in supplementum militiae misisse, quorum fideli opera rex usus illud bellum ex animi sententia confecit.

Sunt et in Lusitania loca ad mare posita, quae ab insigni amoenitate Arabica uoce Algarbia uocamus, perinde atque Graeci uoluptuosa illa Thessaliae loca Tempe dicunt. Alit ea regio uiros bellica laude praestantissimos et quorum olim uirtute nomen Poenum, duce Alphonso Henrico, qui primus apud nos regis nomen tulit, penitus e Lusitania sublatum est.

Sed nec dubito quin de bello transmarino quod continenter alterna fortuna cum Mauris gerimus mentionem sis facturus.

Amisimus nos abhinc septennio tres pulcherrimas in eo tractu urbes, quarum una, uí atque armis expugnata, magna sanguinis effusione in hostium potestatem uenit, olim Hesperion Ceras uocabant. Ceteras consulto incensas hostibus reliquimus. Ludouicus quidam Neamias, qui ea urbe expugnata uulneratus in manus hostium uenerat, commentarios a se confectos de eo bello mihi Londini praelegebat, quorum lectione mirifice delectabar. Erant enim in his multa de xariforum fratrum, apud quos ille biennium captiuus egit, imperio et fortuna uere et eleganter conscripta. Eos ego commentarios, si aliquando nanciscerer, magni equidem muneris loco ducerem, ut quoquomodo a me Latine loquentes ad te subito transmitterem.

Sed ego ineptus quia uerbosissima ineptaque epistola litterarii otii tui horas interrumpo; dabis alias ueniam, quae tua erit humanitas, simulque, si per otium licebit, rescribes. Vale.

Ferrariae, Februarii mense 1547.

DIOGO PIRES A PAULO JÓVIO ENVIA SAUDAÇÕES

Acabo de ler, ó sapientíssimo Jóvio, aqueles elogios com que legendaste os retratos de varões de tempos idos, com não menos arte que oportunidade, e não é possível afirmar-se se foi maior o prazer se a admiração com que o fiz ¹.

¹ Foram várias as edições dos *Elogia* de Paulo Jóvio anteriores a 1547, data desta carta: 1542 e 1545 (Basileia) e 1546 (Ferrara). Diogo Pires poderá, talvez, referir-se a esta última. As notas que se seguem, no entanto, provêm de uma impressão posterior: *Elogia doctorum uirorum ab auorum memoria publicatis ingenii monumentis illustrium. Authore Paulo Iouio Nouocomense Episcopo Nucерino. [...] Antuerpiae. Apud Ioan. Belle- rum sub insigni Falconis, 1557.*

Embora, de facto, o meu espírito viva já alheio a todo o culto das letras desde o tempo em que, após ter abandonado a Lusitânia, sigo e conduzo o meu pai no exílio, ao longo de doze anos, por todos os caminhos da Europa, é-me grato, entretanto, voltar de novo o coração para aqueles estudos que, nos dias da adolescência, cultivei com o maior fervor e aos quais me dediquei, apesar de jovem e então ainda um imberbe, em ilustres escolas por terras de Lutécia e Lovaina, não de todo sem glória.

Julgo ser do teu conhecimento que o rei de Portugal, João, tomado por uma espécie de fúria e de ódio, os tristes restos dos Hebreus que outrora tinham assumido nome cristão, ele os persegue e até, tanto quanto lhe é possível, os priva da vida e dos bens.

É um facto que quando Manuel, seu pai, negociou com o maior brilho as núpcias com Isabel, filha do rei Fernando, a qual trazia consigo por dote tantas terras ², não foi capaz de obtê-lo com outro argumento a não ser o de que antes haveria de arrancar por qualquer meio para fora da Lusitânia todo o nome judeu. Por isso, divulgados tão graves desígnios, isto é, de que deveriam partir do reino, ao prepararem-se para o caminho os infelizes Hebreus, que por esse tempo viviam em grande número no país, não o tolerou o piedoso rei e, aos que não queriam e erguiam vozes de protesto, para as fontes do banho sagrado os encaminhou.

E conquanto tal piedade a muitos tenha parecido impiedosa, por alheia a todo o direito humano e divino, todavia, pois parecia ser para utilidade do reino, foi enaltecida e aprovada ³.

O próprio rei, para abafar em parte a inveja que contra ele se havia ateadado, protegia os sentimentos dos neófitos (esta é a palavra que devo utilizar) com toda a sorte de humanidade e de préstimos; e tinha conseguido que sobre

² Era, sem dúvida, elevado o dote que D. Isabel trazia consigo: a coroa dos Reis Católicos, de que era herdeira.

³ Foi bem menos pacífica do que o texto sugere a aceitação do plano de D. Manuel. O rei, depois de estabelecer um prazo para que os Judeus abandonassem o reino em liberdade com os seus haveres, logo lhes cerceou as possibilidades de assim procederem: ordenou que as crianças menores de 14 anos fossem arrancadas aos pais para serem baptizadas (Páscoa de 1497); e não se poupou a esforços — incluindo o recurso à violência — para que os judeus escolhessem a conversão, mesmo que aparente, em vez da fuga. Tal atitude suscitou viva polémica no Conselho, onde chegou a haver quem lhe imputasse a falta de legitimidade. O rei, porém, não vacilou. Os pormenores da perseguição que então teve início são conhecidos: houve, até, pais que chegaram a preferir matar os filhos a entregá-los às mãos dos esbirros do monarca (vd. KAYSERLING, pp. 105-134; HERCULANO, tomo I, pp. 113-160; SAMUEL USQUE, Diálogo III, pp. CCiiv^o sqq.).

uma tal chaga (que enorme parecia àquele povo de infelizes) começasse a formar-se a cicatriz — os velhos, a quem parecia de suma gravidade abandonar o culto dos antepassados, fugiam, aprovavam ou fingiam, mas a juventude abraçava com avidez a fé cristã. A vida dos neófitos decorria, pois, tanto em paz duradoira e ócio como em prosperidade; até que, morto Manuel, veio a suceder-lhe seu filho João.

É que este, não lembrado dos ensinamentos de seu pai, em cujo coração reconhecera sempre ter estado presente aquele povo, começa a desencadear contra ele toda a força do seu furor; e julgaram muitos que nenhum outro motivo então o guiava, a não ser dar satisfação aos desejos de Catarina, sua esposa.

Em verdade essa mulher, de uma extrema avareza, porque julgava ser este povo senhor de inúmeras riquezas, que ela cobiçava, trazia com frequência à memória do marido a prosperidade e triunfos de Fernando, avô de ambos; e afirmava que o mui poderoso rei os tinha alcançado por esse motivo, ou seja, porque, na perseguição aos Hebreus, nenhuma espécie de barbaridade tinha descurado, quando, movido por injustiça de todo pessoal, Fernando desencadeou por todo o lado a sua crueldade contra os homens de sangue hebreu.

Ocorria-lhe, de facto, à mente sobremaneira pérfida a ascendência hebraica que lhe fora lançada em rosto no cerco de Toro, pois ele próprio, por parte da mãe, tinha realmente origem em Paloma, sua bisavó, de raça hebraica ⁴.

Com efeito, irado contra o pequeno rei de Sevilha que, por ser então ainda criança, reinava sob tutela, porque tinha rejeitado com insolência o casamento com uma bastarda, ordenou que o jovem, convocado para junto de si a pretexto de uma conversa, fosse detido em liberdade vigiada até dar anuimento à sua pretensão. Logo que tal situação se tornou conhecida dos neófitos de Sevilha (entre quem o jovem tinha admirável aceitação), fez-se de súbito em frente do palácio tão grande ajuntamento deles, desejosos de reclamar a liberdade para o príncipe, que o rei, como que coagido, lhes restituiu o regente. Não falta mesmo quem afirme que foram nessa altura lançadas contra o rei duras palavras, o que, tendo em conta a insolência do vulgo e do tempo, forçoso é acreditar ter sido possível ⁵.

Não ficou, todavia, impune por muito tempo o amor dos neófitos para

⁴ Sobre a alegada (e possivelmente fantasiosa) origem hebraica de Fernando, o Católico, vd. p. 49. Quanto ao facto aqui descrito não há menção dele nas crónicas da época, pelo menos nas mais importantes, nem nos modernos historiadores deste reinado.

⁵ Acontecimento igualmente ignorado pelos cronistas e pelos historiadores recentes.

com o seu príncipe: graças ao apelo do rei e à diligência e anuência do papa Alexandre, é conhecido o terrível direito de sobre eles inquirir secretamente por meio da Inquisição ⁶. Mas ocorre neste ponto pasmar ante a enorme crueldade de alma daquele pontífice que, a um rei enfurecido contra um povo pacífico e inocente, prometeu aquilo que Clemente de Aquitânia, segundo julgo, quando governava em Avinhão, com relutância concedeu a Filipe, o Belo, depois de ele lho reclamar, com insistência e há largo tempo, contra os Templários ⁷. E eram tais nesse tempo as forças dos Templários que os próprios reis as consideravam fora do comum; tropas, de facto, tão numerosas, o que os reis temiam em especial, que pareciam capazes de se bastar a si mesmas em qualquer guerra, por duradoura que fosse ⁸. Contam os que das coisas de França escrevem que da ruína dos Templários enormes somas foram trazidas para o erário régio, com as quais o Belo alimentou numeroso exército na guerra de Inglaterra, por muito e largo tempo ⁹.

Enfim, infeliz nação dos neófitos e a tal ponto nascida para a desgraça, que na submissão a toda a espécie de injúrias se compara aos Templários! Ó raça entre todas de longe a mais desgraçada, que uma só vez bastou aos homens acusarem-na de marca infame!

Deste modo, João (para que o discurso volte ao ponto de onde se desviou), submetendo-se por completo aos desejos da esposa, grandemente se empenhou, por meio de embaixadores, em requerer a Clemente VII esse tipo de inquirição; que o mui iluminado representante de Jesus Cristo acedesse ao que a

⁶ Ressalve-se o equívoco: não foi Alexandre, mas sim Sisto IV, quem assinou a primeira bula (1478) que veio a estar na base da Inquisição espanhola, institucionalizada em 1481.

⁷ Clemente V, papa com residência em Avinhão (1305-1314) e por isso apelidado Clemente de Aquitânia. Impotente perante as pressões de Filipe IV, o Belo, rei de França, decretou em 1308 a Inquisição contra os Templários, cuja extinção acabou por declarar no concílio de Viena, em 1312.

⁸ A ordem dos Templários, criada em 1119, possuía enorme poderio financeiro e militar. Para isso muito terão contribuído reis e papas com recompensas e privilégios, em resultado do seu valoroso contributo na luta contra os Mouros, quer na Terra Santa, quer na Península Ibérica. Nos finais do século XIII, os Cavaleiros do Templo, sem terem perdido o vigor guerreiro de outrora, respeitado em toda a Europa, eram também senhores de poderio económico impar. Esta situação ter-lhes-á ditado a sentença de morte.

⁹ O reinado de Filipe IV, o Belo (1286-1314), foi marcado por um permanente estado de guerra entre a França e a Inglaterra. É, porém, pouco credível que tenham sido os bens dos Templários a manter o exército francês nesse conflito, pois a paz foi firmada em 1303 e a ordem somente foi extinta em 1312.

pretexto de piedade lhe era pedido que autorizasse, jamais foi capaz de o conseguir ¹⁰; o que o santíssimo padre Paulo parecia também ter intenção de fazer, se não considerasse perigoso recusá-lo a César que o pedia com tanta insistência, reforçado pelo enorme triunfo em África. Concedeu, portanto, mas com moderação, e logo pareceu assumir a disposição de revogar aquela lei, se uma ocasião propícia se oferecesse, o que o nosso infeliz povo, por meio de procuradores, sempre solicitou à Igreja de Roma; mas é tal a desgraça em que se encontra que temo que o não obtenha ¹¹.

Mas eu, que com mais atenção observo estes factos, sou tomado pelo espanto sobre as causas, a não ser, talvez, os perversos rogos de sua irmã, que terão levado César a requerer com tanto empenho a Inquisição, quando ele, nos tempos da juventude, a condenava com violência, como coisa nefasta, e anunciava que havia de a abolir ¹². De facto, naquela época em que ele se recolhia junto dos aliados belgas, prevendo no seu íntimo a agitação popular na qual a Espanha tristemente se debateu depois ¹³, consta que muitos dias se demorou em Cádiz, e então, com Adriano, nessa altura colocado à frente

¹⁰ Clemente VII não acedeu na totalidade ao pedido de D. João III, mas fê-lo em parte: é dele a bula que nomeia Frei Diogo da Silva comissário da Sé Apostólica e inquisidor no reino de Portugal e seus domínios (17 de Dezembro de 1531), a qual esteve, de algum modo, na base da Inquisição, mais tarde instituída. O papa, menos de um ano depois (17 de Outubro de 1532), ainda quis arrepiar caminho, atitude que viria a tentar mais vezes, mas em vão — a via estava aberta, e D. João III conseguia sempre subterfúgios para iludir as suas instruções.

¹¹ Paulo III, de facto, a 23 de Maio de 1536, como é sabido, assinou a bula que estabelecia definitivamente a Inquisição no reino português. A partir de então não cessaram as movimentações de parte a parte. O Papa, hesitante, tão depressa confirmava a ordem proferida, como parecia querer revogá-la. Legados dos Judeus e legados de D. João III digladiavam-se nos circuitos diplomáticos; os homens fortes da Cúria pendiam alternadamente para um e outro lado, ao sabor da capacidade de persuasão dos embaixadores, mas também dos interesses económicos em jogo e do poder de corrupção de cada um dos blocos. O uso de *uereor* justifica-se porque a contenda não tinha ainda cessado à data desta carta.

¹² Carlos V, irmão de D. Catarina, mais de uma vez moveu influências junto do Papa a favor das pretensões do cunhado. O conde de Cifuentes, legado do imperador em Roma, tinha instruções para prestar o máximo apoio aos representantes do monarca português. E o próprio imperador escreveu duas vezes a Paulo III, logo após a sua eleição, com idênticos objectivos, como, de resto, já antes havia feito, no tempo de Clemente VII (HERCULANO, tomo II, pp. 37 e 65).

¹³ Referência ao movimento dos «Comuneros» que agitou a Espanha em 1520-1521; Carlos V tinha partido para os Países-Baixos antes de a revolta deflagrar e deixou a representá-lo em Espanha o cardeal Adriano de Utrecht, futuro papa Adriano VI, o qual ajudou a debelar a rebelião.

dos negócios da fé, discutiu a abolição da Inquisição, o que o velho supersticioso se negou com firmeza a fazer ¹⁴.

E este é aquele Adriano cujos feitos descreves com tanto esplendor. Eu mesmo ouvi da boca de homens merecedores de todo o crédito que Erasmo de Roterdão costumava dizer com frequência entre os seus comensais que poderia escrever mais coisas — e até com toda a verdade — a respeito do pontífice Adriano do que outrora Luciano confiara aos seus escritos acerca do pseudo-profeta Alexandre ¹⁵.

Com efeito, aquele homem, nascido de antepassados sem nome, fora capaz de ajustar-se a todo o tipo de superstições, o que creio ser do teu conhecimento, mas deliberadamente passado em silêncio ¹⁶.

Deste modo João, ao conseguir aquilo em que com tanto empenho tinha porfiado, começou a perseguir por todas as formas os tristes neófitos e a levar-lhes e arrancar-lhes bens e vida.

Por isso, muitos homens, com ódio pela crueldade do rei e não desconhecedores do que se passava em Castela, decidiram deixar os antigos lares e buscar vários exílios e várias terras. Muitos, até, embarcando em navios e trazidos para a antiga Britânia, eram tratados, na régia cidade de Londres, com a maior humanidade por esse povo, de sua natureza não de todo hospitaleiro; até que, por fim, ao serem acusados e presos por alguns castelhanos que os procuravam (a quem tal ventura desagradava), eram

¹⁴ O Imperador somente regressou a Espanha em Junho de 1522 (partira no Verão de 1521); Adriano fora eleito papa em Janeiro desse ano para suceder a Leão X, falecido em Dezembro de 1521. Quando Carlos V regressou, portanto, já Adriano de Utrecht tinha partido para Roma e não voltaram a encontrar-se, pois o pontífice morreu em Setembro de 1523. As palavras de Diogo Pires são, pois, infirmadas pelas datas.

¹⁵ O pseudo-profeta Alexandre, falso sacerdote de Asclépio, é tema de uma das cartas de Luciano, endereçada a Celso e intitulada *Alexander*.

¹⁶ Adriano VI foi papa de 9 de Janeiro de 1522 a 14 de Setembro de 1523. Chamava-se Adriano Florensz e nascera em Utrecht de família modesta. A partir de 1511 foi preceptor de Carlos V e, mais tarde, seu legado em Espanha, que passou a governar, em nome do imperador, depois da morte de Cisneros. É pouco provável que o juízo que Diogo Pires atribui a Erasmo a respeito deste papa tenha fundamento. As relações entre ambos eram amistosas e traduziram-se em diversa correspondência, onde Erasmo se não coibia de aconselhar o pontífice, nomeadamente a respeito do cisma luterano (cf. TRACY, pp. 194-196); por outro lado, a obra erasmiana não reflecte qualquer posição menos favorável a Adriano VI. Além do mais, este não merecia os qualificativos aqui atribuídos: era senhor de notáveis qualidades intelectuais e estudou Filosofia, Teologia e Direito Canónico em Lovaina, onde foi professor e reitor.

forçados a defender a sua causa. E essa causa foi discutida, em minha opinião, na mais rigorosa de todas as assembleias, e decidida a favor deles.

Posso garantir que estava eu presente em pessoa quando, a um certo lusitano que lhe apresentava o libelo da sua súplica, o rei deste modo se lhe dirigiu:

‘Varões lusitanos, as vossas riquezas é que vos são nocivas; melhor seria que vivêsseis indigentes e ignorados. Aqui, porém, de nada valem insídias, e, por isso, vivei à sombra da nossa protecção, agi como vos aprouver, sem terdes de temer qualquer injúria da parte dos Ingleses’.

E foi, portanto, deste modo que, acolhendo-se entre os Ingleses, os Lusitanos se libertaram do tribunal mais odioso.

E a que era de longe a maior parte deles veio para Antuérpia, empório de grande nomeada entre os Belgas, onde nem uma só vez teve de enfrentar um processo, mas até viveu com prosperidade igual à que desfrutava entre os Ingleses, logo que se tornou conhecida, de igual modo, a sua inocência e a perfídia dos adversários.

Foi assim que o meu pai, sem em nada se desviar da sua consciência, mas deliberadamente avesso à sorte dos tribunais, partiu de Antuérpia em busca de outras paragens e para Itália se dirigiu com a família, depois de entre os Lusitanos ter deixado avultadas riquezas. E eu, como é justo, enquanto me mantenho na sua inseparável companhia, fui necessariamente forçado a abandonar o estudo das humanidades, sobretudo quando vim a perder a minha mãe nesse peregrinar, mulher de extraordinária eleição e que tinha por mim amor superior ao de qualquer mãe; o seu falecimento, foi com grande dor que o suporrei, tanto mais que a Fortuna, até então implacável, lhe não consentiu expirar em solo pátrio, entre os seus.

Com toda a razão, portanto, os estudos que contra mim voltaram a desgraça, eu os odeio e deles fujo.

Mas arrastou-me mais longe do que determinara, ó justíssimo prelado, a febre de expor a nossa calamidade, para, se algures a ocasião se proporcionar — e há-de proporcionar-se, decerto, as vezes que quizeres — estenderes a mão protectora à desventura de um povo em ruína.

Regresso aos teus elogios, obra que, tanto quanto julgo, há-de granjear segura immortalidade para o teu nome; e conquanto tudo nela me agrade, há, porém, alguns pormenores sobre os quais vou emitir o meu juízo [...]

Louvas com tal parcimónia os escritos de Sabelico que é como se os reduzisses à vulgaridade, quando é certo que nada pode ser modelado com maior pureza, maior elegância, maior brilho ou maior riqueza do que o

discurso desse homem, louvor que Erasmo, notável juiz de talentos, parece ter-lhe atribuído com todo o mérito ¹⁷.

E não há razão para diante de nós elevares até ao céu a história de Calímaco, quando este homem, tantas vezes pregador de frivolidades, ouvidos cheios de erudição a custo o suportam ¹⁸.

A memória de Policiano, varão sem dúvida angélico ¹⁹, tu a toldas, ao referires as circunstâncias vergonhosas da sua morte ²⁰. Mais modesto é nessa matéria Volaterrano ²¹, o qual, ao descrever a vida dele, como é seu costume, com toda a brevidade, nenhuma palavra adianta propositadamente sobre o modo como morreu, deixando de lado as coisas sem importância relativas a tão distinto varão.

Mas também pouco valor atribuis às histórias de Valla ²², muito embora estejam escritas com uma tal perfeição e construídas com um discurso de tal modo entretecido que parecem ter sido editadas no áureo século de Cícero. Certo é que o Panormita e o Raudense ²³, ao quererem elevar alto demais o seu poder, sofreram o castigo pela temeridade, pois Valla defendeu de modo notável as suas criações.

A respeito de Paulo Emílio ²⁴ não sinto da mesma forma que tu, pois

¹⁷ Marco Antonio Coccio, também chamado Sabellico (1433-1506). Em todo o caso, o *elogium* de Paulo Jóvio é menos parco do que Diogo Pires pretende sugerir (XXXVIII, pp. 106-107). Vale a pena referir que também Erasmo o louva no *Ciceronianus* (1528), como *facundus* e *artis expertem*, além de *in historia satis uersatus* (*Opera omnia*, tomo I, 1010E).

¹⁸ Filippo Buonaccorsi que usou o pseudónimo de Callimaco Esperiente (1437-1496). É-lhe dedicado o *elogium* XXXI de Jóvio, encerrado com palavras de grande louvor, a ponto de dizer que superou quantos à história se dedicaram, desde Tácito.

¹⁹ Atente-se no jogo de palavras, a pretexto do nome do humanista — *Angelo*.

²⁰ Policiano morreu em 29 de Setembro de 1494, acometido por febre delirante, diz-se que em resultado de intensa paixão por um jovem. A circunstância é referida por Jóvio no *elogium* XXVIII, o que motiva a censura de Diogo Pires.

²¹ Raffaello Maffei, também conhecido por «il Volaterrano» (1451-1522). Era correspondente de Policiano, mas da sua bibliografia não consta qualquer obra de tipo biográfico sobre o humanista florentino. Jóvio dedica-lhe o *elogium* CVIII.

²² Neste caso, há que reconhecer razão ao humanista português, pois o *elogium* XIII, dedicado a Lourenço Vala, é pouco laudatório; chega a imputar-lhe livros escritos com erudição e falsidade.

²³ Nomes com quem Policiano manteve acesa polémica que muito lhes denegriu a imagem, a ajuizar pelas palavras do próprio Jóvio. O primeiro, de nome Antonio Beccadelli, mas mais conhecido por Panormita (1304-1471), é autor de vasta obra, onde se destaca o *Hermaphroditus*; Jóvio dedica-lhe o *elogium* XII.

²⁴ Italiano que viveu em Paris, onde morreu em 1529, depois de, a pedido de Luís XII, ter escrito a história de França: *De rebus gestis Francorum libri VII* (Paris, 1500, reeditada

é homem de muito profundas palavras e que em nossa época não teve ninguém que o igualasse a escrever a história, a ponto de ser de longe mais notável e mais rico que o próprio Tácito.

Heitor Boécio²⁵, ao passar em revista a origem do seu povo, a inviolável fé nos factos, envolveu-a mais em fábulas que os Gregos em erros; e ainda, com semelhante imprudência, prossegue a narração dos feitos de Jaime I que a alguém ele descreve ter sido capturado pelos Ingleses e resgatado pelos seus com oitenta mil moedas de ouro, quando toda a Escócia (ainda que ela mesma se lhes vendesse em hasta pública) não podia chegar a tão alta quantia; e é ponto assente entre os autores de maior aceitação que o resgate do Rei pelos Escoceses se quedou apenas pelas dez mil moedas de ouro²⁶. Ele é ainda um dos mais audazes despojadores de escritos alheios, a ponto de com muita frequência se poderem reconhecer na sua história lugares inteiros de Lívio.

Isto, porém, de algum modo pode admitir-se; mas o que dificilmente é tolerável é que no teu escrito... nenhum retrato de lusitanos possa observar-se, quando é certo que esse país que cria homens de grande valor nunca deixou de merecer a glória pelos seus talentos, nem sequer no tempo dos mais recuados, em que floresceram Henrique, Teixeira, Pacheco, homens da mais alta erudição; e há ainda hoje varões dignos de grande louvor, cuja memória os vindouros um dia hão-de celebrar²⁷. Entre estes conta-se o poeta Resende, o notável historiador Pinheiro de Porto de Mós, Coelho, Cardoso, António Luís, todos ilustres por monumentos das letras.

É um facto que Damião de Góis, embora não tenha ele próprio aversão às Musas, antes deveria, porém, ser contado entre os mecenas do nosso tempo, se lhe fosse permitido por terras desses franceses violadores de tra-

em 1555, com mais três livros). A crítica de Diogo Pires deve-se ao facto de Jóvio dizer no *elogium* CXXIX que escreveu a história de França *laconica breuitate*.

²⁵ Historiador escocês (1465-1536). Escreveu as *Scotorum Historiae a prima gentis origine cum aliarum et rerum et gentium illustratione non vulgaris* (1527). É-lhe dedicado o *elogium* CXXIV.

²⁶ Jaime I da Escócia (1394-1437) foi, ainda jovem, retido por Henrique IV de Inglaterra e, depois, por Henrique V. Os Escoceses sempre se bateram pela sua libertação e conseguiram-na em 1423, mediante avultado resgate em dinheiro, acrescido da garantia de casamento com Jane, filha do conde de Sommerset, e ainda de uma trégua de sete anos.

²⁷ O bispo italiano rectificou, depois, ligeiramente a sua omissão, ao enaltecer D. Miguel da Silva na edição que tem vindo a ser citada, com *elogium* que não figurava nas anteriores. O que, em todo o caso, não diminui o motivo das críticas de Diogo Pires.

tados ²⁸; e agora este varão, tanto quanto oiço dizer, depois de ter deixado a Bélgica, para onde se dirigira liberto da prisão francesa, acolheu-se junto dos seus compatriotas lusitanos com a intenção, julgo, de navegar para a Índia, entre nós o mais certo e mais aprimorado refúgio para desgraçados.

Mas pois te parece deveres sonegar a glória às letras lusitanas, eu te exorto a que lha assinales largamente no que ao ardor dos feitos guerreiros respeita. E não ponho sequer em dúvida que, ao abalançares-te a narrar a história do mundo, não tenhas de dar larga atenção aos Lusitanos.

Tu mesmo o sabes bem por ti próprio, ilustríssimo prelado, e não tens necessidade do meu conselho no mais pequeno pormenor. Aliás, na minha dedicação à pátria, qualquer que seja a sua atitude a meu respeito, parece-me ter fracassado, a não ser ao colocar-te diante dos olhos aqueles factos que mais especialmente se me afiguram dignos de memória.

Se vieres, assim, a escrever sobre a Lusitânia, julgo que debes começar com toda a justiça pela famosa cidade de Lisboa, cidade que todos os povos da Hispânia confessam em público consenso ser a mais ilustre de todas as cidades hispânicas. A respeito desta cidade muitos foram os louvores escritos por Resende naquela oração por cuja beleza é publicamente louvado desde há treze anos; discurso esse que existe divulgado em livro impresso.

Possui ainda a Lusitânia uma cidade situada nas margens do Tejo, à qual agora Santa Irene (cujo santuário se contempla nos seus arredores) dá o nome de Santarém, celebrada pela incrível fertilidade do seu solo, quase um milagre: duas vezes por ano a campina produz trigo, azeitona, vinha, e tudo aquilo que costuma aparecer em regiões quentes ela fornece aos povos limítrofes. Diz-se ainda que em outro tempo esta cidade, ao rei Afonso que em Castela travava uma guerra, enviou-lhe para reforço do exército cinco mil cavaleiros dos de maior valia, de cujo fiel esforço se serviu o rei e pôs termo àquela guerra segundo os desígnios de sua vontade ²⁹.

Há também na Lusitânia lugares fronteiros ao mar a que, devido à excelente amenidade do clima, chamamos com um termo árabe Algarve, do mesmo modo que os Gregos, ao delicioso lugar da Tessália chamam Tempe. Produz essa região varões de grande vulto na glória guerreira e graças a cuja valia foi outrora totalmente arrancado da Lusitânia o nome

²⁸ Alusão ao cerco de Lovaina pelos Franceses em 1542, em cuja defesa participou Damião de Góis que acabou por ser feito prisioneiro.

²⁹ Provavelmente D. Afonso Henriques, embora o facto não venha referido nas crónicas do seu reinado. O mesmo sucede com D. Afonso IV, a quem igualmente se ajustaria a alusão.

púnico, sob o comando de Afonso Henriques, o primeiro que entre nós alcançou o título de rei.

E não tenho dúvidas de que da guerra de além-mar que, por entre o vai-vem da Fortuna travamos com os Mouros, deverias ter feito menção.

Perdemos desde há sete anos, nesse arrastar do tempo, três das mais formosas cidades, uma das quais, expugnada pela força das armas com grande efusão de sangue, volveu-se em fortaleza dos inimigos — chamavam-lhe outrora Hesperion Ceras. As restantes, deliberadamente as deixámos cair incendiadas nas mãos do adversário. Um tal Luís Neamias que no saque daquela cidade caíra ferido em poder do inimigo, lia-me em Londres comentários a essa guerra, por ele redigidos, em cuja leitura admiravelmente eu me comprazia. De facto, havia neles muitas informações sobre o poder e a fortuna dos irmãos xerifes ³⁰, entre os quais viveu cativo durante dois anos, escritas com verdade e com elegância. Esses comentários, se alguma vez eu os reencontrar, decerto os hei-de promover a lugar de destaque para que, vertidos por mim de qualquer forma em língua latina, de imediato tos possa transmitir.

Mas ai, desajeitado de mim, que no longo linguajar de uma carta desajeitada te interrompo as horas de ócio literário; uma vez mais rogo o teu perdão, que há-de ser a tua mostra de humanidade; e, ao mesmo tempo, se nos momentos de ócio te for possível, responder-me-ás. Eu te saúdo.

Ferrara, Fevereiro de 1547

³⁰ Fundadores da dinastia dos Sáidas que durante largo tempo haveria de governar Marrocos e da qual descendia o rei que derrotou D. Sebastião em Alcácer-Quibir.

BIBLIOGRAFIA

A. FONTES

1. MANUSCRITAS

Arquivo Histórico — DUBROVNIK:

- Cons. Minus* 51 (1572-1573) 15': Diogo Pires isento do uso de boné distintivo dos judeus.
Cons. Rog. 59, 188: Diogo Pires premiado pelo senado.
Cons. Rog. 67, 180: idem.
Diu. Canc. 155, 64: actividades comerciais.
Diu. Canc. 162, 182'-183: idem.
Diu. Canc. 169, 69 r: idem.
Diu. Canc. 177, 143: idem.
Proc. Canc. 2, 127-127': idem.
Testamenta Not. 51, 28-28': testamento de Diogo Pires.

Instituto Histórico — DUBROVNIK:

Cópia de ms. não identificado da Biblioteca Apostólica Vaticana: *DIDACI / PYRRHI LVSITANI / ELEGIARVM LIBRI TRES / AD DOMINICVM SLATARICCIVM PATA- / VINAЕ SCHOLAE RECTOREM ET EQVITEM SPLENDIDISSIMVM / ACCESSIT LYRICORVM LIBELLVS EODEM AVCTORE.*

Male Brače Biblioteka — DUBROVNIK:

- Rukopis 228: cópia de obras diversas de Diogo Pires.
Rukopis 435, Zibaldone III: *Memorie storiche su Ragusa raccolte dal P. Gian Maria Mattei.*

Naučna Biblioteka — DUBROVNIK:

Ms. Br. 394/1: *De illustribus familiis quae hodie Rhacusae exstant | anno 1582. | Cal Ian. | Ad amplissimum | Senatvm Rhacusanum. | Didacus Pyrrhus.*

Biblioteca Estense — MÓDENA:

Fondo Estense, Est. Lat. 174 (Alpha 06,15): carta de Diogo Pires a Paulo Jóvio.

Biblioteca Apostolica Vaticana — ROMA:

Iacobi Flauii Eboensis, | seu | Didaci Pyrrhi Lusitani | De Rhagusinae urbis laudibus | Carmen | quod habetur in Bibliotheca | Vaticana | inter Miscellanea Operum Typis vulgatorum | volumine, quod insignitur numero | 11333 (consultada cópia em Dubrovnik).

Ms. 8939, *Fondo Vaticano Latino*: poema de Diogo Pires.

Biblioteca Comunale — SIENA:

Ms. K V 31: vários poemas de Diogo Pires.

Arquivo da Academia Jugoslava — ZAGREB:

Rukopis I.d. 141: *Iacobi Flauii seu Didaci Pyrrhi Eboensis carmina inedita*.

2. IMPRESSAS

Acta Conuentus Neo-Latini Louaniensis: proceedings of the first International Congress of Neo-Latin Studies - Louvain 23-28 August 1971. Edited by J. I. Iusewijn and E. Keßler. Leuven, Leuven University Press and München, Wilhelm Fink Verlag, 1973.

Pedro APIANO: *Cosmographia, siue Descriptio | uniuersi Orbis, Petri Apiani & Gemmae Frisii, Ma= | thematicorum insignium, iam demum inte= | gritati suae restituta. | [...] Anno 1584. | Antuerpiae, ex Officina Ioannis Withagij*.

Urbano APPENDINI, *Carmina. Accedunt selecta illustrium Ragusinorum poemata*. Ragusae, Typis Martecchinianis, 1811.

Quinto CALABRO: *QVINTI CA | LABRI DERELICTORVM | ab Homero libri quatuordecim, | Iodoco Velaraeo interpreti. | [...] | ANTVERPIAE, | Apud Ioannem | Steelsium. | Anno. M.D.XXXIX. | Cum gratia et priuilegio*.

Ludovik CRIJEVIĆ: *Commentariolus de origine & incremento Vrbis Rhacusanae [...] His accedit de illustribus familiis quae Rhacusae exstant ad amplissimum Senatum, elegia Didaci Pyrrhi, cum notis et supplementis*. Ragusa, André Trevisan, 1790.

J. FALETTI:

HIERONYMI FALETI | DE BELLO SICAMBRICO | LIBRI IIII. | ET EIVSDEM ALIA POEMATATA, | LIBRI VIII. | ALDVS | VENETIIS, M.D.LVII.

HIERONYMI PHALETHI SA= | VONENSIS POEMATVM | Libri Septem. | Apud Inclytam Ferrariam per Franciscum | Rubeum. | M.D.XLVI.

Diogo PIRES:

DIDACI | PYRRHI LVSITANI | CARMINVM LIBER VNVS. | [...] APVD FRANCISCVM RVBRIVM. | Ferrariae. 1545.

FLAVII IACOBI | EBORENSIS | CATO MINOR, | SIVE DYSTICHA MORALIA | ad Ludimagistros Olyssiponenses: | ACCESSERE NOVA EPIGRAMMATA; | & alia nonnulla eodem Auctore. | [...] | VENETIIS, Sub signum Leonis. MDXCII.

FLAVII | IACOBI EBORENSIS | CATO MINOR, | SIVE DISTICHA MORALIA | Ad Ludimagistros Olyssipponenses. | ACCESSERE EPIGRAMMATA, | & alia nonnulla eodem auctore | [...] | VENETIIS, MDXVI. | Apud Felicem Valgrisium.

ENCOMIASTES | CARMINE ELEGIACO | AD | RNDVM D. THOMAM NATALEM | Rhacusanum, Art. & Medic. Doctorem | praestantissimum, | necnon canonicum Cracouiensem. | dignissimum. | CRACOVIAE | In officina Lazari. Anno Domini | M.D.LXXXIII.

De exilio suo. Scripsit Nouae oppido Dalmatiae, Hispanica clade nobilissimo. Elegia con traduzione di Salvatore de Benedetti. Pisa, Tip. T. Nistri e C., 1884.

DE | ILLVSTRI- | BVS FAMILIIS QVAE | HODIE RHACVSAE EX- | stant,
Anno 1582. | Cal. Ian. | AD AMPLISSIMVM | Senatvm Rhacusanum. | Didacus
Pyrrhus. | CRACOVIAE [s.l./s.d.].

IDEM, vd. Ludovik CRJEVIĆ.

Pjesme Didaka Pira. Dubrovnik, Srpske Dubrovačke Stamparije A. Pasarica, 1903.

B. OUTRAS OBRAS

(Estudos sobre Diogo Pires ou a sua época, fontes clássicas ou renascentistas, e ainda obras de informação histórica sumariamente mencionadas ao longo do livro) *

C. R. ACENHEIRO, *Chronicas dos senhores reis de Portugal.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1926.

F. ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, tomo III, parte III. Coimbra, Imprensa Académica, 1915.

M. F. ÁLVAREZ, *La España del Emperador Carlos V (1500-1558; 1517-1556).* [Tomo II de *Historia de España.* Madrid, Espasa-Calpe, 1966.]

J. AMADOR DE LOS RIOS, *Estudios historicos, politicos y literarios sobre los Judios de España.* Madrid, Imprensa de M. Diaz y Comp., 1848.

«Ancora di Jacopo Flavio Eborense (Didaco Pirro Lusitano)»: *L'Epidauritano, lunario raguseo per l'anno 1910.* Ragusa, 1909, 63.

Amato Lusitano, *Curationum Medicinalium Centuria quatuor.* Venetiis, apud Balthesarem Constantinum, sub diui Georgij signo. MDLVII.

—, *Curationum medicinalium centuriae duae, quinta et sexta.* Lugduni, apud Gulielmum Rouillium, sub scuto Veneto, 1564.

—, *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque enarrationes eruditissimae.* Cum Priuilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium. Venetiis, 1554.

C. A. ANDRÉ, *Diogo Pires: antologia poética.* Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos / I.N.I.C., 1983.

—, *Um poeta no exílio: Portugal na obra de Diogo Pires.* Coimbra, 1984 (diss. dact. — Fac. Letras — Coimbra).

—, «*Diogo Pires, antologia poética* — a propósito de uma recensão crítica»: *Revista da Universidade de Aveiro | Letras* 2 (1985) 471-478.

—, «*Diogo Pires — um símbolo na diáspora lusitana*»: *Actas do I Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas.* Poitiers, 1988, 49-63.

—, «*Diogo Pires e a lembrança de Erasmo*»: *Humanitas* 41-42 (1989-1990) 81-98.

—, «*Saudade humanista: poemas de despedida em latim na Universidade dos séculos XVI e XVII*»: *Congresso de História da Universidade — 7.º centenário — Actas* 4 (Coimbra, 1991) 99-109.

* O facto de as notas de rodapé citarem a bibliografia de modo abreviado justifica que se incluam sob a mesma epígrafe os vários tipos de obras utilizadas. Deste modo, será mais fácil ao leitor a verificação do título para o qual remetem as notas. A única excepção, por motivos óbvios, é constituída pelas obras de Diogo Pires ou por aquelas onde figuram textos seus.

- , *Mal de ausência: o canto do exílio na lírica do humanismo português*. Coimbra, Minerva, 1992.
- Annales Ragusini anonymi. Item Nicolai di Ragnina*. Zagreb, digessit Sp. Nodilo, 1883.
- N. ANTONIO, *Bibliotheca Hispana noua siue Hispanorum scriptorum qui ab anno MD ad MDCLXXXIV florere notitia*. Madrid, 1783.
- F. M. APPENDINI, *Notizie istorico-critiche sulle antichità, storia e letteratura de' Ragusei, divise in due tomi e dedicate all'eccelso senato della Republica di Ragusa*. Ragusa, dalle stampe di Antonio Martecchini, 1802-1803 [2 vols.].
- R. ARGENIO, «La più bella elegia Ovidiana dell'esilio»: *Rivista di Studi Classici* 7.2 (1959) 145-151.
- IDEM, «Retorica e mitologia nelle poesie ovidiane dell'esilio»: *Fons perennis. Saggi critici di Filologia Classica raccolti in onore del Prof. Vittorio d'Agostino*. Torino, a cura della Amministrazione della Rivista di studi classici, 1971, 51-79.
- Atti del Convegno Internazionale Ovidiano: Sulmona. Maggio 1958*. Roma, Istituto di Studi Romani Editore, 1959 [2 vols.].
- A. BAIÃO, «Escavando no passado...»: separata de *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras* 7 (1962).
- D. R. S. BAILEY, «Notes on Ovid's poems from exile»: *The Classical Quarterly* 32.2 (1982) 390-398.
- G. BALIGAN, «L'esilio di Ovidio»: *Atti del Convegno Internazionale Ovidiano* (supra) 49-54.
- H. BARDON, «Les épigrammes de l'Anthologie attribuées à Sénèque le philosophe»: *Revue des Études Latines* 17 (1939) 63-90.
- A. M. BASTO, ed., *Crónica de cinco reis de Portugal*. Porto, Livraria Civilização, 1945.
- C. BELLO, Conde de, «O mosteiro de Corpus Christi de Gaia»: *Boletim da Câmara Municipal do Porto* 1 (1938) 377-416.
- G. BERTONI, «Umanisti portoghesi a Ferrara (Herminio e Didaco)»: *Giornale Storico della Letteratura Italiana* 94 (1939) 46-49.
- , «Ancora Didaco Pirro»: *Giornale Storico della Letteratura Italiana* 94 (1939) 248.
- , «Contatti culturali italo-portoghesi nell'età della Rinascenza»: *Nuova Antologia* 75.1644 (1940) 163-168.
- S. BESSLICH, «Ovid's Winter in Tomis: zu *Trist.* 3.10»: *Gymnasium* 79 (1972) 177-191.
- J. W. BINNS, ed., *Ovid*. London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1973.
- E. BLOCK, «Poets in exile: an analysis of *Epistulae ex Ponto* 3.9»: *Classical Antiquity* 1 (1982) 18-27.
- Frei Fortunato de São BOAVENTURA, «Memoria do começo, progressos, e decadência da Litteratura Grega em Portugal desde o estabelecimento da Monarquia até ao reinado do senhor D. José I»: *Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Tomo I, parte I* (1823) 1-51.
- , «Memoria sobre o começo, progressos, e decadência da litteratura Hebraica entre os Portuguezes Catholicos Romanos desde a fundação deste Reino até ao reinado d'El-Rei D. José I»: *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, tomo IX* (1825) 29-62h.
- , vd. A. P. FARIA, *Portugal e Itália* (infra).
- G. BOISSIER, *L'opposition sous les Césars*. Paris, Librairie Hachette et Cie., 1900.
- M. BONJOUR, *Terre natale. Études sur une composante affective du patriotisme romain*. Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1975.

- Y. BOUYNOT, *La poésie d'Ovide dans les oeuvres de l'exil*. Paris, 1957 (diss. dact.-bib. Sorbonne — Paris).
- , «Misère et grandeur de l'exil»: *Atti del Convegno Internazionale Ovidiano* (supra) 249-268.
- F. BRANDÃO, *Monarquia lusitana*, parte V. Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1976.
- K. BRANDI, *Carlos V: vida y fortuna de una personalidad y de un imperio mundial*. Madrid, Editora Nacional, 1943.
- V. BROEGE, «Ovid's autobiographical use of mythology in the *Tristia* and *Epistulae ex Ponto*»: *Echos du Monde Classique. Classical News and Views* 16.2 (1972) 37-42.
- P. BUDMANI, *Djela Dominka Zlatarica*. Zagreb, Knjižera Jugoslavenske Akademije, 1989.
- J. CARCOPINO, «L'exil d'Ovide, poète néopythagoricien»: *Rencontres de l'histoire et de la littérature romaines*. Paris, Flammarion, 1963, 59-170.
- J. P. S. CARVALHO, «De Évora a Ragusa: a peregrinação sem regresso de Didacus Pyrrhus Lusitanus»: *O Instituto* 140-141 (1980-81) 79-100.
- D. A. L. F. CASTRO, *Historia geral de Portugal e suas conquistas*. Lisboa, na Typographia Rollandiana, 1786 a 1800.
- J. CASTRO, *D. Sebastião e D. Henrique*. Lisboa, União Gráfica, 1942.
- A. CAZZANIGA, *Elementi retorici nella composizione delle lettere dal Ponto*. Varese, 1937.
- T. CHERSA, *Della vita e degli scritti di Didaco Pyrrho, altramenti detto Iacopo Flavio Ebo-
rense*. Firenze, nella stamperia Magheri, 1826.
- R. CHEVALLIER, ed., *Colloque Présence d'Ovide*. Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1982.
- CÍCERO, *Correspondance*. Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1950 (vol. II); 1980 (vol. VII).
- J.-M. CLAASSEN, «Error and the imperial household: an angry god and the exiled Ovid's fate»: *Acta Classica*, 30 (1987) 31-47.
- R. H. COON, «Ovid in exile»: *The Classical Journal* 22.5 (1926-27) 355-369.
- G. CORREIA, *Lendas da Índia*. Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1858.
- F. CORSARO, «Sulla relegatio di Ovidio»: *Orpheus* 15.2 (1968) 123-167.
- F. della CORTE, «L'elegia della lontananza: Ovid. Am. II.16»: *Opuscula X*. Genova, Facoltà di Lettere, 1987, 151-155.
- , «Le opere dell'esilio di Ovidio»: *Opuscula XI*. Genova, Facoltà di Lettere, 1988, 111-160.
- D. COUTO, *Da Ásia*. Década V. Lisboa, Régia Officina Typografica, 1780.
- M. E. COSENZA, *Biographical and bibliographical Dictionary of the Italian Humanists and of the world of classical scholarship in Italy, 1300-1800*. Boston, G. K. Hall & Co., 1962.
- S. M. CRJEVIĆ, *Bibliotheca Ragusina in qua Ragusini scriptores eorumque gesta et scripta recensentur*. Editionem principem curavit et proemium conscripsit Stephanus Krasčić. Ragusii, anno salutis MDCCXL. [Ed. em fac-símile: Zagreb, Jugoslavenska Akademija Znanosti i Umjetnosti, 1975-1980, 3 vols.]
- A. CRONIA, «Relazioni culturali tra Ragusa e l'Italia negli anni 1358-1526»: *Atti e Memorie della Società Dalmata di Storia Patria* 1 (1926) 1-39.
- , «Aspetti caratteristici dell'Umanesimo in Dalmazia»: *Atti dell'Istituto Veneto di Scienze, Lettere ed Arti* 113 (1955) 43-70.
- , *Storia della letteratura serbo-croata*. Milano, Nuova Academia Editrice, 1956.

- B. CRUZ, *Chronica d'El-Rei D. Sebastião*. Lisboa, Bibliotheca de Classicos Portuguezes, 1903.
- E. R. CURTIUS, *La littérature européenne et le moyen-âge latin*. Paris, P.U.F., 1986 [2 vols.].
- P. H. DAMSTÉ, «Ad carmina Ovidii in exilio composita»: *Mnemosyne* 46 (1918) 1-37.
- M. T. DAVISSON, «The functions of openings in Ovid's exile epistles»: *Classical Bulletin* 58.2 (1981) 17-22.
- , «*Omnia naturae praepostera legibus ibunt: adynata in Ovid's exile poems*»: *The Classical Journal* 76.2 (1981) 124-128.
- , «*Duritia and creativity in exile: Epistulae ex Ponto 4.10*»: *Classical Antiquity* 1.1 (1982) 28-42.
- , «*Sed sum quam medico notior ipse mihi: Ovid use of some conventions in the exile epistles*»: *Classical Antiquity* 2.2 (1983) 171-182.
- , «*Magna tibi imposita est nostris persona libellis: playwright and actor in Ovid's Epistulae ex Ponto 3.1*»: *The Classical Journal* 79.4 (1984) 324-339.
- , «Parents and children in Ovid's poems from exile»: *The Classical World* 78.2 (1984) 111-114.
- M. DEANOVIĆ, «Les plus anciens contacts entre la France et Raguse»: *Annales de l'Institut Français de Zagreb* 24-25 (1944) 1-39; 26-27 (1945) 41-110; 36-37 (1950) 96-146.
- J. DELUMEAU, «Un ponte fra Oriente e Occidente: Ancona nel Cinquecento»: *Quaderni Storici* 13 (1970) 26-47.
- G. DEMERSON, «Joachim du Bellay et le modèle Ovidien»: R. CHEVALLIER, ed., *Colloque Présence d'Ovide* (supra) 281-294.
- A. DEVILLE, *Essai sur l'exile d'Ovide*. Paris, Librairie Firmin Didot Frères, Fils et Cie., 1859.
- R. J. DICKINSON, «The *Tristia*: poetry in exile»: J. W. BINNS, ed., *Ovid* (supra) 154-190.
- D. DIDEROT, *Essai sur les règnes de Claude et de Néron et sur les mœurs et les écrits de Sénèque*. Introduction par Roger Lewinter. Paris, Bibliothèque 10/18, 1972.
- I. DJORDJIĆ, *Vulgatae Psalmorum editionis in locibus obscurioribus aliarum uersionum ac interpretationum claritate interpolatae, Illyrica metaphrasis siue Salijer Slovinki*. Venetiis, MDCCXXXIX, apud Christoforum Zane, sub signo S. Ignatii.
- S. d'ELIA, «L'esilio di Ovidio e alcuni aspetti dell'età augustea»: *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia — Università di Napoli* 5 (1955) 95-157.
- , *Ovidio*. Napoli, Istituto Editoriale del Mezzogiorno, 1959.
- ERASMO, *Opera omnia*. Hildesheim, Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1961.
- T. ESPANCA, *O Aqueduto da Água de Prata*. Évora, Cadernos de História e Arte Eborense, 1944.
- H. B. EVANS, «Winter and warfare in Ovid's Tomis (*Tristia* 3.10)»: *The Classical Journal* 70.3 (1975) 1-9.
- , «Ovid's apology for *Ex Ponto* 1-3»: *Hermes* 104.1 (1976) 103-112.
- , «*Publica carmina*»: *Ovid's books from exile*. Lincoln and London, University of Nebraska Press, 1983.
- FARGUES, «Ovide, l'homme et le poète — XI: les *Tristes* et les *Pontiques*. Conclusion»: *Revue des Cours et des Conférences* 41 (1940) 358-364 e 485-492.
- A. P. FARIA, *Portugal e Itália. Litteratos portugueses na Italia ou collecção de subsídios para se escrever a Historia Litteraria de Portugal que dispunha e ordenava Frei Fortunato Monge Cisterciense*. Leorne, Typographia de Raphael Giusti, 1905.
- C. FAVEZ, «Le sentiment dans les *Consolations* de Sénèque»: *Mélanges Paul Thomas*. Brügge, Imprimerie Sainte Catherine, 1930, 262-270.

- , «Les Gètes et leur pays vus par Ovide»: *Latomus* 10 (1951) 425-432.
- F. L. FERREIRA, *Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra*. Segunda parte, que comprehende os anos que decorrem desde meados do de 1537 até fim do de 1540. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1938.
- A. FERRIL, «Seneca's exile and the *Ad Helviam*: a reinterpretation»: *Classical Philology* 61 (1966) 253-257.
- L. FEUCHTWANGER, «Ovid»: E. LUDWIG and H. KRANZ. *The torch of freedom*. New York—Toronto, Farrar & Rinehart, inc., 1943, 1-16.
- T. FIORE, *Dal Virgilio Minore alla poesia d'Ovidio*. Manduria — Bari — Roma, Piero Lacaita Editore, 1987.
- G. FOCARDI, «Difesa, preghiera, ironia nel II libro dei *Tristia* di Ovidio»: *Studi Italiani di Filologia Classica* 47 (1975) 86-129.
- F. FONSECA, *Évora gloriosa: epílogo dos quatro tomos da Évora Illustrada que compoz o R. P. M. Manoel Fialho da Companhia de Jesu*. Roma, 1728.
- M. FRANIČEVIĆ, *Povijest hrvatske renesansne književnosti*. Zagreb, 1983.
- A. FRANCO, *Évora ilustrada, extraída da obra do mesmo nome do Pe. Manuel Fialho*. Évora, Edições Nazaré, 1945.
- H. FRÄNKEL, *Ovid, a poet between two worlds*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1969.
- J.-M. FRÉCAUT, *L'esprit et l'humour chez Ovide*. Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble, 1972.
- B. R. FREDERICKS, «*Tristia* 4.10: poet's autobiography and poetic autobiography»: *Transactions of the American Philological Association* 106 (1976) 139-154.
- H. FROESCH, *Ovid als Dichter des Exils*. Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1976.
- J. J. GAHAN, «Ovid: the poet in Winter»: *The Classical Journal* 73.3 (1978) 198-202.
- , «Seneca, Ovid, and exile»: *Classical World* 78.3 (1985) 145-147.
- M. GALDI, «Sulle *Consolationes* di Seneca (note ed appunti)»: *Athenaeum* — nova serie, 6 (1928) 220-248.
- E. GALLETIER, «Les préoccupations littéraires d'Ovide pendant son exil»: *Révue des Études Anciennes* 42 (1940) 439-447.
- D. GALVÃO, *Cronica del Rey Dom Affonso Hamrriques, primeyro rey destes regnos de Portugal*. Lisboa, 1918.
- L. P. GARCÍA, dir., *Historia de España*. Barcelona, Instituto Gallah de Librería y Ediciones. Vol. III: Julián Ma. Rubio et alii, *La Baja Edad Media y la Unidad Nacional*. 1967.
- E. GELMA, «La dépression mélancolique du poète Ovide pendant son exil»: extrait de *Médecin d'Alsace et Lorraine* 2.14 (1935).
- A. B. GIAMATTI, *Exile and change in Renaissance literature*. New Haven and London, Yale University Press, 1984.
- F. GIANCOTTI, «Il posto della biografia nella problematica seneciana»: *Atti della Accademia Nazionale dei Lincei*, serie VIII, 8 (1953) 52-68, 102-118, 238-262.
- L. G. GIRALDI, *De poetis nostrorum temporum*. Ed. Karl Wotke. Berlin, Weidmannsche Buchhandlung, 1894.
- L. GLESINGER, «Amatus Lusitanus à Raguse»: *IV centenário de João Rodrigues de Castelo Branco — Amato Lusitano*. *Estudos de Castelo Branco* 28 (1968) 158-178.
- , «Dubrovački liječnik Amatus Lusitanus»: *Zbornik Jevrejski Istorijski Muzej* 1 (1971) 291-312.

- P. GIOVIO, *Elogia doctorum uirorum ab aurorum memoria publicatis ingenii monumentis illustrium. Authore Paulo Iouio Nouocomense, Episcopo Nucertino*. [...] Antuerpiae, apud Ioan. Bellerum sub insigni Falconis, 1557.
- D. GÓIS, *Commentarii rerum gestarum in India citra Gangem a Lusitanis anno 1538 autore Damiano a Goes, equite Lusitano*. Louanii, ex Officina Rutgeri Rescii, 1539.
- , *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*. Coimbra, 1949.
- , *Opúsculos históricos*. Trad. de Dias de Carvalho. Porto, Livraria Civilização, s/d.
- G. P. GOOLD, «The cause of Ovid's exile»: *Illinois Classical Studies* 8.1 (1983) 94-107.
- V. GORTAN, «Les derniers latinistes croates de Dubrovnik (Raguse)»: *Acta Conuentus Neo-Latini Louaniensis* Leuven, 1973, 261-274.
- Le GRAND, «Exil et poésie: les *Tristes* et les *Pontiques* d'Ovide, les *Souspirs* d'O. de Magny, les *Regrets* de J. du Bellay»: *Littératures* 17 (1987) 33-47.
- P. GREEN, «*Carmen et error: πρόφασις* and *αἴτια* in the matter of Ovid's exile»: *Classical Antiquity* 1.2 (1982) 202-220.
- M. GRÜNWARD und H. A. CASNACHICH, «Didaco Pirro, auch Flavius Eborensis genannt. Ein Lebensbild»: *Popülar-wissenschaftliche Monastblätter zur Belehrung über das Judentum für Gebildete aller Confessionem*. Herausgegeben von Dr. Adolf Brill. 3. Jahrgang. Frankfurt am Main, Berlag von Franz Benjamin Auffarth, 1883, 207-210, 231-235.
- M. HAMMOND, «Plato and Ovid's exile»: *Harvard Studies in Classical Philology* 63 (1958) 347-361.
- K. P. HARRINGTON, «Seneca's epigrams»: *Transactions and proceedings of the American Philological Association* 46 (1915) 207-215.
- A. HERCULANO, *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*. Tomos I e II. Lisboa, Livraria Bertrand, 1975 e 1976.
- N. I. HERESCU, «Ovide, le Gétique (*Pont*. 4.13.18: *paene poeta Getes*)»: *Atti del Convegno Internazionale Ovidiano* (supra) 55-80.
- L. HERMANN, *Douze poèmes d'exil de Sénèque et vingt-quatre poèmes de Pétrone, regroupés et traduits*. Bruxelles, Latomus — *Révue d'Études Latines* (Collection Latomus 22), 1955.
- , «Une élégie de Sénèque?»: *Latomus* 15 (1956) 193-205.
- S. HINDS, «Booking the return trip: Ovid and *Tristia* 1»: *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 211 — n.s. 31 (1985) 13-32.
- Y. HOGGAN, «Aspects du bilinguisme littéraire chez du Bellay: le traitement poétique des thèmes de l'exil dans les *Poemata* et *Les Regrets*»: *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance* 44.1 (1982) 65-79.
- HORÁCIO, *Satirae*. Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1951.
- E. JACOBY, «Intorno alla *Consolatio ad Marciam* e alla *Consolatio ad Polybium di Seneca*»: *Reale Istituto Lombardo di Scienze e Lettere: Rendiconti*, serie II, 64.1-4 (1931) 85-96.
- , «Fonti retoriche delle Consolazioni di Seneca a Marcia e a Polibio»: *Reale Istituto Lombardo di Scienze e Lettere: Rendiconti*, serie II, 64.6-10 (1931) 559-568.
- R. JORGE, *Comentos à vida, obra e época de Amato Lusitano*. Porto, 1916.
- , *O óbito de D. João II*. Lisboa, Portugália Editora, 1922.
- Jornada del-Rei Dom Sebastião à África e Crónica de Dom Henrique*. Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1978.

- S. JURIC (ed.), *Croatiae scriptores Latini recentioris aetatis: opera scripsum Latinorum Croatarum usque ad annum MDCCCXLVIII typis edita. Bibliographiae fundamenta*. Collegit et digessit Prof. Šime Jurić, adjuvante Dr. Dana Čučković, editionem curavit Dr. Zlatko Kerkov. Zagrabiae MCMLXXI. Institutum Historicum Academiae Scientiarum et Artium Slauorum Meridionalium.
- , *Iugoslaviae scriptores Latini recentioris aetatis*. Novi Sad, Matika Srpska, 1972-1979 [2 vols.].
- H. W. KAMP, «Concerning Seneca's exile»: *The Classical Journal* 30.2 (1934) 101-108.
- M. KAYSERLING, *Biblioteca Española-Portuguesa-Judaica*. Nieuwkoop, B. de Graaf, 1968.
- , *História dos judeus em Portugal*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1971.
- I. KASUMOVIĆ, «Pjesme Urbana Appendija i s izdana antologij dubrovačkih latinskih pjesnika»: *Razredi historičko-filologički i filozofičko-juridički*. Zagreb, Jugoslavenske Akademije Znanosti i Umjetnosti, 1908, 1-116.
- I. A. KAZNAČIĆ, *Biblioteca di fra Innocenzo Ciulich nella libreria de 'RR. PP. Francescani di Ragusa*. Zara, dalla Tipografia Governiale, 1860.
- E. J. KENEY, «The poetry of Ovid's exile»: *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 11 (1965) 37-49.
- P. KOLENDIĆ, «Nekoliko pesama humanista Didaka Pira»: *Zbornik Istorija Književnosti Srpske Akademije Nauka i Umjetnost*. Beograd, 1961, 1-47.
- M. KOMBOL, *Povijest hrvatske književnosti do narodnog preporoda: ii izdanje*. Zagreb, Matica Hrvatska, 1961.
- D. KÖRBLER, «Život i rad humanista Didaka Portugalca, napose u Dubrovniku»: *RAD Jugoslavenska Akademija Znanost i Umjetnost*. Zagreb, 1917, 1-169.
- S. KREŠIĆ, «Croatian Neo-Latinists»: *Acta Conuentus Neo-Latini Louaniensis* Leuven, 1973, 347-357.
- N. LASCU, «La fortuna di Ovidio dal Rinascimento ai tempi nostri»: *Studi Ovidiani*. Roma, Istituto di Studi Romani, 1959, 79-112.
- F. LECHI, «La palinodia del poeta elegiaco: i carmi ovidiani dell'esilio»: *Athene e Roma* 23.1 (1978) 1-21.
- A. G. LEE, «An appreciation of *Tristia* 3.8»: *Greece and Rome* 18.54 (1949) 113-120.
- M. LEMOS, *Amato Lusitano. A sua vida e a sua obra*. Porto, Eduardo Tavares Martins, 1907.
- , *Zacuto Lusitano. A sua vida e a sua obra*. Porto, Eduardo Tavares Martins, 1909.
- H. M. R. LEOPOLD, *Exulum trias, siue de Cicerone, Ovidio, Seneca exulibus*. Utrecht, Kock et Knuttel, 1905.
- F. LOPES, *Crónica de D. Fernando*. Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1975.
- G. P. LUCCARI, *Copioso ristretto degli Annali di Rausa*. In Venetia, ad instantia di Antonio Leonardi, 1605.
- G. LUCK, «Notes on the language and text of Ovid's *Tristia*»: *Harvard Studies in Classical Philology* 65 (1961) 243-261.
- D. B. MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*. 4 vols. Lisboa, 1747-1759.
- F. MAIXNER, *Prievodi T. Z. Disticha Moralia Catonis u hrvatske literaturi*. Zagreb, Tisak Dioničke Tiskare, 1885.
- R. MARACHE, «La révolte d'Ovide exilé contre Auguste»: N. I. HERESCU, ed., *Ovidiana: recherches sur Ovid*. Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1958, 412-419.
- D. MARIN, «Intorno alle cause dell'esilio di Ovidio a Tomi»: *Atti del Convegno Internazionale Ovidiano* (supra) 29-47.

- I. D. F. MARTINS, *Bibliografia do Humanismo em Portugal no século XVI*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, I.N.I.C., 1986.
- J.V.P. MARTINS, *Humanismo e Erasmismo na Cultura portuguesa do século XVI*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian — Centro Cultural Português, 1973.
- , *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal: les deux regards de Janus*. Lisboa-Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1989 [2 vols].
- L. MATOS, *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1950.
- , *Les Portugais en France au XVIe. siècle — études et documents*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1952.
- , Recensão crítica a R. JORGE: *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-brasileira* 5 (1964) 450-452.
- G. MAVER, «Letteratura serbo-croata»: separata de *Storia delle letterature moderne d'Europa e d'America*. Milano, Casa Editrice Dr. Francesco Vallardi, 1960.
- E. MELAS, ed., *Temples and sanctuaries of Ancient Greece*. London. Thames and Hudson, 1973.
- A. MILANO, *Storia degli ebrei in Italia*. Torino, Giulio Einaudi Editore, 1963.
- A. L. MOTTO and J. CLARK, «The development of the classical tradition of exile to Seneca»: *Mosaic* 8.3 (1975) 109-115.
- B. R. NAGLE, *The poetics of exile: program and polemic in the Tristia and Epistulae ex Ponto of Ovid*. Bruxelles, Latomus, 1980.
- D. NEVENIĆ-GRABOVAC, «Iz poezije Didaka Pira»: *Zbornik Jevrejski Istorijski Muzej* 1 (1971) 253-290.
- F. NORWOOD, «The riddle of Ovid's *relegatio*»: *Classical Philology* 58 (1963) 150-163.
- S. G. NUGENT, recensão crítica a B. R. NAGLE: *American Journal of Philology* 103 (1982) 224-226.
- OVÍDIO, *Pontiques*. Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1977.
- , *Tristes*. Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1968.
- M. PANTIĆ, «Rukopisi negdasnje biblioteke Bizaro u Historijskom Institutu u Dubrovniku»: *Anali Historijskog Instituta Jugoslavenske Akademije Znanost i Umjetnost u Dubrovniku* 8-9 (1962) 557-596.
- , «Jevreji u dubrovačkoj književnosti»: *Zbornik Jevrejski Istorijski Muzej* 1 (1971) 211-238.
- E. PARATORE, «L'elegia autobiografica di Ovidio (*Tristia* 4.10)»: N. I. HERESCU, ed., *Ovidiana: recherches sur Ovid*. Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1958, 353-378.
- R. I. PIERINI, «Echi delle elegie ovidiane dall'esilio nelle *Consolationes ad Heluiam* e ad *Polybium* di Seneca»: *Studi Italiani di Filologia Classica* 52 (1980) 109-143.
- R. PINA, *Crônicas*. Porto, Lello & Irmão, editores, 1977.
- «Un poeta latino raguseo di nazione portoghese e più giustamente ebraica»: *L'Epidauritano, lunario raguseo per l'anno 1909*. Ragusa, 1908, 49-56.
- T. POPOVIĆ, «Dubrovnik i Ankona u Jevrejskoj Trgovini XVI vjeka»: *Zbornik Jevrejski Istorijski Muzej* 1 (1971) 41-53.
- G. PRESCOTT, *Historia del reinado de los Reyes Catolicos, D. Fernando Y D. Isabel*. Madrid, Imprenta de Gaspar Y Ruig, Editores, 1855.
- W. H. PRESCOTT, *History of the reign of Charles the fifth* (by William Robertson, D.D.) with an account of *The emperor's life after his abdication*, by Prescott. London, George Routledge and Sons, 1856.

- F. PULGAR, *Crónica de los Reyes Católicos*. Madrid, Espasa-Calpe, 1943.
- Željko PURATIĆ, «Četiri Sitna priloga za historiju naše starije kniževnosti»: *Radovi Filozofskog Fakulteta — Sarajevo* 3 (1965) 399-402, 420.
- Živko PURATIĆ, «Rimski pjesnik Ovidije i neki hrvatski pjesniči 16-19 stoljeća (reminiscencije, imitacije, paralele)»: *Živa Antika* 39.2 (1979) 297-308.
- A. C. RAMALHO, *Estudos sobre a época do Renascimento*. Coimbra, Instituto de Alta Cultura — Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1969.
- , *Estudos sobre o século XVI*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian — Centro Cultural Português, 1980.
- , *Latim renascentista em Portugal (antologia)*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos — I.N.I.C., 1985.
- , *Para a história do Humanismo em Portugal*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos — I.N.I.C., 1988.
- , «Diogo Pires, Évora e o Algarve»: *Humanitas* 31-32 (1979-1980) 235-239.
- , «Diogo Pires sobre a morte de D. João II»: *ibidem*, 239-241.
- E. K. RAND, *Ovid and his influence*. New York, Cooper Square Publishers, 1963.
- F. S. RAZZI, *La storia di Raugia*. In Lucca, per Vincentio Busdraghi, 1595.
- J. M. REMÉDIOS, *Os Judeus em Portugal*. Coimbra, França Amado, 1895.
- A. RESENDE, *História da antiguidade da cidade de Évora*. Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 31793.
- , *Oração de sapiência (Oratio pro rostris)*. Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1956.
- G. RESENDE, *Chronica dos valerosos e insignes feitos del Rey Dom Joam II de gloriosa memoria*. Coimbra, 1798. Ed. fac-similada: Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1973.
- A. RIBEIRO, *Portugueses das sete partidas (viajantes, aventureiros, troca-tintas)*. Lisboa Livraria Bertrand, 1969.
- M. L. RICCI, «Il tópos della poesia consolatrice (in riferimento ad Ovid. *Trist.* 4,1,3 sgg., 4,10,117 sgg., 5,1,33 sgg.)»: *Invigilata Lucernis. Rivista dell'Istituto Latino*. 1 (1979) 143-170.
- I. RIOU, *L'Écriture de l'exil à Rome: Cicéron, Ovide, Sénèque*. Paris, 1987 (diss. dact. — Institut des Études Latines — Sorbonne).
- E. RIPERT, *Ovide, poète de l'amour, des dieux et de l'exil*. Paris, Librairie Armand Colin, 1921.
- M. H. ROCHA PEREIRA, «Sentido do amor à terra pátria entre os Gregos»: *Nova Renascença* 5.19 (1985) 212-219.
- A. ROMANO, *Sénèque: les oeuvres de l'exil*. Paris, 1978 (diss. dact. — Institut des Études Latines — Sorbonne).
- D. ROMANO, *Poesia e scienza: Nasonis poetae lacrimae Tomitanæ — Tristium liber primus. Animus in tumore*. Napoli, Loffredo Editore, 1978.
- G. ROSATI, «L'esistenza letteraria. Ovidio e l'autocoscienza della poesia»: *Materiali e Discussione per l'Analisi dei Testi Classici* 2 (1979) 101-136.
- C. ROTH, *The house of Nazi: Doña Gracia*. New York, Greenwood Press, Publishers, 1948.
- , *The Jews in the Renaissance*. New York, Hasper & Row, Publishers, 1965.
- A. M. SÁ, *De re Erasmiana: aspectos do erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*. Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, 1977.
- R. SCHILING, «Ovide et sa muse ou les leçons d'un exil»: *Révue des Études Latines* 50 (1972) 205-211.

- J. SCHWARZ, «I Marrani di Portogallo»: *La Rassegna Mensile di Israel* 1 (1925-26) 85-97, 155-168, 199-216.
- SÉNECA, *Dialogues*. Tome IIIe.: *Consolations*. Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1942.
- J. V. SERRÃO, *Portugueses no estudo de Salamanca (1200-1550)*. Lisboa, 1962.
- P. R. SOARES, *Memorial*. Coimbra, 1953.
- S. SLADOVIĆ, *Fasti litterario-Ragusini siue uirorum litteratorum, qui usque ad annum MDCCLVI in Ragusina claruerunt ditione*. Venetiis, MDCCLXVII, excudebat Gaspar Storti, praesidium Facultate.
- R. SYME, *History in Ovid*. Oxford, At the Clarendon Press, 1978.
- J. TADIĆ, *Jevreji u Dubrovniku do polovine XVII vijeka*. Sarajevo, 1937.
- , «Didak Pir»: *Zbornik Jevrejski Istorijski Muzej* 1 (1971) 239-251.
- J. C. THIBAUT, *The mystery of Ovid's exile*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1964.
- J. TORBARINA, «Renaissance poetry of Dubrovnik and Dalmatia in the concert of European Petrarchism»: *Revue de Littérature Comparée* 43 (1969) 252-263.
- J. D. TRACY, *Erasmus, the growth of a mind*. Genève, Librairie Droz, 1972.
- F. TROGRANČIĆ, *Storia della letteratura croata dall'Umanesimo alla Rinascita nazionale (secolo XV-XIX)*. Roma, Editrice Studium, 1953.
- G. TRONCHET, *Monotonie d'Ovide dans les oeuvres d'exil? Étude de la récurrence des différents thèmes dans les Tristes et les Pontiques*. Paris, 1978 (diss. dact. — Institut des Études Latines — Sorbonne).
- Samuel USQUE, *Consolação às tribulações de Israel*. Edição de Ferrara, 1553, com estudos introdutórios por Yosef Hayim Yerushalmi e José V. de Pina Martins. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989 [2 vols.].
- Q. VELLOSO, *D. Sebastião (1554-1578)*. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1945.
- S. VIARRE, «Exil ovidien, exil médiéval»: R. CHEVALLIER, ed. *Colloque Présence d'Ovide* (supra) 261-271.
- , «Les aspects mythiques du pays d'exil dans les *Tristes* et les *Pontiques* d'Ovide»: *Peuples et pays mythiques. Actes du Ve. Colloque du Centre de Recherches Mythologiques de l'Université de Paris X (Chantilly, 18-20 septembre 1936)*. Réunis par F. JOUAN et B. DEFORGE. Paris, Les Belles Lettres, 1987.
- G. de VICO, «Premesse per una lettura delle *Consolationes* di Seneca»: *Giornale Italiano di Filologia* 8.4 (1955) 333-348.
- V. VRATOVIĆ, «L'esprit national et international de la littérature croate»: *Acta Conuentus Neo-Latini Louaniensis* Leuven, 1973, 687-691.
- R. VULPE, «Ovidio nella città dell'esilio»: F. ARNALDI et alii, *Studi Ovidiani*. Roma, Istituto di Studi Romani Editore, 1959, 39-62.
- W. T. WALSH, *Isabel de España*, Madrid, Cultura Española, 1938.
- R. WALTZ, *Vie de Sénèque*. Paris, 1909.
- R. WARNIER, «Les slaves du Sud — quelques rapports avec le Portugal»: (conférence prononcée à l'Institut de Coimbra le 19 mars 1938): *O Instituto* 93 (1938) 257-276.
- T. WIEDEMANN, «The political background to Ovid's *Tristia* II»: *Classical Quarterly* 25.2 (1975) 264-271.
- F. WILHELM, «Zu Ovid. *Ex Ponto* 1.3»: *Philologus* 81 (1926) 155-167.
- L. P. WILKINSON, *Ovid surveyed*, Cambridge, At the University Press, 1962.
- G. F. YOUNG, *Les Médicis*. Tome II. Paris, Robert Laffont, 1969.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- AARÃO 23; 35
ABRAÃO 152 n. 204
ABRAÃO de Segóvia 54 n. 92
ABRAVANEL 19
ABRITO 46 n. 60
ACENHEIRO, Cristóvão Rodrigues 114;
134 n. 167
ÁCIO 81 n. 50
AÇORES 147 n. 196
ADÃO 27
ADRIANO DE UTRECHT — vd. ADRIANO VI
ADRIANO VI, papa 161; 168 e n. 13;
169 e n. 14, 16
ADRIÁTICO, mar 7; 21; 42; 43; 73; 111
AFONSO HENRIQUES, rei D. 66; 67; 90;
93; 95; 112 e n. 129; 136; 164;
173 e n. 29; 174
AFONSO II, rei D. 113; 115 n. 133
AFONSO III, rei D. 113; 114; 115; 116;
117; 118; 119
AFONSO IV, rei D. 120; 173 n. 29
AFONSO V, rei D. 122
AFONSO, príncipe D. 127 n. 154
AFONSO, infante D., filho de D. Manuel
144 n. 180
AFONSO, bisavô de Fernando, o Católico
54 n. 93
AFONSO VI, rei de Leão 91
AFONSO X, rei de Castela 119
ÁFRICA 61; 82; 110 n. 120; 133 e n. 167;
135; 136; 139 e n. 177; 141; 143;
146; 149; 168
AGADIR 82 e n. 55; 83; 164; 174
ALBA, duque de 147 n. 195
ALBÚNEA 94 n. 85
ALCÁCER-QUIBIR 48 n. 69; 60; 76; 86 e
n. 68; 132; 133; 151; 174 n. 30
ALCÂNTARA 147 n. 195
ALCÍNOO 97; 101 e n. 94
ALEXANDRE MAGNO 102 n. 100
ALEXANDRE, papa 160; 167 e n. 6
ALEXANDRE, personagem de Luciano 161;
169 e n. 15
ALEXANDRIA 103 n. 103
ALGARVE 66; 67; 113; 164; 173
ALJUBARROTA 121
ALMÉLIQUE, Mulei Abde 141; 146 e n. 189
ALMOTUAUQUIL, Mulei Mohamed 139
n. 177; 146 n. 189
ALÓRIS 98; 102
ALTÓRIO — vd. TOR
ÁLVAREZ, M. F. 100 n. 91
ALVITO 75
AMSTERDÃO 90 n. 73
ANAXÁGORAS 41 n. 47; 42
ANCONA 17; 19; 21 n. 30, 32; 42
ANDRÉ, C. A. 24 n. 48; 25 n. 49; 28 n. 1;
32 n. 18; 49 n. 70; 84 n. 59
ANGRA 147 n. 196
ANÍBAL 38; 44; 46
ANTÍPATRO DE SÍDON 103 n. 103
ANTÓNIO, D., Prior do Crato 139; 141;
144; 147 e n. 193, 194, 195, 196;
149; 153 n. 209; 156
ANTUÉRPIA 16; 73; 74 e n. 33; 95; 131;
162; 164 n. 1; 170
APIANO, Pedro 17
APOLO 69; 70; 103 n. 104; 110 n. 124
APPENDINI, F. M. 18 n. 23; 22 n. 36
APPENDINI, U. 25; 47 n. 65; 48 n. 66, 70

- AQUITÂNIA 90; 94
 ARÁBIA 84; 85
 ARADINO — vd. BARBA-ROXA
 ARAGÃO 55 n.98; 127 n.154
 ARISTÓTELES 65; 66
 ARNO 96; 100
 ÁRTEMIS 103 n.104
 ASCÂNIO 98 e n.89; 102
 ASCLÉPIO 169 n.15
 ASCRÍVIO 50; 53 e n.86
 ÁSIA 98; 102
 ASTI 100 n.91
 ATENAS 37; 45; 47; 65; 66; 96; 102
 n.101
 ATLAS 149
 AT-TUR — vd. TOR
 D'AUBIGNÉ, A. 30 n.9
 AUGUSTO 30; 31 e n.15, 16; 46 n.59
 AUSÓNIA 44; 46
 ÁUSTRIA 151
 ÁUSTRIA, D. João de 84
 AVINHÃO 160; 167 e n.7
 AVIS 77
 AZAMOR 82 e n.55
 BABILÓNIA 99; 103 e n.103
 BACO 56 n.104, 105; 66; 98; 102
 BADAJOZ 112 e n.129
 BAIÃO, A. 16 n.15
 BAÏCHE 30 n.9
 BARBA-ROXA 18 e n.23; 97; 100 e n.93
 BARBOSA, Aires 13; 20; 133 n.167
 BARDON, H. 29 n.3
 BARROS, João de 81 n.4/
 BASILEIA 17; 28 n.29; 89 n.73; 164 n.1
 BEATRIZ, rainha D., esposa de
 D. Afonso III 119
 BEATRIZ, rainha D., sogra de D. João II
 123-125
 BEATRIZ, D., duquesa de Sabóia 144
 n.180
 BECCADELLI, Antonio 163; 171 e n.23
 BEJA 126
 BELÉM 128 e n.158; 133; 141; 142;
 145; 148
 BÉLGICA 152; 173
 BELLO, Campo 71 n.29
 BELONA 36; 97; 101
 BENEČIĆ, Š. 11; 12; 21; 40; 41-42
 BENEDETTI, Salvatore de 49 n.70
 BEÓCIA 110 n.124
 BÉTIS 51; 55
 BIZÂNCIO 21; 22
 BIZANTI, George 21
 BLOCK, E. 34 n.30
 BOAS, M. 90 n.73
 BOAVENTURA, Fr. F. de S. 17 n.18;
 91; 131 n.164
 BOÉCIO, Heitor 163; 172 e n.25
 BOISSIER, G. 30 n.10; 31 n.16
 BONJOUR, M. 33 n.27, 28
 BÓRGIA 81 n.45
 BOTSCHUYVER, H. 90 n.73
 BOUYNOT, Y. 30 n.11; 32 n.19; 33 n.25
 BRAGA 84 n.59;95
 BRAGA, M. L. 9
 BRANDÃO, Francisco 91
 BRÁS, Santo 22 n.36; 23; 24; 50; 53
 BRASIL 75; 76 e n.39
 BRUTO, Lúcio Juno 43; 44; 46 e n.61
 BUONACCORSI, Filippo 162; 171 e n.18
 BÚTUA 50; 53 e n.87
 BVDVA — vd. BÚTUA
 CÁCERES, Lourenço de 20
 CÁDIS 161; 168
 CAIADO, Henrique 20; 107; 108; 163;
 172
 CALABRO, Quinto 17
 CALÍGULA 28
 CALIPSO 27; 43; 44; 46
 CAMBAIA 79 n.43; 85 n.66; 141; 145 e
 n.182
 CAMÕES, Luís de 48 n.67; 55 n.95; 108
 e n.114; 112 n.129; 113; 118
 CAMPÂNIA 69
 CANOPO 80; 82
 CANTÁBRIA 93; 95
 CARDOSO, Jerónimo 107; 108; 163; 172
 CÁRIA 99; 103 e n.103
 CARLOS, infante D., filho de D. Manuel
 144 n.180
 CARLOS V 18; 55 n.99; 56 n.102; 103;
 84; 100 n.91; 131; 144 n.180;
 146 n.184, 190; 148 n.198; 152 e

- n. 203; 161; 168 e n. 12, 13; 169
n. 14, 16
- CARMÂNIA 79 n. 43
- CARONTE 12
- CÁRPATO 68
- CARTAGENA 126 n. 152
- CARVALHO, Dias de 79 n. 43
- CARVALHO, J. P. S. 9, 19; 22 n. 34, 36,
37; 23 n. 39; 108 n. 114
- CASNACHICH 25 n. 53
- CASTELA 55 n. 98, 100; 66; 72; 115
n. 133; 117; 119; 121; 127 n. 154;
164; 169; 173
- CASTELO BRANCO, João Rodrigues 13;
19; 21; 22 n. 33; 23 e n. 41, 42;
88; 104-107
- CASTELO NOVO — vd. HERCEG NOVI
- CASTRO, Damião de 125 n. 150
- CASTRO, Francisco de 16
- CASTRO, Inês de 120
- CASTRO, J. 147 n. 191
- CASTRO, João de 79
- CATÃO 46 n. 58; 89 e n. 73
- CATARINA, rainha D., esposa de D. João III
34; 56 n. 101; 130 e n. 160; 141;
146 e n. 184, 187; 160; 166; 168 n. 12
- CATARINA, D., irmã de D. Manuel 125
n. 149
- CATARINA, santa 84; 85 e n. 64, 65
- CATARO — vd. KOTOR
- CATULO 52 n. 77
- CAVTAT 53 n. 83
- CÉCROPS 99; 102 e n. 101
- CELSE 169 n. 15
- CÉRBERO 54 n. 91
- CERES 66
- CÉVOLA, Gaio Múcio 43; 44; 47 e n. 62
- CHERSA, T. 13; 21 n. 30; 24 e n. 45;
25 n. 53; 34 n. 30, 32; 48 n. 70; 59
- CHIPRE 135; 136 e n. 171
- CÍCERO 28 n. 1; 41 n. 47; 133 n. 167;
162; 171
- CIFUENTES, conde de 168 n. 12
- CIPRIÃO, Públio Cornélio 38, 43; 46
n. 57, 58
- CIRCE 46 n. 55
- CIRÍACO, santo 42 n. 49
- CISNEROS, Arcebispo 169 n. 16
- CLAASSEN, J.-M. 31 n. 16
- CLEMENTE V, papa 160; 167 e n. 7
- CLEMENTE VII, papa 130; 161; 167;
168 n. 10, 12
- CLEÓPATRA 81 n. 50
- COCCIO, MARCO ANTONIO — vd. SABELLICO
- COELHO, Jorge 20; 107; 108; 163; 172
- COEN, Abraão 25 n. 51
- COEN, Cain de Isay 25
- COEN, Cain de Jacob 25
- COGE SOFAR 85 n. 66
- COHEN, Isaias — vd. tb. PIRES, Diogo 22
- COIMBRA 28 n. 1; 46 n. 54; 47 n. 65;
64-66; 71; 73 n. 33; 91; 114; 115;
116; 117; 118; 137; 146 n. 184
- CORCIRA 101 n. 94
- CÓRDOVA 29; 51; 52; 55 e n. 94; 56; 72
- CORFU 18
- CORFU — vd. CORCIRA
- CORREIA, Gaspar 125-126
- CÓRSEGA 28; 29
- Della CORTE, F. 30 n. 10; 33 n. 27
- COSME I, de Médicis 90 n. 76
- COSME DE MÉDICIS, neto de Cosme I
89; 90
- COUTO, Diogo do 84; 85 n. 63, 65
- CRACÓVIA 23 n. 40
- CREMONA 134; 135
- CRETA 103 n. 104
- CRIJEVIĆ 22 n. 36
- CROÁCIA 21; 53 n. 80
- CRUZ, Bernardo da 133 n. 167
- CUMAS 65; 66
- CUNHA, Nuno da 145 n. 183
- CUNHA, Tristão da 77-79
- CÚPIDO 82
- DALMÁCIA 18 n. 24; 21; 22; 50; 53 e
n. 80
- DARIO 82 n. 51
- DÉCIO, Gaio Ménio Quinto Trajano 43;
44; 46 e n. 60
- DÉDALO 97; 102
- DELOS 55 n. 96; 103 n. 104
- DELUMEAU, J. 21 n. 30
- DIANA 55 n. 96; 99; 103 e n. 103
- DICKINSON, R. J. 33 n. 27

- DIDEROT 29 n. 2
 DINIS, rei D. 91; 93; 95; 118-119
 DINIS, irmão de D. Manuel 125 n. 149
 DIOGO, D., Duque de Viseu 123; 125 e n. 149
 DIRCE 102 n. 100
 DIU 79 e n. 42, 43; 80; 81 e n. 47; 141; 142; 145 e n. 183; 148
 DÓRIA, André 18 e n. 26; 97; 100 e n. 95
 DOURO 67; 68; 71; 72; 109; 110 e n. 124
 DRJIĆ, Marin 21
 DUARTE, rei D. 60 n. 3; 89 n. 73; 121-122
 DUARTE, irmão de D. Manuel 125 n. 149
 DUARTE, infante D., filho de D. Manuel 144 n. 180
 DUARTE 87
 DUBROVNIK — vd. RAGUSA
 EGEU 18; 45; 47; 97; 100
 EGINA 18
 EGÍPTO 13; 21 n. 30; 24; 81 n. 47; 82 e n. 53, 54; 85 e n. 66; 103 n. 103; 152 n. 206
 EL ROCADILLO 110 n. 122
 D'ELIA, S. 31 n. 16; 34 n. 30
 ÉLIDE 11, 12
 EMÍLIO, Paulo 163; 171 e n. 24
 ENEIAS 27; 98 e n. 89; 102
 EPIDAURO 50; 53
 EPIRO 50; 53 e n. 87
 ERASMO 17 e n. 17; 84 e n. 59; 89 n. 73; 161; 162; 169 e n. 16; 170 e n. 17
 ERCOLE II 19; 108; 111 e n. 126
 ERÍNIS 51; 54
 ESCÓCIA 84; 138; 163; 172 e n. 26
 ESCOTO 92
 ESPANCA, Túlio 63 n. 14; 132 n. 164
 ESPANHA 21; 49; 55 n. 94, 100; 122 n. 139; 127 e n. 154, 156; 144; 147 n. 191; 150; 151; 152 e n. 203; 153; 156; 161; 168 e n. 13; 169 n. 14, 16
 ESPARTA 45; 47
 ESPERIENTE, Callimaco — vd. BUONACORSI
 ESQUILINO, monte 44; 46 e n. 59
 ÊSQUILO 82 n. 51
 ESTAÇO, Aquiles 24; 88
 ESTE 39
 ESTRABÃO 120 n. 137
 ETRÚRIA 89
 EUROPA 14; 15; 17; 25; 71; 77; 110 n. 124; 140; 143; 144; 149; 157; 159; 165; 167 n. 8
 EVANS, H. B. 31 n. 14, 16; 32 n. 20; 33 n. 27; 34 n. 30
 ÉVORA 7; 12; 13; 16; 25; 34; 37; 38; 48 n. 66; 49; 50; 52
 FALERNO 69
 FALETTI, Jerónimo 19
 FARIA, A. P. 131 n. 164
 FAVEZ, C. 33 n. 26
 FERNANDES, R. M. R. 9
 FERNANDO, rei D. 121
 FERNANDO, D., pai de D. Manuel 125 n. 149
 FERNANDO, Duque de Bragança 123
 FERNANDO, infante D., filho de D. Manuel 144 n. 180
 FERNANDO, rei D., o Católico 40 n. 45; 49 e n. 71, 72; 51; 54 e n. 90, 93; 114 n. 132; 128; 130; 159; 160; 165; 166 e n. 4
 FERNANDO I, da Sicília 18
 FERNANDO I, de Áustria 56 n. 102
 FERNANDO DE LEÃO, D. 112 n. 129
 FERRARA 17; 19; 39; 108 n. 116; 111 n. 126; 164 e n. 1; 174
 FERREIRA, Francisco Leitão 56 n. 107; 91
 FEUCHTWANGER, L. 34 n. 30
 FEZ 136; 139 n. 177
 FIDALGO, Afonso 124
 FILIPE II, rei de Espanha 72; 76; 88; 89; 90; 111; 139; 141; 147 e n. 191, 194; 150-153; 156
 FILIPE, o Formoso 55 n. 100; 123; 144 n. 180
 FILIPE, o Belo, rei de França 161; 167 e n. 7, 9
 FILIPE I, arquiduque de Áustria 152 n. 203
 FILIPE DE MÉDICIS 88; 90 n. 75, 77
 FLACELIÈRE, R. 103 n. 104
 FLANDRES 17; 55 n. 100
 FLEGETONTE 51; 54

- FLORENÇA 19; 20; 42 e n. 49; 49 n. 70;
90 n. 76
- FOIX, Gastão de 14; 90-95
- FOSSANO 100 n. 91
- FRANÇA 15; 30 n. 9; 84; 95; 122 n. 139;
142; 147 e n. 196; 167 e n. 7, 9;
172 n. 24
- FRANCISCO I, rei de França 84; 100
n. 91
- FRANCISCO I, da Toscana 88; 89; 90
n. 74, 75
- FRANCO, António 91
- FRÉCAUT, J.-M. 31 n. 16; 32 n. 19; 63
n. 12
- FREDERICO, avô de Fernando, o Católico
54 n. 93
- FREDERICO, trisavô de Fernando, o Cató-
lico 54 n. 93
- FREIRE, A. Braancamp 124 e n. 147
- FREITAS, Martim de 114-118
- FRISIO, Gemma 17
- GAHAN, J. J. 33 n. 27
- GAIA 71 e n. 29; 72
- GALDI, M. 29 n. 2, 3
- GALENO 23
- GALO, Cornélio 24 e n. 46
- GALO, Treboniano 46 n. 60
- GALVÃO, Duarte 112 n. 129
- GALVÃO, Pedro 91; 92; 93; 95
- GAMA, Estêvão da 84-86
- GAMA, Vasco da 83; 125; 126; 127;
140; 144
- GANGES 78; 79 n. 43; 83; 126; 127;
140; 144; 145 n. 183
- GERMÂNICO 31 n. 15
- GIANCOTTI, F. 29 n. 2, 7
- GIBRALTAR 110 n. 122
- GIRALDI, Lílio Gregorio 20 e n. 29;
72 n. 31
- GÓIS, Damião de 78 n. 40; 79 e n. 43;
81 n. 48; 107 e n. 107; 108; 124 e
n. 146; 127 n. 156; 128 n. 158;
145 n. 183; 163; 172; 173 n. 28
- GOMES, Violante 147 n. 193
- GONZAGA, Fernando 53 n. 79
- GOOLD, G. P. 30 n. 10
- GOUVEIA, André de 16
- GREGÓRIO XIV, papa 84
- GRÜNWARD, M. 25 n. 53
- GUARINO, T. 20 n. 29
- GUČETIĆ, Nikola 43-48
- GUČEVIĆ, Nička V. 21
- GUÉ, cabo 82 n. 55
- GUSMÁN, Fernando Núñez de Toledo y
13; 14 e n. 4; 91; 93; 95
- HALICARNASSO 103 n. 103
- HAMET, Muley—vd. ALMOTAUQUIL, Mulei
- HARIADIN — vd. BARBA-ROXA
- HARRINGTON, K. P. 29 n. 3
- HELESPONTO 82 n. 51
- HÉLVIA 28
- HENRIQUE, cardeal D. 139; 141; 144;
145 n. 180; 146 n. 187; 147 e n. 191,
193; 149; 150; 156
- HENRIQUE III, rei de França 138; 142;
147 e n. 196
- HENRIQUE IV, rei de Castela 54 n. 92;
55 n. 94
- HENRIQUE IV, rei de Inglaterra 172 n. 26
- HENRIQUE V, rei de Inglaterra 172 n. 26
- HENRIQUE VIII, rei de Inglaterra 15; 138
- HERCEG-NOVI 18 e n. 24, 25; 19; 25;
50; 53 e n. 78, 79, 82, 85; 56 n. 108;
97; 101 e n. 97, 98
- HERCULANO, Alexandre 56 n. 107; 130
n. 160; 165 n. 3; 168 n. 12
- HÉRCULES 43; 135; 136
- HERESCU, N. I. 33 n. 22
- HERÓDOTO 133 n. 167
- HERRMANN, L. 29 n. 3
- HILDESCHHEIM 84 n. 59
- HOMERO 17; 40; 41; 74 n. 35; 96; 99;
101 n. 94; 103
- HORÁCIO 74 n. 36
- ILÍRIA 87
- IBÉRIA 50; 53 e n. 80, 87; 156
- ÍNDIA 37; 79 e n. 42, 43; 81 n. 47; 84;
85; 87; 125; 126; 140; 142; 144;
145 n. 183; 148; 173
- INDO 37; 80; 81; 101; 142; 148
- INGLATERRA 15; 116; 118; 138; 142; 147
e n. 196; 167 e n. 9; 169; 172 n. 26
- INO 102
- IÓNIO, mar 80; 81

- IRENE, santa 66; 141; 163; 173
 ISAAC 152 n. 204
 ISABEL, rainha D., esposa de D. Manuel 127 e n. 154, 156; 128; 140; 144 e n. 180; 159; 165 e n. 2
 ISABEL, rainha D., a Católica 40 n. 45; 49 e n. 72; 55 n. 99
 ISABEL, D., esposa de Carlos V 144 n. 180
 ISABEL, rainha D., esposa de Filipe II 147 n. 191
 ISABEL, D., Duquesa de Bragança 125 n. 149
 ISABEL TUDOR 142; 147 e n. 196
 ISRAEL 151; 152
 ISTAMBUL 21 e n. 32; 100 n. 93
 ÍTACA 40; 41; 44; 46 e n. 56; 49
 ITÁLIA 16; 17; 19; 21 e n. 32; 73; 78; 84 e n. 61; 90; 100 n. 91, 92; 109 n. 117; 131; 162; 170
 ITÁLICO, Sílio 42 n. 49
 IULO — vd. ASCÂNIO
 JACOB 152 n. 206
 JAIME I, rei da Escócia 163; 172 e n. 26
 JAIME V, rei da Escócia 84; 138
 JAMESON, C. 30 n. 9
 JANE de Sommerset 172 n. 26
 JASÃO 85
 JERUSALÉM 92; 94; 99; 103 e n. 102
 JOANA, D., mãe de D. Sebastião 141; 146 e n. 184, 185; 148 n. 198
 JOANA, mãe de Fernando, o Católico 54 n. 93
 JOANA, a Louca 55 n. 100; 56 n. 101; 123; 144 n. 180
 JOANA DE ÁUSTRIA 24; 89; 90 e n. 74, 75, 77
 JOÃO I, rei D. 121; 141; 147 e n. 192
 JOÃO II, rei D. 114 n. 132; 122-125; 126 n. 152
 JOÃO III, rei D. 14; 15; 34; 45; 48 e n. 66, 67; 61; 63; 64; 65; 66; 71; 73 n. 33; 82; 128; 129-133; 141; 142; 143; 144 n. 180; 145; 146 e n. 186; 147 n. 193; 148; 156; 159; 160; 161; 165; 166; 167; 168 n. 10, 11; 169
 JOÃO, príncipe D., pai de D. Sebastião 139; 146 n. 184
 JOÃO, D., Duque de Beja e Viseu, irmão de D. Manuel 125 n. 149
 JOÃO, Infante D., filho dos Reis Católicos 55 n. 98
 JOÃO, príncipe D., de Espanha 127 n. 154
 JORGE, D., Duque de Aveiro 125
 JORGE, Ricardo 124 e n. 148
 JÓVIO, Paulo 8; 14; 15 e n. 11; 16; 17; 19; 34; 60 n. 4; 61 e n. 8; 66; 82; 107; 110 n. 124; 127; 129; 159-174
 JUNO 143; 148
 JÚPITER 43; 44; 47; 52; 57; 68; 105
 JUVENAL 133 n. 167
 KAYSERLING, M. 17 n. 19; 56 n. 107; 127 n. 156; 130 n. 160; 165 n. 3
 KENNEY, E. J. 34 n. 30
 KHAIR-ED-DIN — vd. BARBA-ROXA
 KOLENDIĆ, P. 17; 19; 20 n. 28; 38 n. 40
 KÖRBLER, D. 19; 22 n. 36; 24 n. 46; 108 e n. 114
 KOTOR 53 n. 86, 87
 LÁCIO 79; 100; 101
 LAMARQUE 30 n. 9
 LASCU, N. 30 n. 9
 LEÃO 91; 127 n. 154
 LEÃO X 77; 78; 169 n. 14
 LEE, A. G. 31 n. 16
 LEITE, Maria Mendes de 71 n. 29
 LÉLIO 134; 135
 LEMOS, M. 19; 126 n. 152
 LENCASTRE, Jorge de, duque de Aveiro 151 e n. 200
 LEONOR, rainha D., esposa de D. João II 124; 125 e n. 149
 LEONOR, rainha D., esposa de D. Manuel 144 n. 180
 LEOPOLD, H. M. R. 29 n. 2; 31 n. 16
 LÉRIDA 64
 LIÃO 84 n. 59
 LÍBIA 134; 138
 LICO 102 n. 100
 LIÈGE 74; 75
 LIMA, Fernão de 124
 LINTERNO 38; 44; 46 e n. 58
 LIORNE 96; 100

- LISBOA 25 n. 51; 56 n. 107; 62 e n. 10; 63; 75; 76; 85 e n. 67; 89; 90; 121 e n. 138; 122; 134 e n. 167; 141; 142; 143; 145; 147; 149; 163; 173
 LÍVIO, Tito 47 n. 62; 163; 172
 LONDRES 15; 82; 83; 103 n. 104; 131; 161; 164; 169; 174
 LOPES, Fernão 121 n. 138
 LOPUDO 135; 136
 LOUREIRO, R. 9
 LOVAINA 15; 16; 60; 74; 75; 104; 105; 114; 116; 118; 145 n. 183; 159; 165; 169 n. 16; 173 n. 28
 LUCÂNIA 74 e n. 36
 LUCANO 99; 103 e n. 105
 LUCCARI, Cipião 18 n. 23; 34; 35; 63
 LÚCIA, santa 141; 145
 LUCIANO 161; 169 e n. 15
 LUÍS II, rei da Hungria 138
 LUÍS XII, rei de França 171 n. 24
 LUÍS, infante D., filho de D. Manuel 144 n. 180; 147 n. 193
 LUÍS, António 107; 108; 163; 172
 LUSITANO, Amato — vd. CASTELO BRANCO, João Rodrigues
 LUSO 110; 135; 142; 147
 MACHADO, D. B. 91; 108
 MAFFEI, Raffaello 162; 171 e n. 21
 MAHAMED, Muley — vd. ALMOTAUQUIL
 MANUEL, rei D. 77; 78 n. 40; 124; 125-129; 131; 135; 140-141; 142; 144 e n. 180; 145; 147 n. 191; 148; 153; 159; 160; 165 e n. 3; 166
 MANUZIO, Paulo 19; 20; 37-38
 MAR NEGRO 73
 MAR VERMELHO 141; 145; 151; 152 e n. 206
 MARACHE, R. 31 n. 17
 MARCIAL 28 n. 1
 MARCOS, santo 74; 75
 MARIA, rainha D., esposa de D. Manuel 128 n. 158; 144 n. 180
 MARIA, infanta D., filha de D. Manuel 144 n. 180
 MARIN, D. 30 n. 10
 MARROCOS 143; 149; 174 n. 30
 MARTE 17; 18; 37; 72; 81; 96; 100; 101; 109; 110; 136; 137; 138; 142; 143; 144; 147; 149
 MASCARENHAS, João de 79
 MATOS, A. A. 9
 MATOS, L. 17
 MATTEI, P. 22 n. 36
 MÁXIMO, Valério 46 n. 57
 MAZAGÃO 110 n. 121
 MEDEIROS, W. 9; 84 n. 59
 MEDO, Antun 21
 MELÁRIA 120 e n. 137
 MELAS, Evi 103 n. 104
 MELINO 69
 MELO, João de 52; 56 e n. 107
 MENDES, D. Garcia 19
 MENDONÇA, Lopo Furtado 86 n. 68
 MENESES, M. P. 62 n. 10; 84 n. 59
 MÊNFEIS 85 e n. 66; 99; 103
 MIGUEL, infante D., filho de D. Manuel 127 n. 154
 MILLER, J. F. 31 n. 16
 MINOTAURO 103 n. 104
 MIRAMOLIM 120
 MISETIĆ, Cabo Bobaljević 21
 MOISÉS 152 n. 206
 MOLCHO, Salomão — vd. PIRES, Diogo
 MOLUCO — vd. ALMÉLIQUE, Mulei Abde
 MONALDI, Miho 21
 MONDEGO 45; 47 e n. 65; 65; 66; 70; 71
 MORALES, Ambrósio 72
 MOSA 74; 75
 MOSS, A. 30 n. 9
 NAGLE, B. R. 30 n. 12; 32 n. 19, 20
 NALJEČKOVIĆ, Nikola 21
 NAXOS 18
 NEAMIAS, Luís 15; 61; 82; 83; 164; 174
 NEMÍLIO 50; 53 e n. 82
 NÉOCLES 47 n. 63
 NEREU 80; 82
 NICANDRO, Ambrósio 19; 42-43
 NILO 82 e n. 53; 85 e n. 66
 NOBILI, Roberto de 20
 OGÍGIA 56 n. 104
 OLÍMPIA 103 n. 103
 ORA 25
 OSÓRIO, J. A. 9

- OSÓRIO, Jerónimo 78 n. 40
- OTRANTO 18 n. 26
- OVÍDIO 27 e n. 1; 29-34; 37; 40; 42; 43; 44 n. 52, 53; 47 n. 64; 49; 50 n. 74; 61; 62-63; 70 n. 25; 76; 81 n. 46; 88; 96; 99; 155; 156
- PACHECO, Diogo 77; 107; 163; 172
- PÁCTOLO 70
- PAÍSES-BAIXOS 17; 73; 107; 152 n. 203; 168 n. 13
- PALAS 66
- PALOMA 49 n. 71; 54 n. 93; 160; 166
- PANÉCIO 109; 110
- PANORMITA — vd. BECCADELLI, Antonio
- PARATORE, E. 34 n. 30
- PAREDES, Pedro Álvares 52; 56 e n. 107
- PARIS 16; 17; 64; 159; 165; 171 n. 24
- PASCALÍĆ, Ludovico 21
- PATERNI, D. 91
- PATOS 18
- PAULO, santo 93; 95
- PAULO III, papa 161; 168 e n. 11, 12
- PEDRO, rei D. 120
- PÉGASO 73
- PENÉLOPE 43; 44; 46; 49; 50; 54
- PEREIRA, B. F. 9
- PÉRGAMO 103 n. 103
- PERMESSO 109; 110 e n. 124
- PESARO 19
- PIÉRIDES 36
- PIERINI 29 n. 2
- PINA, Rui de 113 n. 130; 114; 115 n. 133; 118 n. 134; 119 n. 135, 136; 121; 124 e n. 145
- PINCIANO — vd. GUSMÁN, Fernando Núñez de Toledo y
- PINHEIRO, António 107; 108; 163; 172
- PINHO, S. T. 8, 9
- Pio V, papa 90 n. 76
- PIRENE 67
- PIRES, Diogo 7; 8; 9; 12; 15; 16; 17; 18; 19; 20 e n. 28, 29; 21; 22; 24 e n. 46; 28; 29; 30 n. 9; 34; 36; 40; 42 e n. 49; 46 n. 54; 46 n. 66; 49 n. 72; 52; 57; 61; 63; 65; 67; 73; 76; 78; 79; 82 n. 55; 84 e n. 59, 61; 88 e n. 72; 89; 90 e n. 74; 91; 92; 106; 108 n. 116; 111; 114; 123; 124; 125 n. 149, 150; 126; 127; 128; 129; 130; 133; 139 n. 178; 146 n. 187; 147 n. 196; 155; 156; 157; 159; 164 e n. 1; 169 n. 14; 171 n. 17, 20; 172 n. 24, 27
- PIRES, Diogo, comerciante 16
- PIRES, Diogo (Salomão Molcho) 16
- PISA 49 n. 70
- PLÍNIO 82 n. 55; 120 n. 137; 133 n. 167
- PLUTARCO 103 n. 104
- PÓ 108; 109; 111
- POLÍBIO 29; 31
- POLICIANO, Ângelo 162; 171 e n. 19, 20, 21, 23
- POLÓNIA 138
- POPOVIĆ 21 n. 30
- PORSENA 47 n. 62
- PORTO 79 n. 43; 86 n. 68
- PORTO DE MÓS 172
- PORTUGAL 7; 14; 15; 20; 21; 43; 47 n. 65; 48 n. 66; 59; 61; 62; 67; 73; 74; 76; 77; 78; 84 n. 59; 85; 92; 111; 115 e n. 133; 116; 117; 118; 120; 127 n. 156; 135; 136; 137; 138; 140; 141; 142; 144; 145 n. 182; 146 e n. 190; 147; 150; 155; 156; 157; 159; 163; 164; 165; 168 n. 10; 173
- PRESMOTT 56 n. 101
- PREVEZA 53 n. 79; 101 n. 96
- PRÍAMO 87 n. 70
- PROPÉRCIO 39 n. 43
- PROVENÇA 100 n. 91
- PTOLEMEU 81
- PULGAR 56 n. 100
- PUNHETE 134 n. 167
- PURATIĆ, Ž. 30 n. 9
- PYRMILA 105; 106
- RAGNINA, N. 18 n. 23
- RAGUSA 7; 12; 21 e n. 30, 32; 22 e n. 34, 35, 37; 23 e n. 38, 40, 43; 24; 25 e n. 50; 40; 46 e n. 54; 53 n. 78, 84; 67; 73; 75; 83; 84; 106; 108 n. 116; 147 n. 191; 154
- RAMALHO, A. C. 9; 25 n. 50, 51, 52; 39 n. 41; 48 n. 69; 49 n. 70; 86 n. 68; 89 n. 73; 106 n. 109; 108 n. 114, 116;

- 109 n.117; 110 n.121, 123; 111 n.127; 123 n.140; 132 n.164
- RAJNINA, Nikola 21
- RAQUEL 25
- RAUDENSE 163; 171 e n.23
- RAZZI, S. 18 n.23
- REIS CATÓLICOS — vd. tb. FERNANDO, o Católico e Isabel, a Católica 39; 40 n.45; 49; 55 n.94, 98; 123; 127 e n.154; 130; 144 n.180; 150; 156; 165 n.2
- REIS, Soares dos 7
- REMÉDIOS, M. 126 n.152
- REMO 44; 47
- RENATA DE FRANÇA 19; 108 n.116; 111
- RÉSCIO, R. 79 n.43
- RESENDE, André de 20; 39 n.41; 62 e n.10; 107; 108-111; 131 n.164; 163; 172; 173
- RESENDE, Garcia de 123-124; 134 n.167
- RIBEIRO, Bernardim 19
- RIBEIRO, João Pinto 91
- RIPERT, E. 30 n.10
- RIZANO 50; 53
- ROCHA-PEREIRA, M. H. 9
- RODES 99; 103 e n.103
- ROMA 17; 18; 19; 24; 28; 30; 32; 33 e n.27; 44; 46 e n.61; 47 e n.62; 61; 63; 70 n.25; 77; 78; 79; 91; 93; 95; 155; 168 e n.12; 169 n.14
- ROMÉLIA 30
- ROSSIO 134 n.167
- ROTH, C. 19
- RÚBRIO, Francesco 19
- S. ROQUE, cidade 110 n.122
- SÁ, A. M. 17 n.17; 62 n.10; 84 n.59
- SABELICO, Marco Antonio 162; 170; 171 e n.17
- SAFIM 82
- SALADO 120 e n.137
- SALAMANCA 13; 15; 16; 37; 61; 73 n.33; 91; 95; 96; 97; 100; 102; 104; 105; 126 n.152; 146 n.184
- SALAMINA 45; 47; 82 n.51
- SALONICA 24; 106; 107
- SANCHO I, rei D. 112-113; 115 n.133
- SANCHO II, rei D. 60; 113-118
- SANCHO, D., rei de Castela 119
- SANTARÉM 66; 147 e n.194; 163; 173
- SARAGA 83
- SARAGOÇA 93; 95; 126 n.152
- SARMIENTO, Francisco 53 n.79
- SCHEVILL, R. 30 n.9
- SEBASTIÃO, santo 141
- SEBASTIÃO, rei D. 24; 60 n.7; 76; 86; 109 e n.117; 110 e n.119, 123; 132-140; 141; 143; 146 e n.185, 189, 190; 147; 148 e n.198; 149; 153; 156; 174 e n.30
- SEGISMUNDO 138
- SELIM 12; 13; 45; 48
- SÉNECA 27; 28-29; 30; 31; 99; 103 e n.105
- SEQUEIRA, Estêvão de 124
- SERRÃO, J. V. 14 n.4; 16 e n.14; 74 n.33; 96
- SERRÃO, Lopo 8
- SERTÓRIO 48 n.67; 132 n.164
- SETÚBAL 85 e n.67
- SEVILHA 121; 122; 166
- SIBILA 65; 66
- SICÍLIA 53 n.79; 134
- SIENA 42 n.50
- SILVA, Aires da 86 n.68
- SILVA, Diogo da (frei) 168 n.10
- SILVA, Henrique Correia da 86 n.68
- SILVA, Inocência 91
- SILVA, João da 86 n.68
- SILVA, Lourenço da 86 n.68
- SILVA, Miguel da (D.) 20; 64; 88; 91; 93; 95; 131 e n.164; 141; 146; 172 n.27
- SILVA, Tomé da 86 n.68
- SILVEIRA, António da 79; 81
- SILVES 113
- SIMÃO, irmão de D. Manuel 125 n.149
- SINAI 84; 85; 86
- SISTO IV, papa 167
- SLADOVIĆ 22 n.36
- SLATARIĆ, Dinko 24; 25
- SOARES LUSITANO, António 73-74 e n.33; 88; 95
- SOARES, N. C. 146 n.184

- SOARES, Pedro Roiz 76 n. 39; 153 n. 209
 SOEIRO, bispo D. 91
 SOLIMÃO, o Magnífico 67; 81 n. 47; 82 n. 52; 84; 100 n. 92, 93
 SOLIMÃO-PAXÁ 80; 81 e n. 47; 82; 141; 145 e n. 183
 SORENSEN, V. 29 n. 7
 SOTO, Domingos 14
 SUAQUÉM 85 n. 63, 66
 SUTÓNIO 133 n. 167
 SUEZ 84; 85 e n. 66; 141; 145
 SULMONA 30 n. 9; 63; 73; 99; 103
 TÁCITO 163; 171 n. 18; 172
 TADIĆ, J. 21 n. 30; 22 n. 36, 37; 24 n. 45
 TALIA 72; 73
 TAMARA 25
 TARIFA 120 n. 137
 TARQUÍNIO 46 n. 61
 TARTESSO 109; 110 e n. 122
 TASSO, Torquato de 19
 TAVARES, Heitor 60; 114; 116; 118
 TEBAS 56 n. 104; 102 n. 100
 TEIVE, Diogo de 56 n. 107; 74 n. 33; 79 n. 42; 146 n. 184
 TEIXEIRA, Luís 20; 107; 108; 163; 172
 TEJO 66; 67; 68; 69; 70; 72; 73; 78; 79; 87; 142; 147; 163; 173
 TELÉMACO 43
 TEMÍSTOCLES 43; 45; 47 e n. 63; 82 n. 51
 TEMPE 66; 67; 164; 173
 TERESA, D., mãe de D. Afonso Henriques 93; 95
 TERRA SANTA 21 n. 30; 24
 TESEU 103 n. 104
 TESSÁLIA 67; 164; 173
 THIBAUT, J. C. 30 n. 10
 TIBÉRIO 31 n. 15
 TIBRE 76; 78; 79
 TIBUR 94 n. 85
 TÍGIEN 141; 143; 146; 149
 TINGE 146 n. 188
 TITO 103 n. 102
 TÍVOLI 94 n. 85
 TOLEDO 42; 114; 115; 116; 117; 118
 TOLOSETA 93; 95
 TOMÁS DE AQUINO, santo 92; 94 e n. 86
 TOMOS 30; 33; 70 n. 25; 73; 76
 TOR 84; 85
 TORBARINA, J. 21 n. 31
 TORMES 13; 37; 97; 102; 105
 TORO 166
 TOSCANA 88
 TRÁCIA 41
 TROGRANČIÓ, F. 25 n. 53
 TRÓIA 27; 41; 50; 54; 98; 102
 TURQUIA 126 n. 152
 ULISSÉS 27; 40; 43; 44 e n. 52, 53; 45; 46; 48; 49; 50; 54; 101 n. 94; 135; 153
 USQUE, Abraão 19
 USQUE, Samuel 19; 34 n. 33; 49 n. 72; 127; 128; 130 n. 160; 165 n. 3
 VAL DI VACCA 120 n. 137
 VALA, Lourenço 162; 163; 171 e n. 22
 VARRÃO 133 n. 167
 VAZ, Diogo 14; 17; 36 n. 38; 37; 95-104
 VAZ, M. 9
 VELOSO, Queiroz 86 n. 68
 VENEZA 17; 18; 19; 21; 46 n. 54; 53 e n. 79; 84
 VETRAMOVIĆ, Mavro 68 e n. 22
 VIARRE, S. 30 n. 8; 33 n. 27
 VICO 29 n. 2
 VIDIGUEIRA 84; 85 n. 67
 VIENA 167 n. 7
 VILA FRANCA 147 n. 196
 VIRGÍLIO 28 n. 1; 55 n. 95; 94 n. 85; 96; 98 n. 89; 99; 103
 VIRIATO 35; 63
 VOLATERRANO — vd. MAFFEI, R.
 VULPE, R. 33 n. 26
 WALSH, W. T. 49 n. 71
 WALTZ, R. 29 n. 7
 XERXES 82 n. 51
 ZACUTO, Abraão 125; 126 e n. 152; 140; 145
 ZAPTATA — vd. CAVTAT
 ZEUS 103 n. 103
 ZOÉ 25
 ZUZORIĆ, Cvjeta 21

ÍNDICE GERAL

	Págs.
O ROSTO DO EXILADO	7
Cap. I — UMA VIAGEM SEM RETORNO	11
Cap. II — A ANGÚSTIA DO EXÍLIO	27
Cap. III — PORTUGAL: VOZES LONGÍNQUAS QUE SE NÃO CALAM	59
1. <i>Cidades e lugares</i>	61
2. <i>Os rios</i>	67
3. <i>Clima, cora, fauna</i>	73
4. <i>A história. As gentes</i>	76
A. Os feitos	77
B. Os heróis	83
C. Os vultos da cultura	88
D. Os reis	111
Cap. IV — O EXÍLIO DO POETA A QUATRO SÉCULOS DE DISTÂNCIA	155
<i>Apêndice</i> — Carta a Paulo Jóvio	159
<i>Bibliografia</i>	175
<i>Índice onomástico</i>	187

(Página deixada propositadamente em branco)

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Textos clássicos

1. PLAUTO, *Anfitrião*. Introdução, versão do latim e notas de CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA. 1978. 3.^a edição, 1988.
2. PLAUTO, *O Gorgulho*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1978. 3.^a edição, 1991.
3. ARISTÓFANES, *As mulheres que celebram as Tesmofórias*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1978. 2.^a edição, 1988.
4. SÓFOCLES, *Fílocetes*. Introdução, versão do grego e notas de JOSÉ RIBEIRO FERREIRA. 1979. 2.^a edição, 1988.
5. SÓFOCLES, *Rei Édipo*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DO CÉU ZAMBUJO FIALHO. 1979. 2.^a edição, 1986.
6. EURÍPIDES, *Hipólito*. Introdução, versão do grego e notas de BERNARDINA DE SOUSA OLIVEIRA. 1979.
7. PLATÃO, *Lísis*. Introdução, versão do grego e notas de FRANCISCO DE OLIVEIRA. 1980.
8. PLAUTO, *O soldado fanfarrão*. Introdução, versão do latim e notas de CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA. 1980. 2.^a edição, 1987.
9. ARISTÓFANES, *Os Acarnenses*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1980. 2.^a edição, 1988.
10. PLAUTO, *Epídico*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1980. 2.^a edição, 1988.
11. ARISTÓFANES, *Pluto*. Introdução, versão do grego e notas de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1982. 2.^a edição, 1989.
12. PLATÃO, *Cármides*. Introdução, versão do grego e notas de FRANCISCO DE OLIVEIRA. 1981. 2.^a edição, 1988.
13. EURÍPIDES, *Orestes*. Introdução, versão do grego e notas de AUGUSTA FERNANDA DE OLIVEIRA E SILVA. 1982.
14. TERÊNCIO, *Os dois irmãos*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1983. 2.^a edição, 1988.
15. PLATÃO, *Fédon*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO. 1983.
16. PLAUTO, *Os dois Menecmos*. Introdução, versão do latim e notas de CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA. 1983. 2.^a edição, 1989.
17. ARISTÓFANES, *A Paz*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1984. 2.^a edição, 1989.
18. SÓFOCLES, *As Traquínicas*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DO CÉU ZAMBUJO FIALHO. 1984. 2.^a edição, 1989.

19. SÓFOCLES, *Antígona*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA. 1984. 2.^a edição, 1987. 3.^a edição, 1992.
20. PLATÃO, *Apologia de Sócrates. Críton*. Introdução, versão do grego e notas de MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO. 1984. 2.^a edição, 1990.
21. PLATÃO, *Hípias Maior*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO. 1985. 2.^a edição, 1989.
22. PLAUTO, *A comédia da marmita*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1985. 2.^a edição, 1989.
23. AVIENO, *Orla marítima*. Introdução, versão do latim e notas de José RIBEIRO FERREIRA. 1985. 2.^a edição, 1992.
24. ARISTÓFANES, *Os Cavaleiros*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1985. 2.^a edição, 1991.
25. ÊSQUILO, *Agamémnon*. Introdução, versão do grego e notas de MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO. 1985.
26. TERÊNCIO, *A sogra*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1987.
27. PLATÃO, *Laques*. Introdução, versão do grego e notas de FRANCISCO DE OLIVEIRA. 1987.
28. ARISTÓFANES, *As mulheres no Parlamento*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1988.
29. TERÊNCIO, *A moça que veio de Andros*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1988.
30. MENANDRO, *O díscolo*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1989.
31. LUCIANO, *Diálogo dos mortos*. Introdução, versão do grego e notas de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1989.
32. PLATÃO, *Hípias Menor*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO. 1990.
33. EURÍPIDES, *Medeia*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA. 1991.

Textos do Humanismo Renascentista em Portugal

1. CARLOS ASCENSO ANDRÉ, *Diogo Pires — Antologia poética*. Introdução, tradução, comentário e notas. 1983.
2. AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Latim renascentista em Portugal*. Introdução, selecção, versão do latim, comentário e notas. 1985.
3. ISALTINA DAS DORES FIGUEIREDO MARTINS, *Bibliografia do Humanismo em Portugal no século XVI*. 1986.
4. SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO, *Lopo Serrão e o seu poema «Da velhice»*. Estudo introdutório, texto latino e aparato crítico, tradução e notas. 1987.
5. VIRGÍNIA SOARES PEREIRA, *André de Resende — Carta a Bartolomeu de Quevedo*. Introdução, texto latino, versão e notas. 1988.
6. AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Para a história do Humanismo em Portugal - I*. 1988.
7. ALBINO DE ALMEIDA MATOS, *A Oração de Sapiência de Hilário Moreira*. 1990.
8. MARIO SANTORO, *Amato Lusitano ed Ancona*. 1990.
9. BELMIRO FERNANDES PEREIRA, *As Orações de Obediência de Aquiles Estaço*. 1991.
10. CARLOS ASCENSO ANDRÉ, *Um Judeu no Desterro, Diogo Pires e a memória de Portugal*. 1992.

Estudos de Cultura Clássica

1. MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO, *Problemática da tragédia sofocliana*. 21987.
2. MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA, *Crítica do teatro na comédia antiga*. 1987.
3. JOSÉ RIBEIRO FERREIRA, *O drama de Filoctetes*. 1989.
4. CARLOS MORAIS, *Expectativa e movimento no “Filoctetes”*. 1991.
5. FRANCISCO DE OLIVEIRA, *Les Idées Politiques et Morales de Pline l’Ancien*. 1992.
6. MARIA DO CÉU ZAMBUJO FIALHO, *Luz e Trevas no Teatro de Sófocles*. 1992.

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

- A. COSTA RAMALHO e J. CASTRO NUNES — *Catálogo dos manuscritos da Biblioteca-Geral da Universidade de Coimbra, relativos à Antiguidade Clássica*. 1945.
- JORGE ALVES OSÓRIO — *M.^o João Fernandes — A Oração sobre a Fama da Universidade (1548)*. Prefácio, introdução, tradução e notas. 1967.
- ANA PAULA QUINTELA F. SOTTOMAYOR — *Ésquilo: As Suplicantes*. Introdução, tradução do grego e notas. 1968.
- Cataldo Parisio Sículo — Martinho Verdadeiro Salomão*. Prólogo, tradução e notas de DULCE DA C. VIEIRA. Introdução e revisão de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1974.
- M. HELENA DA ROCHA PEREIRA — *Poesia grega arcaica*. 1980.
- M. HELENA DA ROCHA PEREIRA — *Hélade. Antologia da cultura grega*. 4.^a edição, 1982.
- M. HELENA DA ROCHA PEREIRA — *Romana. Antologia da cultura romana*. 21986.
- FRANCISCO DE OLIVEIRA — *Ideias morais e políticas em Plínio o Antigo*. 1986.
- CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA — *Sic itur in Urbem. Iniciação ao latim*. 51991.
- CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA — *Iniciação ao grego*. 21987.

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

- J. GERALDES FREIRE — *A versão latina por Pascásio de Dume dos «Apophtegmata Patrum»*. 2 vols. 1971.
- J. RIBEIRO FERREIRA — *Eurípides: Andrómaca*. Introdução, tradução do grego e notas. 1971.
- J. GERALDES FREIRE — *Commonitiones Sanctorum Patrum. Uma nova coleção de apotegmas*. Estudo filológico. Texto crítico. 1974.
- Cataldo Parisio Sículo — Duas orações*. Prólogo, tradução e notas de MARIA MARGARIDA BRANDÃO GOMES DA SILVA. Introdução e revisão de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1974.
- C. A. PAIS DE ALMEIDA — *Eurípides: Ifigénia em Áulide*. Introdução e tradução do grego. 1974.
- M. SANTOS ALVES — *Eurípides: As Fenícias*. Introdução, tradução do grego e notas. 1975.
- M. DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA — *Menandro: O díscolo*. Introdução, tradução do grego e notas. 1976.
- NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES — *Diogo de Teive — Tragédia do Príncipe João*, 1977.
- AMÉRICO DA COSTA RAMALHO — *Estudos camonianos*. 21980.

(Página deixada propositadamente em branco)

